



UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM HISTÓRIA
PPGH-MESTRADO EM HISTÓRIA

DENISE MARIA COUTO GOMES PORTO

**A VOZ FEMININA E ESTRANGEIRA DE MARIA GRAHAM NA
CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA
SOBRE O BRASIL OITOCENTISTA-1821-1825.**

NITERÓI

2019

DENISE MARIA COUTO GOMES PORTO

**A VOZ FEMININA E ESTRANGEIRA DE MARIA GRAHAM NA
CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA
SOBRE O BRASIL OITOCENTISTA-1821-1825.**

LINHA DE PESQUISA: SOCIEDADE E MOVIMENTOS POPULACIONAIS E DE
CULTURAS.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-
Graduação em História, da Universidade Salgado de
Oliveira, como requisito necessário à obtenção do
título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mary Del Priore

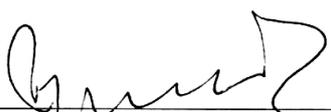
NITERÓI

2019

DENISE MARIA COUTO GOMES PORTO

**“A VOZ FEMININA E ESTRANGEIRA DE MARIA GRAHAM NA
CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA SOBRE O
BRASIL OITOCENTISTA-1821-1825”**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 01 de outubro de 2019 pela banca examinadora, composta pelos professores:



Prof.ª Dr.ª Mary Lucy Murray del Priore

Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



Prof.ª Dr.ª Miridan Britto Falci

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)



Prof.ª Dr.ª Érica Sarmiento da Silva

Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

CIP - Catalogação na Publicação

Porto, Denise Maria Couto Gomes

P839 A voz feminina e estrangeira de Maria Graham na
construção de uma narrativa historiográfica sobre o Brasil
oitocentista : 1821-1825 / Denise Maria Couto Gomes Porto. --
Niterói, RJ, 2019.
208p.
Referências: P. 201-208.

Orientadora: PhD. Mary Lucy Murray del Priore.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado
de Oliveira, 2019.

1. Graham, Maria, 1785-1842. 2. Governanta.
3. Escritora. 4. Brasil. I. TÍTULO.

CDD 918.10981

Dedico esta Dissertação aos meus amados pais, Lucy Couto Gomes Porto e Otto Denys Gomes Porto, *in memoriam*. Com seus exemplos de vida e de amor, eles inspiraram todos os meus passos, ao longo dos caminhos por mim percorridos, para alcançar a realização deste meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Sobre os agradecimentos, devo dizer, que é o derradeiro momento da escrita desta pesquisa. Agora, contente, posso me despir brevemente do austero manto de pesquisadora nos estudos do passado, para deixar-me invadir sensorialmente pelo tempo presente. E, é nesse instante, quando transpasso a fronteira entre o pretérito e o porvir, que desperto atenta, e olho ao redor. Eis que então, sem demora, meu universo privado se descortina, revelando aqueles que de algum modo, doaram parte do tempo precioso e fluido de suas vidas, para que a concretude desta fascinante jornada se tornasse possível. É, portanto, tempo de agradecer. Meu sentimento de gratidão foi sempre o que me moveu em direção àqueles que acreditaram e compartilharam entusiasmados da minha escolha. Desde os primeiros passos, o Programa de Pós-Graduação da Universidade Salgado de Oliveira, esteve com as mãos dadas às minhas, no sentido de apoiar este Projeto de pesquisa para o Mestrado. Agradeço aos professores; Márcia Amantino, Érica Sarmiento, Jorge Prata, Vitória Schettini e Marieta Carvalho, que ao longo do curso, foram incansáveis em incentivarem-me com os seus ensinamentos.

Em seguida, vieram ao meu encontro os novos colegas de curso, Lurdes Belchior, Valdenora Rufino, Fábio Francisco, Cristiano Moreira e Paulo Pontes. Que tempo pródigo! Agradeço a cada um de vocês! Contudo, é preciso dizer, que todo o meu empenho em torno de tão avultado objetivo, demandou em incansáveis horas de estudo e leituras. A necessária imersão intelectual, silenciosa e solitária, fez-se constante, ocupando os meus dias, meses e anos. Entretanto, o transcurso desse longo período tornou-se mais ameno, em virtude da ajuda incondicional prestada pelo amor, amizade e pela bondosa paciência do meu querido companheiro Ricardo Cunha. A ele agradeço imensamente por cotidianamente dizer-me – com a sua alegria natural – palavras plenas de verdadeiro encorajamento.

Devo agradecer especialmente às brilhantes historiadoras que compõem a banca examinadora desta pesquisa; Professoras Miridan Britto Falci e Érica Sarmiento, que desde as primeiras páginas deste trabalho, acompanharam de perto o processo evolutivo do mesmo. Nunca poupando palavras de sincero entusiasmo, elas estiveram presentes ao

meu lado, contribuindo com observações precisas, para que os meus passos se firmassem seguros, em direção ao aperfeiçoamento do meu senso crítico.

Por fim, expresso os meus mais profundos agradecimentos à Prof.^a e amiga Mary Del Priore, pela honra de ter me aceitado como orientanda. A sua notória erudição, naturalmente abrilhantada pela generosa humanidade que lhe é peculiar, bem como o seu enfático compromisso, quanto ao apuramento da minha formação como historiadora ao longo do curso de Mestrado, foram fatores decisivos, para que eu conseguisse alcançar os meus objetivos acadêmicos.

Sua voz feminina sobressai corajosamente em meio à produção historiográfica brasileira contemporânea, avultando com a originalidade de suas elaborações interpretativas, o papel da mulher na História do Brasil. A você querida Mary, devo a chama inspiradora primordial, que flamejante, iluminou o meu mergulho ao passado silencioso, guiando-me vigilante durante o tempo de escrita das páginas que resultaram desta apaixonante pesquisa. Para sempre, lhe serei grata e devedora.

Retrato de Maria Graham.

Óleo sobre tela de autoria de Sir Thomas Lawrence, 1819.



Iconografia pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional Do Chile – ID-BN-62548

“Não conheço nada que agrade mais a imaginação do que as situações que aproximando períodos distante de tempo os coloca como se estivessem imediatamente ao nosso alcance”.

Maria Graham

RESUMO

A narrativa plural da escritora inglesa Maria Graham (1785-1842), manifesta na sensível textualidade de seus relatos sobre o Brasil dos anos da Independência, é investigada na presente Dissertação, tendo como recorte temporal os anos de 1821 a 1825. Nossa hipótese no presente estudo, é que a autora, contrariando a narrativa da quase totalidade de outros autores viajantes, sobretudo de mulheres, que estiveram no Brasil, ao longo século XIX, nutriu grande interesse na escrita histórica de cunho intencionalmente documental. Pressupomos, destarte, que a escritora construiu a sua produção escritural, consciente da importância histórica dos acontecimentos políticos e sociais, vivenciados por ela naqueles dias. A partir desta suposição, defendemos que isso forjaria a autenticidade e originalidade de sua escrita. Ademais, o viés político fortemente identificado na narrativa da escritora, foi nuançado por sua alteridade e olhar crítico, sobre as peculiaridades identitárias do povo, dos costumes e da paisagem local.

Palavras-Chave: Maria Graham; Escritora; Governanta; Independência; Brasil;

ABSTRACT

The plural narrative of the English writer Maria Graham (1785-1842), manifested in the sensitive textuality of her reports on Brazil in the years of Independence, is investigated in this dissertation, having as a temporal cut the years from 1821 to 1825. Our hypothesis in the present is that the author, contrary to the narrative of almost all other traveling authors, especially women, who were in Brazil, throughout the nineteenth century, nourished great interest in the historical writing intentionally documentary. We assume, therefore, that the writer built her scriptural production, aware of the historical importance of the political and social events experienced by her in those days. From this assumption, we argue that this would forge the authenticity and originality of his writing. In addition, the political bias strongly identified in the narrative of the writer, was nuanced by its alterity and critical look, on the peculiarities of the identity of the people, the customs and the local landscape.

Keywords: Maria Graham; Writer; Governess; Independence; Brazil

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

BN-	Biblioteca Nacional do Chile.
BNRJ-	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
FGV-	Fundação Getúlio Vargas.
IHGB-	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1:** *Fragata Doris*, 1824. Desenho de Maria Graham. Fonte: GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p.17. 24
- Figura 2:** *Aspecto de Pernambuco, visto da ilha dos Cocos, dentro do Recife*, 1821. Desenho de Maria Graham. Fonte: GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p.125. 34
- Figura 3:** *Vista do Portão do Conde Maurício em Pernambuco com o mercado de escravos*, 1824. Desenho de Auguste Earle. Fonte: GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p.114. 38
- Figura 4:** *Convento de Santo Antonio da Barra*, 1821. Bahia. Desenho de Maria Graham. Fonte: British Library, Londres. Disponível em: http://explore.bl.uk/primo_library/libweb/action/search.do?fn=search&ct=search&initialSearch=true&mode=Basic&tab=local_tab&indx=51&dum=true&srt=rank&vid=BLVU1&frbg=&tb=t&v1%28freeText0%29=callcott%2Cmaria+drawing&scp.scps=scope%3A%28BLCON Acesso em: 22 de março de 2017. 44
- Figura 5:** *Police – Bahia*, 1821. Aquarela de Maria Graham. Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393042i52/i393042i52.jpg. Acesso em: 08 de agosto de 2017. 48
- ...
- Figura 6:** *Vista da Bahia da Guanabara*, S/D. Aquarela de Maria Graham. Fonte: British Library, Londres. Disponível em: http://explore.bl.uk/primo_library/libweb/action/search.do?fn=search&ct=search&initialSearch=true&mode=Basic&tab=local_tab&indx=51&dum=true&srt=rank&vid=BLVU1&frbg=&tb=t&v1%28freeText0%29=callcott%2Cmaria+drawing&scp.scps=scope%3A%28BLCON Acesso em :22 de março de 2017. 56
- Figura 7:** *Rua do catete- Caminho para a Glória*. Desenho de Maria Graham. GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p.195. 59
- Figura 8:** *Mulher vendedora do Mercado*. S/D. Aquarela de Maria Graham. Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393042i24/i393042i24.jpg. Acesso em: 22 de setembro de 2017. 63
- Figura 9:** *Panorama das montanhas cariocas*, S/D. Desenho a lápis de Maria Graham S/D. Fonte: GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p.194. 86

Figura 10: <i>Puerto de Valparaíso</i> , Chile, 1822. Gravura de Maria Graham. Fonte: Biblioteca Nacional do Chile. ID-BN-63548.jpg. Disponível em: http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-70458.html Acesso em 15 de outubro de 2018.	102
Figura 11: <i>O Rio visto do outeiro da Glória</i> , 1824. Desenho de Maria Graham. Fonte: GRAHAM, Maria. <i>Diário de uma viagem ao Brasil</i> , Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p.195.	112
Figura 12: <i>San Cristovão</i> , 1823. Gravura de Edward Findem; Desenho de Maria Graham. Fonte: Museu Nacional. Rio de Janeiro.	118
Figura 13: <i>Vista da janela da casa da Rua dos Pescadores</i> , 1825. Desenho de Maria Graham. Fonte: GRAHAM, Maria. <i>Diário de uma viagem ao Brasil</i> , Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p.356.	171
Figura 14: Mapa do Rio de Janeiro. Autor: Edgar Gotto. Parte da Coleção: <i>Plan of the city of Rio de Janeiro de 1866</i> . Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart32648/cart326448.pdf Acesso em 19 de julho de 2019.	173
Figura 15: <i>Laranjeiras</i> , 1824. Desenho de Maria Graham. Fonte: GRAHAM, Maria. <i>Diário de uma viagem ao Brasil</i> , Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, pp.194-195.	178
Figura 16: <i>O Corcovado, visto do Botafogo</i> , 1824. Desenho de Maria Graham. Fonte: GRAHAM, Maria. <i>Diário de uma viagem ao Brasil</i> , Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p.246.	188
Figura 17: <i>Saída da Barra do Rio de Janeiro</i> . Desenho de Maria Graham. Fonte: GRAHAM, Maria. <i>Diário de uma viagem ao Brasil</i> , Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p.234.	196

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	14
CAPITULO 1. A cena revolucionária brasileira e o retrato social de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, na escrita historiográfica de Maria Graham.	25
1.1- Crises, nova onda constitucionalista e impressões sobre Pernambuco.	25
1.2- A Bahia na interpretação crítica de Maria Graham.	43
1.3- O Rio de Janeiro na perspectiva historicizada da autora e o adeus ao querido Capitão.	54
CAPITULO 2. A dualidade narrativa de Maria Graham: conexões entre a voz subjetiva do seu universo privado e do olhar político sobre a vida pública.	69
2.1- Na escrita de si, subjetividade, reflexões e melancolias.	69
2.2- Maria Graham e a narrativa autoral sobre o cerco da Bahia e a tomada do Maranhão.	89
2.3- Novas possibilidades: a proximidade com a vida palaciana.	108
CAPITULO 3. Entre diálogos diplomáticos e intrigas palacianas: tensões, desilusões e rupturas na escrita de Maria Graham.	124
3.1- Na pena de Maria Graham, a escrita sobre a Confederação do Equador.	124
3.2- Desilusões e intrigas palacianas – destino e desventuras na corte de D. Pedro I.	142
3.3- A longa espera pelo retorno para casa. A experiência da solidão como documento.	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	197
FONTES.	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	201

INTRODUÇÃO

“A História é um romance verdadeiro”

Paul Veyne¹

Na presente Dissertação intitulada *A voz feminina e estrangeira de Maria Graham na construção de uma narrativa historiográfica sobre o Brasil Oitocentista-1821-1825*, destacamos o protagonismo feminino da escritora, pintora, herborista e professora inglesa Maria Graham (1785-1842). Nesse estudo, onde utilizamos, sobretudo, as fontes primárias o *Diário de uma viagem ao Brasil*, o *Escorço Biográfico de Dom Pedro I e Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Leopoldina*, ela será focalizada como sujeito histórico e objeto de nosso estudo, localizando o recorte temporal entre os anos de 1821 a 1825, quando esteve de passagem pelo Brasil. Para tanto, buscamos comprovar a relevância, que a análise histórica sobre a realidade política brasileira, ocupou na escrita de Maria Graham. Partindo de tal pressuposto, visamos a demonstrar a singularidade do discurso crítico construído pela escritora. A finalidade dessa assertiva, portanto, objetiva fundamentar o argumento central desta pesquisa, de pretender ressignificar o mérito *sui generis* da escritora Maria Graham, na produção historiográfica das revoltas pernambucanas da Independência.

Ainda que as referências aos seus relatos sejam até hoje, constantemente eclipsadas pelas múltiplas representações de sua pessoa, como a da personagem excêntrica, vivida por uma viajante romântica, a escrita de Maria Graham para nós — ao contrário — simboliza muito mais. Seus textos revelam, em sua essência, a mentalidade iluminista e liberal da vanguarda intelectual feminina Oitocentista europeia. As narrativas da escritora, refletem as influências ideológicas, que a inspiraram. Representante de uma Inglaterra orgulhosa por instaurar um movimento popular abolicionista, que teve as suas fileiras engrossadas pelos comitês organizados por mulheres, religiosos, cidadãos comuns e, autenticado na voz e ações de Willian Wilberforce (1759-1833), Maria Graham pode registrar na escrita, toda a indignação e repúdio que sentiu ao constatar a dura realidade da economia baseada em mão de obra escrava, que encontrara ao chegar nas terras brasileiras. Sob à sua pena, a escritora

¹ VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa: Edições 70, Ltda., 1971, p. 10.

contrapôs criticamente, retratos sociais pintados em paletas de cores opostas. Neles, expôs a complexidade das relações existentes entre a parcela da sociedade branca, proprietária e de elite, em oposição à uma maioria negra, africana, e escravizada, que diariamente chegava às centenas em navios abarrotados, aos portos brasileiros. Estes testemunhos resultaram em análises pessoais contundentes, onde Maria Graham aludiu serem as fortes desigualdades sociais o motivo do atraso econômico e cultural do Brasil. Também, como expectadora atenta das revoltas populares, em torno dos anseios separatistas que animavam as províncias do Norte em 1821 e 1824, a escritora pode descrever com a parcialidade crítica que a caracteriza, as várias fases políticas destas contendas, quando em algumas oportunidades, ela teve relevante participação. Posicionando nosso campo de observação sob a perspectiva de uma análise biográfica e cultural dos textos da autora, nosso esforço culmina, portanto, em elevar a sua voz feminina e estrangeira, à um lugar de destaque. Enfatizamos assim, o pioneirismo de Maria Graham, diante do reduzido elenco de mulheres que, longe de ser reconhecido, produziu por meio da escrita, fontes fidedignas sobre a História do Brasil. Em face disso, faz-se premente realçar, o propósito da escritora, quanto à autêntica intenção de construir narrativas historiográficas, que pudessem servir de fontes para os historiadores do futuro. E, disso é testemunha a seguinte citação:

A Família Real de Portugal ali se refugiou; e o país passou, assim de colônia a sede do governo, e da condição de escravo à de um Estado soberano. [...] tudo mudou, porém desde que o rei voltou para Lisboa e desde que as Cortes, esquecendo as mudanças operadas pelas circunstâncias da mentalidade do povo, tentaram forçar o Brasil a voltar ao estado abjeto do qual se havia libertado. Irrompeu então a luta, parte da qual teve a autora oportunidade de testemunhar e a respeito da qual pôde colidir com alguns dados, que poderão servir no futuro como fontes para a História.²

Ao longo da pesquisa nos seus diários, cartas e livro de memória, constatamos que a autora enquanto narrava a sua vivência em meio à sociedade e à vida cotidiana das cidades que visitou, entrelaçou frequentemente a estas narrativas, seus testemunhos acerca das turbulências políticas em curso no Império do Brasil. Consonante, portanto, às nossas análises, a historiadora Mary Louise Pratt lembra que nos relatos de Maria Graham

² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999, p. 20.

“as vidas política e social são centros de engajamento pessoal”.³ Desta forma, pressupomos que as narrativas de Mrs. Graham confirmam a asserção de Nathan Wachel,⁴ de que “os indivíduos representam mais do que eles mesmos e, cada qual a seu modo, exprime algo de coletivo, do qual não podem se abstrair”.

Constituindo um colorido mosaico no grande cenário histórico, a escrita de diários, memórias, biografias e cartas, foi a via pródiga, por onde ficariam registrados os passos da humanidade. Esses gêneros de produção escritural desempenharam um papel decisivo como prática material no palco das sensibilidades. Entre traços, pontos, sinais, línguas e dialetos, a escrita evitou que ao longo dos séculos, os esquecimentos dos fatos ordinários, tanto quanto dos relevantes da vida e da alma humana, criassem uma espécie de lacuna, que apagasse, irreversivelmente, o próprio sentido de suas existências. Nesse grande espetáculo existencial, assistimos ao fato, que desde a Antiguidade Ocidental, a população letrada anotava as escritas pessoais, bem como as conversas entre indivíduos e grupos. Desta forma, as ideias e reflexões resultantes desses diálogos íntimos e conciliábulo públicos, foram retransmitidas para outros indivíduos e novas gerações. Assim, estabeleceram um contínuo processo de circularidade entre a leitura, a escrita e a memorização do aprendizado e dos fatos históricos. Na ampulheta do tempo pretérito, encontramos exemplos de escritas relacionando observações pessoais sobre as experiências vividas e os valores da cultura de si, desde os registros dos *hypomnemata*. Tais fragmentos de obras narrativas sobre ações testemunhadas, podiam estar escritos em cadernos de notas, livros de registros, ou cadernetas individuais. Michel Foucault nos lembra que, “sua utilização como livro de vida, guia de conduta, parece ter se tornado comum a todo um público culto[...]eles constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; assim eram oferecidos como tesouros para releitura e meditação posteriores”.⁵ Desta forma, observamos que desde então, a escrita documentou a experiência sensorial da memória e tornou permanente sua concretude.

³ PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSP, 1999, p. 272.

⁴ WACHTEL, Natan. *La foi du souvenir: Labyrinthes marranes*. Paris: Sevil, 2001. Apud: PRIORE, Mary Del. *Biografia: quando o indivíduo encontra a História...* p. 7-16.

⁵ FOUCAULT, MICHEL. A escrita de Si. In: MOTTA, Manoel Barros (ORG). *Ética, sexualidade, política/Michel Foucault...* p. 147.

Segundo Marc Bloch, no arco temporal ininterrupto da história,⁶ a escrita manteve-se como protagonista no palco do percurso da história humana, expressando na multiplicidade de seus discursos, as mentalidades pertinentes a cada época. Assim vimos, que os séculos XII e XIII exaltaram as santidades exemplares das hagiografias, que logo transcenderam “o mundo fechado dos monastérios. A santidade passou a ser imitada no cotidiano e a narrativa sobre a vida de cavaleiros invadiu a Idade Média”.⁷ Em consonância com o paradigma da continuidade histórica, chegamos ao Renascimento assistindo à emergência de um novo modelo antropocêntrico. Renovado, o homem voltava-se agora para si, e “ele ousou dizer “eu””.⁸

O mundo de então espalhou-se em representações criativas e artísticas, que deveriam, sobretudo, exaltar a centralidade do homem em relação à sua existência, anunciando desta forma, o surgimento de um novo modelo de mentalidade coletiva, que, daquele momento em diante, não cessaria de se afirmar no porvir dos séculos. Num contínuo encadeamento temporal, o Dezanove viu emergir no vocabulário da língua inglesa, as palavras *biografia* e *autobiografia*.⁹ A seguir, no transcurso do século XVIII, o aparecimento do conceito de vida privada, impulsionou as representações de intimidade, onde o diário constituiu-se em *locus* privilegiado de uma escrita de si. Todo esse movimento humano, em direção à sua mais verdadeira e íntima expressão, alcançou o apogeu no século XIX, quando encontrou na Inglaterra, o solo fértil, germinado pelo avanço do liberalismo¹⁰ sociopolítico, que foi amplamente estimulado, por meio das pressões comerciais impostas pela Revolução Industrial inglesa.

⁶ Para Marc Bloch, “o historiador não apenas pensa “ humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade. O tempo verdadeiro é, por natureza, um continuum. É também perpétua mudança. Da síntese desses dois atributos provêm os grandes problemas da pesquisa histórica. Resulta daí necessariamente que compreenderemos sempre melhor um fato humano, qualquer que seja, se já possuímos a compreensão de outros fatos do mesmo gênero. Os fenômenos humanos se orientam, antes de tudo, por cadeias de fenômenos semelhantes[...]. O historiador nunca sai do tempo. Mas, por uma oscilação necessária, que o debate sobre as origens já nos deu à vista, ele considera ora as grandes ondas de fenômenos aparentados que atravessam, longitudinalmente, a duração, ora o momento humano em que essas correntes se apertam no nó poderoso das consciências”. BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, pp. 55-129-130-135.

⁷ PRIORE, Mary Del. *Biografia: quando o indivíduo encontra a história ...* p. 7.

⁸ PRIORE, Mary Del. *Biografia: quando o indivíduo encontra a história ...* p. 7.

⁹ GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História ...* p. 11.

¹⁰ Segundo René Rémond, “O liberalismo é também uma filosofia política inteiramente orientada para a ideia de liberdade, de acordo com a qual a sociedade política deve basear-se na liberdade e encontrar sua justificativa na consagração da mesma[...]. Trata-se também de uma filosofia social individualista, na medida que coloca o indivíduo à frente da razão de Estado, dos interesses de grupo, das exigências da coletividade”. RÉMOND, René. *O Século XIX-1815-1914...* pp. 26-27.

Logo, o alvorecer do Oitocentos pôs em marcha a emergência de uma nova sociedade, onde o conceito de individualismo moderno, ancorado no *Contrato Social* e nas ideias de liberdade e igualdade, fora impulsionado pelo fenômeno do expansionismo imperialista britânico. Este foi o momento em que as biografias consolidaram as memórias e as histórias de vida dos grandes homens e dos grandes feitos nacionais, e que no século seguinte, seriam relegadas a um lugar de esquecimento. Contudo, todo este contexto epistemológico mudou, quando já no século XX, uma nova perspectiva interpretativa inaugurada por Lucian Febvre, um dos fundadores da revista *Annales*, anunciou serem “os homens, os únicos objetos da história”.¹¹ Estava assim, dada a largada para uma mudança dos paradigmas historiográficos no futuro. François Dosse nos anos 1970/80, concebeu a biografia como sendo a herdeira da herança histórica do homem, visto agora como uma “unidade singular”.¹² Complementando esta exposição, Mary Del Priore nos lembra que segundo o medievalista Jacques Le Goff “a introdução do gênero biográfico na história atual é um instrumento útil e suplementar usado pela História Cultural”.¹³ Portanto, por seguirmos as trilhas deixadas pelos passos destes grandes mestres, igualmente, nesse estudo, complementamos a análise das fontes primárias, utilizando o modelo conceitual acima citado. Tal opção objetivou, que pudessemos alcançar uma interpretação mais abrangente, sobre as subjetividades observadas entre Maria Graham, sua vida cotidiana, anseios e escolhas, e os contextos históricos nos quais ela estava inserida.

Voltando a citar Marc Bloch para refletir que, “compreenderemos sempre melhor um fato humano, qualquer que seja, se já possuímos a compreensão de outros fatos do mesmo gênero”, vimos que no Brasil com a vinda da família real em 1808, os portos foram finalmente abertos para o comércio estrangeiro, recebendo sobretudo, navios mercantes ingleses e da Armada de Guerra de S.M.B. Representantes simbólicos do predomínio político e comercial britânico, as embarcações militares foram enviadas à América do Sul, com a finalidade de garantir os direitos civis e de propriedade privada dos súditos ingleses residentes e comerciantes nas Américas. Levavam a bordo, desde

¹¹ PRIORE, Mary Del. Biografia, biografados. In: AVELAR, Alexandre de Sá; Schmidt, Benito Bisso (Org.). *O que pode a Biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p.77.

¹² DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2016, pp. 87.

¹³ PRIORE, Mary Del. Biografia, biografados. In: AVELAR, Alexandre de Sá; Schmidt, Benito Bisso (Org.). *O que pode a Biografia...* p.79.

canhões, marinheiros, aspirantes, capitães e almirantes, até viajantes, naturalistas, escritores e governantas a exemplo de Maria Graham.

Esse foi o tempo em que a observação do mundo natural, o registro das cenas cotidianas, e as experiências testemunhadas *in situ*, seduziram gerações de escritores e viajantes homens e mulheres. Dedicando-se à escrita de diários, onde narravam as experiências vividas durante as longas viagens transoceânicas que empreendiam, estes atores sociais, que estavam de olhos voltados para o aquecido mercado editorial inglês, fomentaram uma onda sem precedentes de publicações de diários de viagens, biografias, autobiografias e livros de memórias.

Fruto deste dinâmico contexto sociocultural Oitocentista, a escritora Maria Graham quando chegou ao Brasil em 1821, a bordo da fragata da Marinha de guerra inglesa *Doris*, já era conhecida na Inglaterra por ter publicado com sucesso, entre os anos de 1812 e 1820, três Diários de Viagem e um livro de memórias. Em razão de haver testemunhado e atuado em importantes negociações diplomáticas durante as revoluções pernambucanas da Independência do Brasil, Mrs. Graham deixou-nos o legado de uma vasta documentação textual, contribuindo inquestionavelmente para a escrita da História dos anos da Independência.

Visando a melhor compreender a densidade dos múltiplos discursos construídos pela autora, elencamos como fontes primárias para esta pesquisa, o *corpus documental*, composto pelos textos de Maria Graham, referentes aos períodos em que permaneceu no Brasil e no Chile, bem como arrolamos os diários de viagem de outros autores que a conheceram e que com ela conviveram, durante o tempo em que ela esteve na cidade do Rio de Janeiro. A seguir, eis as fontes:

LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

GRAHAM, Maria. *Diário de mi residência em Chile-1822 e mi viaje ao Brasil 1823*. Madrid: Editorial América, 1964.

GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I, com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1938.vo.LX.

EBEL, Ernest. *O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.1972.

HAMOND, Graham Eden. *Os Diários de Almirante Graham Eden Hamond-1825-1834/38*. Rio de Janeiro: Editora J.B.,1984.

SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*. Brasília: Senado Federal,2000.

A seguir, abordaremos o quadro teórico-metodológico que embasa esta pesquisa, privilegiando as análises da História Cultural, apoiadas nos conceitos de Roger Chartier,¹⁴ como pressupostos teóricos válidos para o presente estudo. Ao longo da leitura das fontes, constatamos que a diversidade de atores históricos, em meio ao contexto sócio-político-cultural pertinente a eles, tanto quanto a pluralidade dos costumes e mentalidades praticados no Brasil, foram resignificados por meio da escrita de Maria Graham.

Metodologicamente, a opção pela pesquisa bibliográfica, sob a abordagem do campo de observação Biográfico e da Escrita de Si, revelou-se perfeitamente adequado quanto à análise do *corpus* documental selecionado. Por elencarmos como objeto deste estudo, os textos e vivências cotidianas da escritora Maria Graham enquanto ela esteve no Brasil, a escolha pelo tratamento biográfico permitiu-nos uma investigação detalhada sobre a historicidade da personagem, assim como, viabilizou igualmente uma observação pormenorizada dos vários discursos construídos por ela. Isso posto, tal escolha nos possibilitou o questionamento subjetivo das fontes, por tratarem-se de escritas de diários de viagem, memórias e cartas. Por trabalharmos com diários pessoais, priorizamos a problematização destas fontes, a partir do cruzamento das informações neles encontradas, com fontes produzidas por outros autores. Segundo Angela de Castro Gomes, “o que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer

¹⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural- Entre Práticas e Representações*. Algés: DIFEL82,1987.

o que o autor viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento”.¹⁵

Sob esta perspectiva, no tocante à estrutura cronológica e temática escolhida para a presente Dissertação, privilegiamos contemplar a separação dos capítulos em concordância aos períodos das estadas de Maria Graham no Brasil. Tal estratégia, como dito anteriormente, possibilitou-nos uma compreensão mais abrangente, acerca das múltiplas dimensões assumidas pelos discursos narrativos da autora, quanto às observações históricas, sociais, e cotidianas por ela testemunhadas.

O primeiro capítulo intitulado *A cena revolucionária e o retrato social de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, na escrita historiográfica de Maria Graham* relaciona-se à primeira viagem da escritora ao Brasil, de setembro de 1821 a março de 1822. Neste capítulo, pretendemos abordar a dimensão que a análise política sobre a realidade brasileira ocupou na escrita de Maria Graham e evidenciar a intenção da autora em produzir uma narrativa historiográfica própria. Logo na chegada ao Brasil, houve a aproximação de Mrs. Graham com a realidade revolucionária em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Foi neste momento inicial de sua chegada ao Brasil, que percebemos nas fontes, as fortes conexões existentes entre as suas identidades privada e pública, ambas politicamente ligadas à representatividade militar de seu marido. O capitão Thomas Graham, era o comandante de um navio de guerra inglês, em missão militar de neutralidade diplomática na América do Sul, que tinha acesso às informações de cunho político, privilegiadas e confidenciais.

Entendemos que foi a partir da perspectiva de neutralidade e confidencialidade das informações oficiais obtidas, e ainda, das experiências vividas pelo seu próprio testemunho nas intermediações das querelas políticas em curso durante os anos desde 1821 a 1824, que Maria Graham teceu sua historiografia. Entretanto a morte de seu marido em 1822, transformou inteiramente a sua vida e sua escrita, como nos revelam as fontes.

O segundo capítulo cujo título *A dualidade narrativa de Maria Graham: conexões entre a voz subjetiva do seu universo privado e o olhar político sobre a vida pública*, relaciona-se a segunda viagem de Maria Graham ao Brasil, de março de 1823 a outubro

¹⁵ GOMES, Angela de Castro. *Escrita de Si, Escrita de História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 15.

de 1823. Neste capítulo, abordamos a mudança significativa no seu discurso, onde salientamos o afloramento de reflexões subjetivas sobre sentimentos como solidão, desamparo e incerteza quanto a seu futuro no Brasil, dada a sua condição de mulher, viúva e estrangeira. Ao longo da leitura dos documentos, verificamos que a autora contrapôs a estes sentimentos, relevantes narrativas acerca das disputas políticas ocorridas na Bahia e no Maranhão durante os anos de 1822 e 1823, o que confirma a citação da autora de que “[...] não consigo interessar-me pelas pequenas coisas da vida dos outros, como costumava fazer. Preciso de forte estímulo do interesse público para despertar minha atenção”.¹⁶

Destacamos ainda, que em outubro do ano de 1823, houve uma mudança inesperada na vida de Maria Graham. Ela que escrevia continuamente sobre a vontade de retornar para a Inglaterra, movida pela solidão, tristeza e desânimo, revelou que viu sua sorte mudar, quando recebeu o acolhimento de amigos influentes. Por intermédio da Viscondessa do Rio Seco, obteve o convite dos Imperadores D. Pedro I e D. Leopoldina, para ser a preceptora da princesa primogênita, D. Maria da Glória. Segundo a escritora, “[...] fiquei admirada com a sorte que me oferecera uma oportunidade tão diversa de tudo que eu havia previsto”.¹⁷

Destacamos que este fato foi relevante para a continuidade de sua escrita historiográfica, pois determinou a permanência da escritora no Brasil. No final de outubro, ela retornou a Inglaterra, com previsão de voltar ao fim do prazo de um ano. Enquanto esteve em Londres, providenciou livros e materiais didáticos para sua futura aluna. Como nos revelaram as fontes, Maria Graham estava repleta de esperanças em ter um futuro promissor no Brasil.

O terceiro capítulo intitulado *Entre diálogos diplomáticos e intrigas palacianas: tensões, desilusões e rupturas na escrita de Maria Graham*, relaciona-se a terceira viagem de Maria Graham ao Brasil, de setembro de 1824 a setembro de 1825. Ao retornar ao Brasil em 1824 pela terceira vez, Maria Graham encontrou Pernambuco bloqueado pela Esquadra Imperial, por motivo da Confederação do Equador. A pedido do amigo Almirante Lord Cochrane, comandante da Esquadra Imperial, a escritora foi coadjuvante de um importante diálogo diplomático com o chefe da Rebelião, Manuel de Carvalho Paes de Andrade, no sentido de convencê-lo a render-se às forças imperiais, juntamente

¹⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 309.

¹⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*.... p. 380.

com suas tropas. Esta relevante passagem, assim como o desfecho da rebelião foi detalhadamente descrita pela escritora.¹⁸

A Experiência de Maria Graham como governanta da princesa Maria da Glória no Paço, foi duramente frustrada por uma intriga palaciana que culminou em seu afastamento definitivo do Palácio de São Cristóvão. No *Esborço Biográfico de D. Pedro I*, a autora mencionou que a partir desse episódio, rompeu com o desejo de permanecer no Brasil. Tais revelações muito visíveis em sua escrita, permitiu-nos aprofundar as investigações relativas às intrigas políticas e a vida cotidiana das cortes palacianas de D. Pedro I. A articulação da intriga cortesã que culminou com a saída da Maria Graham do Palácio de São Cristóvão, denunciou as manipulações, dissimulações e hostilidades, que existiu nas relações cotidianas da corte portuguesa. A partir desse episódio, Maria Graham encontrou diversos obstáculos na sua permanência no Rio de Janeiro, dentre os quais, a dificuldade de prover sua própria sobrevivência. Foi nesse período, que se dedicou aos desenhos botânicos que fazem parte da *Flora Brasiliensis*, de Von Martius. Após um longo ano de espera, em setembro de 1825, a escritora conseguiu retornar definitivamente à Inglaterra, em setembro de 1825.

Por fim, após a exposição desta dinâmica cena introdutória, partiremos rumo à extraordinária jornada pelos mundos brasileiros vividos e narrados por Maria Graham. Para tanto, tomemos com calma nossas acomodações pouco confortáveis no tombadilho úmido de um navio inglês. Deixemos, então, nos embalar pelos ventos constantes de través, que sopram nas primeiras horas da tarde e inflam suavemente as suas grandes velas, para que o passado possa, em silêncio, nos levar a singrar os profundos, turbulentos e perigosos oceanos das páginas que se seguem.

¹⁸ Sobre o envolvimento de Maria Graham neste importante episódio e a relevância da documentação deixada pela autora, o historiador Oliveira Lima escreveu um artigo intitulado *Mrs. Graham e a Confederação do Equador*, na revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, dando conta de que a autora cumpriu “conscientiosamente a missão de que fora incumbida. Procurou convencer o chefe rebelde a ceder de sua empresa, uma vez que as forças legais eram absolutamente superiores às suas[...]”. LIMA, Oliveira. *Mrs. Graham, e a Confederação do Equador*. Revista do Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco, Vol. XII, pp.306/310. Recife: 1907. Américo Jacobina nos informa que “o mais sério e exato estudo sobre a autora é o volume: *Maria Graham. Uma Inglesa em Pernambuco nos começos do século XIX*, de autoria de Waldemar Valente, publicado no Recife em 1957”. LACOMBE, Américo Jacobina. In: GRAHAM, Maria. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p.28. Destacamos, entretanto, que a publicação de Waldemar Valente, acima referida, encontra-se esgotada.

“Mais uma vez sobre as águas, ainda mais uma vez, e as ondas me envolvem como um corcel que conhece o seu cavaleiro”.

Maria Graham

ONCE MORE UPON THE WATERS, YET ONCE MORE,
AND THE WAVES BOUND BENEATH ME AS A STEED
THAT KNOWS HIS RIDER.

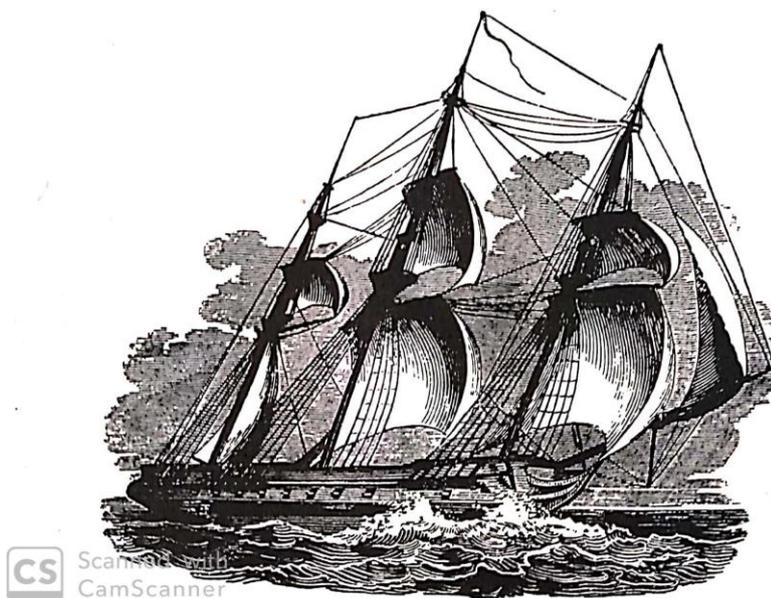


Figura 1: *Fragata Doris*- Desenho de Maria Graham, 1824.

Fonte: *Journal of a Voyage to Brazil and a Residence There, During part of the years 1821, 1822, 1823.* London: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, Green, and Murray, Albemarle-Street.

CAPITULO 1

A Cena revolucionária brasileira e o retrato social de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, na escrita historiográfica de Maria Graham.

1.1 - *Crises, nova onda constitucionalista e impressões sobre Pernambuco.*

A Europa da Era Napoleônica, período compreendido entre os anos de 1801 e 1815, caracteriza-se pelo surgimento de uma nova ordem geopolítica, a partir dos ideais hegemônicos de Bonaparte. O legado revolucionário de 1789, tem em Napoleão a institucionalização dos ideais liberais. O discurso libertário legitimado pela burguesia francesa, reconhecia no ambicioso jovem general, o herói invencível, capaz de libertá-los dos grilhões absolutistas, conciliar suas aspirações políticas e sociais e promover o expansionismo da França. Seus exércitos, quando finalmente derrotados em 1815, depois de um longo período de guerras, deixaram um rastro beligerante que inevitavelmente reconfigurou o mapa europeu. As guerras napoleônicas mudaram drasticamente a História política e social dos países peninsulares e de suas possessões coloniais. A invasão de Portugal pelas tropas do general Junot, em novembro de 1807, acabou por determinar a transferência apressada da família real portuguesa e de sua Corte para a sua colônia continental sul-americana, sob a escolta protetora da Marinha Britânica. O Brasil amanhecera no ano de 1808 despedindo-se de seu velho status de colônia. Com o traslado da Coroa portuguesa para seu território, teve como certa, a promessa de vir a ser a nova metrópole do império lusitano, instalada em terras do além-mar atlântico.

Segundo Valentim Alexandre,¹⁹ Portugal encontrava-se ocupado desde novembro de 1807. Os exércitos franceses aproximavam-se de Lisboa. A tomada da cidade pelos invasores era inevitável e seria apenas uma questão de horas. A inédita decisão de transferir a família real e as Cortes portuguesas para a sua colônia americana, ideia defendida desde os anos do Marquês de Pombal, não tivera precedentes até então.

¹⁹ALEXANDRE, Valentim. "O processo de independência do Brasil". In: BETHENCOURT, Francisco. & CHAUDHURI, Kirti. (dir.). *História da Expansão portuguesa*-vol.4: Do Brasil para a África (1808-1830). Espanha: Círculo de leitores, 1998, pp. 10-45.

Gilberto Freyre comentou que esta transferência foi, “velha ideia de estadistas clarividentes, porém excessivamente cautelosos que um indeciso, o futuro Dom João VI, teve a sábia coragem de realizar em 1808”.²⁰

Neste contexto, Maria Odila da Silva Dias cita que, “A vinda da corte com o enraizamento do Estado português no Centro-sul daria início à transformação da colônia em metrópole interiorizada. [...]Como metrópole interiorizada, a corte do Rio de Janeiro lançou os fundamentos do novo Império português[...]”.²¹

Entretanto, as consequências desta decisão, suscitaram em Lisboa sentimentos de insatisfação, insegurança e de subordinação à sua ex colônia americana, fermentando tensões e mágoas que culminariam na Revolução do Porto em 1820, como nos atesta Valentim Alexandre:

[...]todos queriam a Corte em Lisboa, porque odiavam a ideia de ser colônia de uma colônia. Nesses termos, a revolução de 1820 corresponde antes de mais nada a uma reação de teor nacionalista à situação de subordinação e de dependência criada ao reino português no seio do Império. [...]Ponto central da ideologia vintista, o nacionalismo[...]a afirmação dos valores patrióticos, muito marcada durante a Guerra Peninsular, que teria visto a “Nação Portuguesa adquirir um lugar eminente entre as demais nações da Europa, tanto por suas virtudes militares, como sociais e civis”.²²

Para Márcia Regina Berbel, as origens da crise em Portugal estavam fincadas na transferência da Corte portuguesa para o Brasil e a culminância na Revolução de 1820, esteve em sintonia com os acontecimentos espanhóis desde 1810. Estas ressonâncias demonstradas pelos contatos entre os liberais portugueses com os revolucionários da Espanha, iniciaram-se em agosto de 1820 durando até o final do ano. Ainda segundo a autora:

De fato, os revolucionários portugueses iniciaram a convocação das Cortes Extraordinárias a partir da adoção dos critérios aprovados em

²⁰ FREYRE, Gilberto. *Inglês no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, p. 169.

²¹ DIAS, Maria Odila da Silva. *A interiorização da metrópole e outros estudos...* p. 19.

²² ALEXANDRE, Valentin. “O processo de Independência do Brasil”. In: BETHENCOURT, Francisco; CHADHURI, Kirt (Orgs). *História da Expansão Portuguesa-Vol.4: Do Brasil para a África. (1808-1830)...* p. 26.

Cádiz e utilizando a Constituição espanhola como texto referência para o início das atividades parlamentares.[...]Além disso, assumiam também que “a base de representação nacional é a mesma em ambos os hemisférios”[...]A adoção dos critérios eleitorais espanhóis elevou as tradicionais capitânicas do Brasil à condição de unidades provinciais, com autonomia para decidir a adesão ao movimento constitucionalista e promover a escolha dos deputados. O fato motivou as primeiras adesões no Brasil entre os meses de janeiro e fevereiro de 1821[...].²³

No Brasil os ecos da Revolução Liberal do Porto fizeram-se ouvir como uma ameaça a então frágil unidade do reino, até que, em 1821, as Cortes portuguesas exigem a volta de D. João VI a Portugal e o juramento a Constituição Portuguesa.²⁴

Segundo Juliana Ferreira Sorgine²⁵ em 29 de agosto de 1821, na região norte de Pernambuco, na vila de Goiana, antigos participantes da Revolução de 1817, instalaram uma Junta Governativa Provisória, objetivando à adesão às Cortes portuguesas e destituir do governo o representante português em Pernambuco, o Governador Luiz do Rego Barreto.

Valentin Alexandre²⁶ afirma, que com a chegada da Família Real ao Brasil em 1808, deu-se a abertura dos portos às nações²⁷ amigas e a assinatura dos tratados comerciais de 1810, integrando o Brasil ao mercado internacional, mas sobretudo, privilegiando os interesses mercantis da Inglaterra, como parte dos acordos assinados pela proteção da Marinha Britânica ao traslado da Coroa e das Cortes portuguesas para os

²³ BERBEL, Maria Regina. Autonomia e soberania às vésperas das independências ibero-americanas (1810-1824). In: PAMPLONA, Marco & STUVEN, Ana Maria. *Estado e nação no Brasil e no Chile do século XIX* (Orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 40.

²⁴ Segundo Denis Bernardes: “A volta de Dom João VI para Portugal, em abril de 1821, representou um dos grandes momentos do poder das Cortes[...]o rei que voltava era um rei vencido, ou seja, o rei que jurara a futura Constituição da Nação Portuguesa, destituído, portanto do poder absoluto”. BERNARDES, Denis. *O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820-1822...* p. 332.

²⁵ SORGINE, Juliana Ferreira. *A formação da Junta Governativa de Goiana e a Crise do Antigo Regime Português em Pernambuco (1821) ...* p. 1.

²⁶ ALEXANDRE, Valentin. “O processo de Independência do Brasil”... p. 26.

²⁷ Sobre o conceito de *Nação* aplicado ao recorte cronológico deste estudo, Marco Pamplona esclarece: “Falar de *nação*, ou dos demais conceitos congêneres[...]no período que nos interessa aqui-1750 a 1850 – mostra-se particularmente rico para demarcarmos as sutis mudanças de ênfase entre os distintos significados que comporta o vocábulo. As profundas transformações políticas e sociais experimentadas entre 1760 a 1830 – associadas ao ciclo das revoluções modernas, iniciado nas colônias com a Revolução Americana, seguido pelas Revoluções Francesa e do Haiti e ampliado com as revoluções liberais desencadeadas nas metrópoles ibéricas e com as independências de suas colônias - intervieram radicalmente. Ao longo desses anos, novos, diferentes e acelerados processos de mudanças semânticas foram caracterizando o termo. [...]mesmo quando os velhos significados permaneciam (é o caso do conteúdo étnico que sempre acompanhou o termo *natio*, identificando-o à descendência ou à *gens*), eram os vínculos entre nação e ordem política, os que marcariam as vozes mais representativas do embate cultural no período”. PAMPLONA, Marco A. *Nação*. In: JÚNIOR, João Feres. (org.). *Léxico da História dos conceitos políticos do Brasil...*pp.161-162.

trópicos. Coube a Inglaterra, portanto, sendo a maior potência emergente desde a sua Revolução Industrial, o avanço expansionista de seu Império nas Américas. Difundiu assim, o liberalismo econômico do livre comércio, mantendo o protagonismo diplomático, comercial, industrial e cultural nas primeiras décadas do Brasil Monárquico. Gilberto Freyre ressalta, que “A presença da cultura britânica no desenvolvimento do Brasil[...]da civilização do Brasil, é das que não podem, ou não devem? — Ser ignoradas pelo brasileiro interessado na compressão do Brasil”²⁸ Os ingleses desde que “descobriram” as terras americanas, vislumbraram um novo mundo de oportunidades para as ilimitadas possibilidades de negócios, matéria prima essencial para impulsionar o seu expansionismo industrial. Ainda segundo Gilberto Freyre:

Os ingleses, quase tanto quanto os franceses, madrugaram, sob a forma de piratas, aventureiros e negociantes, nas praias da América Tropical descobertas por portugueses e espanhóis. [...]os ingleses acabaram alcançando entre nós[...]uma preponderância econômica que[...]não poderia deixar de transbordar, como transbordou, noutras zonas ou esferas de influência[...]tanto material como imaterial.²⁹

No início do século XIX, os olhos britânicos estavam vivamente voltados para as Américas. No intuito de alcançar essas promissoras terras, enfrentavam bravamente todo o tipo de dificuldades nos longos percursos das travessias pelo Atlântico Sul a bordo de seus navios mercantes e de guerra. Naqueles primeiros anos do Oitocentos, muitos foram os ingleses³⁰ que aportaram nas Américas, com os mais diversos objetivos.

O Brasil de então fora redescoberto³¹ por estrangeiros, sendo comerciantes, artistas, viajantes, expedicionários, cientistas e aventureiros, que vinham registrar e

²⁸ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, p. 49.

²⁹ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil...* pp. 46-47.

³⁰ Segundo C. de Mello Leitão: “[...]Encontramos de tudo entre os ingleses que escreveram sobre o Brasil: comerciantes, aventureiros, naturalistas, engenheiros, simples turistas.[...]Há os de renome universal, que ultrapassam o âmbito de suas especialidades, como Darwin e Wallace; os que se fizeram célebres entre seus pares como os botânicos Spruce e Gardner, os zoólogos Swainson e Bates; e os mais particularmente conhecidos dos brasileiros pela justiça de suas apreciações como Kostner e Maria Graham, ou pela síntese que procuram fazer de nossa terra e nossa gente, como Luccock, Henderson e Walsh”. LEITÃO, C. De Mello. *O Brasil visto pelos Ingleses...* p.15.

³¹ Para Gilberto Freyre: “[...]O Brasil está entre os países exóticos mais inteligentemente descobertos e interpretados por ingleses: por Mawe, Luccock, Koster, Maria Graham, Walsh, Bates, Wallace, Burton”. FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil...* p. 48.

documentar as riquezas, sociedade, tipos humanos, o cotidiano cultural e os particularismos das cidades sul-americanas.

Em 21 de setembro de 1821, o navio-escola da Marinha de Guerra de S.M.B., a Fragata Doris, de vinte e quatro canhões, chegou a costa brasileira, à altura de Pernambuco. Ficou fundeada ao largo, à espera de ordens para aportar, pois o Capitão da fragata, Thomas Graham, encontrara o porto do Recife bloqueado e a cidade em estado de sítio, por motivo da insurreição da Junta Governativa de Goiana.

E foi nesta paisagem política de turbulências constitucionalistas, que a escritora e desenhista inglesa Maria Graham (1785-1842) chegou ao Brasil. Viera na tripulação, tendo como função a bordo, ser a professora e instrutora dos jovens Guarda-Marinha, candidatos a futuros oficiais ingleses, que realizavam uma longa viagem de instrução. O navio que saía de Portsmouth na Inglaterra, em 31 de julho do mesmo ano, rumava para o Atlântico Sul em missão diplomática oficial. Singrando a costa do Brasil, teria como destino final alcançar o Pacífico e chegar ao Chile onde garantiria a proteção dos súditos ingleses, durante as lutas de independência daquele país. Nascida em Papcastle, Inglaterra, em 19 de junho de 1785, Maria Graham desde a infância teve uma educação voltada para os estudos de literatura, desenho, filosofia, História Geral e pesquisas das ciências naturais. Segundo Américo Jacobina Lacombe:

Desde criança revelou Maria Dundas inteligência, muita aplicação nos estudos e acentuado interesse pelas narrativas de viagem[...]. Com tais disposições de espírito, recebeu excelente instrução[...]que de forma diferente da maioria das mulheres de sua época, pode estudar literatura inglesa e do resto da Europa, arte, desenho, filosofia e história natural. [...]esses conhecimentos influenciaram profundamente o olhar de Maria Graham em suas viagens e são muito visíveis em seus escritos. [...]Maria Graham foi uma adepta das ideias do liberalismo político e econômico, que na sua época eram identificadas com o progresso.³²

A bordo da Doris, Mrs. Graham³³ avistou pela primeira vez as terras americanas que tanto ansiava conhecer. A visão da paisagem composta pelo casario da cidade de Recife e das elevações de Olinda, a arrebatou intensamente. Em seu diário registrou:

³² LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Leopoldina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997, p. 11.

³³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 129.

“Como o nome dá a entender, é uma linda localidade, onde os morros moderados[...]e uma bela floresta, combinam-se para o encanto dos olhos”.³⁴

Elencamos aqui, a relevância das narrativas de Maria Graham, que ora revisitamos em seu Diário. Esta justifica-se, por ter sido a autora, testemunha ocular dos fatos narrados durante os períodos de sua estada no Brasil, sobretudo, das contendas revolucionárias em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro nos anos de 1821, 1822 e 1824. Assim, Miriam Moreira Leite cita que “a literatura de viagem do século XIX, como um todo, raramente perdeu seu caráter de testemunho de uma experiência vivida - condição essencial das fontes primárias”.³⁵

Sua narrativa, portanto, sob a perspectiva da neutralidade³⁶ imposta pela condição de cidadã inglesa em missão diplomática, expõe-nos com clareza caráter parcial de sua interpretação sobre as mentalidades pertinentes ao contexto sócio-político-cultural que vivenciou naquelas sociedades. Tais mentalidades, foram confrontadas e documentadas em seu Diário, a partir de registros documentais e dos diálogos diplomáticos que protagonizou respectivamente; na Insurreição Constitucionalista de 1821, entre os grupos rivais do General Luís do Rego Barreto e da Junta de Goiana, e dois anos mais tarde, em 1824, entre as forças do Imperador D. Pedro I e das tropas de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, líder rebelde da Confederação do Equador. Ainda que envolta numa densa atmosfera revolucionária, Maria Graham descreveu a dinâmica cena política pernambucana, contrapondo, entretanto, com o viés cultural, o contexto social representado.³⁷ Ao configurar a narrativa discursiva das representações coexistentes, dos mundos político, social, arquitetônico e botânico, que compunham aquele universo provincial, Mrs. Graham teceu ricas comparações interpretativas e conceituais sobre a realidade observada, ora entre as próprias peculiaridades nativas, ora entre seus autos

³⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 129.

³⁵ LEITE, Miriam Moreira. *A Condição Feminina no Rio de Janeiro - século XIX...* p. 20.

³⁶ Nas palavras de Oliveira Lima: “Escreve Mrs. Graham que positivamente nenhuma assistência fora oferecida pela fragata inglesa[...]limitando-se o comandante a prometer proteção pessoal a quem quer que dela viesse a carecer, independente de nacionalidade. A proteção à propriedade britânica achava-se garantida com a presença do navio de guerra, que não se encontrava ali para outra coisa”. LIMA, Manuel de. *O Movimento da Independência: 1821-1824...* p. 92.

³⁷ Para ilustrar a nossa perspectiva interpretativa sobre a narrativa da autora, recorremos a Roger Chartier: “[...]pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos, ou por outras palavras, das representações do mundo social que, à revelia dos atores sociais, traduzem suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostaria que fosse [...]. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações...*p. 19.

referenciais culturais. A autora estabeleceu por meio de observações críticas, a tentativa de criar uma significação quase totalizante da realidade brasileira de então. Aqui, tomamos de empréstimo novamente, o pensamento de Roger Chartier, para quem o esforço em dar o sentido de conjunto às diversas formas de produções e representações produzidas pelas sociedades, é “a extensão máxima fornecida ao conceito de símbolo[...] graças aos quais, a consciência constitui a “realidade””.³⁸

Assim, ao percorrermos as páginas de seu Diário, constatamos que a escritora construiu sua narrativa, consciente da importância do fluxo dos acontecimentos históricos vivenciados por ela, durante suas estadas nos trópicos. E este fato forjaria profundamente a autenticidade e originalidade de sua escrita. Torna-se pertinente, portanto, observarmos na construção textual de Maria Graham, a evidência de uma preparação prévia quanto aos estudos da História do Brasil, tomada a partir da leitura da extensa obra de Robert Southey. Sobre a importância deste historiador, Gilberto Freyre cita que “[...]De resto, em assuntos de história devem os brasileiros ao inglês Robert Southey - trabalho pioneiro que se tornou obra clássica”.³⁹

A autora ainda esclarece sobre sua escrita historiográfica apresentada ao leitor, como uma introdução para a compreensão dos fatos descritos ao longo da leitura do documento. “A primeira parte da História foi quase toda extraída de Southey⁴⁰[...], porém “[...]Desde a chegada do Rei ao Brasil, sou responsável por tudo que afirmo”. Tal declaração é confirmada por Ana Maria Belluzzo: “De um lado, revelou-se historiadora empenhada em conhecer o Brasil, que esboçou um resumo de Southey, de outro, autora que deixou depoimentos subjetivos, envolveu - se nos assuntos tratados”.⁴¹

³⁸ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Algés: DIFEL, 1987, p. 19.

³⁹ FREYRE, Gilberto. *Inglês no Brasil...* p. 78.

⁴⁰ Robert Southey (1774-1843), historiador, poeta e escritor inglês. Segundo Maria Odila da Silva Dias, “a visão implícita na História do Brasil de Southey não seria mais europeia ou europeizante do que a própria visão dos estadistas fundadores do império. Elaborada na Inglaterra por um poeta romântico marginalizado e profundamente imbuído dos valores da ideologia conservadora da contrarrevolução, sua obra faria com que a história colonial brasileira fosse pela primeira vez integrada no contexto da moderna civilização europeia, de um prisma ambíguo de crítica ao capitalismo industrial, a partir de uma perspectiva tradicionalista e agrária[...]sua obra é ao mesmo tempo uma crítica à colonização de exploração comercial e uma análise do processo de formação do Estado no interior de uma sociedade colonial.[...]Southey termina a sua obra com a vinda da corte e a abertura dos portos, vislumbrado perspectivas de reforma, progresso e regeneração, a serem propiciadas pelo comércio inglês”. DIAS, Maria Odila da Silva. *O Fardo do Homem Branco: Shouthey, o historiador do Brasil...*pp. 3-4-5.

⁴¹ BELLUZZO, Ana Maria. *O Viajante e a paisagem brasileira....* 2008.

Não há nada mais interessante que a situação atual de toda a América do sul. [...] foram fatos, e não leis, que abriram os portos do Atlântico Sul e do pacífico. Foram também indivíduos e não nações, que prestaram auxílio aos patriotas do Novo Mundo. [...] A Família Real de Portugal ali se refugiou; e o país passou, assim de colônia a sede do governo, e da condição de escravo à de um Estado soberano. [...] tudo mudou, porém desse que o rei voltou para Lisboa e desde que as Cortes, esquecendo as mudanças operadas pelas circunstâncias da mentalidade do povo, tentaram forçar o Brasil a voltar ao estado abjeto do qual se havia libertado. Irrompeu então a luta, parte da qual teve a autora oportunidade de testemunhar e a respeito da qual pôde colidir com alguns dados, que poderão servir no futuro como fontes para a História.⁴²

A cidade de Recife estava sitiada. Havia uma revolução em curso. As demandas constitucionalistas defendidas pela Junta de Goiana exigiam a saída do governador e Capitão-General português Luís do Rego Barreto. Segundo Juliana Ferreira Sorgine era profunda a rejeição popular e dos setores das elites pernambucanas contra o governo tirânico de Luís do Rego, tido como déspota e autoritário.⁴³

Com o retorno de D. João VI a Portugal, aumentava claramente em diversos segmentos sociais, o sentimento de contestação ao absolutismo lusitano presente nas deliberações das Cortes Constitucionais Portuguesas. No que dizia respeito aos assuntos administrativos da Regência, havia a reafirmação da tendência à recolonização do Brasil, aqui caracterizada pela falta de autonomia política e administrativa das províncias. Entre outras iniciativas centralizadoras, a formação de Juntas Provisórias de Governo,⁴⁴ foram estabelecidas ao longo dos anos 1821 e 1822, e detinham o controle político, civil, econômico e administrativo provincial. Eram compostas majoritariamente por cidadãos portugueses, o que exaltava ainda mais as rivalidades entre os brasileiros e os portugueses.

Tais fatores culminaram na formação da Junta Governativa de Goiana, composta por senhores de engenho pernambucanos, setores militares, eclesiásticos e civis. Dentre

⁴² GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990. p. 20.

⁴³ SORGINE, Juliana Ferreira. *A Formação da Junta Governativa de Goiana e a crise do Antigo Regime português em Pernambuco (1821) ...* pp. 1-5.

⁴⁴ Segundo Oliveira Lima: "Governo constitucional eleito a 30 de agosto pela câmara, clero e nobreza. [...] esta junta tinha como presidente Luís do Rego, como vice-presidente o Marechal Salazar, e como vogais o tenente-Coronel José Joaquim Simões, comandante dos Algarves, Capitão-Mor Dr. Antônio de Moraes Silva, Dr. Manuel José Pereira Caldas, Joaquim José Mendes, Joaquim Antônio Gonçalves de Oliveira, Francisco José Correia, Vigário João Paulo de Araújo e Coronel José Carlos Mairinque da Silva Ferrão." LIMA, Manuel de, Oliveira. *O Movimento da Independência: 1821-1822...* p. 90.

as reivindicações da Junta de Goiana, estavam as eleições para a estabelecer uma nova Junta Governativa e a expulsão imediata do General Luiz do Rego Barreto para Portugal.

Em meio a este cenário revolucionário, a escritora Maria Graham chegou ao Brasil, desembarcando na cidade de Recife. Em sua escrita, a autora revelou que “Tudo isso sabia eu antes de desembarcar e pensava estar bem preparada para ver Pernambuco. Mas não há preparação que evite o encantamento de que se é tomado ao entrar neste porto extraordinário”.⁴⁵ Tomando nota de tudo o que pudesse ser importante para o registro da notícia do que ocorria politicamente na cidade, não esqueceu, contudo, de descrever o estilo arquitetônico e a aparência das antigas construções, do casario e de registrar sensivelmente toda a beleza natural da região. Através de seus relatos, traduzidos em crônicas minuciosas dos costumes, paisagens e tipos pernambucanos, vislumbramos como a autora retratou a estranha realidade daquele mundo desconhecido. Maria Graham descreveu detalhadamente em seu *Diário de Uma Viagem ao Brasil*, a sua chegada a Pernambuco, o arrebatamento que sentiu pelos aspectos paisagísticos e arquitetônicos das cidades de Recife e Olinda e ainda, seu testemunho sobre o Movimento Constitucionalista da Junta de Goiana.⁴⁶ Nas palavras da autora:

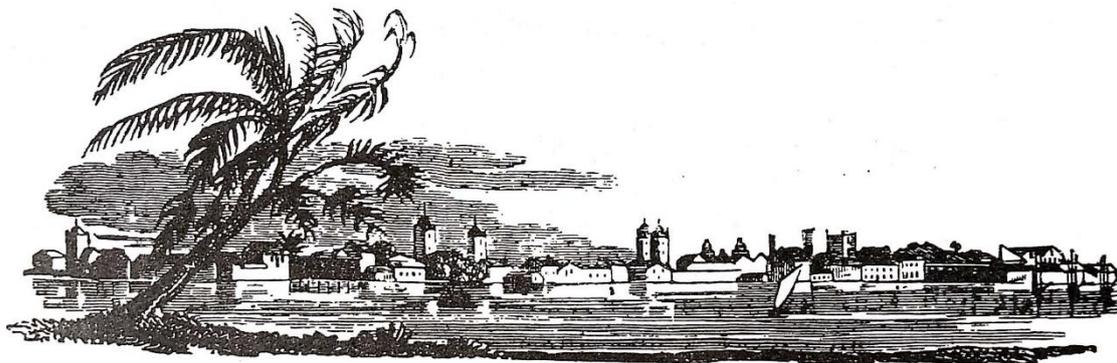
Não pode haver nada mais belo no gênero do que o vivo panorama verde, com o largo rio sinuoso através dele, e que se avista de cada lado da ponte, e as construções brancas do Tesouro e Casa da Moeda, os conventos e as casas particulares, a maioria com o seu jardim. A vegetação é deliciosa para os olhos ingleses. [...] Além da disposição para a revolução, que estávamos prevenidos existir há muito em toda parte no Brasil, havia também rivalidade entre portugueses e brasileiros, situação que os últimos acontecimentos haviam agravado em não pequeno grau. A 29 de agosto cerca de 600 homens da milícia e outras forças nativas haviam tomado posse da vila de Goiana, um dos principais lugares da capitania, e tomado à força a Câmara Municipal, onde haviam proclamado o fim do governo de Luís do Rego. Passaram então a eleger um governo provisório de Goiana, para entrar em função até que a capital da província pudesse estar em condições de estabelecer uma junta constitucional.⁴⁷

⁴⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990 p. 129.

⁴⁶ Sobre a composição da junta de Goiana, Oliveira Lima relata: “Compunham-na o Dr. Francisco de Paula Gomes dos Santos, Joaquim Martins da Cunha Souto Maior, Antônio Máximo de Souza, Manuel Silvestre de Araújo, João Carlos de Melo e Albuquerque, José Camelo Pessoa de Melo, Padre Manuel dos Reis Curado, Bernardo Pereira do Carmo, Capitão José Vitoriano delgado de Borba Cavalcanti de Albuquerque e Capitão José Joaquim Coelho Lopes de Castro”. LIMA, Manuel de Oliveira. *O Movimento da Independência: 1821-1822...* p. 89.

⁴⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil ...* pp. 126-133.

Figura 2: *Aspecto de Pernambuco, visto da ilha dos Cocos, dentro do Recife.* Desenho de Maria Graham, 1821. Fonte: *Diário de uma Viagem ao Brasil*, 1990.



Sua condição de cidadã inglesa, tripulante de um navio de guerra britânico em missão militar na América do Sul, portanto, de neutralidade sobre as questões políticas do Império, acrescido ao fato de ser esposa do Capitão Thomas Graham, privilegiou seu livre acesso às informações confidenciais e diplomáticas sobre as disputas políticas que estavam em curso. Desta forma, tinha autorização de desembarcar em Pernambuco, transitar com liberdade por Recife e Olinda, desde que respeitasse as ordens e restrições impostas pelos comandantes de ambos os grupos, Realistas e Patriotas: “Fico ardendo por andar a pé ou a cavalo nos tentadores morros verdes em volta da cidade, mas já que isto não pode ser, contento-me com o que está dentro das linhas de defesa”.⁴⁸ Em Olinda, nos informa sobre a impossibilidade de cavalgar livremente pelas ruas e cercanias da cidade, imposta pelos soldados do grupo dos Patriotas:

Fiquei surpreendida com a extrema beleza de Olinda, ou antes, do seu resto, porque agora está num melancólico estado de ruína. Os habitantes mais ricos a muito mudaram-se para a cidade baixa. [...]logo que chegamos ao ponto mais alto a cidade, olhando através do vale arborizado em torno do qual se agrupam as colinas, o fumo de um dos postos avançados chamou-nos a atenção. Os soldados estavam de pé ou deitados em torno e as armas ensarilhadas. [...]Estes soldados, porém, limitaram-nos o passeio. Pretendíamos voltar pelo caminho do interior, mas não foi permitido passar por ali[...]fomos assim forçados a voltar pelo caminho pelo qual viéramos.⁴⁹

⁴⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 134.

⁴⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 140.

Como podemos inferir a partir da análise da fonte, todos estes fatores concorreram para que suas interpretações sobre as cenas políticas que presenciou, e nas quais se envolveu, participando de conversas sobre assuntos de governo, ocupassem importante lugar em sua narrativa. Desta forma, Maria Graham acrescentou um colorido acentuado e peculiar na composição descritiva do quadro político-social do Brasil nas primeiras décadas do século XIX. Nas palavras da viajante:

O Sr. Dance[...]foi enviado à terra com cartas oficiais para o governador e para o cônsul inglês em exercício[...]Cerca de três horas um grande barco, com dois oficiais patriotas, aproximou-se para certificar-se de que éramos realmente ingleses[...]duvido muito que tenham eles crido na estrita neutralidade que professamos. [...]O coronel Patrone, chegou cedo, para solicitar que o paquete inglês levasse a Lisboa os despachos do governo[...]seria uma quebra imediata da neutralidade que prometemos observar e, na minha opinião, em auxílio da pior causa.⁵⁰

É significativo observar o posicionamento de liberdade crítica da autora perante os desdobramentos decorrentes dos embates divergentes entre as políticas de Luís do Rego e da Junta de Goiana respectivamente. Em várias passagens de sua escrita, deixa transparecer o seu juízo de valor, quanto a natureza das querelas e justificativas dos grupos conflitantes. Segundo Maria Graham, “Estarão errados os Patriotas? Eles puseram armas nas mãos dos novos negros, enquanto as lembranças da pátria, do navio negreiro e do mercado de escravos, lhe estão frescas”.⁵¹ Denuncia ainda a abominável existência da prática escravocrata no Brasil, fomentada pelo tráfico transatlântico de negros africanos, resultando em altos lucros para os comerciantes e traficantes envolvidos no intenso comércio de cativos. Esse enorme contingente de sujeitos subjugados, compunham a principal força de trabalho nas províncias brasileiras. Em Pernambuco, eram empregados na produção das lavouras agrícolas, na indústria pecuária, na mineração de ouro e pedras preciosas, nos serviços domésticos nas casas dos senhores, ou ainda como escravos de ganho⁵². Segundo a escritora, “são canoieiros, carregadores de cadeirinhas, carregadores

⁵⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 126.

⁵¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 137.

⁵² Em seu Diário, a autora descreve com clareza a popularização deste tipo de servidão: “Muitos, de todas as cores, quando conseguem comprar um negro, descansam, dispensando-se de demais cuidados. Fazem com que o escravo trabalhe para eles e assim, desde que possam comer seu pão tranquilamente, pouco se importam em saber como foi ele obtido”. GRAHAM, Maria. *Diário de Uma Viagem ao Brasil...*p. 157.

e tecedores de esteiras e chapéus, que se podem alugar nas ruas e mercados, e que assim sustentam seus senhores”.⁵³ Contudo a constatação da extrema crueldade desse comércio foi potencializada pelo testemunho ocular da autora sobre a exploração de crianças escravas expostas nos mercados de Recife. Esses meninos e meninas sujeitos a todos os tipos de privações e sofrimentos, motivou a construção de um juízo crítico, explicitado através da denúncia em sua escrita:

[...]Bom Deus! Como existir este tráfico e estes hábitos de escravidão! Perto de casa há dois ou três depósitos de escravos, todos moços. Eu vi uma criança de cerca de dois anos à venda. As provisões estão agora tão raras que nenhum bocado de alimentação animal tempera a massa de farinha de mandioca, que é o sustento dos escravos, e mesmo isso essas pobres crianças, com seus ossos salientes e faces cavadas, revelam que eles raramente recebem suficientemente. [...]mais uma angústia se acrescenta à escravidão: o desejo vão de encontrar um senhor! Vintenas dessas pobres criaturas são vistas em diferentes cantos das ruas com todos os sinais de desespero. E se uma criança tenta arrastar-se por entre eles, em busca de um divertimento infantil, a única simpatia que ele pode provocar é um olhar de piedade.⁵⁴

Nas palavras da escritora, quando ela e seus jovens alunos, constataram a dimensão que o sistema escravocrata ocupava no Brasil, por mais que já tivessem imaginado quão fortes e tristes fossem os sentimentos coexistentes com a servidão, nada poderia ser comparado a constatação da crueldade imposta pela dura realidade vislumbrada no mercado de escravos.

Não tínhamos dado cinquenta passos no Recife quando ficamos inteiramente perturbados com a primeira impressão de um mercado de escravos. Era a primeira vez que tanto os rapazes quanto eu estávamos num país de escravidão e por mais que os sentimentos sejam penosos e fortes quando em nossa terra imaginamos a servidão, não são nada em comparação com a visão tremenda de um mercado de escravos. Estava pobremente abastecido, devido às circunstâncias da cidade[...]eram cerca de cinquenta jovens criaturas, rapazes e moças, com todas as aparências da moléstia e da penúria, consequência da alimentação escassa e do longo isolamento em lugares doentios. [...]O espetáculo nos fez voltar ao navio com o coração pesado e com a resolução[...] de

⁵³ GRAHAM, Maria. *Diário de Uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 191.

⁵⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 136-137.

que tudo que pudéssemos fazer no sentido da abolição ou da atenuação da escravatura seria considerado pouco.⁵⁵

Maria Graham desembarcou acompanhada de um oficial inglês, e dois guardas-marinha, para conhecer a cidade sitiada. Ao desembarcar em terra, foram recebidos por um oficial a serviço do Governador Luís do Rêgo que os conduziu ao Palácio do Governo, onde conheceu o Governador e sua família. Após a visita de cortesia ao Governador, Mrs. Graham percorreu a cidade e seus arredores, encontrando a milícia nos vários postos de defesa e todo o comércio fechado. Os comerciantes em sua maioria europeus, assim com os índios, pertenciam aos quadros da milícia, convocados para o serviço militar. Em seu *Diário*, ela registrou as impressões do que se dava no Recife:

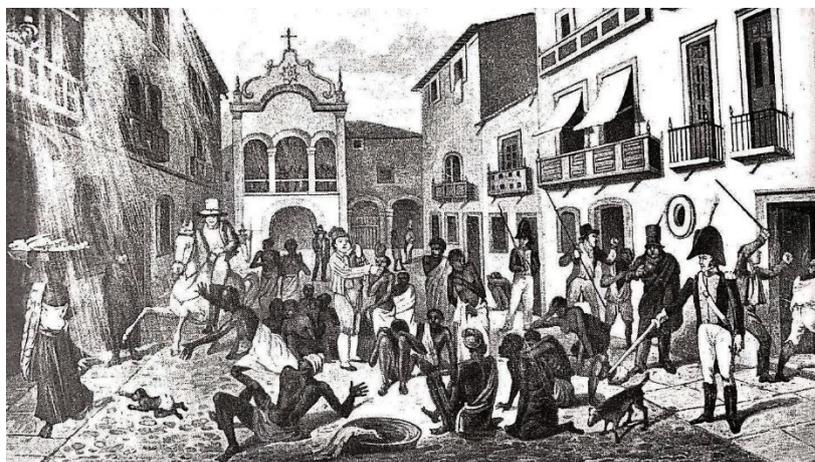
Desembarcamos bem junto à ponte e fomos recebidos pelo coronel Patrone, que apresentou as desculpas do governador por não ter podido receber-nos, porque estava reunido o conselho. O coronel conduziu-nos ao palácio do governo, prédio muito belo. Diante de uma praça, e com uma torre, e entramos no que havia sido evidentemente um esplêndido vestíbulo. A douração e a pintura ainda permaneciam em alguns pontos do teto e das paredes, mas agora está ocupado por cavalos, que permanecem arreados, soldados armados[...]tudo alerta, canhões à frente com morrões acesos e um ar de alvoroço e importância entre os soldados. O conselho ou Junta Provisória de governo, compunha-se de dez membros, presididos por Luís do Rêgo. Estavam redigindo uma proclamação aos habitantes de Recife assegurando-lhes a garantia e proteção; [...]afirmando que havia provisões em abundância na cidade e encorajando-os em nome do rei e das cortes a defenderem a cidade contra os insurgentes. [...]Achei Madame do Rêgo uma senhora agradável, bem bonita, e falando inglês como uma nativa[...]logo depois apareceu o próprio governador, com bela aparência militar.⁵⁶

134. ⁵⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p.

⁵⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 131-132.

Figura 3: Vista do Portão do Conde Maurício em Pernambuco com o mercado de escravos.

Desenho de August Earle, 1824.



Fonte: *Diário de uma Viagem ao Brasil*, 1990.

A cidade de Recife estava sob a ocupação das tropas Realistas do governador Luís do Rego, enquanto que o exército dos Patriotas da Junta de Goiana, tinham seu quartel general situado na cidade de Olinda. Ao contrário da proclamação proferida por Luís do Rego aos habitantes de Recife, de que na cidade “havia provisões em abundância”, um bloqueio de alimentos havia sido imposto pelos revoltosos Patriotas. Maria Graham registrou a falta e escassez de víveres no mercado de Recife, em setembro de 1821: “Fui hoje ao mercado, onde há pouca cousa: carne de vaca rara e cara, não há carneiro, poucas aves, escassos porcos, [...]porque são alimentados na rua[...]”⁵⁷. Ainda segundo a autora, em sua visita ao mercado, ela relata que “o bloqueio é tão restrito que até as verduras dos terrenos particulares dos moradores, a duas milhas das sentinelas, são detidas”.⁵⁸ E continua seu relato sobre a privação de alimentos para o consumo da população na cidade sitiada, citando que a carestia impossibilitava o acesso dos mais pobres à uma alimentação satisfatória:

Não se encontra leite. O pão com farinha de trigo americana é, pelo menos duas vezes mais caro que na Inglaterra e os bolos de mandioca

⁵⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990 p. 137.

⁵⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 137.

cozidos com leite de coco não estão ao alcance da gente pobre para que possa abastecer-se suficientemente. A lenha está extravagantemente cara, o carvão raro.⁵⁹

Entretanto, apesar da cidade de Recife estar sob o bloqueio de abastecimento de seus mercados, a província de Pernambuco já possuía um importante lugar na produção agrícola regional, onde a vila de Goiana ⁶⁰ocupava uma posição relevante. A fim de registrar o fluxo mercantil dos produtos agrícolas comercializados entre a cidade de Recife com outras regiões da província, Maria Graham recorre a descrição detalhada dos diversos aspectos observados numa família de sertanejos que encontrara na cidade. Tal descrição, revela importantes informações sobre as relações de trocas comerciais praticadas entre as vilas interioranas e o litoral e, sobretudo, sobre a tipologia peculiar que os distinguiam de outros grupos sociais, como suas vestimentas e aparências. A autora esboça a cena retratada, com traços realistas, construindo a partir da atenta observação, todo um conjunto de particularidades a fim de os definir como um grupo característico:

Hoje, ao virmos da Boa Vista, encontramos uma família de sertanejos, que havia trazido provisões para a cidade há alguns dias e voltava para o sertão[...].os sertanejos constituem uma casta de homens rudes e ativos, na maior parte agricultores. Trazem milho e cereais, toucinho e doces, às vezes couros e sebo. Mas o açúcar, o algodão e o café, que formam os produtos principais de Pernambuco, exigem terras mais quentes, mais ricas junto à costa. O algodão, contudo, é trazido do sertão, mas é uma colheita precária[...].A família que encontramos formava um grupo muito pitoresco: os homens vestidos de couro dos pés à cabeça. A jaqueta leve e as calças são tão apertadas como as roupas dos mármoreos de Egina, e produzem mais ou menos o mesmo efeito; o chapéu redondo tem a forma do petado de Mercúrio. Os sapatos e polainas da maior parte eram excelentemente adaptados para a defesa das pernas e dos pés no cavalgar por entre as asperezas. O tom geral do conjunto era um belo castanho dourado.⁶¹

⁵⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990 p. 137.

⁶⁰ “Goiana, embora situada na parte norte de Pernambuco[...]era importante ponto de passagem do gado que, em demanda do Recife e Olinda, vinha dos sertões do Ceará e da Paraíba[...]o gado, o algodão, bem como as culturas do feijão, milho e a produção de farinha, integraram o agreste e o sertão aos fluxos mercantis cujo dinamismo estava situado no litoral”. BERNARDES, Denis. *O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820-1822...* p. 115.

⁶¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 134-135.

Ainda sobre as trocas comerciais praticadas pelos sertanejos, Maria Graham registra que os produtos agrícolas e pecuários, assim como seus derivados trazidos do interior, eram trocados em Recife por outros manufaturados, em sua maioria importados da Inglaterra. Demonstra, portanto, em suas observações, um conhecimento prévio sobre estes mercados produtores, enfatizando a relevância e a dinâmica do comércio inter-regional estabelecido com cidade de Recife para a economia da província pernambucana nas primeiras décadas do século XIX:

[...]vários cavalos de carga seguiam atrás, carregados de objetos caseiros e outras coisas obtidas em troca de suas provisões; roupas, tanto de lã como de algodão, louças de barro e outros artigos manufaturados, especialmente facas, é o que geralmente trazem de volta.⁶²

A autora conta que a oportunidade de se aproximar do governo da Junta Provisória de Goiana, surgiu a partir da ordem de proibição por parte dos patriotas, de que “a roupa pertencente ao navio, enviada a terra para lavar, voltasse à cidade”. Partiu então uma comitiva composta por um intérprete, um oficial e ela própria, em direção a Olinda. Levavam uma carta cujo conteúdo era a queixa expressa sobre a dita proibição, em nome do próprio Capitão do navio. Esta carta tinha como destinatário, o comando da Junta Provisória. Durante a viagem em direção a Olinda, tudo tinha ares de novidade mesclado aos de estranhamento e expectativas. Ao fim de algumas horas, a comitiva inglesa chegou ao Quartel – General da Junta Provisória. Nas palavras da autora:

Vi então que iria defrontar com a plena força do governo provisório[...]. Os nomes de Albuquerque, Cavalcanti e Borba⁶³, chamaram-me a atenção[...]Em vez de tomar qualquer conhecimento do conteúdo, o secretário começou um longo discurso, expondo a injustiça do governador e do governo em relação ao Brasil em geral e aos pernambucanos em particular; para resistir a essa injustiça, haviam eles formado o presente e respeitável governo, em face da junta, sem intenção de provocar o menor detrimento dos direitos do rei. Certamente não poderiam ser chamados de rebeldes, já que marchavam sob a bandeira real de Portugal, mas Luís do Rego poderia com razão

⁶² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 135.

⁶³ Segundo Oliveira Lima, trata-se do Capitão José Vitoriano Delgado de Borba Cavalcanti de Albuquerque e do Tenente-Coronel Luís Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque. LIMA, Manuel de, Oliveira. *O Movimento da Independência-1821-1822...* pp. 89-93.

ser acusado como tal, pois que havia atirado contra aquela bandeira. [...]por fim conseguimos que ele aceitasse uma proposta para liberar a nossa roupa e outra para o fornecimento de provisões frescas ao navio. [...]A junta estava extremamente ansiosa por saber se havia a possibilidade de reconhecimento pela Inglaterra da independência do Brasil.⁶⁴

Após esse longo encontro, as partes haviam chegado a um diálogo pacífico. Um acordo havia sido estabelecido com o governo de Goiana. O governador da Junta Provisória, convidou-os cordialmente a ceiar e pernoitar no Quartel-General. Observamos nessa passagem, que a autora ao descrever em detalhes o jantar com o comando dos insurgentes, compôs o retrato social daquele grupo, refletido nos hábitos de comer e beber à mesa, tendo como finalidade, traçar o perfil civilizatório que os definia.

Podemos dimensionar o embaraço da autora ao partilhar modos e costumes, tão opostos ao seu padrão inglês de civilidade: “[...]aos estrangeiros, também foram dados colheres e garfos, mas a falta de talheres não pareceu embaraçar os brasileiros[...]cada pessoa começava a derramar uma quantidade de farinha no caldo[...]e comia com os dedos”.⁶⁵ Recorremos aqui aos estudos de Norbert Elias,⁶⁶ para entendermos a lenta mudança nos costumes das sociedades, com o argumento: “[...]os padrões de comer na Idade Média[...]pouco mudaram ao longo dos séculos. O que realmente mudou? Uns pouco costumes, nada mais”.⁶⁷

Há na narrativa, a indicação de que houve reciprocidade tanto dos brasileiros, quanto da comitiva inglesa, em aceitar suas diferenças à mesa. Maria Graham, narrou que seus oficiais aprenderam com os soldados brasileiros insurgentes a comer com as mãos: “Dentro desses também cada homem punha sua mão indiscriminadamente, e metendo seu bocado no prato fundo, ensinaram aos nossos oficiais como comer[...]sem preocupação de ordem ou limpeza”.⁶⁸

⁶⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, pp.149-150.

⁶⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 152-153.

⁶⁶ Sobre as diferenças de costumes no comer e beber dos soldados insurgentes, documentado por Maria Graham, Norbert Elias nos esclarece que: “[...]esses costumes estavam tão enraizados[...]que devem ser compreendidos não apenas como “algo negativo”, “como falta de civilização” ou de “conhecimento” [...], mas como algo que atendia às necessidades dessas pessoas e que lhes pareciam importante e necessário para elas, exatamente dessa forma”. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador...* p. 80-81.

⁶⁷ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador...* p. 80.

⁶⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 153.

Trouxeram um imenso copo e uma garrafa de vinho com cerca de metade de água misturada, fui então servida em primeiro lugar e, em seguida, todas as quatorze pessoas cada uma por sua vez.⁶⁹ Por esse tempo a guarda estava formada, a banda tocou o hino nacional, a que todos assistimos descobertos, e assim montamos no meio dos homens de aspecto rude, naquela estranha, ainda que deliciosa vista, exatamente no momento em que a névoa da noite começava a velar as terras mais baixas e o sol vermelho vivo da tarde dourava os ramos mais altos da floresta.⁷⁰

O armistício da rebelião, segundo Juliana Ferreira Sorgine, “[...]estabelecido entre os aliados do governo de Luís do Rêgo e os partidários da Junta de Goiana foi acertada[...] na chamada Convenção do Beberibe, em 5 de outubro de 1821”.⁷¹ Maria Graham descreve este importante episódio, recontando detalhadamente os fatos como se sucederam, expondo na narrativa o conhecimento que tinha sobre o assunto, explicitando o amplo acesso que dispunha de informações privilegiadas sobre a dinâmica da política pernambucana. Tal facilidade de acesso às informações confidenciais, devia-se ao fato dela ser esposa do Capitão Thomas Graham.⁷²

Nesta mesma manhã, isto é, 1º de outubro, a junta Provisória de Pernambuco dirigia um manifesto à dos patriotas de Goiana, oferecendo a paz, e dizendo-lhes que se o fim a que se propuseram era a demissão de Luís do rego, este estava pronto a retirar-se; que por duas vezes se prontificara a sair perante o Conselho de Recife, e além disso havia se dirigido às Cortes pedindo-lhes que se designassem um sucessor e lhe permitissem retirar. Que o movia a estes atos o desejo de paz e de proporcionar a tranquilidade da província[...]insinuava também que contava com o apoio das fragatas inglesas e francesas fundeadas ali[...]. Sei agora que tal assistência não foi prometida pela fragata inglesa. Fora solicitada, mas o governo recomendara a mais estrita neutralidade[...] a proteção à propriedade inglesa era a missão da fragata ali, e isso estava naturalmente compreendido por todos os partidos.⁷³

⁶⁹ Ainda nas palavras de Norbert Elias, sobre as permanências e as lentas mudanças dos costumes praticados desde a Idade Média e que são os mesmos observados por Maria Graham, citamos: “As pessoas que comiam juntas na maneira costumeira da Idade Média, pegando a carne com os dedos na mesma travessa, bebendo vinho no mesmo cálice, tomando sopa na mesma sopeira[...]tinham entre si relações diferentes das que hoje vivemos”. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 1990, p. 82.

⁷⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 150-151.

⁷¹ SORGINE, Juliana Ferreira. *A Formação da Junta Governativa de Goiana e a crise do Antigo Regime Português em Pernambuco (1821)* ... p. 4.

⁷² Sobre o confronto da Vila de Afogados ocorrido no dia 1º de outubro, Maria Graham comenta que “Depois de escrever em meu diário, vi o relatório oficial desse ataque da Vila dos Afogados[...]”. GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* p. 144.

⁷³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 144.

Enfim na tarde de 14 de outubro de 1821, foi chegada a hora da *Doris* zarpar rumo a Bahia. Maria Graham deixa-nos nesse momento sua impressão expressa em franca opinião sobre o desfecho da rebelião da Junta de Goiana e do sentimento dos Pernambucanos registrado em seu *Diário*:

Deixamos Pernambuco com a firme convicção de que pelo menos esta parte do Brasil nunca mais se submeterá ao jugo de Portugal. Se a firmeza de comportamento de Luís do Rêgo falhou em manter a capitania em obediência, será inútil a outros governadores tentá-lo, especialmente enquanto o estado da metrópole for tal que não possa lutar com as colônias, nem por elas, e enquanto as considerar simplesmente como regiões tributáveis de seus territórios, obrigados a sustenta-la em sua fraqueza.⁷⁴

1.2 - *A Bahia na interpretação crítica de Maria Graham.*

Após três dias de navegação pela costa brasileira, a fragata inglesa ancorou no porto da cidade de Salvador como parte da missão militar para a qual estava designada. Tinha a incumbência, como citado, de supervisionar e garantir a segurança dos bens e propriedades dos cidadãos ingleses nas cidades brasileiras, durante a permanência daquele contexto revolucionário. Na manhã seguinte à chegada a Bahia, Maria Graham avista a exuberante e original paisagem⁷⁵ urbana. Diante do ineditismo da diversidade de formas, texturas, cores e luminosidade que compunham vivamente aquele panorama, a

⁷⁴ Em seu *Diário*, Maria Graham acrescenta o desfecho dado a Luís do Rego: “Deixamos Pernambuco a 14 de outubro de 1821. Antes de 18 de novembro do mesmo ano, as Cortes de Lisboa chamaram Luís do Rego e todas as tropas europeias, depois arrependeram-se desta convocação, deram contraordem e enviaram reforços. Mas ao tempo em que chegaram, o capitão-geral já havia embarcado em navio francês para a Europa e a Junta, após dar provisões aos navios com as tropas, proibiu-lhes o desembarque e enviou-as ao Rio de Janeiro”. GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 163.

⁷⁵ Interessante observar o fascínio que o primeiro contato com a paisagem da cidade de Salvador exerceu sobre diversos viajantes naturalistas. Como exemplo, vemos como C. De Mello Leitão, relata as impressões de Darwin ao chegar em Salvador em 29 de fevereiro de 1832: “Que dia delicioso! Mas o termo *delicioso* é fraco para exprimir os sentimentos de um naturalista que pela primeira vez erra numa floresta brasileira. A elegância das ervas, a novidade das plantas parasitas, a beleza das flores, o verde brilhante da folhagem, mas, acima de tudo, o vigor e o brilho geral da vegetação, enchem-me de admiração. [...] Quem ame a história natural experimenta num dia como esse o prazer, a alegria mais intensa que possa esperar”. LEITÃO, C. De Mello. *Visitantes do Primeiro Império...* pp. 49-50.

autora recorreu à linguagem pictórica a fim de alcançar plenamente a intensidade narrativa da cena vislumbrada.

Esta manhã, ao raiar da aurora, meus olhos abriram-se diante de um dos mais belos espetáculos que jamais contemplei. Uma cidade magnífica de aspecto, vista do mar, está colocada ao longo da cumeeira e na declividade de uma alta e íngreme montanha. Uma vegetação riquíssima surge entremeadada com as claras construções[...]. Aqui e ali o solo vermelho vivo harmoniza-se com o telhado das casas. O pitoresco dos fortes, o movimento do embarque, os morros que se esfumam a distância, e a própria forma da baía com suas ilhas e promontórios, tudo completa um panorama encantador[...].⁷⁶

Figura 4- *Convento de Santo Antonio da Barre. Bahia. Desenho de Maria Graham, 1821.*



Fonte: British Library, Londres.

⁷⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 164.

O Cônsul Inglês, Mr. Pennel foi a bordo, a fim de levar os oficiais da fragata à terra para conhecer a cidade de Salvador. Logo, o assunto sobre a perspectiva política da Bahia descrita pelo diplomata inglês, transformou-se em objeto de óbvio interesse e matéria prima para as longas anotações críticas da autora em seu Diário: “A cidade, porém parece estar num lamentável estado de desordem”.⁷⁷

Salvador encontrava-se em plena efervescência política inspirada pela Revolução Constitucionalista pernambucana.⁷⁸ Havia na cidade, por parte dos brasileiros, uma atitude de hostilidade aos cidadãos estrangeiros, incluindo os ingleses. Nas palavras de Maria Graham, “As discussões entre os portugueses da Europa e os brasileiros da cidade parecem estar a pique de chegar a uma crise”.⁷⁹ O Governo Provisório da Bahia, havia suspenso os pagamentos de impostos cobrados pelo Rio de Janeiro,⁸⁰ explicitando assim, sua insubordinação ao regente e proferindo total lealdade às Cortes. Sobre este episódio, a escritora faz diversas anotações, esboçando um amplo painel das circunstâncias que culminaram nos litígios políticos daquela realidade.

Havia uma grande desconfiança de estrangeiros no presente governo. [...]O Tesouro do Governo era um dos que eu queria ver, mas houve objeções[...]antigamente considerado subordinado ao do Rio de Janeiro; conseqüentemente pagava por parte de suas receitas as contas sacadas mensalmente pelo tesoureiro da capital sobre este e os de outras províncias. Mas desde a revolução de 10 de fevereiro, o Governo Provisório⁸¹ tomou a si recusar o pagamento. Sob o fundamento de que

⁷⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 189.

⁷⁸ Segundo Argemiro Ribeiro de Souza Filho: “Em 1821 não somente a Bahia, mas todo o Império português experimentava profundas e céleres transformações políticas. [...]na expectativa de renegociar um novo pacto político que lhes assegurasse funções mais proeminentes no interior do Império, a Bahia instalara o seu processo revolucionário em 10 de fevereiro de 1821. Naquele momento, a província optou pela ruptura política e financeira com a corte joanina sediada no Rio de Janeiro e simultaneamente comunicou às autoridades de Portugal a sua disposição para adotar os mesmos princípios que fossem acordados no *Soberano Congresso*. Em conformidade com o movimento liberal português, uma Junta Provisória de Governo composta por sete representantes do clero, da milícia, do comércio, da agricultura e da cidade, fora escolhida pelos membros da Câmara municipal e em seguida, aprovada pelo povo e pela tropa reunida na Praça Municipal[...]. FILHO, Argemiro Ribeiro de Souza. *Projetos políticos na revolução constitucionalista na Bahia (1821-1822)* ... p. 102.

⁷⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*... p. 122.

⁸⁰ Sobre este episódio, Oliveira Lima informa que: “Uma das coisas que mais pareciam apavorar o príncipe era a grave situação financeira, com a qual havia de arcar[...]o afluxo das quotas provinciais, dantes canalizadas para a capital brasileira e cuja remessa se achava agora suspensa, com exceção de Pernambuco em tempo de Luís do Rego, pela falta de união entre as províncias”. LIMA, Manuel de Oliveira. *O movimento da independência (1821-1822)* ... p. 122.

⁸¹ Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva, cita; “A Junta de Governo Provisória da Bahia contou com os seguintes representantes; [...]José Fernandes da Silva Freire[...]Francisco de Paula e Oliveira[...]Francisco José Pereira[...]Francisco Antônio Filgueiras[...]José Antônio Rodrigues Vianna[...]Paulo José de Melo[...]Luís Manoel de Moura Cabral[...]José Caetano de Paiva[...]José Lino

é completamente independente do Rio, até que a vontade das cortes de Lisboa seja conhecida.⁸²

A partir desta observação, a autora informa sobre detalhes relevantes envolvendo as questões tributárias impostas pelo Governo Provisório. Ela descreve a seguir os pesados impostos sobre itens tais como alimentos, direitos de importação e exportação, como também revela as especificidades das taxas portuárias, tanto para navios estrangeiros, quanto para os brasileiros e dos impostos sobre a terra:

As rendas derivam de taxas diretas sobre a terra e mantimentos, tarifas sobre exportação e importação, e direitos portuários. A terra é sujeita a uma taxa de um décimo do total da produção, e, desde a revolução, as terras da igreja estão sujeitas às mesmas leis[...]. Os impostos sobre os mantimentos são anualmente arrendados aos que mais alto lançam; recaem sobre a carne, peixe fresco, farinha e verduras. Cada freguesia tem seu arrematante separado, que paga a quantia de seu contrato ao Tesouro e depois realiza o mais que pode de suas cobranças. Os direitos de importação e exportação são pagos na Alfândega. Entre esta e o Tesouro faz-se uma prestação de contas mensalmente. As taxas portuárias para navios estrangeiros são de 2.000 réis por dia, uma ninharia para o farol, e taxas bem pesadas de entrada, limpeza, etc. Os navios portugueses e brasileiros não pagam ancoragem, mas estão sujeitos a tonelagem[...].⁸³

Segundo Argemiro Ribeiro de Souza Filho, a Junta de Governo Provisório, governou a Província entre 10 de fevereiro de 1821 e 1º de fevereiro de 1822.⁸⁴ Composta por uma maioria de deputados portugueses, defendia prioritariamente, os interesses dos grandes proprietários de terras e comerciantes baianos.⁸⁵ Ao se referir sobre os ricos comerciantes beneficiados pelas deliberações da Junta de Governo Provisória, Maria

Coutinho. SILVA, Ignácio Accioli de Cerqueira e. Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia. Anotado por Braz do Amaral. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1919-1931.3v.p.272-273. In: FILHO, Argemiro Ribeiro de Souza. *Projetos políticos na revolução constitucionalista na Bahia (1821-1822)*. Almanack brasiliense, n.7, p. 103, maio.2008.

⁸² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 172.

⁸³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 172.

⁸⁴ FILHO, Argemiro de Souza. *Projetos Políticos na Revolução Constitucionalista da Bahia (1821-1822)* ... pp. 104-105.

⁸⁵ Márcia Regina Berbel informa que: “Na Bahia, a adesão às cortes ocorreu já em fevereiro de 1821, antes do juramento do rei no Rio de Janeiro, e a formação da junta de governo indicou a vitória dos constitucionalistas da nova província. O processo eleitoral baiano arrastou-se até o mês de setembro e abril a possibilidade de um intenso debate entre partidários e opositores da ordem constitucional, que sinalizavam para futuros enfrentamentos entre as duas alas”. BERBEL, Márcia Regina. Os apelos nacionais nas cortes constituintes de Lisboa (1821/22). In: MALERBA, Jurandir. (Org.) *A Independência Brasileira-Novas dimensões...* p. 197.

Graham cita que “Um dos membros da Junta Provisória é o maior comerciante de escravos daqui”. Por conseguinte, tal configuração protecionista para com os comerciantes lusitanos, suscitou a rivalidade política com parte dos habitantes brasileiros nativos da província, provocando as lutas pela tentativa de deposição e substituição dos antigos membros da Junta. Nas palavras da autora:

Parece que as tropas reais de Portugal pretendem certa supremacia e, acima de tudo, requisitaram os fuzis e a munição das outras; há assim uma disputa em que tomam parte realistas e independentes e todos os dias esperam-se hostilidades.⁸⁶

As reclamações dos rebeldes que se opunham à Junta de Governo Provisório da Bahia, incluíam desde a denúncia de monopólio no comércio de carnes para a cidade, por parte de um membro da Junta, até a acusação de ter o governador praticado diversos atos de prisões arbitrárias, com punição de degredo. Maria Graham, tece a narrativa dos acontecimentos, descrevendo seu posicionamento crítico, que percorre livremente as páginas de seu Diário:

A primeira Junta Provisória perdeu vários de seus membros; dois deles foram como deputados para Lisboa e os outros estão ausentes por doença ou incompatibilidade. O partido que se opõe a esta junta fala claramente em independência e quer que ao menos a metade do governo provisório seja de brasileiros nativos. Queixam-se amargamente de que, em vez de remediar os males de que sofriam antes, a Junta os agravou por vários atos arbitrários, e afirmam que um dos seus membros, que possui uma grande fazenda de criação, obteve um monopólio pelo qual nenhum homem pode fornecer o mercado de carne sem sua permissão, e assim a cidade está mal abastecida. Este gênero de queixas sempre excitará indignação popular e parece atingir agora o máximo[...]. O governador realmente prendeu diversas, parece que dezessete pessoas, de maneira arbitrária[...] e pôs alguns a bordo da *Dom Pedro*, outros a bordo dos transportes na baía a fim de serem levados para Lisboa.⁸⁷

⁸⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 175.

⁸⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 184-185.

Figura 5: *Police – Bahia*. 1821. Aquarela de Maria Graham.



Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

A cidade de Salvador contava com um dinâmico comércio interprovincial, o que lhe garantia dentre outros, o abastecimento de mercadorias agrícolas e de carnes, além do comércio com os sitiantes produtores que viviam próximos ao principal centro urbano baiano. É relevante retornarmos à citação feita pela autora, de que o abastecimento de carne verde estava subordinado à prática do monopólio, para entender como os mecanismos mercantis locais influenciavam na subsistência da população como um todo. “[...]e afirmam que um de seus membros, que possui uma grande fazenda de criação, obteve um monopólio pelo qual nenhum homem pode fornecer o mercado de carne sem

sua permissão, e assim a cidade está mal abastecida”.⁸⁸ À exemplo do comércio feito com grandes produtores agrícolas, também outros modelos produtivos afirmavam suas posições no mercado abastecedor de alimentos, nas primeiras décadas do século XIX na Bahia.

Neste sentido, a ilha de Itaparica e a cidade de Cachoeiras destacaram-se como importantes fornecedoras de uma vasta gama de produtos. Maria Graham observou os movimentos e sutilezas deste vasto mercado produtor, traduzindo em palavras a cena paisagística, composta pelos plantios nos arredores da cidade durante um passeio a cavalo. A partir da variedade de espécimes⁸⁹ cultivados em plantações de pimenteiros, café e algodão, nos sítios dispostos ao longo dos caminhos que percorreu, recorreu, à guisa de esclarecimento aos seus leitores, aos seus conhecimentos sobre as origens históricas da introdução da pimenta no Brasil colonial:⁹⁰

Passei a cavalo com o Sr. Dance e o Sr. Ricken pelas margens do dique, decididamente a mais bela paisagem deste belo país[...] e tornou nosso pequeno passeio às grandes plantações de pimenteiros às quais nos dirigimos, delicioso. As sebes estão, nesta estação, alegres coma a florada de café, mas é muito cedo para a pimenta ou algodão atingirem seu esplendor. Não há muitos anos que Francisco da Cunha e Meneses mandou a pimenteira de Goa para estas plantações, que foram, mais tarde ampliadas por ele, quando se tornou governador⁹¹ da Bahia. Daqui se enviaram exemplares para Pernambuco, que pegaram no Jardim Botânico.⁹²

⁸⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 184.

⁸⁹ Segundo Mary Del Priore: “Diversificar a cultura era uma questão de sobrevivência não somente econômica. Como também política[...]em fins do século XVIII, a diversificação foi pioneiramente praticada pelos Jardins Botânicos, cuja finalidade principal consistia na aclimação de plantas exóticas ou no aprimoramento dos conhecimentos das espécies nativas”. PRIORE, Mary Del. *Histórias da Gente Brasileira, v.2-Império...* p. 132.

⁹⁰ Sobre o envio de exemplares de pimenteiros para serem aclimatadas no Jardim botânico de Olinda, e da importância desta instituição, Denis Bernardes nos informa que: “Em 19 de novembro de 1792, uma carta régia mandava estabelecer em Pernambuco um Jardim Botânico à semelhança do que se havia criado no Pará e que servisse de sementeira de árvores de madeira de construção, para serem semeadas nas matas reais. Esta decisão real, contudo, somente foi executada em 1811 como consequência da invasão de Caiena, vindo daí mudas e sementes, parte destinada ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e parte ao de Olinda[...]. Mudas e sementes vieram acompanhadas pelo botânico francês Étienne Paul Germain, que se encarregou do seu plantio. [...]À instalação do Jardim Botânico de Olinda se deve parte da atual paisagem nordestina, pois foi a partir da sementeira nela instalada que se difundiram pela região mudas de fruta pão, de várias espécies de mangueiras, da caneleira e tantas outras, de tal forma aclimatadas que se integraram como se dela fossem nativas”. BERNARDES, Denis. *O Patriotismo Constitucional: Pernambuco, 1820-1822...* pp. 42-43.

⁹¹ Nas anotações do tradutor Américo Jacobina Lacombe: “Francisco da Cunha e Meneses foi governador da Bahia de 1802 a 1805”. In: GRAHAM, Maria. *Diário de Uma Viagem ao Brasil...* p. 177.

⁹² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 176-177.

A cidade de Cachoeiras importante distrito produtor provincial, foi descrita pela autora como “populosa e ativa, pois é o lugar em que se reúne a produção de um distrito considerável, especialmente algodão e fumo, a fim de ser embarcado para a Bahia”.⁹³ Em companhia do cônsul inglês Sr. Pennel, a escritora relata seu passeio pela ilha de Itaparica, revelando a dinâmica produtiva das diversas fazendas que visitou. “O açúcar é o produto principal de Itaparica, mas a maior parte das aves, verduras e frutas consumidas na Bahia vêm também da ilha. Extrai-se cal[...]das madreperolas e corais encontrados na praia”.⁹⁴

Em suas anotações, esboçou com traços incisivos, a cruel realidade do contexto escravocrata que subsistia na província da Bahia. Assim, podemos dizer que os panoramas paisagístico, arquitetônico e da atividade agropecuária existentes na ilha, delineados por Maria Graham com o colorido de seu espírito crítico e curioso, foi obscurecido pelo detalhamento comparativo sobre as diferenças existentes na conjuntura servil dos cativos empregados ou nas lavouras, ou na fabricação do açúcar ou ainda, nas destilarias ou nas casas-grandes:

Não há cidade em Itaparica, mas sim uma vila, ou aldeia, com um forte na ponta de Itaparica que domina a passagem entre ela, o continente e também a foz do rio, na qual fica *Nazaré da Farinha*, assim chamada pela abundância da produção deste artigo. Há também muitas fazendas que, com suas construções para escravos e gado, podem ser consideradas como outras povoações. Cada fazenda de açúcar ou *engenho*[...]tem sua pequena comunidade de escravos em torno; e nas suas cabanas podem usufruir alguma coisa semelhante às bênçãos, da liberdade, nos laços e benefícios da família, que eles não estão impedidos de manter.⁹⁵ [...]Cada uma contém quatro ou cinco quartos e cada quarto parecia abrigar uma família. Estes escravos de fora da casa,

⁹³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 190.

⁹⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*... p. 179.

⁹⁵ Sobre as possibilidades de amplitude de socialização, proporcionadas pelo estabelecimento dos laços de casamento entre escravos, Maria Cristina de Vasconcelos cita que: “A organização familiar estava presente para quase metade dos cativos, que buscavam a socialização, a criação de redes de conhecimento e de auxílio e que estavam, em meio ao sistema de dominação senhoril, buscando formas de melhor levar a vida[...]Existiam, dentro dos limites impostos a seres escravizados, momentos de relativa manifestação de suas vontades, como na introdução de algumas preferências na hora da escolha do cônjuge”. VASCONCELOS, Maria Cristina de. *Casar ou não, eis a questão. Os casais e as Mães Solteiras Escravas no Litoral Sul-Fluminense, 1830-1881*... pp. 300-301. Segundo Cristiane Pinheiro Santos: “Casamento em que um dos cônjuges tinha sua liberdade poderia facilitar a união do casal, desde que este se dispusesse a seguir seu companheiro, o que tornava mais difícil quando os dois eram propriedade do mesmo proprietário e, segundo a lógica escravista, não eram donos de suas vontades. O casamento entre escravos do mesmo proprietário era, relativamente mais viável. Tal fato podia significar uma convivência maior, o que facilitaria essas relações de intimidade”. JACINTO, Cristiane Pinheiro Santos. *Desvendando modos de organização familiar de sujeitos escravizados em São Luiz no século XIX*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, 2005.

pertencentes aos grandes engenhos, estão em geral em condições muito superior aos escravos pertencentes aos senhores cuja posição é mais próxima à deles, porque “quanto mais o senhor está distante de nós em lugar e categoria, mais liberdade usufruímos, menos são inspecionadas e controladas nossas ações, e mais pálida fica a cruel comparação entre a nossa própria sujeição e a liberdade, ou mesmo o domínio de outro”. Mas na melhor das hipóteses, os confortos dos escravos serão precários.⁹⁶

A autora ainda traçou uma interessante nota comparativa entre os velhos costumes escravistas praticados em Roma, e a situação de desamparo social a qual os escravos doentes, idosos e improdutivos estavam sujeitos no Brasil, “O costume de expor os escravos velhos, inúteis ou doentes numa ilha do Tibre para ali morrer de fome, parece ter sido assaz comum em Roma”.⁹⁷ Pelos escravos serem abandonados à esmo e à própria sorte, Maria Graham cita:

Aqui não é raro conceder a alforria quando ele está muito velho ou muito doente para trabalhar, i.é, pô-lo pela porta a fora para mendigar ou morrer de fome[...]A pobre criatura que era uma escrava despedida[...] morreu em dois dias. Suas doenças eram idade e fome.⁹⁸

A realidade escravocrata brasileira, na qual a cronista estava imersa, aflorou em sua escrita sob a forma de denúncia declarada: “outro dia tomei alguns jornais velhos da Bahia exemplares da *Idade do Ouro*,⁹⁹ e encontrei na lista dos navios entrados durante

⁹⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, pp. 178-179.

⁹⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 179.

⁹⁸ Segundo Evaristo de Moraes: “Entre os que, logo nos primeiros tempos do Brasil independente, se impressionaram com o regime da escravidão, cumpre destacar José Bonifácio de Andrada e Silva. Já em 1823 redigia ele, com o fim de apresentar à constituinte, um projeto, só publicado em 1825, no qual se juntavam providências de elevado alcance social e econômico em prol dos cativos. Assim era que fixava a proibição do tráfico para o término de cinco anos; firmava o direito de se alforriar o próprio escravo, pagando o preço por que fora comprado; facilitava a libertação gradual; obrigava o senhor a sustentar o escravo que alforriasse por muito velho ou por enfermo; proibia a venda em separado do escravo e da escrava que fossem casados, bem como a venda em separado da mãe escrava e filhos menores de 12 anos; assegurava a liberdade das escravas que se amiassem aos senhores, bem como aos filhos menores de 12 anos; bem como que elas houvessem dos senhores; garantia o pecúlio do escravo; permitindo-lhe herdar e deixar por sua morte o que possuísse; vedava trabalhos insalubres e demasiados a escravos menores de 12 anos; velava pela saúde da escrava grávida ou depois do parto; facultava o casamento de escravos e escravas com pessoas livres; estimulava a libertação dos escravos pertencentes a párocos e outros eclesiásticos”. MORAES, Evaristo De. *A Escravidão Africana No Brasil- Das Origens À Extinção...* p. 43.

⁹⁹ Sobre o jornal *Idade D'ouro* no Brasil, segundo jornal brasileiro a circular após a chegada de João ao Brasil em 1808: “segundo jornal publicado no Brasil[...]foi lançado no dia 14 de maio de 1811 em Salvador, sob a proteção do então governador geral da Bahia, Marco de Noronha e Brito, o conde dos Arcos. [...]era uma espécie de diário oficial da época, feito para dar publicidade aos atos oficiais e defender

três meses deste ano os seguintes dados: entre 25 de março a 26 de junho de 1821, chegaram 1574 escravos vivos e 374 mortos”.¹⁰⁰ E a autora continua declarando, “de modo que da carga destes cinco navios, calculada acidentalmente, mais de um quinto morreu na travessia”.¹⁰¹ Maria Graham documentou em seu Diário, nefastas informações sobre o que ocorria nos navios negreiros durante a travessia atlântica, sobretudo nos navios franceses: “jovens negras, metidas em barricas e atiradas ao mar quando os navios são perseguidos; negros presos em caixas quando os navios são revistados, com uma remota possibilidade de sobreviver à prisão”.¹⁰² Em tom de denúncia, narra a triste cena:

Neste momento mesmo, há um navio negreiro desembarcando a sua carga, e os escravos estão cantando enquanto vão para a praia. Deixaram o navio e percebem que vão para a terra firme. E assim, ao comando de seu feitor, estão a cantar uma das canções de sua terra em um país estranho. Pobre desgraçados! Pudessem eles antever o mercado de escravos, a separação de amigos e parentes a que ali se procederá, a marcha para o interior, o trabalho nas minas e nos engenhos de açúcar e a canção deles seria um grito lamentoso[...]este é o principal porto de escravos do Brasil.¹⁰³

Maria Graham informa ainda sobre a presença de setores contrários ao comércio de africanos na imprensa baiana: “digo com prazer que a imprensa da Bahia chegou ultimamente a imprimir um panfleto contra o comércio de escravos”.¹⁰⁴ O lucro fabuloso resultante deste infame comércio, é demonstrado nas linhas que se seguem:

Durante o último ano setenta e seis navios partiram deste porto para a costa d’África, e é sabido que muitos deles tomarão escravos ao norte da linha, a despeito dos tratados ao contrário[...]um proprietário, contudo, fica bem satisfeito se um carregamento em cada três chega a salvamento, e oito ou nove viagens fazem uma fortuna.¹⁰⁵

os direitos da Coroa portuguesa no Brasil. http://bndigital.bn.gov.br/acervo_digital/ Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

¹⁰⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 186.

¹⁰¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 186.

¹⁰² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 186.

¹⁰³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 191.

¹⁰⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 191.

¹⁰⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 191.

Durante a sua permanência em Salvador, a cronista conviveu cotidianamente com o espetáculo daquela sociedade escravista, predominantemente composta de cativos africanos, submetidos às mais humilhantes condições de sobrevivência. A dominação senhorial na Bahia atingira gigantescas proporções. As relações interpessoais dos proprietários com seus escravos, documentadas no *Diário de uma Viagem ao Brasil*, afetaram profundamente o olhar da autora. Nos derradeiros dias da estadia na Bahia, Maria Graham, assim como o seu marido, Capitão Thomas Graham, encontravam-se com a saúde extremamente debilitada. Nesta mesma passagem, a autora nos informa sobre a terrível enfermidade que acometeu ao Capitão, cujo desdobramento foi sua morte no início do ano de 1822. A autora nessa passagem, deixa entrever que a conturbada cena política e social brasileira, os impactou física e mentalmente. Atribuiu a isso a enfermidade de seu marido.

O capitão Graham foi tomado de uma doença súbita e alarmante[...]o capitão piorou visivelmente[...]as desordens deste clima estão lamentavelmente enfraquecendo-o, atacando-lhe tanto a alma como o corpo, produzindo uma dolorosa sensibilidade ao mais leve incidente.

Em dezembro de 1821, após o período de 53 dias em que Maria Graham esteve visitando Salvador, a autora despede-se da cidade, referindo-se em seu Diário sobre o término bem-sucedido da missão diplomática, na qual estava representada. Menciona ainda o seu frágil estado de sua saúde, circunstância com a qual precisou conviver e lutar desde tenra idade até os seus dias finais:

Este lugar está agora tão tranquilo que os comerciantes se sentem em plena segurança. Portanto vamos deixar a Bahia. Despedi-me de várias pessoas hospitaleiras que foram muito atenciosas conosco. Minha saúde está tão ruim que se não fosse em obediência a esse dever de civilidade e que me julgo obrigada, não teria voltado à terra. Mas tudo está feito, e estamos no momento de levantar âncora.¹⁰⁶

¹⁰⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 192.

1.3 - *O Rio de Janeiro na perspectiva historicizada da autora e o adeus ao querido Capitão.*

Finalmente, após quatro dias de navegação desde Salvador, a comitiva inglesa em missão diplomática a bordo da *Doris*, avistou a baía da Guanabara. O impactante panorama, descrito e representado inúmeras vezes, por diversos viajantes que estiveram de passagem no Rio de Janeiro,¹⁰⁷ estava finalmente descortinado diante dos olhos atentos da escritora.

Com toda a sua exuberância, a visão da paisagem carioca causou-lhe um inédito maravilhamento. Nada do que vira antes, desde sua chegada ao Brasil, como a lembrança do colorido brilhante da paisagem pernambucana, ou a visão inesquecível da cidade de Salvador, havia, contudo, inspirado tanto a sua escrita. A espetacular cena carioca, há muito que povoava a fantasia dos viajantes europeus, ávidos por vivências e descobertas nos trópicos americanos. A aproximação imaginária de territórios tão distantes foi possível, contudo, a partir da circulação na Europa no início do século XIX, de edições ilustradas dos relatos de viagens. Nesse sentido, Ana Maria Belluzzo nos informa que “Os viajantes que chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século XIX, poderiam conferir imagens e opiniões, que circularam pela Europa e lhes contrapor fatos da experiência”.¹⁰⁸ A abordagem por mar da cidade do Rio de Janeiro e seu entorno, despertava nos cronistas estrangeiros, as mais arrebatadoras sensações.

Maria Graham documentou em suas páginas, a primeira impressão que teve com a visão da baía. A cidade vista do mar, a partir do costado do morro Pão de Açúcar, como nos revela a gravura de sua autoria, *O Pão de Açúcar, na entrada da baía do Rio de Janeiro*, é comparado às suas mais inesquecíveis memórias de viagens. É relevante considerarmos aqui, que a análise da fonte que ora privilegiamos, é feita a partir da perspectiva do lugar de construção da narrativa. Qual é o lugar de origem da observação

¹⁰⁷ Sobre referenciar alguns viajantes que passaram pelo Rio de Janeiro nas primeiras décadas dos Oitocentos, privilegiamos autores ingleses, por ter este estudo como objeto, a narrativa historicizada da conterrânea Maria Graham. Para tanto, recorremos a Ana Maria Belluzzo que informa serem os seguintes nomes: “Emeric Essex Vidal (1808); William Havel (1816); Auguste Earle (1820); William Gore Ouseley (1823); William Burchell (1825); William Smyth (1832); John Christian Schetky (1833). BELLUZZO, Ana Maria. *O Viajante e a paisagem brasileira*. Revista Porto Alegre, v.15, nº25, novembro /2008. Já o autor C. De Mello Leitão, complementa o quadro com John Mawe (1807); Henry Sidney e Henry Koster (1809); John Luccock (1808); Waterton (1816); Alexander Caldcleugh (1819); Edward Thornton (1919); James Henderson (1919). LEITÃO, C. De Mello. *O Brasil Visto pelos Ingleses...* pp. 15-16-19-20.

¹⁰⁸ BELLUZZO, Ana Maria. *O Viajante e a paisagem brasileira...* pp. 1-7.

que dará lugar à narrativa da cronista durante o período da sua primeira viagem ao Brasil? A resposta a esta pergunta, encontra-se ao longo da leitura das páginas dos documentos.

A perspectiva da escrita de Maria Graham, é construída sobretudo, a partir de seu lugar de representatividade diplomática a bordo de um navio de guerra. O exame da sociedade brasileira e das peculiaridades pertinentes elaborado pela autora, tem como ponto de partida um minucioso estudo do conjunto dos contextos históricos e políticos provinciais e nacionais. Desta forma, ela coloca em perspectiva histórica,¹⁰⁹ os cenários locais, sociais e econômicos presentes nas províncias visitadas no Brasil.

Dito isso, inferimos que sua vivência tão próxima ao universo militar, tornou possível, facilitou, uma abordagem mais analítica e mesmo crítica, da realidade brasileira testemunhada. Viajando ordinariamente como tripulação de navios de guerra britânicos, ora sob o comando de seu pai, George Dundas, Vice-Almirante e Comissário do Almirantado britânico, ora sob o de seu marido, o Capitão da Marinha de Guerra inglesa, Thomas Graham, a autora visitou a Índia, o Ceilão, a Escócia e a Itália, antes de embarcar para a missão diplomática na América do Sul.

Segundo Rodolfo Garcia[...]nos princípios de 1808, em companhia de seu pai estive na Índia. No ano seguinte[...]com o marido voltou ao continente indiano[...]em 1819[...] passaram algum tempo na Itália”.¹¹⁰ A narrativa de sua permanência no Rio de Janeiro, que durou de 15 de dezembro de 1821 até o dia 10 de março de 1822, encerra um período em sua escrita, que claramente identificamos como sendo um tempo ligado a uma representatividade política e militar, associada a imagem de seu marido, como agentes da diplomacia inglesa.

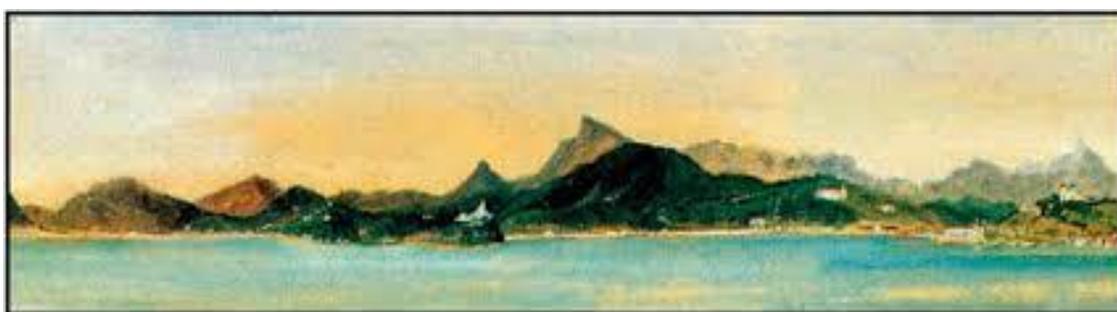
Retornemos, pois, à primeira cena registrada por Maria Graham sobre a cidade do Rio de Janeiro, nos posicionando imaginariamente no tombadilho do navio, que lentamente singrava as águas tranquilas da baía da Guanabara:

¹⁰⁹ Para justificar a nossa escolha sobre uma interpretação historicizada da escrita de Maria Graham, recorremos aos estudos de Ana Maria Belluzzo, para quem “O viajante poderia estar habilitado a ler a morfologia do território ou estar apto a colocar em perspectiva histórica o cenário divisado[...]. Seria induzido a registrar costumes por motivações diplomáticas ou suas observações seriam sustentadas por interesses comerciais?”. BELLUZZO, Ana Maria. *O viajante e a paisagem brasileira*. Porto Alegre: Porto Alegre, v.15, n°25, pp.1-7, novembro de 2008. Novembro /2008.

¹¹⁰ GARCIA, Rodolfo. Explicação. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1940. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* pp. 11-12.

Nada do que vi até agora é comparável em beleza à baía. Nápoles, o Firth of Firth, o porto de Bombaim e Tricomalee, cada um dos quais julgava perfeito em seu gênero de beleza, todos lhe devem preito porque esta baía excede cada uma das outras em seus vários aspectos. Altas montanhas, rochedos como colunas superpostas, florestas luxuriantes, ilhas de flores brilhantes, margens de verdura, tudo misturado com construções brancas, cada pequena eminência coroada com sua igreja ou fortaleza, navios ancorados, ou em movimento e inúmeros barcos movimentando-se em um tão delicioso clima, tudo isso se reúne para tornar o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que a imaginação pode conceber.¹¹¹

Figura 6: *Vista da Bahia da Guanabara*, S/D. Aquarela de Maria Graham.



Fonte: British Library, Londres.

Maria Graham observa com precisão e sensibilidade, a movimentação no entorno do Porto do Rio de Janeiro de diversos navios estrangeiros e portugueses. A sede da Monarquia Portuguesa estava em franco processo de crescimento. Tudo estava em movimento. Ao contrário do que tinha registrado sobre Pernambuco que “encontrou a cidade em estado de sítio[...]todas as lojas estão fechadas e toda a alimentação escassa e cara”, ou ainda sobre a Bahia, “desembarcamos no Arsenal, [...]tudo está visivelmente, ou em suspensão ou em decadência[...]e é sem exceção o lugar mais sujo que eu já tenha estado”, o Rio de Janeiro, no entanto, era a maior cidade da América do sul. Era para a Corte que todos os destinos convergiam. Os destinos políticos, comerciais e econômicos.

O intercâmbio de navios de longo percurso para a importação e exportação de artigos manufaturados e agrícolas, competia dinamicamente com o comércio de cabotagem costeira interprovincial. O Porto do Rio de Janeiro, no início do século XIX,

¹¹¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 195.

contava com a principal Alfândega do Reino. Segundo C. de Mello Leitão, “A situação privilegiada do Rio de Janeiro, a segurança de seu porto, o grau relativamente elevado de civilização a que chegou, faziam dele escala forçada”.¹¹²

Era também paradoxalmente, uma cidade de escravos. Alberto da Costa e Silva, informa que: “No ano de 1821, o número de cativos formava um terço da população do Rio de Janeiro”.¹¹³ Neste contexto para Mary Del Priore: “A rápida intensificação do processo de urbanização, o aumento populacional e a passagem de uma economia fechada para uma aberta se fizeram acompanhar de reflexos nos mais variados grupos sociais”. E a autora ainda completa: “[...]viveu-se a partir de então, uma aceleração das comunicações, uma evolução das técnicas, um encontro com novos atores urbanos, que pouco a pouco mudou a cara da cidade”.¹¹⁴

A cidade barulhenta, e com ares cosmopolitas, abrigava a maior sociedade de ingleses no Brasil. Sobre a proeminência de cidadãos ingleses no Rio de Janeiro, Luciana de Lima Martins esclarece: “Em 1808, a cidade tornou-se também sede do quartel-general da base naval da Marinha Real Britânica da América do Sul”.¹¹⁵ Nesse sentido, Gilberto Ferrez cita que os ingleses, “[...]formavam uma sociedade à parte e seus divertimentos eram os passeios a cavalo ou a pé[...]as contínuas visitas de cortesia entre si, piqueniques, recepções, jantares e bailes[...]”.¹¹⁶

Por suporem ser uma longa estadia na cidade, seria necessário que os doentes a bordo, ficassem em terra por um certo tempo. Maria Graham conseguiu, por intermédio de amigos conterrâneos, “uma casa confortável num dos subúrbios do Rio, chamado Catete”. A partir deste momento, “comecei a tomar conta da casa em terra”. Descreveu a seguir, como de hábito, suas impressões sobre a oferta de alimentos disponíveis para o consumo da população: “Encontramos verduras e aves muito boas, mas não baratas”.

¹¹² LEITÃO, C. de Mello. *Visitantes do Primeiro Império*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p. 17.

¹¹³ SILVA, Alberto da Costa E. População e Sociedade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org.) *Crise Colonial e independência 1808-1830...* p. 46.

¹¹⁴ PRIORE, Mary Del. Cotidiano, Permanências e Rupturas no Rio de Janeiro à época da chegada da Família Real. In: IPANEMA, Rogéria de. (Org.) *D. João, e a Cidade do Rio de Janeiro 1808-2008 ...* pp. 67-69.

¹¹⁵ Sobre as bases navais inglesas na América do Sul, Luciana de Lima Martins esclarece que: “Com o propósito de assegurar seus interesses marítimos, o governo britânico mantinha navios de guerra em várias bases estrangeiras: cada base estava encarregada de patrulhar uma área ou uma zona, contava com um esquadrão e um quartel-general, ou centro de operações”. MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes olhar britânico (1800-1850) ...* p. 71.

¹¹⁶ FERREZ, Gilberto. In: HAMOND, Graham Eden. *Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond...* p. 3.

Informou ainda a existência das práticas de monopólio no comércio de carne: “a carne verde é barata, mas ruim; há um açougueiro monopolista e ninguém pode matar um animal, sequer para consumo próprio”.¹¹⁷

Com o intuito de registrar as peculiaridades econômicas do Rio de Janeiro, Maria Graham traçou um retrato da dinamicidade do comércio local e interprovincial de suprimentos. Detalhou ainda alguns aspectos característicos da culinária fluminense. Aqui, longe de reconhecermos a escritora sempre envolta com as representações diplomáticas, encontramos uma cronista curiosa e despreocupada que, com originalidade, descreveu os hábitos alimentares de ambos os setores ricos e pobres da sociedade. Mencionou o gosto e a gulodice da maioria da população pelos doces, e acrescentou inclusive, uma receita popular de preparação do feijão:

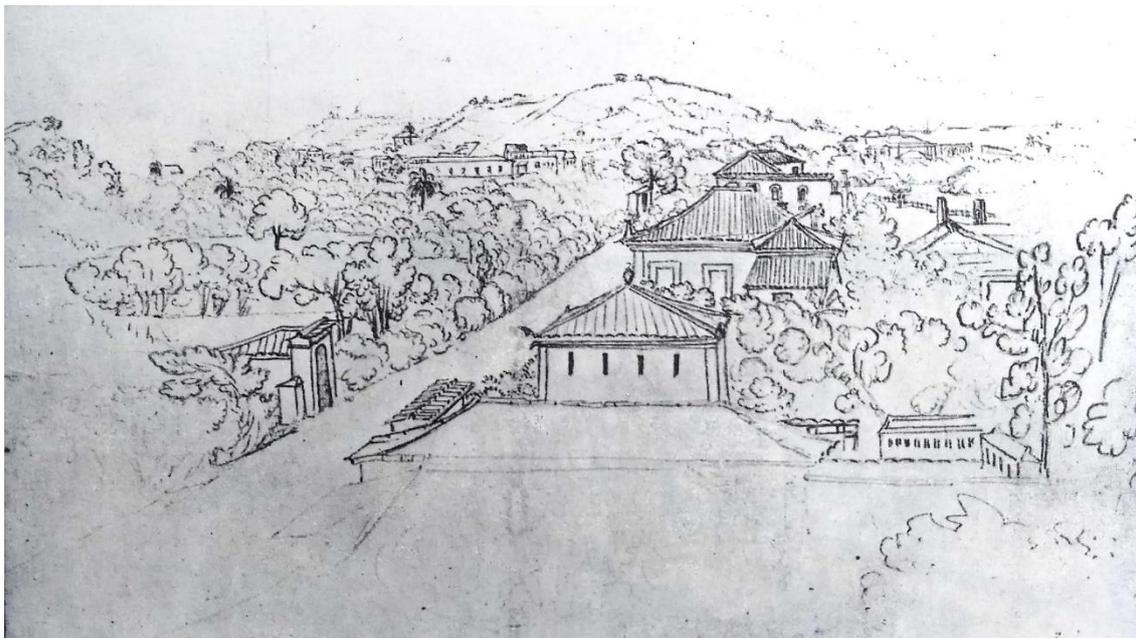
O pão de trigo usado no Rio é feito principalmente de farinha americana e, de um modo geral, bem bom. Nem a capitania do Rio nem as do Norte produzem trigo, mas nas terras altas de São Paulo e Minas Gerais e nas províncias do Sul, é cultivado em boa escala e com grande sucesso. O grande artigo de alimentação aqui é a farinha de mandioca. Usa-se sob a forma de um bolo largo e fino como um requinte[...]. Na mesa dos ricos é usada em todos os pratos que se comem, tal como comemos pão. Os pobres empregam-na de todas as formas: sopa, papa, pão[...]. Depois da mandioca, o feijão é a comida predileta, preparado de todas as maneiras possíveis, porém frequentemente cozido com um pedacinho de carne de porco, alho, sal e pimenta.¹¹⁸

Ao prosseguirmos na leitura de seu Diário, percebemos que sua escrita, agora que está fora do navio, reflete um despreocupado estado de espírito, pleno de entusiasmo pela proximidade de amigos conterrâneos: “O Sr. Hayne, um dos comissários da comissão de tráfico e sua irmã propuseram uma excursão ao Jardim Botânico”. Os amigos tinham, portanto, a intenção de distraí-la, levando-a para conhecer os arredores suburbanos da cidade. Parece-nos aqui, que os ares da Corte do Rio e Janeiro fizeram bem a autora.

¹¹⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 196.

¹¹⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 169.

Figura 7: *Rua do Catete- caminho para a Glória.* Desenho de Maria Graham.



Fonte: *Diário de uma viagem ao Brasil, 1990.*

Embora lutasse desde a juventude com um quadro de doença pulmonar crônica, sentia-se cada dia mais saudável por estar em contato com uma “cidade tão rica em belezas naturais”. Assim, procurou manter as visitas de cortesias e os passeios exploratórios pelos campos e subúrbios, na maioria das vezes em companhia de amigos. Maria Graham afirmou que: “É difícil saber quem mais apreciou esta manhã[...]Com poucas delas creio que não há doença que não desapareça”. A partir desta citação, cabe aqui a reflexão, sobre a relação que Maria Graham estabelecia entre a manutenção da saúde, e a satisfação diletante de viver em contato com a natureza. A autora afirma que: Desde a excursão ao Jardim Botânico, alguns de nossos doentes começaram a melhorar”.¹¹⁹

¹¹⁹ Sobre a relação estabelecida entre o convívio com a natureza e a ideia de salubridade, Keith Thomas cita que “Em fins do século XVIII, o apreço pela natureza selvagem, se convertera numa espécie de ato religioso. A natureza não era só bela; era moralmente benéfica[...]ela não proporcionava apenas um lugar de privacidade, uma oportunidade de autoexame e de devaneio íntimo[...]tinha um papel mais positivo: exercia um salutar poder espiritual sobre o homem”. THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1983, p. 309.

Ainda fora dos limites urbanos da cidade, aproveitou os primeiros dias na metrópole, descrevendo os hábitos e modos da vizinhança nos subúrbios e “conhecer um pouco mais dos habitantes, dos quais, os mais divertidos, tanto quanto pude ver até agora, são certamente os negros que transportam frutas e verduras para vender”.¹²⁰ A autora continuou a descrever o singular grupo de escravos de ganho.¹²¹ Acentuou, entretanto, que ao tomar conhecimento da história de vida e das características culturais destes indivíduos, sua maneira de vê-los mudou:

Os guardas –marinha fizeram amizade com alguns. Um deles tornou-se até amigo da casa, e depois de vender frutas de seu senhor, ganha uma pequena gratificação para ele próprio, pelos contos, suas danças e suas cantigas. Sua tribo, ao que parece, estava em guerra com um rei vizinho. Ele partiu para a luta ainda menino, foi feito prisioneiro e vendido. Esta é provavelmente a história de muitos, mas o nosso amigo a conta com movimento e ênfase, mostra as feridas, dança a sua dança de guerra, grita sua canção bárbara, de modo que, de escravo selvagem, transforma-se em objeto de tocante interesse.¹²²

A alteridade presente nas representações da autora abordando a problemática da escravidão, é a chave para entendermos a dimensão crítica de suas denúncias sobre a sociedade escravocrata brasileira. Maria Graham atribui aos negros, a alegria das cidades brasileiras, cotidianamente animadas pelas suas memórias coletivas expressadas nos cantos, batuques e danças.

Os negros tanto livres quanto escravos, parecem alegres e felizes no trabalho. Há tanta procura deles que se encontram em pleno emprego e têm, naturalmente boa paga. Lembram aos outros aqui o menos possível

¹²⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 203.

¹²¹ Luiz Carlos Soares analisa em *Os Escravos de Ganho no Rio de Janeiro do Século XIX*, o trabalho escravo urbano no Rio de Janeiro, apresentando a tipologia da chamada “escravidão de ganho”, caracterizada pelo emprego de numeroso contingente de cativos em inúmeras atividades econômicas de prestação de serviços, como em pequenos comércios, quitandas, barbearias, transporte de cargas e passageiros, oficinas artesanais, manufaturas e comércio ambulante. Essa modalidade de trabalho, além de manter o sustento do proprietário do cativo e de sua família, conferia certa autonomia econômica aos escravos, que ainda que tivessem que efetuar os pagamentos obrigatórios, em acertos diários, semanais ou ainda mensais, tinham a oportunidade de juntar ao longo dos anos, certo pecúlio, que seria usado para a compra de alforrias. Segundo o autor, “Na primeira metade do século XIX, a presença de grandes contingentes de escravos nas ruas do Rio de Janeiro, foi um fenômeno muito comum, que impressionou inclusive a muitos viajantes estrangeiros que visitaram a cidade. Uma parcela considerável desses cativos era constituída pelos escravos de ganho”. SOARES, Luiz Carlos. *Os Escravos de Ganho no Rio de Janeiro do Século XIX*... p. 108.

¹²² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*... p. 203.

a triste condição servil, a não ser quando se passa pela rua do Valongo. Então todo o tráfico de escravos surge com todos os seus horrores perante nossos olhos. De ambos os lados estão armazéns de escravos novos, chamados aqui peças, e aqui as desgraçadas criaturas ficam sujeitas a todas as misérias da vida de um negro novo, escassa dieta, exame brutal e açoite.¹²³

Sobre o esforço que deveriam os negros e mulatos empreender para que tivessem mais chances de sobreviverem ao cativeiro, e conquistar alguma mobilidade social a partir da conquista das cartas de alforria,¹²⁴ Maria Graham contribuiu acrescentando à documentação existente ao tema, valiosas páginas sobre a visita que fez à Fazenda N.S. da Luz, em Guaxindiba, localidade “cerca de doze milhas do Rio, para o fundo da baía”. Durante os três dias que passou na fazenda em companhia do administrador da propriedade, a autora nos conta que “Os negros e mulatos tem fortes motivos para esforçar-se em todos os sentidos e serem consecutivamente, bem-sucedidos naquilo que empreendem”. Continua a escritora a descrever as engenhosas qualidades daquela população africana: “O Sr. P.[...]contou-me que os negros crioulos e mulatos são muito superiores em diligencia aos portugueses e brasileiros, os quais, por causas não difíceis de serem imaginadas, são pela maior parte, indolentes e ignorantes”.¹²⁵

São os melhores artífices e artistas. A orquestra da ópera é composta, no mínimo, de um terço de mulatos. Toda a pintura decorativa, obras de talha e embutidos são feitos por eles; enfim, excedem em todas as artes e engenho mecânico.¹²⁶

A autora acrescentou ainda, importantes informações sobre a vida cotidiana dos negros escravos na fazenda N.S. Da Luz. Contou-nos por exemplo, que durante um passeio que fez pela fazenda, em companhia do administrador, encontrou numa casinha,

¹²³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 208.

¹²⁴ Sobre o tema de alforrias, Eduardo França Paiva investigou os processos de manumissão, partindo da hipótese de que os cativos engendravam engenhosas cadeias de sociabilidades com os seus senhores, a fim de adquirirem a Carta de alforria, a partir do exercício de suas habilidades tecidas ao longo de sua permanência no cativeiro. Os investimentos pessoais em bons comportamentos e em práticas cotidianas produtivas, assim como em sentimentos de lealdade para com o senhor, seriam as vantagens para que, então, “tempos mais tarde, serem eles os escolhidos pelo proprietário moribundo, entre todos os outros companheiros, para ganharem suas Cartas de Liberdade. PAIVA, Eduardo França. *Pelo justo valor e pelo amor de Deus: As Alforrias nas Minas*. In: Clotilde Andrade Paiva; Douglas Cole Libby. (Org.) 20 anos do Seminário sobre a Economia Mineira-1982-2002. Coletânea de trabalhos, 1982-2000... pp. 313-341.

¹²⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 240.

¹²⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 240.

um casal de escravos já envelhecidos, que apesar de não trabalharem mais, continuavam morando nas terras do senhor e sustentavam-se com autonomia própria. “Eram dois negros envelhecidos a serviço da fazenda e hoje inúteis”. Acrescenta ainda que: “De fato vivem numa cabana em terras do senhor, mas sustentam-se com a criação de algumas aves e com a fabricação de cestas”.¹²⁷ Maria Graham declara ainda em suas anotações, desprezar os conceitos vigentes naquele início do século XIX sobre a inferioridade da raça negra. “Saí antes do almoço em companhia de um carpinteiro negro como guia. Este homem de alguma instrução[...]revela uma rapidez de percepção que não dá fundamento à pretendida inferioridade da raça negra”.¹²⁸ Depois de presenciar a passagem de revista de toda a população escrava da fazenda, quando eram distribuídas roupas novas aos homens e mulheres, “distribuíam-se camisas e calças limpas aos homens; blusas e saias às mulheres, e algodão branco muito grosso”, além de responderem perguntas “relativas a eles próprios, sua família e seu trabalho”, cada um dos escravos “recebia uma quantidade de rapé ou tabaco, segundo a sua preferência”.¹²⁹ A autora finalizou esta passagem, nos contando sobre os cantos e batuques que presenciou na senzala, fazendo referência ao culto que o grupo de cativos fazia à lua e as memórias culturais que compartilhavam mutuamente. Interessante observarmos nessa passagem, que Maria Graham se refere ao satélite como sendo um planeta:

Foi então que ouvi sons de música[...]a voz dos escravos[...]enganando seus sofrimentos com cantigas estranhas tocadas em rudes instrumentos africanos[...]fui logo às cabanas dos escravos casados, onde se realizava a função e encontrei os grupos a brincar, a cantar e a dançar à luz da lua. As venerações supersticiosas por este belo planeta dizem ser bem generalizada na África, tal como pelas Plêiades entre os índios do Brasil; provavelmente os escravos, ainda que batizados, dançam para a lua lembrando-se de casa.¹³⁰

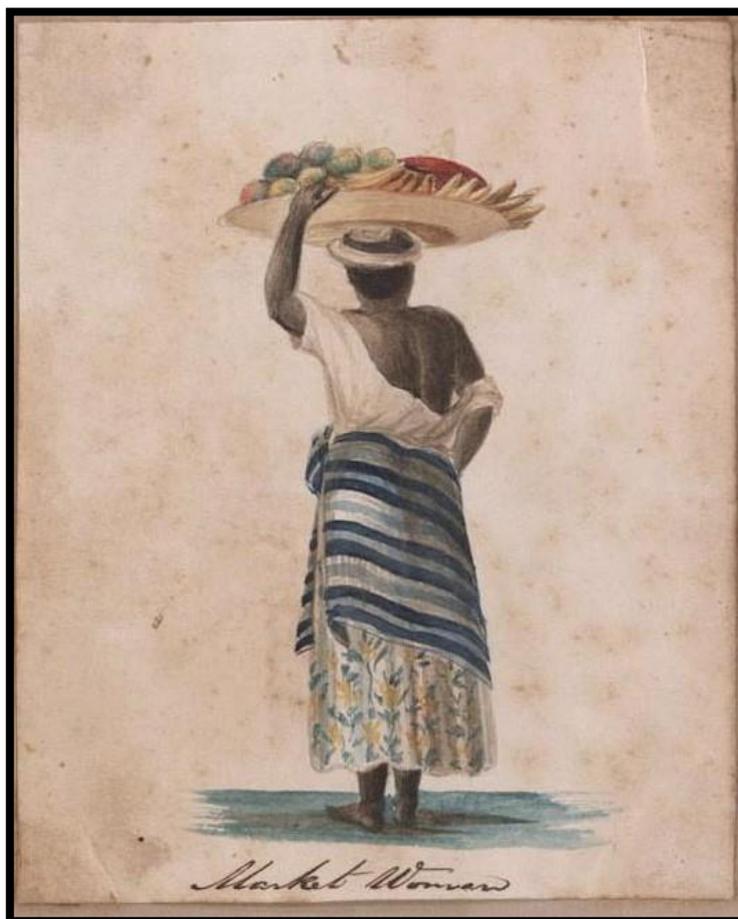
239. ¹²⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p.

¹²⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 239.

¹²⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 240.

¹³⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 213.

Figura 8: *Mulher vendedora do mercado.* S/D. Aquarela de Maria Graham.



Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

De volta ao Rio de Janeiro, deixou a casa do Catete e instalou-se juntamente com os demais oficiais convalescentes, a bordo do navio. Outra vez, suas atenções orbitariam as densas questões políticas que varriam o país desde as províncias do Norte até as do Sul. A cidade estava em alerta. O Príncipe havia recebido ordens para retornar a Portugal. “Esta mensagem despertou a mais viva indignação, não somente no ânimo de Sua Alteza Real, mas dos brasileiros de ponta a ponta do reino”.¹³¹

A pressão política, como vimos anteriormente nas províncias de Pernambuco e da Bahia era enorme. O povo e as elites brasileiras desejavam a permanência do príncipe no Brasil e a extinção dos tribunais de justiça em Lisboa, pois consideravam que as

¹³¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 213.

deliberações das Cortes tinham um propósito de cunho recolonizador.¹³² Maria Graham relata que:

Os brasileiros consideram esse passo como uma preliminar para extinguir nesse país os tribunais de justiça que, durante quatorze anos, se mantiveram aqui, transferindo-se assim as causas para Lisboa, por cujo meio o Brasil será de novo reduzido à condição de uma colônia dependente, em vez de gozar de direitos e privilégios iguais aos da mãe-pátria, o que é uma degradação a que eles não estão dispostos, de maneira alguma.¹³³

As tensões entre os oficiais das tropas de Lisboa e o Príncipe D. Pedro, se avolumaram. O Soberano não queria acatar as ordens de Lisboa. Ao contrário, pretendia energicamente ficar no Brasil e perpetuar a linhagem dinástica dos Bragança. Esta resolução acirrou ainda mais os ânimos belicosos dos militares portugueses. Em seu texto, a autora mencionou pela primeira vez os rumores que havia sobre a possibilidade da independência do Brasil.

Os brasileiros esperam ardentemente que ele possa ficar e alguns há que anteveem a possibilidade de se declarar ele abertamente pela independência desta terra. Qualquer que seja sua resolução, teme-se que haja muito tumulto, se não uma guerra civil.¹³⁴

No dia 9 de janeiro de 1822, o Príncipe recebeu uma grande comitiva de deputados e representantes do povo, que foi encontra-lo após reunirem-se na Câmara do Rio. Estavam determinados a pedir que D. Pedro ficasse no Brasil, atendendo a vontade da maioria do povo brasileiro.¹³⁵ Maria Graham assim relatou este dia:

¹³² Segundo Lúcia Bastos Pereira das Neves: “Foi no início de dezembro que chegaram ao Rio de Janeiro os decretos de 29 de setembro, que não só referendavam que as juntas provinciais deveriam se subordinar diretamente a Lisboa, como também exigiam a volta do príncipe regente a Portugal”. NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. *A Vida política. In: História do Brasil Nação: 1808:2010*. SCHWARCZ, Lília Moritz. (Dir.) *Crise Colonial e Independência 1808-1830*.v.1.SILVA, Alberto da Costa. (Org.). Madrid: Fundación Mapfre e Editora Objetiva,2011, p. 94.

¹³³ GRAHAM. Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 213.

¹³⁴ GRAHAM. Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 217.

¹³⁵ Segundo Oliveira Lima: “O auto dessa sessão única da vereação fluminense comportou, porém, uma declaração complementar, que se reflete nos dois editais sucessivos do senado da câmara ao povo do Rio de Janeiro. Segundo o auto e o primeiro edital, este do próprio dia 9, a resposta do príncipe regente foi a seguinte: “Convencido de que a presença de minha pessoa no Brasil interessa ao bem de toda a nação portuguesa, e conhecido que a vontade de algumas províncias assim o requer, demorei a minha saída até

Houve ontem uma reunião na Câmara do Rio e após uma curta deliberação, os seus membros foram em procissão, acompanhados de um grande concurso de povo, ao Príncipe, com uma enérgica petição contra a sua saída deste país e uma viva súplica para que ele ficasse no meio de seu fiel povo. S.A.R. recebeu-os gentilmente e respondeu que, desde que parecia ser a vontade de todos, e para o bem de todos, ele permaneceria. Esta declaração foi recebida com gritos e com entusiasmo, correspondido com descarga de artilharia e com todos os sinais de regozijo público.¹³⁶

A autora ainda nos conta sobre os desdobramentos que se seguiram à decisão do Príncipe em ficar no Brasil. As tropas portuguesas, após a renúncia de seu comandante, o General Jorge de Avilez, haviam declarado insubordinação às ordens reais. Na noite do dia 12 de janeiro, Maria Graham que estava no teatro, testemunhou que enquanto toda a corte e o casal real assistiam ao espetáculo no Real Teatro, os soldados portugueses começaram um levante, a fim de convulsionar a cidade:¹³⁷

Cerca de 11 horas, porém, o príncipe foi chamado para fora de seu camarote e informado de que corpos de vinte a trinta homens das tropas portuguesas estavam percorrendo as ruas, a quebrar janelas e insultar os transeuntes em seu percurso de quartel em quartel, nos quais tudo tinha a aparência de um motim organizado[...]. O príncipe após tomar as providências necessárias, voltou ao espetáculo e apresentando-se com a princesa, então próxima ao parto, à frente do camarote, dirigiu-se ao povo e afirmou que não havia nada de grave[...].e apelou para que não deixassem o teatro, aumentando assim o tumulto e lotando as ruas, mas que permanecessem até o fim da peça, como ele pretendia fazer.¹³⁸

O motim, entretanto, persistiu, e a autora escreveu que as tropas portuguesas marcharam para o morro do Castelo, “que domina as principais ruas da cidade[...] ameaçavam saquear a cidade”.¹³⁹ Entretanto, continua, “O Príncipe foi incansável, de

que as Cortes e meu Augusto Pai e senhor deliberem a este respeito, com o perfeito conhecimento das circunstâncias que tem ocorrido”. O auto diz, todavia, no Pós-escrito que as palavras de S.A. Real[...] foram as seguintes: como é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto; diga ao povo que fico”. LIMA, Manoel de Oliveira. *O Movimento da Independência (1821-1824)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005, p. 136.

¹³⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 217-218.

¹³⁷ Sobre este episódio, Oliveira Lima cita: “A sedição fervia e rompeu nessa mesma noite, quando grupos de 20 a 30 soldados portugueses, armados de cassetetes, percorreram as ruas quebrando vidraças, insultando os transeuntes e praticando outros tais desacatos contra as casas decoradas de luminárias pelo motivo do *Fico*, aos gritos de: “esta cabrada leva-se a pau”. LIMA, Manoel de Oliveira. *O Movimento da Independência (1821-1824)* ... p. 141.

¹³⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 222.

¹³⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 223.

modo que pelas quatro horas da manhã do dia 12 ele se encontrou à frente de uma tropa de quatro mil homens no Campo de Sant’Ana”.¹⁴⁰ Contudo, frente a inferioridade numérica, as tropas portuguesas foram vencidas e mandadas a transferirem-se para a Praia Grande, atual cidade de Niterói, de onde embarcariam de volta a Portugal. Maria Graham não poderia deixar de participar de um evento tão decisivo para o desfecho da imensa crise política em curso. Ela nos conta que:

Desembarquei com um oficial logo que pude, principalmente com o objetivo de ver as tropas do Campo de Sant’Ana [...]. Resolvi procurar a viscondessa do Rio seco no meu caminho, para oferecer-lhe abrigo na fragata[...]prometemos-lhe, que quando ela fizesse um sinal da casa dela, ou mandasse um recado, teria logo proteção[...]. Havendo encorajado a minha amiga quanto podia, fomos para o Campo e encontramos os brasileiros[...]. Os homens pareciam saudáveis ativos e cheios de ânimo e pode ser imaginação minha, mas deram-me a ideia de homens resolutos e determinados a defender seus direitos e sus lares. Fiquei bem impressionada com o ambiente que encontrei no Campo[...] demorei-me algum tempo para assegurar-me de que tudo se resolveria sem derramamento de sangue, salvo duas ou três pessoas mortas acidentalmente durante a noite.¹⁴¹

Na sequência dos acontecimentos, a autora documentou em seu Diário, que havia chegado a mensagem sobre um pedido de proteção para o Príncipe e sua família, a bordo da fragata inglesa, o que no desenrolar dos fatos, isso não foi necessário. Ela escreveu: “A resposta, naturalmente, foi que, ainda que o navio deva observar a mais estrita neutralidade entre as partes, estamos prontos[...]para receber e proteger a Princesa e os infantes e[...]o próprio Príncipe”.¹⁴² E acrescentou que, “Minha cabine está, assim, pronta”.¹⁴³

¹⁴⁰ Oliveira Lima recorre aos escritos de Maria Graham: “Ordem fora dada para que no campo se congregassem todos os cavalos e muares que fosse possível encontrar na capital. Na madrugada de 12 já nada menos de 4.000 homens ali se achavam reunidos, dispondo de animais e prontos para a ação. Nas palavras de Mrs. Graham, se eram deficientes em matéria de disciplina profissional, eram formidáveis pelo número e pela determinação de que se achavam possuídos”. LIMA, Manoel de Oliveira. *O Movimento da Independência (1821-1824)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005, p. 142.

¹⁴¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 224.

¹⁴² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 227.

¹⁴³ Oliveira Lima recorre às anotações de Maria Graham sobre este episódio: “No risco de perder a partida em que se empenhara antes da exuberância do movimento popular fazer pender a balança para o lado nacional, Dom Pedro achou também avisado preparar para si e os seus um asilo a bordo da fragata inglesa Doris. Conta mrs. Graham, mulher do comandante, que pessoas ricas para lá mandaram por segurança seus objetos de valor e que ela aprontou o seu beliche para receber a família real, no caso desta procurar refúgio, como fora formulada a hipótese. A autora refere que o recado veio sem que ela soubesse a fonte: “A message, I do not know of what authority, arrived to know if the Prince, and Family, could be

A missão diplomática da comitiva inglesa no Rio de Janeiro havia terminado e a fragata Doris seguiria seu destino. Mais uma vez a autora mencionou o estado de saúde do Capitão Graham. Ele havia piorado gravemente das crises de Gota, e em consequência, Maria Graham não desembarcava há quinze dias. Entretanto, a despeito da severa enfermidade de seu marido, era chegada a hora de partir. No dia 10 de março de 1822, o navio finalmente seguiu viagem para o Chile. A viagem nos primeiros 15 dias transcorreu com tranquilidade. Porém logo após, vieram os primeiros ventos “fortes de SO e mar grosso[...]Estamos envolvidos por um mar escuro e violento[...]acima de nós um céu frio, denso, escuro[...], contudo, há um prazer em vencer as ondas[...]e em lutar assim com os elementos”.¹⁴⁴

Maria Graham, nessa passagem demonstrou que compartilhava do espírito militar e aventureiro dos demais oficiais pertencentes a missão diplomática de seu navio. Não há em sua narrativa a menção de medo do mar. Resume bem o que sentem os tripulantes de um navio ao sabor das ondas tempestuosas, de um mar furioso. Ao longo 40 dias da viagem para o Chile, viveram momentos intermináveis de escuridão, de intensas tempestades de vento, gelo e mar violento, quando a Doris quase fora a pique. Quando toda a tempestade passou, o objetivo único da tripulação foi o da sobrevivência e salvamento. Sobrevivência das vidas. Salvamento do navio, e o alívio de finalmente chegar ao destino.

Entretanto, o Capitão Graham não conseguiu ver a costa chilena. Não resistira à sua enfermidade. Nessa triste passagem, Maria Graham deixa-nos o adeus ao seu querido capitão. O mais melancólico e grave depoimento, jamais escrito em todas as páginas do Diário:

O três de abril em diante tornou-se o registro de um agudo tormento. De minha parte esperanças e temores alternados através de dias e noites de escuridão e tempestades, que agravam a desgraça dessas horas desgraçadas. Na noite de 9 de abril, pude despir-me, e ir para a cama pela primeira vez desde que deixei o Rio de Janeiro. Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei; quando acordei foi para tomar consciência de que estava só, e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes. Muitas coisas dolorosas ocorreram. Mas tive também conforto. Encontrei simpatia e auxílio fraterno em alguns, e não fui

received and protected on board”. LIMA, Manoel de Oliveira. *O Movimento da Independência (1821-1824)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005, pp. 143-144.

¹⁴⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 247.

insensível ao comportamento afetuoso de meus rapazes, como eram chamados os guarda-marinha. Tive consolo de sentir que nenhuma mão estranha havia fechado os olhos de meu marido, ou amaciado o travesseiro. [...]mas que poderia fazer-me qualquer gentileza humana? Minha consolação precisa vir d'aquela que, a seu tempo, “tirá todas as lágrimas de nossas faces”.¹⁴⁵

Nos nove meses seguintes, Maria Graham já viúva, fixou residência na cidade chilena de Valparaíso. Retornou ao Brasil pela segunda vez março de 1823, chegando na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Américo J. Lacombe, “Das *Notícias Marítimas do Diário do Governo*, de 15 de março de 1823, consta: Entradas: dia 13 da corrente: Valparaíso, 60 dias, B. ingl. Colonel Allan, passageiros: Lord Cochrane com 6 criados, 11 oficiais e uma mulher. Essa mulher era Maria Graham”.¹⁴⁶

¹⁴⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 252.

¹⁴⁶ LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina* ... p. 12.

CAPÍTULO 2

A dualidade narrativa de Maria Graham: conexões entre a voz subjetiva do seu universo privado e do olhar político sobre a vida pública.

2.1- Na Escrita de Si, subjetividade, reflexões e melancolia.

O século XIX na Europa foi marcado por grandes transformações sociais, culturais e econômicas,¹⁴⁷ em parte possibilitadas pelas conquistas científicas advindas do Século das Luzes. Era um tempo em que o mundo se espalhava em novos continentes para além dos horizontes marítimos conhecidos. Os reinos europeus enviavam expedições científicas e acadêmicas às Américas, ávidos por protagonizar a vanguarda nas descobertas por recursos minerais, botânicos e animais, que lhes consolidassem um lugar no pódio político das potências comerciais e culturais.¹⁴⁸ Desde então, os viajantes tornaram-se importantes atores históricos. Desenharam e escreveram sobre seus testemunhos e descobertas no novo mundo tropical, legando aos futuros historiadores e pesquisadores das terras visitadas, valiosos acervos documentais.

¹⁴⁷ Segundo René Rémond, “As transformações mais visíveis, talvez também as mais decisivas, que afetam o século XIX, suas estruturas e seus ritmos decorrem da economia, e estão ligadas à revolução industrial, à floração de invenções que, de repente, aumentam o poder do homem sobre a matéria, às maquinarias e à sua aplicação na produção. Essa revolução técnica suscita novas formas de atividade profissional, modifica as condições de trabalho, dá origem[...]a novos tipos sociais”. RÉMOND, René. *Introdução à História de nosso tempo: O Século XIX-1815-1914*.v.2.São Paulo: Editora Cultrix, 1974.p. 53.

¹⁴⁸ Mirian Moreira Leite informa que “ É possível estabelecer uma correlação entre o número de viajantes provenientes das diversas procedências e o predomínio industrial desses locais de origem, no comércio internacional[...]Na esfera dos viajantes, essas tendências se refletiram no número de oficiais da marinha, diplomatas, cientistas, missionários e comerciantes[...]O número de viajantes ingleses foi maior, seguido pelos franceses, americanos e os de língua alemã[...]Embora em número mais reduzido, houve russos, dinamarqueses, suecos , belgas e italianos, procedentes de economias em expansão, através do comércio e da abertura de um novo conhecimento do globo”. LEITE, Mirian Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro- Século XIX...* p. 28.

Logo no Prefácio do *Diário de uma Viagem ao Brasil*, Maria Graham, ao declarar sua profissão de fé como escritora, evidencia a expectativa que nutre quanto à relevância de seus escritos para os estudiosos da nossa História:

Não é com pequena ansiedade que este Diário é lançado ao mundo. Espero que desperte interesse pelo país, tornando-o mais bem conhecido. Talvez tenha a autora sobre-estimado sua capacidade, ao tentar fixar o curso de um acontecimento tão importante como a emancipação de tamanho império do domínio da mãe-pátria[...]. Irrompeu então a luta, parte da qual teve a autora oportunidade de testemunhar e a respeito da qual pôde colidir com alguns dados, que poderão servir no futuro como fontes para a História. Confia ela em que, se toda a verdade não for encontrada em suas páginas, não haverá ali senão a verdade.¹⁴⁹

A aproximação imaginária de territórios tão distantes foi possível, a partir do aumento da circulação na Europa, ainda no final do século XVIII, das edições ilustradas dos relatos de viagens. Tais publicações - diários, cartas e livros de memórias - pertencentes ao gênero de Literatura de Viagem destinavam-se a ser guias para leitores interessados sobre as especificidades naturais e etnográficas dos novos destinos possíveis. Sobre esta documentação, Mirian Moreira Leite¹⁵⁰ assinala que “os livros de viagem se distinguem em função da finalidade com que foram escritos. Alguns são correspondência dirigida à família[...]outros são diários de viagem” e, completa: “existem ainda memórias, guias comerciais e turísticos, relatórios científicos e álbuns de desenho”.

Em sintonia com a vanguarda de seu tempo, a inglesa Maria Graham, ao chegar chegou no Brasil, aos 36 anos, já havia publicado na Inglaterra três Diários de viagem, além de um livro de memórias. Esta bibliografia foi ricamente ilustrada com gravuras de desenhos e aquarelas de sua autoria, concebidos enquanto esteve nos anos de 1810 e 1813 visitando o continente indiano, e posteriormente, ao longo dos três meses quando residiu na cidade de Roma em 1819. Sublinhamos que Maria Graham por ser uma escritora mulher, logrou o extraordinário feito à época, por ter duas de suas publicações, ao tempo

¹⁴⁹GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 20-21.

¹⁵⁰LEITE, Mirian Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro- Século XIX...* p. 29.

em que chegou ao Brasil, reeditadas em segundas edições. Américo Jacobina Lacombe¹⁵¹ relacionou-nos as seguintes obras deste período:

Journal of a residence in India. Illustrated by engravings. Edinburg: G. Ramsay and Co.,1812, 2ª Edição,1813.

Letters on India- With etchings and a map. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown,1814.

*Three months passed in the mountains east of Rome during the year 1819.*London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown,1820, 2ª edição,1821.

*Memoirs of the Life of Nicholes Poussin.*london,1820.

Para além das obras citadas acima, a produção literária de Maria Graham foi numerosa, e igualmente pródiga quanto ao sucesso de vendas. Ao longo de toda a sua vida publicou o total de 16 obras, entre livros de viagem, História, arte, botânica, e infantil, como veremos a seguir:

*Journal of a Residence in Chile, during the year 1822; and a Voyage from Chile to Brazil, in 1823.*London: Longman, Hurst, Rees, Orme e Brown; and John Murray,1824, 2ª edição em 1825.

Journal of a Voyage to Brazil, and Residence there during part of the years 821,1822,1823. London: Longman, Hurst, Rees, Orme e Brown; and John Murray,1824.

Voyage of H.M.S. Blonde to the Sandwich Islands, in the years 1824-1825. London: John Murray,1826.

Obs. Neste livro, a escritora fora contratada pelo editor John Murray, para organizar a obra.

A Short History of Spain. London: John Murray,1828.

Obs. Esta obra obteve novas edições entre os anos 1835 a 1840, e foi encomendada pelo editor John Murray, que desejava que fosse escrita uma História da Espanha, que tivesse uma linguagem mais popular e fosse acessível ao público jovem.

¹⁵¹LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina.* Belo Horizonte: Itatiaia,1997, p. 20-21.

Description of The Chapel of the Annunziata Dell’Arena; Or Giotto’s Chapel, in Pádua. 1835.

Obs. Este livro foi editado e impresso por Maria Graham, sem recorrer a qualquer editora.

Little Arthur’s History of England. London: John Murray, 1835.

Obs. Este foi o livro de maior sucesso da autora, alcançando mais de 70 edições, chegando a ter a última edição atualizada no ano de 1937, e perfazer um total de 800 mil cópias. No Brasil foi traduzido ineditamente para a língua portuguesa pelo Acadêmico piauiense Buggy Britto, em 1941/43.

Histoire de France du Petit Louis. Londres: Edward Moxon, 1836.

Essays Towards the History of Painting, by Mrs. Callcott. London: Edward Moxon, 1836.

Continuation of Essays Towards the History of Painting. London: Edward Moxon, 1838.

Palm Sunday; or Little Mary’s Saturdays Walk. Kensington, 1840.

The Little Bracken-Burns. A Tale: And Little Mary’s four Saturdays. London: John W. Parker. 1841. (2ª ed. 1847; 3ª ed. 1849; 4ª ed. 1854; 5ª ed. 1861).

A Scripture Herbal. London: Longman, Brown, Green, and Longmans, Paternoster-Row, 1842.

Escritores viajantes tinham como modelo ideal de conhecimento, a observação e apreensão do mundo natural, tanto quanto fosse possível. Nesse sentido, Ana Maria Belluzzo informa que “muitas dessas edições fizeram parte da cultura do viajante”, e eles, quando “chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século XIX, poderiam conferir imagens e opiniões, que circularam pela Europa e lhes contrapor fatos da experiência”.¹⁵²

No *Diário de Uma Viagem ao Brasil*, há um trecho ilustrativo sobre tal questão. Referente a ele, Maria Graham afirma: “se as Histórias dos velhos viajantes sobre a vida no campo dos brasileiros são verdadeiras, a mudança não foi só rápida, mas completa”.¹⁵³

¹⁵² BELLUZZO, Ana Maria. *O Viajante e a paisagem brasileira*. Revista Porto Alegre, Porto Alegre, v.15, nº25, novembro /2008, pp. 3- 4.

¹⁵³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 346.

Nessa passagem, a escritora deixou claro para o leitor, que havia lido narrativas de autores viajantes mais antigos e, portanto, podia comparava-as criticamente com o que via na atualidade de seu tempo.

Ainda no campo literário, com o advento do romance, emergiu um público leitor notadamente influenciado pelas representações ficcionais pertinentes ao gênero. Desta forma, com o propósito de ilustrar as mudanças ocorridas ao longo do Oitocentos, que tornaram possíveis o aparecimento no século seguinte de novas sensibilidades, Norma Telles¹⁵⁴ nos lembra que, com a ascensão da burguesia na Inglaterra, houve o surgimento do romance moderno. A consolidação dos valores burgueses consagrou a noção de indivíduo. O seu lugar na sociedade e os aspectos relevantes de sua vida privada propiciaram a prática da escrita de si. Segundo Angela de Castro Gomes, as relações entre a subjetividade do eu, e as representações da realidade de sua experiência existencial: “afirmaram o triunfo do indivíduo como sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos”.¹⁵⁵

É a subjetividade do autor a emergir na narrativa auto referencial, ao comunicar aos seus leitores a veracidade de seus testemunhos: “[...]sua autoridade, sua legitimidade como *prova*. Assim, a autenticidade da escrita de si, torna-se inseparável de sua sinceridade e de sua singularidade”.¹⁵⁶ Como exemplo de tal interação, extraímos alguns fragmentos textuais das fontes analisadas, no intuito de demonstrar que a autora ao percorrer os caminhos nebulosos da memória, entrelaçou-os frequentemente a referências de sua biografia.

Em um sensível esboço elaborado pela artista, a sua escrita autobiográfica revela-se como um fio condutor no desenho em seus textos. Maria Graham o faz mesclando seu mundo privado e sensível ao universo transitório e público de suas narrativas sobre os contextos políticos observados. Essa dualidade na escrita amplia e ressignifica sua voz.

Talvez restem ainda demasiadas referências de natureza pessoal, mas o que fica dito é, pelo menos, honesto[...]sabendo que nenhum bem humano pode ser alcançado sem certa dose de mal, espera ter sempre

¹⁵⁴ TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 402.

¹⁵⁵ GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História...* p. 13.

¹⁵⁶ GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História...* p. 15.

encarado as questões pelos dois lados, ainda que isto lhe tenha custado bastante esforço na composição.¹⁵⁷

É em vão que eu me orgulho de ter recobrado a firmeza de ânimo. Estou ainda sujeita a fraquezas por qualquer pequeno incidente, e sou obrigada a fugir de meus sentimentos particulares, interessando-me ultimamente, e com empenho, pelos negócios deste país. Um coração humano, pode, sem dúvida, interessar-se pelos fatos em que está em causa a felicidade de milhões de seus semelhantes.¹⁵⁸

Na alvorada do novo século, os escritores de então não mais invocavam os velhos modelos ficcionais anteriores. Aquelas edições tradicionais, ligadas a mitologias, a religiões, a lendas, ou ainda, a fontes literárias de um passado da antiguidade, tinham um “direcionamento coletivo”. Elas não mais traduziam as aspirações das novas mentalidades sociais. Robert Darnton esclarece que, a partir da segunda metade do século XVIII, há um declínio da literatura religiosa e uma correspondente ascensão das novelas.¹⁵⁹ O autor ainda informa sobre as primeiras décadas do Oitocentos: “os livros de viagem, história natural e novelas ocuparam lugares de destaque nas bibliotecas aristocráticas e burguesas europeias”.¹⁶⁰

Segundo Márcia Abreu, “Estima-se que aproximadamente dois mil romances foram publicados durante o século XVIII na Inglaterra, o que ajuda a entender a existência de tamanha discussão sobre o gênero”.¹⁶¹ Maria Graham estava a par das tendências temáticas das novas sensibilidades literárias de sua época. No *Diário*, a autora refere-se ao romance como um gênero literário distinto, capaz de apreender a densidade dos aspectos íntimos nas vidas privadas dos indivíduos. Além disso a autora admite que os escritores dedicados a esse gênero, possuem talentos intelectuais muito superiores aos seus, como veremos no exemplo a seguir:

Durante uma visita de três dias que fez à Fazenda N.S. da Luz em março de 1822, a autora narrou com a alteridade própria de seu olhar, os detalhes notáveis da história de vida de um casal de escravos que vivia naquela fazenda. A sensibilidade latente, aflorada ao longo do texto, informa ao leitor a impossibilidade de a escritora elaborar um romance

¹⁵⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 19.

¹⁵⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 321.

¹⁵⁹ DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da História: Novas Perspectivas...* p. 207.

¹⁶⁰ DARNTON História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da História: Novas Perspectivas...* p. 206.

¹⁶¹ ABREU, Márcia. et al. *Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX...* p. 7.

com a profundidade necessária exigida pelo forte tema, segundo consta no relato da fonte:

[...]algumas perguntas feitas ao Sr.P. acerca dessa pessoa, induziram-me a perguntar sua história. Parece que ele é um mulato remador, o escravo de mais confiança da fazenda, e rico, porque foi tão industrioso que conseguiu uma boa porção de propriedade privada, além de cumprir seus deveres para com o senhor. Na sua mocidade, e ainda não é velho, havia-se ligado a uma negra crioula, nascida como ele, na fazenda; mas não se casou com ela senão quando obteve bastante dinheiro para compra-la, de modo que seus filhos, se os tivesse, nascessem livres. Desde esse tempo enriqueceu bastante para comprar sua própria liberdade, mesmo pelo alto preço que um escravo como ele deve alcançar, mas o seu senhor não lhe quer vender a alforria, por serem seus serviços valiosos demais para dispensá-los, apesar de sua promessa de ficar trabalhando na fazenda. Infelizmente, essa gente não tem filhos. Portanto pela morte deles, a propriedade, agora considerável, reverterá ao senhor. Se tivessem filhos, como a mulher é livre, eles poderiam herdar a propriedade materna e não há nada que possa impedir ao pai transferir à esposa tudo o que possui. *Gostaria de ter o talento de escrever uma novela a respeito dessa história de escravos; mas os meus escritos, como os meus desenhos, não conseguem ir além da descrição da natureza e permito que melhores artistas possam aproveitar o assunto.*¹⁶² (Grifo nosso)

Para Robert Darnton¹⁶³, na Europa moderna a maioria da população não possuía acesso à escrita. A prática da leitura oral constituía – se numa atividade social, podendo ser exercida em ambientes domésticos com a família reunida à beira do fogo, ou em reuniões de camponeses, de operários. Era também praticada nas tabernas urbanas, onde cidadãos representantes das camadas populares compartilhavam momentos de lazer. A oralidade mediou ordinariamente a vida cotidiana de homens e de mulheres comuns, nas suas representações públicas e privadas. O autor esclarece que a leitura “era quase sempre oral e[...]enquanto mulheres costuravam e os homens consertavam ferramentas, um grupo que podia decifrar um texto os regalaria com[...]algum dos livros baratos e populares”.¹⁶⁴ Roger Chartier¹⁶⁵ informa, que esses livros populares tratavam de adaptações anônimas

¹⁶² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, pp. 240-241.

¹⁶³DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da História: Novas Perspectivas...* p. 215.

¹⁶⁴DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da História: Novas Perspectivas...* pp. 206-207-208.

¹⁶⁵ Segundo Roger Chartier, “A cultura popular (que poderia também ser designada como aquilo que é considerado popular no campo da História intelectual) foi aí identificada duplamente: como um conjunto de textos - os dos pequenos livros de venda ambulante e conhecidos sob o termo genérico *Bibliothèque Bleue*; com um conjunto de crenças e de gestos considerados como constitutivos de uma

de conhecidos textos religiosos e romances medievais de cavalaria. Lígia Eugênia Cavalcante¹⁶⁶ cita que esses livros serviam “para atender à expectativa do grande público (urbanos e camponeses)”. Tal referência visa a dimensionar a *utensilagem mental* utilizada pela escritora na composição de seus textos, que a este suporte conceitual recorreu com frequência. O conceito de *utensilagem mental* englobaria um “conjunto complexo de traços filosóficos, psicológicos e estéticos, detectado entre as várias produções intelectuais ou artísticas de um período, quer pelo jogo de influências, quer pelo remeter para o espírito do tempo”.¹⁶⁷

Ao mesclar a realidade cotidiana na qual se encontrava, ao vasto acervo de sua formação intelectual, Maria Graham salientou a originalidade da sua elaboração textual. As fontes demonstram que a autora citou, desde autores reconhecidos na tradição popular europeia, até nomes consagrados nas ciências, nas artes, na literatura clássica ou nas *Belles Lettres* da Europa moderna.

Sobre a fluência de Maria Graham no uso de intertextualidades em sua escrita, recorreremos a Roger Chartier que elucida: “o que diferencia as mentalidades dos grupos sociais é, acima de tudo, o uso mais ou menos alargado que eles fazem dos *utensílios* disponíveis: os mais conhecedores aplicarão a quase totalidade das palavras ou dos conceitos”.¹⁶⁸ O escritor Tomás Lago complementa a elaboração conceitual de Lucien Febvre, comparando a mentalidade de Maria Graham, ao “*Jeu d’ esprit*” inglês Oitocentista.

Os autores deste tempo estavam tão estreitamente ligados ao “Colosso da Literatura”, que ali haviam nutrido o seu pensamento. Para Maria o seu “templo” emocional estava em concordância com o estilo desses autores, desde seu *Jeu d’ esprit*, até seu código moral e a teoria que praticavam. Assim ela pertence totalmente a sociedade inglesa desse tempo, como confirmam sua educação esmerada, e seus hábitos.¹⁶⁹

religião popular. CHARTIER, Roger. História Intelectual. In: *A História Cultural: Entre Práticas e Representações...* p. 55.

¹⁶⁶ CAVALCANTE, Lígia Eugênia. *Cultura Escrita: prática de leitura e do Impresso*. Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Computação, Florianópolis, 1.sem.p.9, 2009. Disponível em: <http://periódicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/11468>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

¹⁶⁷ FEBVRE, Lucien. A História intelectual. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e representações...* p. 35.

¹⁶⁸ CHARTIER, Roger. História Intelectual. In: *A História Cultural: Entre Práticas e representações...* p. 39.

¹⁶⁹ LAGO, Tomás. *La Viajera ilustrada- Vida de Maria Graham...* p. 19.

O conceito citado está explicitado nas palavras da autora: “Oh! Quem poderá dizer que a fama não é um bem verdadeiro. É duplamente abençoada o que a merece e o que a concede - para parodiar Shakespeare”. Eis abaixo uma expressiva passagem narrada pela autora do *Diário de uma Viagem ao Brasil*:

Em agosto de 1823, durante um passeio que fizera aos Afonsos, no Rio de Janeiro, o grupo no qual estava encontrou com um outro formado por “viajantes de aspecto original”. Ao descrever a cena representada, Maria Graham remete o leitor a comparação da improvável semelhança dos viajantes desconhecidos, aos esquisitos personagens pertencentes à autobiografia ficcional de grande sucesso popular ao longo dos séculos XVII e XVIII, l’Histoire de Gil Blas de Santinalle, do escritor realista Alain-René Lesage (1668-1747).¹⁷⁰

Todos saudaram-nos gravemente e cortesmente ao passar e imaginei que estava entre alguns dos viajantes de Gil Blas, na vizinhança de Oviedo ou Astorga, tão diferentes eram eles de qualquer coisa entre nós.¹⁷¹

No oitocentos, o romance incorporou novos argumentos. Autores passaram a narrar cenas triviais do cotidiano. Nelas, as personagens que animavam as narrativas, eram “pessoas específicas em condições particulares, e não mais como antes, tipos humanos genéricos atuando em cenários determinados pela convenção literária”¹⁷².

A leitura dos romances ficcionais dinamizou-se pelo crescente público leitor, constituído em grande parte por mulheres burguesas. Escritoras e leitoras, ganharam voz. Ainda que muitas delas ficassem à sombra de suas obras, ocultas pela adoção de pseudônimos, suas produções literárias conquistaram editores e obtiveram espaços nas prateleiras dos livreiros. Num movimento ascendente e contínuo, mais e mais leitores

¹⁷⁰ L’Histoire de Gil Blas de Santinalle é uma autobiografia ficcional, escrita por Alain-René Lesage (1668-1747), surgida entre os anos de 1715-1747 na França. Nesta obra, “percebe-se a preferência de Lesage por uma arte voltada para a observação crítica da realidade, de modo que sua leitura confirmando a tendência ao Realismo, é um painel da realidade do século XVIII, não apenas na Espanha, aonde a ação do romance se ambienta, mas em todas as sociedades europeias do período. SILVA, Evaneide Araújo da. *As faces do Realismo: Gil Blas e a tradição realista do século XVIII*. Revista Lettres Francaises, São Paulo, n.9, p.63,2008. Disponível em: <http://periódicos.fclar.unesp.br>. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

¹⁷¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*...p. 347.

¹⁷² DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da História: Novas Perspectivas*... p. 215.

liam ficções de escritoras mulheres, publicadas sobretudo em cidades da Inglaterra, Alemanha e França.

Nesse sentido, Maria Graham simboliza um exemplo bem-sucedido de escritora Oitocentista. A autora esteve na contramão do discurso em voga desde o século XVIII, que naturalizou o feminino colocando-o num lugar para aquém da cultura. Ela escreveu e editou a totalidade de suas obras afirmando sua identidade feminina. Autenticou a autoria dos manuscritos com a assinatura de seu nome, sem nunca ter recorrido a heterônimos.¹⁷³ Abaixo, transcrevemos como exemplo, a “*Nota Prévia*” publicada em 1835 à guisa de Prefácio do *Escoço Biográfico de D. Pedro I, com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro de seu tempo*:¹⁷⁴

NOTA PRÉVIA (do punho da autora)

As páginas seguintes foram escritas logo após a morte do imperador do Brasil, D. Pedro I, Duque de Bragança, etc. Deveria antes dizer que foram começadas nessa época, visto como foi então que narrei alguns de seus episódios a Miss Fox, que entendeu de tomar nota de tudo que eu dizia. Em vista disso, comprometi-me a escrever não somente o que sabia de ciência própria sobre D. Pedro, como o que havia aprendido, de bom ou de mau, a respeito dos seus primeiros tempos. Está visto que, à medida que a narrativa vai prosseguindo, muita cousa relativa ao país se mistura com ela. Sua filhinha e a sua primeira e admirável mulher serão também citadas com frequência. Para mim, o que se refere à última é a parte mais interessante da narrativa. Para aquele em cujas mãos este manuscrito provavelmente ficará, talvez as passagens referentes à minha pessoa, não sejam totalmente sem valor.¹⁷⁵

Maria Callcott

Kensington Gravel Pits

(Começado em 1834. Terminado em julho de 1835.)

Ao longo de nossa pesquisa, verificamos que as fontes revelaram algumas passagens, nas quais a autora mencionou escritoras que povoaram seu imaginário literário e a inspiraram a escrever. Destacaremos algumas delas a seguir. Certa vez, quando

¹⁷³ Nas obras da autora, encontramos as seguintes assinaturas: *Maria Graham*, assinado até o ano de 1826. Quando em 1827, ela contraiu segundas núpcias com o pintor inglês Augustus Callcott, passou a assinar *Lady Callcott*.

¹⁷⁴ LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997, p. 62.

¹⁷⁵ LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 62.

narrou uma noite tranquila e enluarada em alto mar a bordo da fragata Doris, Maria Graham relatou: “Os encantos da noite num clima meridional têm sido cantados por poetas viajados (considero poesia os escritos de *Madame de Staël*)¹⁷⁶ e também por prosadores”.¹⁷⁷

Por ser Maria Graham também tradutora, em 1824 ela editou em Londres uma versão de sua autoria para o português, do livro infantil *Little Charles* escrito por *Ana Barbauld*.¹⁷⁸ Esta obra seria utilizada na instrução de sua pupila a princesa D. Maria da Glória, filha primogênita de D. Pedro I e D. Leopoldina, e futura rainha de Portugal. Ao ser o livro apresentado à infante, Maria Graham comentou: “[...]nunca esquecerei seu enlevo[...]quando lhe apresentei o *Little Charles* da Senhora Barbauld, traduzido para seu uso e li-o com ela, exclamou: todas estas palavras são portuguesas!”.¹⁷⁹

Também acerca um encontro que tivera certa vez com a Imperatriz Leopoldina no Palácio de São Cristóvão, Maria Graham lembrou-se da escritora *Aphra Behn*, diante da situação a que fora colocada. Tal episódio levou-a a imaginar o que certas senhoras que acabara de conhecer, equivocadamente concluiriam sobre um comentário da Imperatriz a seu respeito:

Este foi, creio eu, o principal assunto da conversa que durou o bastante para que a *Senhora Consulesa* imaginasse que se havia tratado mais de política do que eu jamais pensara. Creio realmente que ela, e várias outras pessoas me julgaram, por algum tempo ao menos, uma segunda *Aphra Behn*.¹⁸⁰

¹⁷⁶ Escritora francesa, representante do Romantismo. Autora de vasta bibliografia, onde destacamos as obras: *Cartas sobre a obra e Caráter de J.J.Rousseau*.1788; *Um Tratado sobre a influência das paixões sobre a felicidade dos indivíduos e das nações*.1796. Este último considerado um dos documentos importantes do Romantismo.

¹⁷⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia,1990, p.109.

¹⁷⁸ Ana Letícia Aykin Barbauld (1743-1825), escritora e poetisa inglesa. Publicou muitos livros em prosa e verso, destacando-se entre eles *Hymn's in prose* e *Early Lessons*, que destinou à instrução infantil, com traduções em diversos idiomas. GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 88.

¹⁷⁹GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I ...* p. 88.

¹⁸⁰ Aphra Behn (1640-1689). Escritora inglesa, é reconhecida por sua poesia, dramaturgia e novelas de ficção. Talvez por ser considerada uma precursora do profeminismo inglês, pelo estilo combativo e crítico de sua escrita, Maria Graham tenha se utilizado deste exemplo, a fim de descrever o embarço ocorrido por ocasião do encontro no Palácio, entre ela, a Consulesa inglesa e a camareira- mor. Ver: GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 78.

Já sobre o seu julgamento crítico alusivo à comunidade inglesa no Rio de Janeiro, a autora recorreu a Jane Austen:

Estive até uma hora da noite em ambiente muito diferente: um baile dado pelo Sr. B., respeitável comerciante inglês[...]quanto aos ingleses, que posso dizer? São tais e quais todo o mundo os vê em sua terra, na classe a que pertencem. E as senhoras, muito boas pessoas, sem dúvida, precisariam da pena de Miss Austen para torná-las interessantes.¹⁸¹

Na citação acima, podemos perceber na alusão que Maria Graham faz à Jane Austen, o quanto as autoras representantes do romantismo inglês, a exemplo da autora de *Razão e Sensibilidade*, estavam naquele momento engajadas na escrita social. Criticavam a hierarquia e a solidez que pautava a sociedade inglesa e lutavam pela representatividade de suas vozes femininas. Assim como suas conterrâneas Mrs. Graham, registrou criticamente em sua escrita, a estranha sociedade local que encontrara. Era uma população miscigenada em cores e nacionalidades, onde a mobilidade social era muito mais permissiva, assim como era, igualmente maleável, o sentimento de pertencimento a uma determinada classe. Maria Graham observou que “os portugueses europeus ficam extremamente ansiosos por evitar o casamento com os naturais do Brasil e preferem dar suas filhas e fortunas ao mais humilde caixeiro de nascimento europeu do que aos mais ricos e meritórios brasileiros”.¹⁸²

Ainda sobre mulheres escritoras que inspiraram a escrita de Maria Graham, evidenciamos o fragmento transcrito abaixo. Trata-se da expressiva correspondência epistolar trocada entre Maria Graham e a escritora Maria Edgeworth (1768-1849),¹⁸³ que revela a aproximação intelectual existente entre as duas amigas. Além disso, ressaltamos a polida atenção a ela dispensada pela escritora irlandesa:

Irlanda- Cidade de Edgeworth, 27 de abril de 1824.

¹⁸¹ Jane Austen (1775-1817), célebre escritora inglesa, autora de romances que “tem por assunto a sociedade de seu país”. GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 203.

¹⁸² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p.157.

¹⁸³ Maria Edgeworth (1768-1849), foi uma escritora anglo - irlandesa de literatura infantil e de adultos. É considerada uma das precursoras da escrita feminina realista em literatura infantil e foi uma figura importante na evolução do romance na Europa. Como mulher avançada para o seu tempo, tinha ideias sobre política e educação. Lutou pelo aumento das oportunidades educacionais para as mulheres irlandesas, nos anos 1817. Morreu aos 81 anos em maio de 1849.

Nunca uma pessoa se sentou para escrever a uma amiga com uma intenção mais interessada do que faço agora, minha cara Senhora Graham. Ainda que possa esconder de vós sob cem capas coloridas e vistosas, contudo minha intenção me contempla o rosto com toda a sua nudez. É ela imediata: obter uma resposta de Mrs. Graham. Sim, ela escreverá; sei que ela o fará se eu lhe escrever- estou certa disso- porque, em primeiro lugar ela é de natureza muito bondosa para me recusar um favor- Depois envaideço-me de que há de guardar alguma lembrança de sua velha simpatia e do amor à primeira vista por mim. E levará isso em conta, mesmo que eu tenha merecido castigo de suas mãos- Depois, é certo que ela responderá benevolmente, porque não poderá deixar de o fazer, se eu escrever, e interessar-me por ela. Confio que me contará tudo o que se refere a ela. Seus planos e projetos, tanto no novo como no velho mundo, de tristeza ou de alegria, prosperidade ou adversidade, devem me interessar sinceramente[...].¹⁸⁴

No século XIX, mulheres escritoras, dotadas de densidade literária, tornaram-se audíveis e visíveis. Elas ocuparam lugares anteriormente destinados apenas aos homens nos mercados editoriais. Ganharam presença no universo literário. Com a publicação de *Diários de Viagem*, Maria Graham vivenciou intensamente o contexto cultural que contribuiu para que promissores horizontes comerciais se abrissem sob os novos estilos em ascensão. Do ponto de vista da Inglaterra, esse movimento estava sendo impulsionado por uma perspectiva expansionista, fundamentada em estratégias imperialistas comerciais, políticas e culturais.

A procura por livros sobre temas que exaltassem as relações da natureza com a subjetividade do indivíduo foi um indicativo da mudança de mentalidade do público letrado na Europa. Histórias abordando suas fantasias, sonhos, desejos de autoconhecimento, e aventuras extraordinárias à lugares exóticos estimularam a publicação de diários, romances e relatos de viagens. “As novelas, os livros de viagem e as obras sobre História natural tenderam a tomar o lugar dos clássicos nas bibliotecas dos nobres e dos burgueses ricos”, nos informa Robert Darnton.¹⁸⁵ Em carta a Imperatriz D. Leopoldina, do dia 2 de novembro de 1823, Maria Graham comenta sobre este fenômeno:

¹⁸⁴ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997, p. 148-149.

¹⁸⁵ DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: Novas Perspectivas...* p. 215.

Não temos no momento nada de novo na literatura, salvo um pequeno livro de viagens, escrito pelo Capitão Head. Ele fez uma viagem de Buenos Aires ao Chile, pelos *pampas* e depois pelas montanhas, para visitar as minas de ouro. Há algumas descrições naturais e agradáveis. Nossas livrarias têm uma estranha mania, a de que não se devem publicar livros novos durante o verão. De modo que, salvo as gazetas e jornais periódicos, desde o mês de maio até novembro há mingua de novidades, e depois de novembro até o fim de maio há tantas viagens, romances, histórias e poemas, que ninguém se lembra, na segunda-feira, do que foi publicado no sábado.¹⁸⁶

No século XIX, com a valorização do individualismo do cidadão moderno, a escrita de si ampliou seus horizontes. Inseriu nesse movimento, mulheres autoras, como Maria Graham. Convém aqui ressaltar, a dimensão documental alcançada por esta vasta literatura. De fato, tal escrita contempla extenso conjunto de fontes de que são exemplos biografias e autobiografias, textos para adultos e crianças, romances de aventuras, literatura fantástica, ficcional e ainda correspondências epistolares. Na fonte *Diário de uma Viagem ao Brasil*, lemos:

PREFÁCIO

Da Autora

Ainda que a ideia de uma eventual publicação não tenha sido estranha à redação deste diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada de muitos meses naquele país, muitas circunstâncias imprevistas forçaram ainda a autora a revê-lo antes de ser entregue ao prelo[...]A falta de saúde, entretanto, e, às vezes, a falta de disposição, impediram a autora de utilizar-se e todos os meios que podiam ter sido postos ao seu alcance para aperfeiçoar seus conhecimentos.[...]e que o *Diário*, cuja composição a entreteve em muitas horas de solidão e tristeza, não traga aborrecimento algum a quem quer que seja.¹⁸⁷

As práticas da escrita de si, manifestas nessa literatura, ocuparam até o final do século XVIII, um lugar reservado às biografias de personagens públicos. Mary Del Priore afirma que “as biografias tiveram importante papel na construção da ideia de “nação”, imortalizando heróis e monarcas[...]monumentos, lugares de memória, tradições

¹⁸⁶ LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, p. 53.

¹⁸⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 19-21.

populares, etc.”¹⁸⁸ Sobre a gênese da prática de escrever sobre si, Angela de Castro Gomes,¹⁸⁹ reitera: “embora o ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros, bem como escrever cartas, seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do homem moderno”.

Para tanto, Mary Del Priore nos remete ao fenômeno histórico decisivo que marcou a ruptura do homem com os antigos modelos epistemológicos que durante toda a Idade Média nortearam a imagem que este fazia de si mesmo. O Renascimento inaugurou uma longa mudança na atmosfera mental coletiva, propiciando o aparecimento no século XIX do individualismo moderno:

Com o Renascimento, emergiu uma nova maneira de viver e de conceber o destino do Homem no mundo. O indivíduo começou a se libertar de tutelas tradicionais que pesavam sobre o seu destino. Ele ousou dizer “eu”[...]O mundo social mudou de núcleo de gravidade. Das leis superiores impostas por Deus, pelo estado ou pela família, tal centro voltou-se para o culto de si. O indivíduo tornou-se meta e norma de todas as coisas.¹⁹⁰

A Literatura de Viagem chegou com intensidade no Oitocentos, e pôs em movimento as emergentes sensibilidades individuais. Caracterizando-se pela ambiguidade de seus textos, Miriam Moreira Leite,¹⁹¹ atesta que esta literatura, particulariza-se pela evidência “de um texto manifesto e outro latente”. O texto manifesto, seria aquele em que o viajante narra suas observações objetivas, criando depoimentos explícitos sobre os contextos sociais da terra visitada, nos quais está temporariamente inserido. Já sobre o texto latente, a autora sublinha que “aflora através das indicações biográficas, da profissão, do período, da dedicatória, da temática e da abordagem”. De fato, o texto latente insinua nas entrelinhas, percebidos por olhares atentos, às suas

¹⁸⁸ Segundo a autora, “ No século XVIII, o herói medieval foi substituído pelos “*grands hommes*”, dos quais Voltaire diria: “são aqueles que se destacaram no útil ou no agradável”. Contrariamente ao herói, o “ grande homem” tinha que ter uma função: ser proveitoso à sociedade. Uma das formas de contar seus feitos, ou estudá-lo, era a biografia. *Biografia*, palavra que, dicionarizada em 1721, designava um gênero que tinha por objeto a vida dos indivíduos. Antes as biografias apareciam na forma de “memórias”, ou seja, relações escritas nas quais o indivíduo narrava fatos dos quais participara ou fora testemunha”. PRIORE, Mary Del. *Biografia, Biografado*. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *O que pode a Biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 75.

¹⁸⁹ GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de Si, Escrita de História...* p. 11.

¹⁹⁰ PRIORE, Mary Del. *Biografia, Biografado*. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). *O que pode a Biografia...* p. 74-75.

¹⁹¹ LEITE, Miriam Moreira. *A condição Feminina no Rio de Janeiro- Século XIX...* p. 21.

submersas significações. A seguir, extraímos da Fonte *Diário de uma Viagem ao Brasil*, exemplos da ambivalência textual na escrita de Maria Graham, característica deste gênero literário, como os acima referendados:

Talvez restem ainda demasiadas referências de natureza pessoal, mas o que fica dito é, pelo menos honesto. Se a autora tiver que pagar pessoalmente pela sinceridade sofrerá com satisfação.¹⁹²

Trouxe este exemplar de meu diário, com folhas em branco intercaladas, visando dois objetivos: primeiro corrigir a obra, fazendo-lhes úteis informações, e, depois, usá-lo como um jornal de minha segunda viagem ao Brasil.¹⁹³

Outra característica da Literatura de Viagem, é a preocupação dos viajantes em registrar em desenhos e gravuras, tanto quanto pudessem apreender em suas memórias. Documentaram paisagens, costumes sociais, a etnografia local, a arquitetura, e demais temas que lhes fossem úteis. Maria Graham foi pródiga nos registros iconográficos dos costumes sociais e paisagens brasileiras. A par de fornecer herborizações para o Dr. William Jackson Homer,¹⁹⁴ Diretor do Jardim Botânico de Kew em Londres, ela contribuiu com aquarelas botânicas para Von Martius.¹⁹⁵ Referente a isso, Américo Jacobina Lacombe notícia que Maria Graham está: “[...]entre os coletores da *Flora Brasiliensis*, com lista de seus trabalhos botânicos e o itinerário de suas herborizações”.¹⁹⁶

¹⁹² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p.19.

¹⁹³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 400.

¹⁹⁴ Willian Jackson Hooker. Botânico inglês. Professor da Universidade de Glasgow de 1815 a 1839; Diretor do Jardim Botânico de Kew da última data em diante. Deixou uma série de importantes trabalhos sobre botânica sistemática e sobre a Flora em diversos países. GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I ...* p. 113.

¹⁹⁵ Carl Friedrich Philipp von Martius foi um médico, botânico, antropólogo e um dos mais importantes pesquisadores alemães que estudaram o Brasil, especialmente a região da Amazônia. Foi seguidor da taxonomia de Lineu. Von Martius chegou ao Brasil em 1817, fazendo parte da comitiva da grã-duquesa austríaca Leopoldina. Acompanhado de Johann Baptist von Spix (1781-1826), recebeu da Academia de Ciências da Baviera, o encargo de pesquisar as províncias mais importantes do Brasil e formar coleções botânicas, zoológicas e mineralógicas. Segundo Luciana de Fátima Candido: “ A obra *Reise in Brasilien*, organizada por Carl Fr. Ph. von Martius e Johann B. von Spix, constituiu um dos mais importantes relatos de viagem editados sobre o Brasil. Publicada em 3 volumes (1823,1828, 1831), foi resultado de quase quatro anos de viagem em que Martius e Spix percorreram o interior do Brasil por cerca de 10.000 KM.[...]A monumental *Flora Brasiliensis* (1840-1906), editada por von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban, também foi fruto dessa viagem”. CANDIDO, Luciana de Fátima. *Carl Fr. Ph. Von Martius: Estudo e registro da Flora brasileira*. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <http://www.bbm.usp.br/node/83>.p.11-12.

¹⁹⁶ LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 21.

Igualmente na fonte *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz D. Leopoldina*, lemos:

Não muito depois de ter instalado minha gente e ter colocado meus livros e minha secretária junto à única janela de vidros da casa, encontrei para mim mesma uma ocupação, para as muitas horas de solidão que previ me aguardarem. Apreciara muito as flores e o esplendor da floresta virgem atrás da minha casa, naturalmente me atraiu. [...] resolvi fazer desenhos de tantas espécies quanto pudesse, obtendo, ao mesmo tempo espécimes secos para o Dr. Hooker, de Glasgow, ainda que não tivesse muitas instalações convenientes, sendo a minha casa muito úmida.¹⁹⁷

Os autores viajantes desejavam que no retorno aos seus países de origem, as informações compiladas nos diários e relatos de viagens, pudessem lhes render reconhecimento entre os pares e algum êxito editorial. Os resultados de suas observações eram aguardados nos meios científicos, acadêmicos ou literários. Nessa perspectiva, Ana Maria Belluzzo assinala: “os viajantes levaram imagens do Brasil ao horizonte de expectativa do público inglês[...]publicando-as em gravuras, veiculadas em álbuns e livros de viagens”.¹⁹⁸ Condizente a tais objetivos, a própria Maria Graham revela a quem destinava a escrita de seu *Diário*: “aos meus amigos ingleses, para quem este jornal é escrito”.¹⁹⁹

Como exemplo do ofício dos viajantes, de documentar iconograficamente a flora e paisagens dos países visitados, há o registro feito em 1824 pelo ex-oficial do Exército Imperial C. Schlichthorst.²⁰⁰ Ele narrou o inesperado encontro que teve com Maria Graham, durante um passeio que fizera ao morro de Santa Teresa. O militar descreveu o momento em que a avistou desenhando a paisagem, imersa na solidão da natureza

¹⁹⁷ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 113.

¹⁹⁸ BELLUZZO, Ana Maria. *O Viajante e a paisagem brasileira...* novembro/2008.s/n.

¹⁹⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil ...* p. 380.

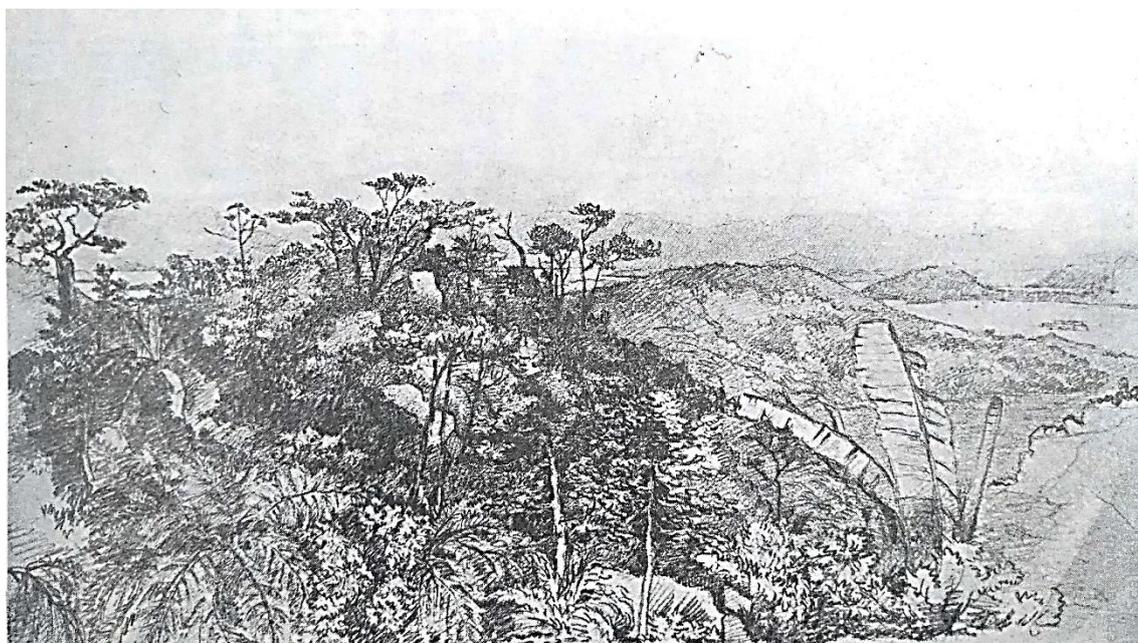
²⁰⁰ Segundo Gustavo Barroso, a obra de C. Schlichthorst: “É uma larga descrição da vida social, política e militar do Rio de Janeiro e do Brasil, com um retrospecto dos acontecimentos ligados à Independência, no começo do século, de 1824 a 1826, feita com talento, cultura e bom gosto literário pelo ex-tenente de Granadeiros Alemães do Exército Imperial[...]”. BARROSO, Gustavo. Apresentação. In: SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826) ...* p.4.

tropical. O encantamento despertado no grupo e descrito nessa narrativa, faz-nos esboçar um retrato da sensibilidade da escritora:

Junto à fonte, que, por diversos regos entalhados na rocha, cai quase perpendicularmente da montanha, encontramos uma senhora assentada, esboçando a vista do vale e das serras que emolduram. Confesso que escolheu felicíssima posição, pois dali a vista abrange toda a extensão do vale, com estreita faixa da baía ao fundo e a serra dos Órfãos fechando, ao longe, o horizonte. Soube, por uma pessoa que a acompanhava, tratar-se da conhecida Mistress Graham, a quem o mundo das letras deve esplêndido quadro do estado moral e social do Brasil. Acampamos junto ao tanque de água cristalina, de onde sai o Aqueduto, e comemos o farnel que havíamos trazido. Mistress Graham, que ao contrário de suas conterrâneas, era pouco cerimoniosa e muito franca, nos ofereceu do seu chocolate, que bebia num copo e não numa xícara, acontecimento na verdade inaudito na vida de uma inglesa. Não era mais nova, nem bela, porém sua amabilidade natural conquistou todos os corações. Quando, após algumas horas de descanso, continuamos nosso caminho, nos despedimos da excelente senhora, levando a boa impressão que sempre se tem ao encontrar inesperadamente uma pessoa interessante, quer nos salões da alta roda, quer na profunda solidão duma natureza silvestre.²⁰¹

Figura 9: *Panorama das montanhas cariocas.* Desenho a lápis de Maria Graham. S/D.

Fonte: *Diário de uma viagem ao Brasil, 1990.*



²⁰¹ SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*. Brasília: Senado Federal, 2000, p. 204-205.

O crescimento da Literatura de Viagem, encontrava-se em sincronismo com as propostas da cosmovisão naturalista a partir das jornadas científicas,²⁰² seguindo os conceitos de Alexander Von Humboldt (1769-1859)²⁰³ e pela ideia da experiência de autoconhecimento, liberdade e progresso intelectual protagonizadas pelo ideal libertário de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778).²⁰⁴ Esse estilo literário, alcançou popularidade entre leitores cultos, que inspirados no autor de *O Contrato Social*, puderam associar o fascínio da *Natureza divina da natureza*²⁰⁵ a leitura de relatos de viagens. Nas páginas de Maria Graham encontramos diversas referências às tendências intelectuais de seu tempo, dentre elas a menção a Alexander von Humboldt. Ao conhecer o jardim botânico na ilha de Tenerife, durante a travessia atlântica em sua primeira viagem para o Brasil, a escritora documentou: “Vimos o jardim botânico, tão louvado por Humboldt; mas está em triste desordem. Esteve mesmo por algum tempo abandonado”.²⁰⁶

Mary Del Priore²⁰⁷ assinala que a associação entre paisagem, natureza e estados de espírito, preconizados por filósofos como Rousseau ou Edmund Burke, inspirou toda uma geração artistas. Poetas, pintores, escritores e músicos, ali encontraram terreno fértil para expressar seus mais profundos estados de melancolia. Nas palavras da autora: “Melancolia: uma indisposição da alma à qual inúmeros homens e mulheres foram confrontados. Artistas e escritores europeus dela deixaram sua descrição”. Ainda sobre o

²⁰² Podemos exemplificar esta tendência no Brasil do século XIX, nas palavras de Ana Maria Belluzzo: “A visão intelectual e reflexiva engendrada por uma cultura simultaneamente artística e científica, anunciada no século XVI, só se desenvolve plenamente com o projeto enciclopédico, vigorando até as primeiras décadas do século XIX. A formação dos cientistas europeus que se deslocaram em expedições científicas pelo território brasileiro desde o século XVIII, é, em linhas gerais, sustentada por, no mínimo, dois modelos científicos baseados em dados da observação visual, com correspondentes concepções de desenho e pintura[...]tema indissociável da experiência do viajante do século XIX é a paisagem”. BELLUZZO, Ana Maria. *A propósito D' O Brasil dos Viajantes...* p. 18.

²⁰³ Miriam Moreira Leite cita que “naturalistas e artistas muitas vezes vieram juntos, integrando expedições científicas que, através de viagens de circunavegação e roteiros mais delimitados, seguiram as pegadas e a orientação de Humboldt (1789-1859). Quase todos vieram por recomendação ou estímulo do autor do *Cosmos*, cuja preocupação com as ciências naturais, abrangia os habitantes dos territórios percorridos e as línguas antigas e modernas que falavam”. LEITE, Miriam. *Livros de Viagem-1803-1900*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 18.

²⁰⁴ Jean-Jacques – Rousseau- (1712-1778). Podemos afirmar que Rousseau é um precursor do Romantismo e um dos mais importantes filósofos do Iluminismo. A influência de suas ideias na França revolucionária, cujo conceito de soberania do povo sobre os direitos dos príncipes, ou seja, que o direito da vontade geral do povo, se sobrepujasse à autoridade singular do príncipe, inspirou os revolucionários de 1789.

²⁰⁵ Rousseau defendia a liberdade onde o “estado de natureza divina da natureza” seria a condição inata do homem. Sobre o conceito de liberdade humana sustentado pelo filósofo, Luís Sahd interpretou que “O homem realmente livre faz tudo que lhe agrada e convém, basta apenas deter os meios e adquirir força suficiente para realizar os seus desejos”. SAHD, Luís. *A noção de Liberdade no Emílio de Rousseau...* p. 101.

²⁰⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil ...* pp. 111.

²⁰⁷ PRIORE, Mary Del. *A Carne e o Sangue...* p. 35.

tema, Priore informa: “[...]nessa época, em que o romantismo fazia sua aparição, uma linha de pensadores associava a paisagem e a natureza aos estados d’alma”. Continuando, a autora reforça: “[...]A contemplação de cascatas, florestas e rios era incentivada. Tais formas da natureza eram consideradas exemplos sublimes, capazes de criar um sentimento melancólico muito poderoso”. E para complementar, Mary Del Priore escreve: “Por exemplo, a “*beleza triste*” de uma noite de luar, anunciando o repouso e a morte, deveria ser também momentos de meditação e isolamento”. Encontramos alusões aos temas que relacionam melancolia à natureza, na escrita de Maria Graham, como a citação a seguir:

Não estou certa se é preferível a um claustro ou uma prisão dominar um belo panorama a não ter nenhum; se a contemplação de uma bela cena é, ela própria um prazer bastante para minorar a prisão; ou se não aumenta a angústia pela liberdade, da mesma maneira que uma bela melodia recordada desperta uma nostalgia, até a morte, pela casa em que foi ouvida pela última vez; parece-me que se um dia for prisioneira, quebrarei toda ligação com a liberdade e pouparei a meus olhos olhar para onde meus membros não me podem transportar.²⁰⁸

A natureza nostálgica e a apreensão do ser individual, solitário... estas seriam enfim, as licenças poéticas libertadoras das vozes interiores e melancólicas da escrita de si, na Literatura de Viagem. Maria Graham delas muito se utilizou, colorindo com esmaecida palheta outonal, as narrativas autobiográficas em sua escrita. Ao longo da leitura das fontes, serão frequentes as menções da autora aos seus inconstantes e melancólicos estados de espírito, como veremos a seguir:

[...]não estive bem outra vez-mas acho que ficar em casa não me cura. Por isso, tanto ontem como hoje, fui à biblioteca, onde um pequeno gabinete agradável e fresco me foi destinado; qualquer livro que peço me é ali trazido, e ali tenho pena, tinta e papel à mão para tomar notas. Isto é uma gentileza e uma atenção a uma mulher, e estrangeira, para a qual não estava preparada.²⁰⁹

[...]A falta de saúde, entretanto, e, às vezes, a falta de disposição, impediram a autora de utilizar-se e todos os meios que podiam ter sido postos ao seu alcance para aperfeiçoar seus conhecimentos. [...]e que o

²⁰⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, p. 358.

²⁰⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 359.

Diário, cuja composição a entreteve em muitas horas de solidão e tristeza, não traga aborrecimento algum a quem quer que seja.²¹⁰

[...]desde o dia em que fui a S. Cristóvão, fiquei presa em meu quarto em total abatimento tanto de espírito como de corpo, atacada por uma severa indisposição. A *Creole* veio da Bahia, para tomar provisões preparatórias da viagem de volta. O Comodoro ofereceu-me passagem e escreveu-me a respeito; mas não estou em estado de embarcar para uma longa viagem. As notícias da Bahia são mais aborrecidas do que nunca em relação aos baianos, ainda que favoráveis à causa imperial; a miséria dos pobres habitantes é realmente grande.²¹¹

Assim, ao longo das reflexões expostas nesse subcapítulo, tentamos alcançar a mentalidade curiosa e crítica da autora, quanto à concepção de uma escrita polissêmica. Sua narrativa tece tramas, onde a escrita de si, reveladora, individualizada, mescla-se ao olhar aguçado da escritora sobre questões político-sociais, deixando transparecer ao leitor, a multiplicidade de intenções discursivas coexistentes em seu texto.

2.2- Maria Graham e a narrativa autoral sobre o cerco da Bahia e a tomada do Maranhão.

O ano de 1822 foi um marco divisor no tumultuado processo de separação entre o Brasil e Portugal. Em março daquele ano, às vésperas da Independência, Maria Graham partira do Rio de Janeiro com destino a Valparaíso no Chile. Deixará para trás, um país imerso em fortes tensões políticas.

Foi nessa crise que deixei o Brasil e não voltei a ele senão ao cabo de doze meses...durante este tempo, as diferentes capitânias concordaram em reconhecer Dom Pedro como Imperador, com a condição dele declarar o Brasil separado e independente de Portugal, renunciar por si e por seus herdeiros no Brasil, para sempre, a todas as pretensões ao trono de Portugal, e no caso de qualquer ramo de sua família ser chamado ao trono português, exigir, da parte dele, um solene ato de renúncia ao Brasil[...].²¹²

²¹⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 21.

²¹¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 301.

²¹² GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 73.

A escritora mais uma vez apresenta ao seu leitor, um minucioso e bem redigido resumo de todos os principais desdobramentos sobre os fatos políticos ocorridos no Brasil, durante o período em que esteve residindo no Chile. Como uma leitura introdutória à compreensão dos fatos narrados em seu Diário, Maria Graham transcreveu com a propriedade de quem foi testemunha de seu tempo, a História política que se sucedeu naqueles tensos meses pós- independência brasileira.

Ao dar ênfase narrativa ao capítulo relativo aos sangrentos enfrentamentos na Bahia e Maranhão, a autora apresentou sua versão historiográfica das lutas naquelas províncias, fundamentada em informações recolhidas nos depoimentos de certos amigos oficiais do exército Imperial. À vista disso, a escritora pode documentar o desdobramento dos graves embates decorridos nas províncias do Norte. A autora demonstrou que aquelas lutas foram em parte, uma consequência tardia das resoluções das Cortes em tentar sujeitar o Brasil à Portugal, ordenando a volta de D. Pedro a Lisboa.²¹³ A decisão do príncipe em ficar no país e declarar a independência do Brasil, potencializou a disputa pela manutenção do poder político por parte do governo português naquelas províncias. Ao usar a força dos exércitos e reforços de sua esquadra, os governadores portugueses tentaram manter nessas províncias as juntas de governo subordinadas a Lisboa. Tais cenários políticos representados na interpretação por Maria Graham, são fontes amplamente consultadas e citadas por autores que produzem a escrita historiográfica brasileira.

Antes de começar o Diário de minha segunda visita ao Brasil, do qual estive ausente um ano e três dias, será necessário dar uma curta narrativa dos principais acontecimentos que ocorreram durante este ano e que mudaram o governo do país. O Príncipe Regente enviara em vão às Cortes as mais prementes representações em favor do Brasil.

²¹³ Flávia Florentino Varella esclarece: “A História do Brasil e de Portugal apresentavam rasgos de ruptura por causa do fantasma do passado colonial e da recolonização. Sintoma dessa percepção foram os dois manifestos públicos divulgados por D. Pedro I pouco tempo antes da Independência. O primeiro deles, publicado em 1º de agosto de 1822 e escrito por Joaquim Gonçalves Ledo, intitulava-se *O Manifesto aos Povos do Brasil* e justificava que foram as artimanhas da Corte de Lisboa que obrigaram brasileiros a buscarem em D. Pedro a figura de seu representante e garantidor de seus direitos, tendo em vista que os legisladores portugueses extrapolaram suas funções ao se colocarem como soberanos de toda a monarquia portuguesa. O segundo pronunciamento público veio cinco dias depois, com o *Manifesto às Nações Amigas*, escrito por José Bonifácio, o qual ponderava a necessidade de ruptura com Portugal, mas dizia que, devido ao despotismo das Cortes de Lisboa, na insistência de retroceder ao sistema colonial antigo, o povo via-se sem escolha”. VARELLA, Flávia Florentino. *Escrevendo a História do Brasil: John Armitage e a linguagem do Humanismo comercial*. In. Revista do IHGB, Rio de Janeiro, a.73(455):125-146, abr./jun.2012. p. 131.

Nenhuma atenção foi dada aos seus despachos e o governo de Lisboa continuou a legislar para o Brasil como se este fosse uma colônia na costa da África selvagem. Os ministros que tinham servido com D. João haviam conhecido bastante a terra durante a permanência aqui, para se convencerem de que o Brasil, unido, seria, em qualquer tempo, capaz de libertar-se de toda a sujeição à Mãe-pátria. O objetivo, portanto, passou a ser dividi-lo. Em consequência, delineou-se um esquema para o governo do Brasil, pelo qual cada capitania seria governada por uma junta, cujos atos seriam totalmente independentes uma das outras, e responsáveis somente perante as autoridades de Portugal.²¹⁴

Desde de 1822, aprofundavam-se as incompatibilidades entre Portugal e o Brasil, tornando a harmonia política entre ambos, cada vez mais difícil. Em agosto, eclodiu uma revolta na província de São Paulo. Fato de relevância no cenário político nacional, esta turbulência social abalaria os esforços do governo imperial em prol da necessária união das províncias, referentes ao processo pela consolidação da independência²¹⁵. A gravidade da situação acabou por determinar a ida apressada de D. Pedro àquela província, cujos objetivos propunham apaziguar uma região de grande peso no delicado jogo político da época, e impor sua autoridade junto à população provincial.

O Príncipe deixara a regência do trono entregue a Dona Leopoldina e a seu ministério. A instabilidade política daqueles dias ganhou novos contornos, com a chegada no Rio de Janeiro de notícias oficiais de Portugal. Tais documentos recebidos por D. Leopoldina, reclamavam sobre a insubordinação de D. Pedro para com o seu pai, e para com as Cortes, além de condenarem as atitudes de rebeldia em São Paulo e do ministro José Bonifácio.

As recém-chegadas notícias foram enviadas a D. Pedro, juntamente com cartas pessoais de D. Leopoldina e do ministério. Haveria ali, uma correspondência de próprio punho de José Bonifácio, na qual o ministro o aconselhava: “Senhor o dado está lançado: de Portugal não temos a esperar senão escravidão e horrores”.²¹⁶ Como consequência destas notícias, no dia 07 de setembro de 1822, D. Pedro seguindo a recomendação de seu ministro e conselheiro José Bonifácio, teria proclamado a emancipação às margens

²¹⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 253.

²¹⁵ Segundo Lúcia Bastos Pereira das Neves: “Dois pontos relacionados à construção do novo império, em particular, exigiam medidas imediatas: a manutenção da unidade territorial e torno do governo do Rio de Janeiro e a obtenção do reconhecimento internacional do país”. NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. *A vida Política*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *Crise Colonial e Independência 1808-1830...* p. 100.

²¹⁶ NEVES, Lúcia Bastos Pereira Das. *A vida política*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *Crise Colonial e Independência 1808-1830...* pp. 96-97.

do rio Ipiranga, com a famosa frase: “Independência ou morte”. Simbolicamente, a partir desta data, as antigas relações de dominação entre a metrópole sobre a sua ex-colônia, estavam irremediavelmente cortadas.

Foi então que em outubro de 1822, representantes do povo comum e sobretudo membros das elites políticas, proprietárias e comerciantes — a quem o príncipe devia o apoio e sustentação ao seu ousado projeto — animados pelos novos horizontes de autonomia política e comercial que se abriam ao Brasil, aclamaram unanimemente o novo e jovem Imperador. Maria Graham, no *Escoço Biográfico de D. Pedro I*, descreveu o episódio a partir da perspectiva de como o povo comum percebeu o fato, não mencionando nessa breve descrição, as intrincadas motivações políticas que tornaram impossível para o Brasil manter os laços fraternos com Portugal:

Afinal, a 12 de outubro, aniversário do Príncipe, estando as tropas como de costume reunidas no grande Campo de Santana, e presente grande massa de povo, o Príncipe foi de repente aclamado Imperador do Brasil. O reino mudou de título e de tratamento; toda dependência ou ligação com Portugal foi para sempre abjurada.²¹⁷

Em 13 de março 1823, ao regressar de Valparaíso, a escritora encontrou um Brasil independente, contudo, fragmentado. Apesar das imensas dificuldades políticas enfrentadas pelo governo de D. Pedro, Maria Graham descreve o Imperador como um monarca querido pelo povo. Em seu texto a autora sublinha a austeridade financeira do príncipe com relação aos seus próprios proventos, como o modelo a ser seguido em todos os setores do governo, e acentua a percepção de desenvolvimento e otimismo na nação como um todo.

Os ministros eram queridos não menos que os monarcas. As finanças começaram a assumir um aspecto florescente[...]O Imperador havia aceito a renda mais modesta com que jamais se contentara uma testa coroada, a fim de poupar o seu povo. Ele visitava em pessoa os estaleiros e arsenais; atendia aos negócios de toda ordem; encorajava os melhoramentos em cada departamento, e o Brasil havia começado a assumir o aspecto mais florescente. Tal era o estado de cousas quando

²¹⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990 p. 259.

cheguei pela segunda vez ao Brasil, juntamente com Lorde [Cochrane, a 13 de março de 1823.²¹⁸

A escritora evoca o sentimento de “simpatia” para com as figuras dos Imperadores, ao narrar o fato para ela extraordinário, de um jovem casal de monarcas colocar-se à frente de uma decisão política de tamanha complexidade e controvérsia diplomática, como a causa da independência do Brasil. O tom “sentimental” com que a autora do *Diário* envolve os personagens de sua escrita, é reforçado por representações evocativas do *Pathos* dos atores históricos descritos. Por meio desta prática, Maria Graham intencionou despertar a simpatia e a sensibilidade de seus leitores para com os protagonistas de seus relatos, bem como pretendeu valorizá-los individualmente no contexto narrativo.²¹⁹

Segundo todos os depoimentos, Suas Majestades parecem ser extremamente populares. A mocidade, a graça, a situação singular em que estão colocados, tudo interessa. É raro que um príncipe herdeiro ouse pôr-se à frente da causa da libertação ou independência, e o fato de um filho da Casa de Bragança e uma filha da Casa D’Áustria encaminharem para o caminho da independência este grande império, não pode senão excitar tanto o amor quanto a admiração de seus felizes súditos.²²⁰

Entretanto, a par das sensíveis observações que fazia sobre o casal real, Maria Graham descreveu com cores fortes, as obscuras cenas que tiveram lugar no frágil palco político imperial daqueles dias. Anseios separatistas, fortemente impostos pelo Lusitanismo político das províncias da Bahia e Maranhão, eram vigorosamente sufocados pelas forças do exército e marinha imperiais, em duras disputas armadas. Entregando-se a seu viés político narrativo, Mrs. Graham interpretou com a densidade e o estilo crítico que lhe é peculiar, os detalhes relevantes acerca das circunstâncias que resultaram nos confrontos civis e militares, entre os patriotas brasileiros e os portugueses corcundas.

²¹⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 261.

²¹⁹ Flávia Florentino Varela argumenta que: “ O surgimento da concepção moderna de indivíduo alterou marcadamente a maneira pela qual as paixões humanas eram apresentadas pela historiografia, na medida em que o psicológico assume lugar de relevância no entendimento das ações humanas”. VARELA, Flávia Florentino. *Repensando a História do Brasil: apontamentos sobre John Armitage e sua obra. In: Almanack brasileiro*. Nº08, novembro /2008, p.125.

²²⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 264.

Nesse sentido, o estilo da escrita de Maria Graham, estaria representado pelas mudanças estabelecidas pela modernidade Oitocentista. “A expansão do horizonte dos estudos históricos para além da esfera militar e política, e[...]o interesse inglês em explorar a sociedade, o dia-a-dia do mundo do trabalho, os costumes e os sentimentos”,²²¹ contribuiu para a afirmação de uma nova estética narrativa, tipicamente britânica. Para o historiador inglês David Hume, uma boa narrativa histórica devia incorporar para além de um bom estilo, “outros componentes ao relato do passado, como a simpatia, a filosofia da história, a atualidade, a vivacidade e a ironia”.²²²

O sucesso do projeto constitucionalista do Brasil independente, incluía a pacificação de norte a sul, de todas as províncias do nascente Estado Brasileiro. Entretanto, os territórios do Norte compreendidos entre a Bahia e Pará formavam um bloco anti-unionista, refratário à subordinação ao governo imperial.²²³ Muitas foram as consequências políticas advindas das disputas pelo poder entre as tropas portuguesas e os exércitos imperiais, em torno das demandas provinciais do Norte e Nordeste.²²⁴

Paralelamente à coroação imperial de D. Pedro em 1º de dezembro de 1822, aconteceram violentos confrontos envolvendo a manutenção dos interesses separatistas pró-Lisboa, desde aquele ano até 1823.²²⁵ Os governos das províncias da Bahia e Maranhão não acatavam as ordens do então Imperador D. Pedro I, recém aclamado “defensor perpétuo do Brasil”²²⁶ independente. Agravou aos fatos, o tom de superioridade com que os portugueses assumiam no tocante à questão de raça, exacerbando ao máximo o ânimo dos brasileiros, que não queriam ser tratados como inferiores. O contato entre as

²²¹ VARELA, Flavia Florentino. *Repensando a História do Brasil: apontamentos sobre John Armitage e sua obra*. In: Almanack brasiliense. Nº08, novembro /2008, p. 124.

²²² VARELA, Flavia Florentino. *Repensando a História do Brasil: apontamentos sobre John Armitage e sua obra ...* p. 124.

²²³ LIMA, Oliveira. *O Movimento da Independência (1821-1822) ...* pp. 96-97.

²²⁴ Lúcia Bastos Pereira das Neves lembra que: “As quatro províncias do Norte; Pará, Maranhão, Piauí e Ceará, juntamente com a Cisplatina e parte da Bahia, no entanto, permaneciam fiéis às cortes de Lisboa. Assim, a unidade em torno do Rio de Janeiro acabou tendo de se impor por meio de guerras — as guerras de independência e uma guerra civil entre portugueses, partidários ou não das cortes, na definição da época — e com efusão de sangue, contrariando a “lenda Rosada” gestada e mantida por muitas décadas pela historiografia do século XIX e mesmo XX, de que a separação do Brasil de Portugal fora um episódio a que o mundo poucas vezes assistira[...]”. NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. *A Vida Política*. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). *Crise Colonial e Independência 1808-830...* p. 100.

²²⁵ PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira.v.2, Império...* p. 12.

²²⁶ Segundo Oliveira Lima: “[...]a 13 de maio de 1822, quando por ocasião de celebrar-se o aniversário natalício de el-rei, Dom Pedro recebeu a honrosíssima investidura de defensor perpétuo do Brasil[...]No discurso de abertura do conselho de procuradores, repetiu Dom Pedro a referência ao *Grande Brasil de quem sou filho* aquele título mesmo de defensor perpétuo”. LIMA, Oliveira. *O Movimento da Independência (1821-1822) ...* p. 207.

tropas portuguesas e brasileiras “trazia mais esta desvantagem, além do inconveniente político do momento: estimulava uma rivalidade latente das mais azedas”.²²⁷

Pari pássu às questões de ordens políticas, também os interesses mercantis dos governadores lusitanos daquelas províncias, privilegiavam o comércio com Lisboa e África. As cidades costeiras foram as mais beneficiadas com estes mercados. Contavam com portos marítimos, capazes de estabelecerem um fluxo constante de crescentes importações e exportações de mercadorias e escravos, e estavam convenientemente distantes dos olhos do governo central do Rio de Janeiro. Portanto, as características geográficas destas províncias, somadas a maior proximidade ao continente europeu, seriam meios facilitadores do domínio político imposto por Portugal. Sobre estas questões, Maria Graham tinha opiniões próprias e as escreveu no *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*:

As capitanias do Norte, posto que as primeiras a reclamar Independência estavam de novo unidas a Portugal não porque os sentimentos dos habitantes houvessem mudado, mas porque as condições físicas e geográficas destas colônias as tornavam, no momento, impossibilitadas de romper os grilhões de Portugal, [...]os governos do Norte[...]não tinham cidades a não ser as que ficavam junto ao mar e que, por esse tempo, quase não serviam senão para o comércio, recebendo mercadorias manufaturadas, vinhos e escravos, em troca dos produtos nativos do interior por meio dos quais[...]o governo beato dos Bragança da Europa, pensava manter o Brasil na condição vergonhosa de nação conquistada”.²²⁸

Curiosamente observamos que na escrita do *Escorço Biográfico de D. Pedro I*, a autora intencionou transmitir ao seu leitor, os possíveis motivos causadores da vulnerabilidade econômica das províncias do Norte, solapadas constantemente por severas estiagens. A seguir, ela sugeriu, que para o melhor progresso da região como um todo, seria necessário haver condições propícias ao estabelecimento de povoadamentos no interior, gerando, por conseguinte, maior circulação de população, produção e comércio de mercadorias. Ao olhar para a região Norte, Maria Graham vislumbrava soluções para o seu desenvolvimento. Tinha como ideal os modernos modelos econômicos que estavam

²²⁷ LIMA, Oliveira. *O Movimento da Independência (1821-1822)* ... p. 223.

²²⁸ GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, pp. 73-74.

sendo praticados na Europa, sobretudo na Inglaterra, naquele século de franco processo de industrialização. Contudo, tal paradigma de progresso estava em oposição ao antigo modelo mercantilista medieval praticado por Lisboa naquelas províncias, que mantinha nas cidades costeiras, os centros de suas economias.

Suas avançadas ideias para o desenvolvimento do Norte, estavam em sintonia com as de José Bonifácio, entre outros. Na concepção do ministro, o caminho para o avanço econômico do Brasil incluía dentre outras questões, o fim das concessões de monopólio para terras dadas em sesmaria, que permanecessem incultas por seus proprietários. Desta forma, ao serem desapropriados, estes latifúndios voltariam a ser de propriedade do Estado, e então seriam novamente repartidos em pequenas terras para o incremento de atividades agrárias lucrativas.²²⁹ Segundo a escritora:

Nas terras secas além de Pernambuco e Ceará, os habitantes, em muitas ocasiões, são obrigados a demandar a costa, pela falta d'água nas vilas e fazendas dos plantadores de açúcar e algodão. Daí as cidades costeiras, e, conseqüentemente, os distritos delas dependentes, ficarem à mercê do que tiver o domínio do mar, até que surjam cidades no interior e as planícies e vales se tornarem bastante habitados para criar uma circulação interna, suficiente para viver sem proteção, e, caso de necessidade, para resistir à influência dos portos.²³⁰

Desde do ano de 1822, Portugal enviava reforços à Bahia, que sob o comando do brigadeiro português general Luís Inácio Madeira de Mello,²³¹ pretendia submeter necessariamente à obediência, uma população de brasileiros apoiadores da causa

²²⁹ Sobre José Bonifácio e a política de terras defendida por ele, Emília Viotti da Costa, aponta: “[...]parecia-lhe pouco compreensível a estrutura econômica do país, baseada na grande propriedade e no braço escravo. Desejava desenvolver o trabalho livre, a colonização e a imigração, a pequena propriedade e mecanização da lavoura”. A autora completa: “Políticos houve que, como José Bonifácio, eram favoráveis a uma legislação que impedisse a sobrevivência do latifúndio improdutivo e que levasse à extinção gradual da escravatura[...]”. COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República-Momentos Decisivos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, pp. 78-130.

²³⁰ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 74.

²³¹ Argemiro Ribeiro de Souza Filho esclarece: “O brigadeiro Luís Inácio Madeira de Mello que, até então, comandava o batalhão de infantaria n.12[...]tornara-se o maior defensor dos portugueses, pois fora um dos principais protagonistas a impedir que outros projetos políticos mudassem os rumos na Bahia. Em contrapartida, muitos baianos viam na sua designação a prova irrefutável de desprezo que o projeto das Cortes reservava não só para o território baiano, mas para o Brasil como um todo”. FILHO, Argemiro Ribeiro de Souza. *Projetos políticos na revolução constitucionalista na Bahia (1821-1822)* ... p. 112.

nacional, intimando-os com o uso da força e das armas. Entretanto, sobressaía a este panorama, desde dos idos de 1821, a Vila de Cachoeira.

Localizada no interior da província, esta povoação havia se transformado em um importante bastião pró- independência e exemplo de resistência aos desígnios de Lisboa. A vila interiorana recebeu entre os dias 18 e 21 de fevereiro de 1823, centenas de famílias, comerciantes e escravos, que fugindo do domínio violento imposto pelas forças do governador Madeira, migraram forçosamente para a vila do Recôncavo. Maria Graham denunciou no *Diário*, a situação de total estado de calamidade social e econômica em que a cidade de Salvador se encontrava. Diariamente centenas de indivíduos escravizados, de crianças, de velhos desvalidos e da população pobre, eram obrigados a submeterem-se às mais degradantes condições de sobrevivência, onde a morte por inanição de grande parte desses habitantes, seria o destino final.

A cidade da Bahia parece estar numa situação desesperada por falta de provisões. Os escravos morrem pelas ruas. Algumas casas, depois de ficarem fechadas por alguns dias, foram abertas pelos funcionários da polícia, que verificaram terem os donos fugido e os escravos morrido. Duas vezes por dia abriram-se os portões para permitir a saída de mulheres e crianças. Alguns oficiais da *Doris* tiveram a curiosidade de assistir a algumas dessas ocasiões e viram quinhentas pessoas carregadas com a mobília e a roupa que o estado de fraqueza e inanição permitia aquentar, deixassem a cidade. A pequena quantidade de provisão fresca é exorbitantemente cara. O general Madeira proclamou lei marcial na praça, requisitou alguma cevada e trigo de um navio neutro e levantou empréstimos forçados de todas as classes, tanto de nativos, quanto de estrangeiros.²³²

A vila de Cachoeira, ao contrário do que acontecia na cidade de Salvador, encontrava-se abundantemente guarnecida de suprimentos e gêneros alimentícios. Sobre este episódio, Maria Graham descreve o caótico cenário social na capital baiana, demonstrando em sua narrativa um tom crítico sobre a contenda:

A escassez de provisões frescas era tal que todos os comerciantes estrangeiros que tinham famílias e que podiam muda-las, fizeram-no. Todas as casas de campo foram abandonadas e o povo ficou acumulado na cidade. As contribuições mais pesadas foram cobradas de todos,

²³² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 298.

nativos e estrangeiros; as misérias do sítio estavam-se aproximando da cidade.²³³

A autora relata que um astuto plano foi concebido para enfraquecer as forças portuguesas na Bahia executado pelo Exército Pacificador, sob o comando do brigadeiro general francês, Labatut.²³⁴ O intento consistia em cercar a cidade de Salvador e cortar-lhe o abastecimento de alimentos.²³⁵ Tal estratégia acabou por forçar o general Madeira e suas tropas portuguesas, a avançar sobre a ilha de Itaparica, em busca de provisões para abastecer os estoques de comida e alimentar seus soldados: “esta batalha, se pode ser assim chamada, deu-se a 02 de janeiro de 1823 e durou de meio dia ao pôr do sol”.²³⁶ Maria Graham documentaria no seu *Diário* este embate, fundamentada em notícias transmitidas por oficiais de navios Imperiais vindos da Bahia e que a estiveram visitando a bordo do navio Colonel Allen, quando esta chegou do Chile no porto do Rio de Janeiro:

Labatut, que em breve se uniu aos patriotas, fixou seu quartel general em Cachoeira, e estendeu uma linha de tropas através da península na qual a cidade está localizada. Cortou assim o fornecimento de provisões por esse lado. Mas como o mar estava ainda aberto, os víveres eram abundantes, vindos não somente do estrangeiro, como da ilha de Itaparica. Este fértil distrito, porém, foi em breve ocupado por brasileiros e Madeira ficou reduzido aos fornecimentos marítimos, a menos que pela força pudesse expulsar os brasileiros de suas posições nessa ilha.²³⁷

Ao general Madeira faltava controlar a Vila de Cachoeira, reduto de inabalável lealdade da maioria de sua grande população, à autoridade do governo central do Rio de

²³³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 261.

²³⁴ Segundo Oliveira Lima, o general Labatut teria sido escolhido para esta missão, por José Bonifácio. O oficial francês havia servido na guerra peninsular, onde cometera um crime de insubordinação, “indultando-o Napoleão com a condição da sua ida para a Venezuela”. Estivera também em serviço da Libertação da Colômbia, nos anos de 1812 e 1813. Por desentender-se com Bolívar, foi expulso do país, seguindo depois para as Antilhas e Guiana Francesa até ser admitido como brigadeiro pelo exército brasileiro. LIMA, Oliveira. *O Movimento da Independência (1821-1822)*. São Paulo: Itatiaia, 1989, p. 197.

²³⁵ Sobre o cerco à Salvador coordenado pelo Exército Pacificador, Argemiro Ribeiro de Souza Filho elucida: “Em 1º de dezembro de 1822, muitos habitantes da capital baiana já sentiam o desconforto que o cerco coordenado pelo Exército Pacificador, e sustentado pelo restante da província, lhes causavam. A falta de gêneros alimentícios e, por consequência, a grande carestia eram com efeito, as principais penúrias experimentadas”. FILHO, Argemiro Ribeiro de Souza. *Projetos políticos na revolução constitucionalista na Bahia (1821-1822)* ... p.112.

²³⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*... p. 260.

²³⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*... p. 258.

Janeiro. Maria Graham descreveu no *Diário* os desdobramentos desta desastrosa investida dos portugueses:²³⁸

Outra expedição, igualmente infeliz, foi a enviada a Cachoeira. Um navio armado chegou até em frente à praça pública, exatamente quando estava repleta de povo que aclamava o Imperador. Os canhões começaram a atirar sobre a multidão, mas a maré estava baixa e os tiros, em vez de atingir o povo, só alabavam o cais, e fizeram pouco dano. Os soldados brasileiros então concentraram-se no desembarcadouro e daí começaram um fogo tão vivo contra o inimigo que o comandante do navio se retirou apressadamente sem matar um homem, apesar de perder muitos. Nessa ação, distinguiu-se Dona Maria Quitéria de Jesus, pois o espírito patriótico não se havia confinado aos homens.²³⁹

Sobre este grave episódio, Maria Graham como não poderia deixar de fazer, dedicou uma longa narrativa acerca da baiana Maria Quitéria de Jesus (1782-1853), por tratar-se de uma mulher que se distinguira heroicamente na guerra baiana, em defesa da independência do Brasil. Para a autora, a originalidade da história desta jovem, estava na sua determinação em servir à causa nacional de D. Pedro I.

A jovem ingressou no Exército Pacificador, passando-se incógnita por estar vestida como se homem fosse, sem ter, contudo, sua identidade feminina descoberta, até que seu pai um dia, procurasse pela filha. Assim, o segredo do *soldado Medeiros* foi afinal revelado. A partir de então, Maria Quitéria de Jesus pode ter autorização de transferir-se dos serviços no Regimento de Artilharia para os da Infantaria, por estes serem mais adequados ao seu sexo.

Na escrita do *Diário*, a autora construiu um nítido retrato biográfico de Quitéria, a partir de informações colhidas pela própria personagem baiana, em visita que esta fez a escritora no Rio de Janeiro, em agosto de 1823. O responsável pela aproximação destas duas mulheres notáveis, foi o então ex-ministro José Bonifácio, amigo e protetor da Alferes Medeiros. Maria Quitéria teria ido à Corte por ordem expressa de despacho oficial

²³⁸ O combate de Cachoeira teve a duração de três dias, terminando com a rendição da canhoneira portuguesa. CALMOM, Pedro. *História da Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928, p. 115.

²³⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 260.

de D. Pedro I, a fim de receber das mãos do próprio Imperador, o título de Alferes de Linha, e de ser condecorada com a Ordem Imperial Do Cruzeiro.²⁴⁰

O tom revelado no texto, indica que Maria Graham olhou para Maria Quitéria como se visse a si mesma. Reconheceu na Alferes, uma personalidade forte e incomum, portadora de atributos morais a ela caros, tais quais a coragem, a determinação, e a capacidade de renúncia e resistência em vencer as adversidades. Quanto às habilidades morais, a autora ressaltou que a despeito da jovem ser iletrada, “sua compreensão é rápida e sua percepção aguda. Penso que com educação, ela poderia ser uma pessoa notável”. Nesta afirmação, há algo de auto identificação da inglesa, com os traços da personalidade da Alferes. Afinal, Maria Graham não era exatamente uma “guerreira”, no sentido da ação, mas antes, revelara -se uma “cronista” de guerra. É relevante sublinharmos que para a autora, o conceito de “educação” e a noção de “ser uma pessoa notável”, estavam associados aos modelos educacionais virtuosos provenientes da ilustração, que preconizavam o aperfeiçoamento do ser humano a partir do conhecimento das letras, ciências, artes e humanidades. Este depoimento pessoal da baiana e transcrito por Maria Graham no *Diário de uma viagem ao Brasil*, é hoje, uma fidedigna fonte primária sobre Maria Quitéria de Jesus na historiografia brasileira. A maioria dos estudos biográficos sobre a guerreira baiana,²⁴¹ recorrem aos testemunhos deixados por Maria Graham.²⁴²

²⁴⁰ A Ordem Imperial do Cruzeiro, foi criada em 1º de dezembro de 1822, pelo Imperador D. Pedro I, em decorrência da Independência do Brasil e em comemoração à sua aclamação. Foi a primeira ordem genuinamente brasileira destinada a premiar brasileiros e estrangeiros, pelos serviços prestados à Corte. Dos agraciados não eram cobrados emolumentos, ficando, porém, obrigados a dar uma joia qualquer para a dotação de uma Caixa de Piedade, destinada aos membros pobres da Ordem. Segundo Camila Borges de Medeiros: “Ordem Militar[...]concedidas pelo monarca eram ostentadas pela indumentária — fossem pelos uniformes utilizados, fossem pelas insígnias das Ordens Militares portadas no espaço urbano. Todos os detalhes nos uniformes apontavam para o pertencimento a um determinado “corpo do Estado e, conseqüentemente, para o desempenho de uma função, bem como para o local ocupado na hierarquia tanto desse “corpo” quanto da sociedade[...]As Ordens Militares não apontam tanto para a função daquela pessoa na sociedade, mas a premiava socialmente dando-lhe o direito de exibir os signos distintivos. Estes apontavam para uma série de significações implícitas na própria história dessas Ordens”. SILVA, Camila Borges da. *O Símbolo Indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro: 2010. p. 137.

²⁴¹ Segundo Edite Mendes e o biógrafo Pereira Reis Júnior, Maria Quitéria de Jesus (1792-1853) era chamada de soldado Medeiros. A baiana entrou pela primeira vez em combate como soldado do Batalhão dos Periquitos em novembro de 1822. “O General Labatut conferiu-lhe as honras de Primeiro Cadete. Um Decreto Imperial lhe conferiu as honras de Alferes de Linha e em 28 de julho 1996, foi reconhecida como Patronesse do Quadro Complementar dos Oficiais do Exército Brasileiro. [...]morreu a 21 de setembro de 1853, deixando o exemplo de mulher lutadora e participativa da vida pública. ABREU, Edite Mendes da Gama e. *A mulher na Independência do Brasil: aspectos do 2 de julho...*p. 35.

²⁴² Américo Jacobina Lacombe informa que: “Trata-se do mais importante depoimento acerca da famosa heroína baiana. Quase todos os estudos sobre este vulto são “vazados sobre o escrito da ilustre

Recebi hoje uma visita de D. Maria de Jesus, jovem que se distinguiu ultimamente na guerra do Recôncavo. Sua vestimenta é a de um soldado de um dos batalhões do Imperador, com a adição de um saiote escocês, como um uniforme militar mais feminino[...]. Seu pai é um português, chamado Gonçalves de Almeida, e possui uma fazenda no rio do Pex [Peixe], na paróquia de S. José, no Sertão, cerca de 40 léguas de Cachoeira. Sua mãe era também portuguesa; contudo as feições da jovem, especialmente os olhos e a testa, apresentam os mais acentuados traços dos índios[...]. As mulheres do interior fiam e tecem para a sua casa. As moças aprendem o uso das armas de fogo, tal como seus irmãos, seja para caçar seja para defender-se dos índios brabos. D. Maria contou-me diversas particularidades relativas as suas próprias aventuras. Parece que, logo no começo da guerra do Recôncavo, percorreram o país em todas as direções emissários do governo para inscrever voluntários; que um desses chegou um dia à casa de seu pai, na hora do jantar[...]e que depois da refeição, ele começou a falar sobre o objetivo da sua visita. Começou ele a descrever a grandeza e as riquezas do Brasil e a felicidade que poderia alcançar com a Independência. Atacou a longa e opressiva tirania de Portugal e a humilhação em submeter-se a ser governado por um país tão pobre e degradado[...]de modo que, afinal, disse a moça: “senti o coração ardendo em meu peito”. Seu pai, contudo, não partilhava em nada seu entusiasmo[...]D. Maria escapuliu então de casa para a casa de sua irmã, que era casada e morava a pequena distância[...]Maria obteve algumas roupas pertencentes ao marido da irmã, e como seu pai estava para ir a Cachoeira a fim de negociar algum algodão, resolveu aproveitar a ocasião e partir atrás dele[...]afinal, à vista de Cachoeira, parou; e saindo da estrada, vestiu-se a moda masculina e entrou na cidade. Isso foi na sexta feira. No domingo ela arranhou as coisas tão bem que já havia entrado no Regimento de Artilharia²⁴³ e montado guarda[...]. Uma coisa é certa: seu sexo nunca foi sabido até que seu pai requereu a seu oficial comandante que a procurasse[...]. Foi enviada para aqui, creio eu, com despachos, e para ser apresentada ao Imperador que lhe deu o posto de alferes e a Ordem do Cruzeiro, cuja condecoração ele próprio impôs em sua túnica.²⁴⁴

Desde a sua segunda chegada ao Rio de Janeiro em 13 de março de 1823, Maria Graham estava par de todos os avanços bélicos do Exército Pacificador Imperial na Bahia. Motivos para tamanho interesse naquelas contendas do Norte, não faltavam — estavam

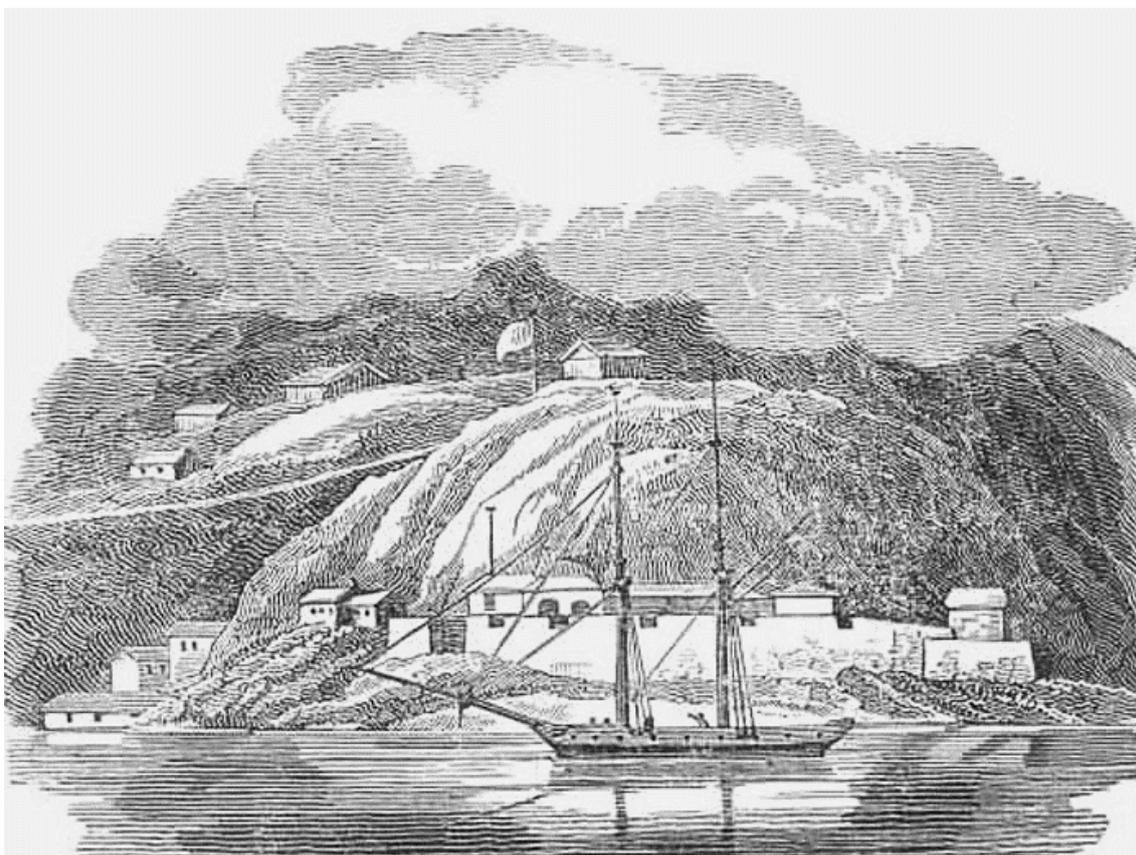
inglesa”[Maria Graham], diz seu biógrafo. ALVES, Fernando. Biografia de Maria Quitéria de Jesus. In: GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 349.

²⁴³ Maria Quitéria, “incorpora-se inicialmente ao corpo de Artilharia e posteriormente ao de Caçadores, com nome de soldado Medeiros[...]. Em fins de 1822, a intrépida baiana, já com o saiote “highlander” sobre o uniforme militar, incorpora-se ao Batalhão dos Voluntários de D. Pedro I, tornando-se, desse modo, oficialmente, a primeira mulher a assentar praça numa unidade militar, em terras brasileiras. Fimda a campanha baiana, Maria Quitéria embarca para o Rio de Janeiro. No dia 20 de agosto de 1823, D. Pedro I confere à gloriosa guerreira a honra de recebe-la em audiência especial[...]num gesto de profunda admiração concede-lhe o soldo de “Alferes de Linha” e a condecoração de “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro”, em reconhecimento à bravura e a coragem com que lutara contra os inimigos da pátria”. Disponível em: [Http://:WWW.eb.mil.br/patronos](http://WWW.eb.mil.br/patronos). Acesso em: 02 de fev.2019.

²⁴⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 350-351.

sobretudo, associadas ao fato dela ter acompanhado de perto as primeiras revoltas constitucionais em Pernambuco e Bahia, quando da sua chegada ao Brasil em 1821 — e ainda, residiam na agradável circunstância de seu regresso da cidade de Valparaíso no Chile.

Figura 10: *Puerto de Valparaiso, Chile, 1822.* Gravura de Maria Graham.



Fonte: Biblioteca Nacional do Chile.ID-BN-63548.jpg.

A bordo do navio *Coll. Allen*, a escritora viera em companhia de ninguém menos do que Lord Cochrane, seu antigo amigo dos anos de juventude na Irlanda, por quem tinha imensa admiração. O almirante escocês contratado no ano de 1818 pelo Diretor Supremo do Chile, o General Bernardo O'Higgins, organizou e comandou uma poderosa esquadra naval, que em pouco tempo assegurou numerosas vitórias para a Marinha Chilena.²⁴⁵ Cochrane adquiriu durante as guerras napoleônicas o apelido “lobo do Mar”, por ser um estrategista exemplar e possuir extraordinária astúcia. A presença de Lord Cochrane no comando da armada chilena foi de grande relevância para a consolidação das Independências do Chile e Peru, contra o domínio político e econômico da monarquia absolutista espanhola naqueles territórios americanos.

Todas as batalhas chilenas travadas pelo almirante escocês, foram descritas por Maria Graham, no *Diário de mi residencia en Chile*. Durante tranquilos passeios ao cair da tarde em Valparaiso, ou à luz suave da vela de um modesto castiçal em sua casinha em Quinteros, seu sempre amigo e protetor Cochrane se fazia presente, para contar-lhe em detalhes, como se deram os conflitos navais, e principalmente suas extraordinárias vitórias sobre os espanhóis. Depois, a sós com sua pena, a autora que cuidadosamente tudo transcrevia, deixou cintilar por entre as palavras manuscritas — para o deleite de seus leitores — os mais enobrecedores adjetivos, enaltecendo a personalidade de seu querido amigo:

Lorde Cochrane tem uma expressão de superioridade, que desde da primeira vez que o vemos, somos induzidos a olha-lo mais de uma vez. Sua expressão varia conforme os sentimentos que lhe passam na alma, mas num aspecto geral, transmite a impressão de ser alguém benevolente. Quando rompe com o seu silencio habitual, sua conversa é rica e variada; ao tratar de assuntos relacionados a sua profissão, torna-se animada e clara. Se alguma vez conheci a inteligência, posso

²⁴⁵ Thomas Alexander Cochrane (1775-1860), décimo conde de Dundonald e marquês do Maranhão, nasceu na Escócia, a 14 de dezembro[...]. Famoso em seu país[...]durante as guerras de Napoleão contra a Inglaterra, Cochrane demonstrou tanta ousadia em operações navais que os franceses o apelidaram de *loup de mer* (lobo do mar) [...]. No entanto, suas espetaculares atividades Navais não agradavam ao almirantado britânico por sua frequente desobediência e excessiva popularidade nacional, despertando ciúmes. Famoso em seu país, Thomas se candidatou ao parlamento e da segunda vez foi eleito. Teve a ousadia de bater-se contra a corrupção na administração naval e essa atitude intransigente lhe criou inimigos influentes, que o acusaram de atividades fraudulentas e especulação na bolsa e valores. Foi condenado em 1814, e esteve preso por dois anos. Retiraram-lhe o título nobiliárquico e foi desligado da Marinha Real. [...]em 1817, casou-se com Catherine Barnes Cochrane e tiveram um filho. Em 1818, Cochrane aceitou o convite para trabalhar para a Marinha chilena nas guerras de independência daquele país e do Perú. Mariz, Vasco. *Retratos do Império: os Orléans, os Saxe-Coburgo e outras personalidades da época*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016, pp. 145-146.

dizer que a mesma se sobressai em Lord Cochrane[...]Ele me mostrou vários desenhos de navios de pequeno porte para serem utilizados no comércio de cabotagem costeira. E assim, se passou para mim a noite mais agradável que tive durante minha estada no Chile[...]levamos três horas para voltar para a minha casa, porque em muitos pontos do caminho, não podíamos galopar; entretanto, um lindo pôr do sol, uma linda vista e a agradável companhia, fazem que não sintamos o passar das horas e as dificuldades do caminho.²⁴⁶

Seu “destemido amigo”, foi contratado pelo Imperador D. Pedro I em 1823, com a missão de organizar e comandar a Armada brasileira, juntando-se aos esforços do governo, para a consolidação da Independência do Brasil. A investida da Esquadra Imperial às terras da Bahia e Maranhão, agora sob o comando do Almirante Lord Cochrane, inspirou-lhe a escrita sobre a tomada das províncias do Norte. A partida do porto do Rio de Janeiro da flotilha composta pela nau capitânia Pedro Primeiro I, e as fragatas Maria da Glória, União e Liberal, mais duas corvetas, quatro brigues e três escunas,²⁴⁷ foi descrita pela escritora, como se uma grandiosa pintura do Romantismo Histórico tomasse forma. Para isso, ela empregou cores sombrias ao descrever a tristeza que sentiu por ver seu amigo partir, e acentuou força cênica ao texto, utilizando-se de uma palheta vibrante e clara, ao vaticinar a glória a que eles estavam prestes de alcançar:

1º de abril. — Esperava o almirante para almoçar comigo, mas tive o grande desapontamento de ver o navio levantar ferro e partir. Soube depois que o Imperador e a Imperatriz estavam a bordo e que o acompanharam fora da baía até o farol, de modo que ele não pôde desembarcar. A manhã estava triste e escura quando a Pedro I, a Maria da Glória, a União e a Liberal levantaram âncora, mas exatamente quando a pequena esquadra passava diante de Santa Cruz e a fortaleza começou a salvar, o sol rompeu de detrás de uma nuvem e um jorro de luz amarela e brilhante desceu sobre o mar por detrás dos navios. Parecia então que eles flutuavam para a glória; esta foi a última visão que tive do meu amável amigo.²⁴⁸

A viagem da Esquadra Imperial para a Bahia não transcorreu bem. Diversos problemas relativos ao estado de conservação e navegabilidade dos navios precisaram ser

²⁴⁶ GRAHAM, Maria. *Diario de Mi Residencia em Chile em el año 1822 e mi viaje ao Brasil*. Madrid: Editora América, 1964, pp. 238-241.

²⁴⁷ Mariz, Vasco. *Retratos do Império: os Orléans, os Saxe-Coburgo e outras personalidades da época...* pp. 145-146.

²⁴⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil ...* p. 267.

resolvidos, além do inconveniente de ter a bordo uma tripulação inexperiente em viagens de navegação, e na sua maioria portuguesa.²⁴⁹ Apesar da situação de inferioridade numérica e da capacidade bélica dos seus navios em relação aos da esquadra portuguesa, Lorde Cochrane na noite de 12 de junho, fez uma investida surpresa contra a armada rival, que estava fundeada na baía, ao largo da cidade de Salvador. A ousada investida aconteceu durante a noite, sem que o general Madeira e seus oficiais estivessem preparados. Ainda que nenhuma avaria tenha sido registrada nas embarcações lusitanas, o ataque causou grande confusão e alarme. Mas semanas seguintes, o almirante escocês impôs um bloqueio naval ao abastecimento da cidade, apreendendo todas as embarcações carregadas com suprimentos que se aproximassem do porto. A situação piorou com o fechamento do cerco terrestre pelas tropas do Exército Imperial Pacificador. Maria Graham descreveu as primeiras notícias sobre a tomada da Bahia e seus desdobramentos:

Parece que Madeira, incapaz de manter o país por mais tempo, está resolvido a deixá-lo. Está sendo compelido ao extremo pela esquadra de Lorde Cochrane, que lhe corta as provisões, pelos contínuos alarmes mantidos na costa devidos à simples presença do Lorde no mar e ainda pelos preparos que ele está fazendo no Recôncavo para um ataque à cidade por meio de brulotes e canhoneiras. Espera-se, portanto, que Madeira abandone a praça logo que possa obter embarcações suficientes para embarcar as tropas[...]os preparativos de Madeira para a partida foram acelerados por um ataque feito por Lorde Cochrane na noite de 12 de junho só com a Pedro I.[...]a ousadia desta tentativa encheu os portugueses de admiração e sobressalto e agora, mais do que nunca, estão querendo abandonar a Bahia.²⁵⁰

Afinal, no dia 02 de julho de 1823, o governador Madeira retirou-se pacificamente da cidade de Salvador, embarcando com todo o seu exército nos navios portugueses, que ainda precisaram forçar o bloqueio da frota Imperial à sua saída na barra. O almirante perseguiu os navios inimigos, até os perder de vista:

²⁴⁹ Sobre este episódio, Vasco Mariz informa: “os oficiais ingleses procuraram adestrar a tripulação fazendo manobras de velas, artilharia e abordagem. Foi difícil manter coesa a frota, pois os navios tinham velocidades diferentes e se afastavam uns dos outros. Em 28 de abril, avistaram Salvador e a esquadra preparou-se para o combate, quando surgiu um impasse: os marinheiros portugueses se revoltaram, trancaram os paíóis e se recusaram a combater seus patrícios. Foi necessária toda a energia do almirante e de seu imediato, Grenfell, para dominá-los e isolá-los”. Mariz, Vasco. *Retratos do Império: os Orléans, os Saxe-Coburgo e outras personalidades da época*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2016, pp. 145-146.

²⁵⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 306-308.

Afinal a Bahia caiu. Madeira, em prosseguimento dos planos anunciados em sua proclamação de 28, havia preparado todos os seus navios de guerra e um grande número de mercantes com provisões, munições e armazenagem, mais a prata, o dinheiro, as joias. [...]acreditava-se que partiria a 3 de julho. Lorde Cochrane, informado a respeito, viera só com a Dom Pedro Primeiro para observar a Bahia na manhã de 2, quando viu a esquadra portuguesa toda soltar as velas de mezena e preparar-se para pôr – se em movimento.²⁵¹

A escritora recebeu as notícias sobre a vitória da causa da independência na Bahia, em primeira mão, juntamente com uma carta do Almirante, destinada especialmente a ela:

Minha cara senhora — Tive pena em saber de sua doença, mas é preciso ficar boa, já que lhe comunico que expulsamos o inimigo para fora da Bahia. As fortalezas foram abandonadas esta manhã e os navios de guerra, em número de 13, com cerca de 32 transportes e navios mercantes, estão em caminho. Acompanhá-los-emos (isto é, a *Maria da Glória* e a *Pedro Primeiro*) até o fim do mundo. Repito, espere novas notícias. Creia-me sempre seu amigo sincero e respeitoso.

Cochrane

Pacificada a província da Bahia, a esquadra Imperial deveria seguir para o Maranhão, cuja Junta de Governo não reconhecia o poder real do Rio de Janeiro, estando subordinado diretamente às ordens de Lisboa e a Casa de Bragança.²⁵² Foi apenas no dia 28 de junho de 1823, que a Junta Governativa do Maranhão aceitou reconhecer o governo do Imperador D. Pedro I, submetendo-se a ele. Isso se deu, após o cerco da armada de Lorde Cochrane à cidade de São Luís, sob as ameaças de um ataque dos canhões da frota Imperial. Maria Graham, recebera as notícias sobre a tomada desta importante província,

²⁵¹GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 311.

²⁵² Sobre a incorporação da província do Maranhão ao governo do Rio de Janeiro, Vasco Mariz esclarece que “Por ocasião da proclamação da Independência, a situação interna no Maranhão foi a que mais se aferrou à fidelidade a Portugal e à Casa de Bragança. O Maranhão estava subordinado diretamente a Lisboa e não ao Rio de Janeiro. Os membros da Junta chegaram a insistir com seus colegas do Piauí e do Ceará para que fizessem um pacto na manutenção da legalidade anterior à Independência. No entanto, as cidades do interior do Maranhão foram pouco a pouco aderindo ao Império, e só a capital São Luís resistia. Quase um ano depois do dia 7 de setembro é que a Junta Governativa do Maranhão, em 28 de junho de 1823, aceitou a incorporação do Império, e isso só aconteceu porque teve de submeter-se pela ameaça dos canhões da frota de Lorde Cochrane, incumbido de levar a liberdade às províncias do Nordeste. Mariz, Vasco. *Retratos do Império: os Orléans, os Saxe-Coburgo e outras personalidades da época ...* pp. 145-146.

diretamente das mãos de um mensageiro do Almirante, que havia chegado no Rio de Janeiro vindo do Maranhão. Desta forma, de posse dos documentos oficiais, a escritora pode escrever em seu *Diário* como teria acontecido, de fato, a incorporação daquela província ao Império:

O Lorde enviou-me as peças oficiais relativas à posse da praça em nome do Imperador, e o oficial que me trouxe os despachos favoreceu-me amavelmente com outros detalhes, de modo que acredito ser o seguinte uma narrativa exata, em geral, tanto quanto possível.²⁵³

O oficial mensageiro trazia ainda uma carta do Almirante dirigida a ela, escrita informalmente, contando como havia sido a derrota imposta aos inimigos. Desta forma, a escritora teve acesso aos relatos da vitória sobre o Maranhão, narrados pelo próprio punho de Lorde Cochrane. Os documentos oficiais haviam sido enviados para serem entregues ao Imperador. Assim, Maria Graham anunciaria o fato em seu *Diário*: “Reina a alegria na corte e na cidade. Lorde Cochrane assegurou o Maranhão para o Imperador. Mais uma vez quebro a minha própria regra e copio parte de sua carta para mim”:²⁵⁴

Maranhão, 12 de agosto de 1823

Minha Cara Senhora

V. deve ter recebido umas poucas linhas que lhe escrevi ao largo da Bahia e também da altura de Pernambuco dizendo brevemente o que nos acontecia[...]. Então, julgando melhor para os interesses de Sua Majestade Imperial, fiz-me de vento para o Maranhão, e tenho o prazer de contar-lhe que meu plano de o incorporar ao Império teve completo êxito. Passei com este navio em frente dos fortes, e após uma notícia acerca do bloqueio e feito constar que a esquadra da Bahia e as forças imperiais estavam barra fora, a bandeira portuguesa foi arriada e tudo se processou sem derramamento de sangue, tal como V. gostaria[...]. O brigue de guerra, outrora *Infante Dom Miguel*, agora, *Maranhão*, seguiu com Grenfell para intimidar o Pará, onde está uma fragata recentemente lançada de cinquenta canhões que, não tenho dúvida, ele já terá tomado a estas horas. Assim, minha Senhora, na minha volta terei o prazer de levar ao conhecimento de Sua Majestade Imperial que entre os dois

253 GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 369.

254 GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil ...* p. 368.

pontos extremos do Império não existe inimigo, seja em terra ou embarcado.²⁵⁵

Para concluir, observamos que a escrita de Maria Graham sobre as batalhas ocorridas nas províncias da Bahia e Maranhão, tal como foi exposto neste subcapítulo, fundamentou-se tanto em documentos oficiais da lavra do próprio Almirante Cochrane, comandante da Esquadra Imperial, quanto em informações a ela transmitidas, por autoridades políticas e correspondentes governamentais.

Ao longo da narrativa destes episódios, Maria entrelaçaria à escrita dos dramáticos acontecimentos, palavras que, em oposição, estavam repletas de nuances romantizadas. Essa mescla textual concebida pela escritora, teve o propósito de enaltecer certas qualidades morais e heroicas do seu famoso amigo escocês, sem, no entanto, deixar de entrever nos textos, o seu testemunho e juízo de valor crítico, sobre aqueles conturbados dias. Por tudo isso posto, defendemos que a escritora legou à vasta historiografia das guerras da Independência do Brasil, páginas de grande relevância documental e excepcional originalidade narrativa.

2.3- Novas possibilidades: a proximidade com a vida palaciana.

A volta ao Brasil em 1823, seria na vida de Maria Graham um episódio que marcaria definitivamente sua trajetória como escritora da História dos primeiros anos do Brasil Independente. Nada escaparia à sua pena; escreveu o que viu e viveu na Corte do Palácio de São Cristóvão; descreveu com desenvoltura sobre os ardís políticos que movimentaram os interesses das elites econômicas, tanto no Rio de Janeiro, como nas províncias que visitou nos anos de 1821, 1823, e 1824; denunciou os abusos cometidos pelo regime escravocrata, e o conseqüente comércio de escravos africanos no Império do Brasil; traçou incansáveis linhas sobre a convocação da Assembleia Constituinte por determinação de D. Pedro I, e sobre o agravo político causado pela efêmera vigência da mesma; analisou criticamente, os desastrosos impactos econômicos e sociais, advindos

²⁵⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, pp. 368-369.

sobretudo, pelas reivindicações das oligarquias regionais na manutenção de seus poderes locais, contra o governo central do Rio de Janeiro:²⁵⁶

Nunca tive muita fé em novas constituições, feitas para se despirem como vestidos, sempre que os homens se sentem cansados das antigas formas[...]. Contudo, pensei ser possível que livre das ordenações Portuguesas e do direito colonial costumeiro[...] uma tal constituição pudesse ser mantida[...] e pudesse regular tudo o que o país estava necessitando: criação de tribunais imparciais, impulsionamento da indústria e do comércio, abolição da escravidão e seus males consequentes, e acima de tudo, a manutenção da paz.²⁵⁷

A inglesa que chegara ao Rio de Janeiro, como a única tripulante feminina, na embarcação que trouxera o Almirante Cochrane, para assumir o comando da Esquadra Imperial,²⁵⁸ tinha diante de si inúmeros desafios pessoais a enfrentar. Seu retorno ao Brasil, agora na condição de viúva em terras estrangeiras, significou para si mesma, o aprendizado em lidar com soturnos sentimentos como a solidão, a tristeza e o desânimo: “Estou de novo sem ninguém a quem me arrimar, e sozinha no mundo, com minha carga de melancolia”.²⁵⁹ Maria ainda teria que lutar contra a imensa fragilidade de sua saúde, que, por dias consecutivos, a incapacitava de levantar-se da cama:

Por muitas semanas após a abertura da assembleia, as deliberações se processaram tão bem quanto possível. As notícias dos portos do Norte eram favoráveis. A esquadra de Cochrane havia feito muitas presas, especialmente de armas e munições, que os portugueses estavam tentando contrabandear para a Bahia. O Ministério dos Andradas parecia ser tão justo e sábio que ninguém duvidava de sua longa permanência e de que ele obteria para o Brasil uma Constituição que

²⁵⁶ Emília Viotti da Costa elucida que: “Durante o período que decorre da Proclamação da Independência até a Abdicação, a luta, travada em nome das reivindicações liberais, visava combater o poder real, o absolutismo em suas bases: os “corcundas”, na sua maioria comerciantes, militares, e funcionários portugueses. Outro tema central das discussões liberais seria o federalismo, a revelar outro nível dos conflitos: a luta entre as várias oligarquias regionais pelo poder local e contra as tendências centralistas”. COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: Editora brasiliense, 1987, p. 126-127.

²⁵⁷ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* pp. 78-79.

²⁵⁸ Rodolfo Garcia informa que das *Notícias Marítimas do Diário do Governo*, de 15 de março de 1823, consta: “Entradas. Dia 13 da corrente: Valparaíso, 60 dias, B. ingl. Colonel Allan, M. Bartholomew, equipagem: carne salgada, a May & Lukin; passageiros Lord Cochrane com 6 criados, 11 oficiais ingleses e espanhóis e 1 mulher”. GARCÍA, Rodolfo. Apresentação. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* 12.

²⁵⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil ...* p. 265.

tornaria a Independência do Brasil uma benção[...]abolindo não somente o comércio de escravos, mas a própria escravidão. De minha parte fui obrigada a me satisfazer com a leitura dos relatórios, tais como foram publicados no *Diário da Assembleia*, pois que fiquei confinada em minha casa, durante muitas semanas, com uma grave moléstia.²⁶⁰

Contudo, sua extraordinária força de vontade, e de viver, a impulsionaria a escrever no seu *Diário*, onde com singular propriedade, alinhavou a vivência cotidiana de seus dias, aos muitos relatos históricos testemunhados:

Ninguém diga que está muito infeliz para receber qualquer consolo. Eu por exemplo, estou sozinha, viúva, em terra estranha, minha saúde está fraca e meus nervos irritados, não tenho riqueza nem posição, sou forçada a receber favores dolorosos e chocantes com os meus hábitos e preconceitos antigos e topo muitas vezes com a impertinência dos que pretendem aproveitar-se de minha situação solitária; mas estou certa, contudo, de que tenho mais *meias horas*, não ousa mais dizer *horas*, de verdadeiro prazer, e menos dias de verdadeira miséria do que a metade desses que o mundo considera felizes. Agradeço a Deus, que me deu um temperamento que sente estranhamente os agravos, mas, ao mesmo tempo, dotou-me com igual capacidade para a alegria.²⁶¹

O Rio de Janeiro que a escritora agora encontrara, era uma cidade diferente daquela que a viu partir em 1821. Tudo parecia estar em movimento, e o encontro entre o arcaísmo e a modernidade,²⁶² deu um novo sentido, às inúmeras mudanças ocorridas nos espaços urbanos, atentamente observados pelo olhar por Maria Graham. Desde o tempo de sua partida para o Chile, a antiga cidade adquire agora, um maravilhoso ar de polimento europeu:

Novos chafarizes se inauguraram, repararam-se aquedutos; todas as fortalezas e outras obras públicas melhoraram visivelmente e as ruas foram calçadas de novo[...]Mesmo durante os doze meses de minha

²⁶⁰ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, pp. 76-77.

²⁶¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 363.

²⁶² Mary Del Priore observa que “o mesmo olhar panorâmico de estrangeiros e viajantes enxergaria entre nós, não só o encontro de culturas, mas, também o de tempos: arcaísmo e modernidade, permanências e mudanças se deram as mãos nestas primeiras décadas dos Oitocentos. Se o público era o espaço das transformações no cotidiano, o privado, seguia o lugar da tensão entre a repetição e a novidade”. PRIORE, Mary Del. *Cotidiano, Permanências e Rupturas no Rio de Janeiro...* p. 70.

ausência do Rio, vejo que um maravilhoso polimento se processou e tudo está adquirindo um tom europeu.²⁶³

O primeiro encontro da autora com a melancólica realidade que a vida lhe reservara em sua volta ao Brasil, se daria, logo ao desembarcar do navio que a trouxera do Chile. Para ela, o desamparo em que se agora se encontrava, ganharia significado dramático, ao constatar a indiferença dos seus companheiros de bordo, no momento que desembarcou da *Coll. Allen*:

Levei Glennie para terra à tarde, e fui bastante tola para me entristecer por ter de abandonar meus companheiros de viagem, e mais tola ainda por me incomodar com a completa indiferença com que me viram partir: ambas as coisas talvez bastante naturais.²⁶⁴

Talvez por estar só, sentindo-se deprimida pela sua viuvez, e ainda sem notícias recentes do seu querido amigo Cochrane, a escritora tenha continuamente mencionado no *Diário*, um estado melancólico que a invadia, desde que desembarcou com o seu primo Glennie para morar em Botafogo: “O Sr. May veio a bordo e me disse que eu poderia obter a casa de Sir T. Hardy por poucos dias, até poder arranjar uma para mim”. Deste dia em diante, Maria se ocupou com a recuperação do primo enfermo, e a escrever sobre o seu abatido estado de ânimo: “e assim, após algum tempo, consegui da venda próxima um chá aceitável para dar ao doente e[...]não tive tempo para sentir-me bastante abatida”.²⁶⁵

Entretanto, o tom de sua escrita tornar-se-ia mais otimista, no momento em que ela conseguiu mudar-se para uma casa no outeiro da Glória. Lá, Maria estava mais próxima do amigo Almirante, e da sociedade inglesa residente na Corte do Rio de Janeiro: “sinto-me tão isolada, que penso ter que abandonar meus hábitos sedentários e fazer algumas visitas aos vizinhos”.²⁶⁶ Embora estivesse próxima aos seus compatriotas ingleses, Maria, limitava-se a encontra-los socialmente nos finais de semana: “não há muitas visitas formais entre os ingleses[...]meus conterrâneos formam aqui um grupo discreto e sóbrio

²⁶³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, pp. 265-327.

²⁶⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 265.

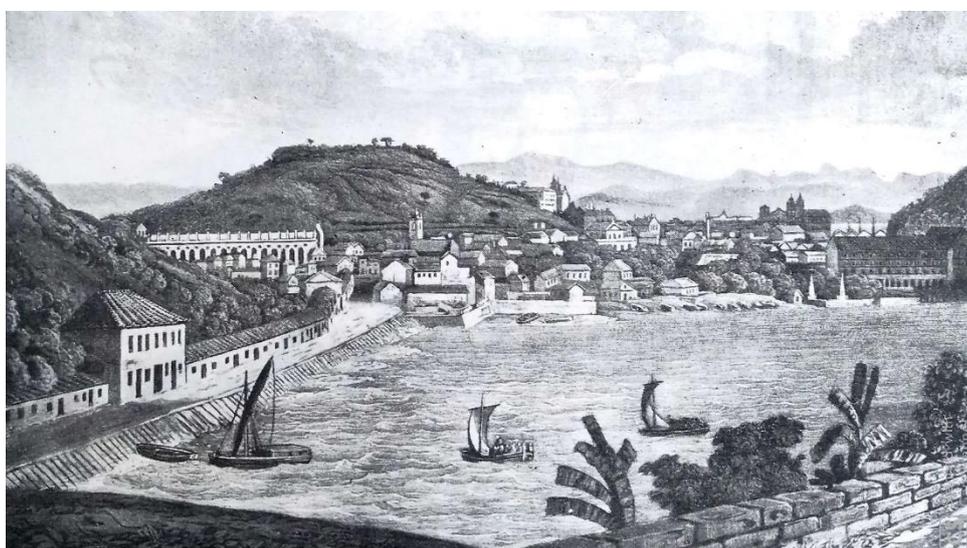
²⁶⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 265.

²⁶⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 269.

[...]vão regularmente à igreja nos domingos e[...]encontram-se depois da igreja para almoçar ou palrar”.²⁶⁷

O capitão Bouchier[...]ofereceu-me amavelmente o barco para me transportar, e ao meu primo e minhas cousas, para a minha casa de campo, no outeiro da Glória, perto de Mr. May e não muito longe da casa que o governo deu a Lorde Cochrane como residência provisória. É agradável para mim por vários motivos: é fresca[...]quase cercada pelo mar, que arrebenta contra a muralha, e como não fica junto de nenhum caminho, estaremos perfeitamente tranquilos.²⁶⁸

Figura 11: *O Rio visto do outeiro da Glória.* Desenho de Maria Graham, 1824.



Fonte: *Diário de uma viagem ao Brasil*, 1990.

Ela sentia-se só e em terra estranha. Contudo, secretamente, Maria alimentava a esperança de permanecer no Brasil, por mais tempo do que o inicialmente previsto. O que a teria motivado a esta escolha? Ela mesma, já teria declarado anteriormente, que “eu não pensava comprometer-me em coisa alguma fora da Inglaterra”.²⁶⁹ Alguma coisa, entretanto, havia mudado. Talvez nesse momento a escritora tenha vislumbrado para si, a possibilidade de ser útil à família Real – Ofereceria então, seus serviços para ser governanta das princesas! – Na leitura do *Diário*, constatamos, que com o passar dos dias, a escritora foi traçando uma inteligente estratégia, que possibilitasse sua aproximação à

²⁶⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p.310.

²⁶⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*... p. 266.

²⁶⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*... p. 380.

vida palaciana, pois “confesso que quanto mais via a Família Imperial, mais queria servir a ela”.²⁷⁰

Seu estratégico plano, previa pedir a proteção da Imperatriz, enquanto estivesse em terras brasileiras, e aproximar-se dos antigos amigos, que já a conheciam desde a sua primeira viagem ao Brasil, época em que ainda era casada com um oficial inglês, em missão diplomática na América do Sul.

Logo que se instalou na sua nova casa na Glória, Maria Graham escreveu uma carta para José Bonifácio, externando seu desejo de prestar as honras e homenagens devidas à Imperatriz. Nessa mensagem, a escritora teve a oportunidade de apresentar formalmente uma breve autobiografia e a sua genealogia familiar, afim de provar uma linhagem “antiga e honrosa, ainda que não de origem nobre”:

Ao chegar como estrangeira à Capital do Brasil, reconheço que devo ter dado a impressão de falta do respeito devido à S. M. a Imperatriz, por não ter a mais tempo solicitado a honra de me ser permitido prestar-lhe minhas homenagens[...]confio que serei perdoada por fornecer os seguintes dados acerca de minha pessoa. Meu marido era capitão de carreira da Armada Britânica, da classe mais antiga e, portanto, mais elevada quanto ao nível[...]meu pai, que era almirante na Inglaterra reivindicava uma ascendência igualmente antiga e honrosa, ainda que não de origem nobre. Quanto a mim[...]tive a infelicidade de ficar viúva e sou hoje uma estrangeira no Brasil, onde espero passar alguns meses antes de voltar à Europa. É, pois, como estrangeira e como viúva que quereria colocar-me especialmente sob a proteção de sua Augusta e Amável Imperatriz.²⁷¹

Na conversa com José Bonifácio, a escritora manifestou que desejava ter o apoio e a proteção da Imperatriz Leopoldina enquanto estivesse no Brasil. Revelou ainda para o ministro, que embora não a conhecesse pessoalmente, tinha por ela grande admiração. Bonifácio prontamente atendeu ao seu pedido, e comunicou a sua intenção à S. M. Imperial, e recomendou, que ao chegar no palácio, procurasse por sua irmã, a Camareira

²⁷⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 380.

²⁷¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 294.

–Mor da Imperatriz, que a apresentaria formalmente à Princesa.²⁷² A resposta da Princesa à solicitação de Maria Graham foi a melhor possível:

Logo depois que cheguei aqui, em março, ou, antes, logo que meu parente Glennie me deixou, senti que, na qualidade de estrangeira, e na posição em que me encontro, estava extremamente desamparada; por conseguinte, falei ao ministro José Bonifácio, narrando-lhe meus sentimentos, e mostrando o desejo, dado o temperamento sensível da Imperatriz, de ter permissão para contar com o apoio dela e considerá-la minha protetora enquanto permanecesse no Império. Em consequência, ela me prometeu marcar um dia para receber-me [...]marcou-se para isso o dia de depois de amanhã. [...]cheguei na hora marcada; e, tal qual me recomendaram, procurei a Camareira-Mor, irmã de José Bonifácio e fui encaminhada à sala de recepção[...]A Imperatriz chegou pouco depois, com um belo vestido de manhã, de cetim púrpura com enfeites brancos e uma aparência muito boa.²⁷³

Esse encontro marcaria o início de uma verdadeira e longa amizade entre a Imperatriz e a escritora, que duraria até os últimos momentos de vida da jovem princesa. Maria Graham descreveu com a delicada sensibilidade que lhe é peculiar, o tom afável do primeiro diálogo transcorrido entre as duas:

Falou comigo com a maior amabilidade, e disse, da maneira mais lisonjeira, que há muito me conhecia de nome, e diversas outras coisas que ditas por pessoas de sua categoria se tornam agradáveis pela voz e pela maneira de dizer. Deixei-a com a mais agradável das impressões. Ela é extremamente parecida com diversas pessoas que vi da família Imperial da Áustria, e tem uma expressão notavelmente doce.²⁷⁴

A escritora apenas começava a conhecer aquela Imperatriz que viria a tornar-se sua grande amiga e protetora. A reciprocidade afetiva registrada em seus textos, antevia a dimensão que essa amizade ocuparia na sua vida. Daquele dia em diante, a sorte de Maria Graham no Brasil estaria definitivamente entrelaçada, às oportunidades que alguns

²⁷² Marina de Andrada Procópio de Carvalho esclarece que: “D. Maria Flora Ribeiro Andrada (1764-1851), nomeada Camareira-Mor em 1822, deixou o cargo ao deixarem os irmãos o governo e retirou-se para a sua terra natal, onde faleceu solteira. CARVALHO, Marina de Andrada Procópio de. *A família Andrada*, Revista do Instituto Heráldico-Genealógico, nº 9,1942-43, p. 581.

²⁷³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 300.

²⁷⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 301.

de seus bons e influentes amigos lhe proporcionariam, afim de aproximá-la da vida palaciana.

Sir Thomas Hardy²⁷⁵, o almirante²⁷⁶ então comandante da estação naval britânica da América do Sul e a Viscondessa do Rio- Seco²⁷⁷ esposa de Joaquim José de Azevedo, o Visconde do Rio Seco²⁷⁸ um dos homens mais ricos do Brasil, eram exemplos de verdadeiros amigos que apreciavam as qualidades morais e intelectuais da Maria Graham, e estavam interessados em introduzi-la ao convívio palaciano, e ao melhor da sociedade carioca.

Entretanto, ao contrário do apoio de seus caros simpatizantes, parte dos conterrâneos ingleses tinha ciúmes da desenvoltura intelectual da escritora e frequentemente faziam comentários maliciosos sobre ela, ainda que não a conhecessem: “e porque hei de notar-lhes os defeitos ou chocar-me com as histórias absurdas que contam a meu respeito porque não me conhecem?”. Maria lamenta os comentários, e maledicências descabidas, espalhadas por aqueles ilustres cidadãos ingleses desconhecidos, retrucando altivamente em seu *Diário*: “além disso, não é grande afronta ser chamada mais sábia do que o outro”.²⁷⁹

Desde a sua chegada ao Rio de Janeiro, a escritora era sempre vista ao lado da amiga Viscondessa, que gentilmente a convidava para o seu camarote no Real Teatro de

²⁷⁵ Sir Thomas Marteman Hardy (1769-1839), Almirante inglês. Teve celebridade nas campanhas de Nelson, a cujas ordens imediatas serviu. Foi desde agosto de 1819 comandante em chefe da estação naval na América do Sul”. GARCÍA, Rodolfo. Apresentação. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 32.

²⁷⁶ Marc Ferrez nos lembra: “Os almirantes ingleses eram pessoas tão ou mais importantes que os ministros de seus países pois aqui estavam para ajudar a defender os interesses comerciais do seu país”. FERREZ, Marc. Introdução. In: *Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond...* p. 03.

²⁷⁷ D. Mariana Pereira da Cunha, segunda mulher do Visconde do Rio - Seco, era filha do Marquês de Inhambupe. GARCÍA, Rodolfo. Apresentação. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 32.

²⁷⁸ Joaquim José de Azevedo, Barão, depois Visconde, com grandeza, do Rio Seco, por fim Marquês de Jundiá. Nasceu em Portugal a 12 de setembro de 1761 e faleceu no Rio de Janeiro a 07 de abril de 1835. [...]Era, se não o homem mais rico, certamente um dos mais ricos do Brasil do seu tempo”. BARROSO, Gustavo. Apresentação. In: SCHLICHTHORST.C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)* ... p. 50.

²⁷⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p.311.

São João,²⁸⁰ e a requisitava a comparecer às concorridas festas, nos magníficos salões dos seus suntuosos palacetes.²⁸¹

No dia 03 de maio de 1823, houve a abertura da Assembleia Constituinte e Legislativa. Este importante acontecimento terminou em uma apresentação de grande gala no Real Teatro de São João. Maria Graham que esteve presente a todas as comemorações ao lado de sua amiga Rio-Seco descreveu a sessão solene da abertura, a fala do Imperador, a reação dos deputados e as apresentações teatrais que se seguiram à efeméride:²⁸²

A primeira Assembleia legislativa se reuniu. A época era de extraordinária excitação. O Imperador, a Imperatriz e a filha mais velha estiveram presentes. Era o acontecimento mais importante para o Brasil desde que Cabral havia chegado às suas praias.²⁸³

O Imperador, após entregar a coroa e o cetro ao oficial competente, recebeu o juramento de vários deputados e falou da maneira que se segue. Notou-se que a fala, longe de ter o ar de uma coisa lida ou de um papel estudado, foi pronunciada tão livremente[...]que despertou um equivalente sentimento em seu favor[...]. As cerimônias do dia

²⁸⁰ Sobre o Real Teatro de São João, Vasco Mariz ressalta: “A construção demorou quatro anos e só ficou pronta em 1813, tomando o nome de Real Teatro de São João, em homenagem ao príncipe regente. O teatro era magnífico para a época e se encontrava no chamado Rocío do Rio de Janeiro, hoje praça Tiradentes[...]durante cerca de treze anos o Real Teatro foi uma luz que iluminava o Brasil, encantava o público e surpreendia os viajantes estrangeiros que aqui aportavam. Infelizmente, tudo terminou na noite de 25 de março de 1824, já depois do regresso de D. João VI, com o incêndio do teatro”. MARIZ, Vasco. *A música no Rio de Janeiro*. In: IPANEMA, Rogéria Moreira de. (Org.). *D. João, e a cidade do Rio de Janeiro-1808-2008*. Rio de Janeiro: IHGB, 2008.

²⁸¹ Segundo Gustavo Barroso: “O Visconde do Rio Seco possuía no Rio de Janeiro três palácios luxuosamente montados: um no centro da cidade, outro em Mata-Porcos, e o terceiro no Campo dos Ciganos ou Largo do Rossio, na atual praça Tiradentes” BARROSO, Gustavo. Notas. In: SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826) ...* p. 50.

²⁸² O depoimento de Maria Graham sobre o espetáculo comemorativo à abertura da Assembleia em 03 de maio de 1823, é confirmada pela publicação da efeméride no *Diário do Governo* do dia 05 de maio daquele ano, como veremos a seguir. Foi transcrita e anotada por Rodolfo Garcia no Escorço Biográfico de D. Pedro I: “Esteve a noite iluminada toda a Cidade com profusão de luzes extraordinárias, e pelas oito horas da noite, apareceu S.M.I. no Theatro, onde foi recebido com iquaes aclamações. Ali achava-se também quatro camarotes a cada um dos lados do S.M.I., ornados com o maior aceio, e destinados para os nossos deputados. Principiou o espectáculo pela recitação de um excelente elogio dirigido a S. M. I. e à Assembleia: seguindo-se lhe a representação da Peça intitulada *Os Tártaros na Polônia*, concluindo o divertimento uma soberba dança allegorica, em que se representou o *Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral*, de que o dia de hoje é aniversário. Quando baixou o Gênio com a Bandeira do Império e a desenrolou sobre o Theatro, todos os espectadores subitamente se pozeram de pé. E as aclamações, os vivas ao Império do Brasil à nossa Independência foram, e com tal entusiasmo, pronunciados, que seria impossível à mais hábil pena descrevel-os”. GARCÍA, Rodolfo. Apresentação. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 76.

²⁸³ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 75

encerraram-se naturalmente com um espetáculo de teatro e como minha amiga, Madame Rio Seco, me oferecera gentilmente uma cadeira em seu camarote, lá fui eu pela primeira vez desde minha volta ao Brasil. Ela estava num grande entusiasmo por que, nesse dia, o Imperador havia conferido ao marido a ordem do Cruzeiro e, por isso, foi realmente em grande gala ao teatro[...]. Os membros da Assembleia estavam sentados metade à direita e metade à esquerda, em camarotes especialmente destinados a eles, e logo que todos ocuparam seus lugares, a prima – dona recitou um poema sobre a oportunidade, no qual havia algumas boas passagens, que provocaram grandes aplausos[...]. Realmente esta eloquência foi poderosa nessa noite[...].O Imperador lá estava[...].foi recebido com aplausos delirantes[...].nada houve de notar na peça principal Lodoïska, sem as canções[...].mas a peça final despertou muita emoção: era chamada *A descoberta do Brasil*[...].²⁸⁴

Em seu Diário Maria Graham relata que a segunda oportunidade que teve de encontrar-se a sós com o casal de Imperadores e ver de perto a princesinha Maria da Glória, que viria a ser sua pupila, aconteceu quando ela se dirigiu ao Palácio de São Cristóvão: “Havia algum tempo que eu prometera à Imperatriz desenhar um esboço de São Cristóvão; hoje resolvi levar-lho”.²⁸⁵ Foi recebida com cortesia pelo Imperador “que me perguntou pelo quadrinho[...].avistei as princesinhas que são extremamente belas especialmente a mais velha, D. Maria da Glória, que tem uma das caras mais inteligentes que já vi”.²⁸⁶

²⁸⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Iatataia, 1990, pp. 280-292.

²⁸⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 316.

²⁸⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 316.

Figura 12: *San Cristovão*. Gravura de Edward Findem; Desenho de Maria Graham, 1823.



Fonte: Museu Nacional.

Quando mais tarde, finalmente encontrou-se com a Imperatriz, notamos que sua escrita foi tomada por uma incomum emoção. Maria Graham estava finalmente em contato com alguém com quem poderia compartilhar a sua ilustrada cultura, e o refinado domínio dos saberes que possuía, referentes ao mundo das letras, artes, ciências naturais e filosofia. Haveria na amizade nascente entre as duas, as mais profundas e recíprocas identificações intelectuais: “Pondo de parte a consideração pela sua alta categoria, não foi pequeno o meu prazer em encontrar uma mulher tão bem cultivada e bem-educada”.²⁸⁷

Ela é, sob todos os pontos de vista, uma mulher amável e respeitável. Nenhuma pessoa miserável jamais recorre a ela em vão; e seu comportamento, tanto público quanto privado, inspira justamente a admiração e o amor de seus súditos a sua família; suas atividades pessoais exornariam a posição de qualquer dama particular; sua paciência, prudência e coragem, tornam-na digna de sua alta posição.²⁸⁸

²⁸⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990 p. 317.

²⁸⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 317.

A roda da fortuna havia girado para a escritora, e no dia 12 de outubro de 1823, durante as comemorações do aniversário do Imperador, no Palácio de São Cristóvão, “a viscondessa contou-me então que estivera falando a meu respeito com a Imperatriz”.²⁸⁹ Maria Graham foi tomada pela surpresa desta conversa, e em seu *Diário* registrou que: “Isso me surpreendeu[...]Seis meses antes, de fato, eu havia dito que estava tão encantada com a Princesinha que gostaria de educa-la”.²⁹⁰ Enfim, Maria Graham teria se aproximado da Imperatriz, e seria por meio da prática educacional, que seu objetivo iria concretizar-se: “eu fiquei admirada com a sorte que me oferecera uma oportunidade tão diversa de tudo que eu havia previsto[...]Se é verdade que eu anteriormente lhe ficara grata, fiquei desta vez encantada”.²⁹¹

Mrs. Graham era uma intelectual, excepcionalmente preparada para o seu futuro cargo. A escritora, que era poliglota²⁹², havia recebido desde tenra idade uma excelente educação, que a distinguia da maioria das mulheres de sua época. Frequentou aulas de desenho e pintura; conviveu com artistas e literatos proeminentes de seu tempo como, o pintor inglês Sir Thomas Lawrence (1788-1830), ou o poeta irlandês Thomas Campbell (1777-1844), dentre outras celebridades, que se hospedavam na casa de seu tio paterno, Sir David Dundas, em Richmond. Assim, cercada por muitos livros, pincéis, música e elaborações metafísicas, a jovem escritora passaria parte de sua ilustrada mocidade. Ela preparou-se culturalmente estudando a literatura europeia, e os clássicos Ingleses; leu os principais filósofos da antiguidade clássica e os pensadores modernos. Maria interessava-se especialmente pela a história natural, ciência que estava em franca ascensão no século XIX. Toda essa vivência pretérita, ampliaria extraordinariamente sua visão de mundo, influenciando a originalidade representativa da sua escrita.²⁹³

Era também uma excelente educadora. Viera a bordo da fragata Doris, como professora da escola dos guarda-marinha, futuros oficiais ingleses: “Nossa escola para os rapazes de bordo, está agora bem organizada[...]A escola dos guarda-marinha vai muito bem[...]as observações astronômicas, a escola, o estudo da História, das línguas

²⁸⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 380.

²⁹⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 380.

²⁹¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 379.

²⁹² Segundo o seu biógrafo Tomás Lago, Maria Graham falava os seguintes idiomas: francês, alemão, árabe vulgar, hindu, sânscrito, italiano, sueco, inglês clássico e moderno, e português. LAGO, La Viajera Ilustrada- A vida de Maria Graham... p. 87.

²⁹³ CAMPOS, Raymundo. *Viagem ao Nascimento de uma Nação...* p. 10.

modernas, e a atenção em observar tudo o que se passa, enchem completamente o nosso tempo”.²⁹⁴

Conforme o século XIX avançava, uma nova classe de professores chegava ao Brasil. Os educadores viajantes ocupavam cada vez mais, o lugar da instrução doméstica, nas casas da elite brasileira. Para Miriam Moreira Leite, as educadoras viajantes, formavam um grupo, “cuja profissão permitiu uma sensível penetração dos inter-relacionamentos familiares dos vários grupos sociais do Brasil”.²⁹⁵ Às Governantas, cabia a responsabilidade pela educação dos filhos e filhas das famílias abastadas. Saber ler e escrever, contar e fazer as quatro operações, além da iniciação na doutrina católica, eram os primeiros ensinamentos dados para crianças de ambos os sexos. Com o passar do tempo, entretanto, conforme cresciam, algumas distinções entre os gêneros apareciam: para os meninos, noções de matemática e geometria; para as meninas, as prendas domésticas, do bordado e da costura.²⁹⁶

Contudo, Maria Graham era diferente. Ela não era uma governanta - viajante. Deixou indícios da sua disciplinada obediência ao ofício docente: “Mas como não somos viajantes por curiosidade, mas estamos em serviço, e[...]devemos observar a mais estrita obediência aos nossos deveres”.²⁹⁷ Para ela, o papel de governanta que estava prestes a representar, significava algo muito distinto... Suas jovens alunas eram as princesinhas imperiais e isso por um momento, a assustou: “não sei se terei coragem de propor-me para uma tão árdua e importante posição”.²⁹⁸ Nessa passagem do texto, há evidências de que, para Maria Graham, a ideia de ser governanta das princesinhas não passava de uma possibilidade fictícia, dita informalmente durante uma conversa com Sir Thomas Hardy. O amigo, entretanto, não perderia tempo em comunicar a possibilidade aos irmãos Andradas:

É estranho, mas verdadeiro: nunca soube como ou quando surgiu a ideia de me tornar governante das princesinhas. Quem primeiro me perguntou se eu aceitaria o cargo foi Sir Thomas Hardy, que então

²⁹⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 118.

²⁹⁵ LEITE, Miriam Moreira. *A condição Feminina no Rio de Janeiro - Século XIX...* p. 27.

²⁹⁶ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das Mulheres no Brasil...* p. 444.

²⁹⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 114.

²⁹⁸ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 32.

comandava a esquadra inglesa da região da América do Sul. Sem imaginar que ele estivesse no segredo, eu respondi: “certamente”. E acrescentei: “que coisa deliciosa, salvar essa linda criança das mãos das criaturas que a cercam, educa-la como uma dama europeia — ensinar-lhe, já que ela terá de governar este grande país, que o Povo é menos feito para os Reis, que os Reis para o Povo”. Se estas palavras foram repetidas a algum dos Andradas como um sério plano de minha parte, não sei. É certo que desde então recebi da parte deles, uma grande consideração, e finalmente, através de algumas de suas relações, uma intimação direta.²⁹⁹

Os Imperadores aceitaram a proposta e ordenaram que Maria Graham “requeresse formalmente o cargo que eles já haviam predeterminado conceder, a fim de nomear-me sem demora governante das Princesas Imperiais”.³⁰⁰ Agora tudo já estava acordado. A escritora não poderia voltar atrás: “vim para casa para escrever uma carta a Sua Majestade Imperial e imaginar o que deveria fazer em seguida”. Na manhã seguinte, a futura governanta entregaria sua carta à Imperatriz D. Leopoldina:

Carta de Maria Graham à Imperatriz Leopoldina

13 de outubro de 1823— Rio de Janeiro

Ainda que vivamente interessada em falar a Vossa Majestade Imperial com referência ao importante negócio iniciado ontem pela Viscondessa do Rio – Seco, por sugestão, segundo ela me informa, do meu conterrâneo Sir Thomas Hardy, não sei se terei coragem de propor-me para uma tão árdua e importante posição. Desde que se tratou disso, peço licença para assegurar a Vossa Majestade Imperial que é minha maior ambição tornar-me governante das Imperiais Crianças do Brasil.

[...]Gosto imensamente de crianças e dedicaria todos os meus pensamentos e sentimentos ao meu encargo, se ele me fosse confiado, com o maior ardor, porque não tenho agora nem mesmo os apelos do dever para dividir meu coração ou pensamento.

[...]Ofereço-me a Vossa Majestade Imperial, certa de que uma princesa tão perfeita deve ser a verdadeira diretora dos pontos principais da educação de suas filhas: mas posso prometer ser uma zelosa e fiel assistente[...]vossa majestade Imperial tem o direito de fazer as mais minuciosas investigações a meu respeito[...]e envaideço-me de que na

²⁹⁹ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 78.

³⁰⁰ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 8.

Inglaterra, onde sou realmente conhecida, tais investigações darão resultado satisfatório. Nada direi das aptidões e conhecimentos que deve possuir a pessoa tão altamente honrada em ser colocada tão perto das pessoas das jovens princesas: Vossa Majestade Imperial é um juiz competente e eu, e bom grado, confio na opinião de Vossa Majestade Imperial, e se houver algum ponto em que eu seja deficiente, ousou crer que o compensarei com o estudo, a que me levam meus hábitos.

Caso o grande desejo de meu coração se realize, de ficar com as princesinhas, talvez seja vantajoso eu vá para à Europa escolher os livros e outras coisas essenciais para o desempenho de minha interessante missão, satisfazendo assim, não só aos augustos pais de minhas discípulas, mas às esperanças desta nação, que olha para a família Imperial como o Paládio do Estado, e que há de considerar como um encargo da maior responsabilidade a direção, em qualquer grau, a educação de seus filhos.³⁰¹

Ao analisarmos esta carta, verificamos que logo no início da correspondência, Maria Graham induz os Imperadores a acreditarem que a sugestão de seu nome para o cargo de governanta das princesas teria partido do seu amigo Thomas Hardy. Ao contrário, como descrito nas fontes, originalmente a ideia teria sido da própria escritora. Mais à frente, ela confessa seu temor em tomar para si uma missão de tamanha importância. Contudo, logo em seguida, contraditoriamente, assegura que sempre quis tornar-se governanta das princesas. Aqui mais uma vez, encontramos divergências entre o tom de insegurança do que foi escrito na carta e as características marcantes de sua personalidade resoluto. Em outro trecho do documento, a futura governanta atesta que, por ter uma vida extremamente solitária, poderia dedicar-se inteiramente à sua missão educadora. Continuando a leitura da fonte, verificamos que a escritora quando enaltece as raízes culturais da Imperatriz austríaca, e a coloca como a verdadeira provedora da educação de suas filhas, o faz afirmando ao mesmo tempo, as suas próprias aptidões e idoneidade, e publicamente se declara envaidecida por ser uma escritora reconhecida na Inglaterra. Por fim, ela revela aquilo que secretamente tanto desejava: ser a governanta das princesas imperiais. Maria Graham sentia-se intelectualmente preparada para educá-las, qualquer que fosse o grau exigido. Considerou importante que os livros e outros materiais utilizados na sua nobre missão, fossem providenciados na Europa. Para isso aludiu sobre a necessidade de ir à Inglaterra antes de tomar posse de seu promissor cargo.

³⁰¹ LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 32.

A resposta da Imperatriz à carta de Maria Graham, foi imediata:

São Cristóvão, 15 de outubro de 1823.

Senhora Graham.

Recebi vossa carta de ontem, à qual tenho o prazer de responder que eu e o Imperador estamos ambos muito satisfeitos em aceitar o vosso oferecimento para ser governante de minha filha; e como expusestes que desejais ir a Inglaterra antes de começar a servi-la, o Imperador não pôs dúvida em permiti-vos esta ida e diz que sereis nomeadas governante de minha filha; e como expusestes que desejais ir à Inglaterra para agradar-vos e mostrar-vos minha grande estima.

Vossa afeiçoada

Maria Leopoldina³⁰²

Maria Graham embarcou para a Europa, no dia 21 de outubro de 1823, apenas seis dias após a resposta da Imperatriz à sua carta. Ela teria a partir desta data, uma licença de até um ano. Voltaria apenas em setembro do ano de 1824.

Ao concluir este subcapítulo, inferimos que tudo aconteceu sem que a escritora anteviesse o alcance que o seu plano secreto abrangeria. Afinal, não poderia voltar atrás, e intimamente lamentou muito ter que partir, sem que pudesse ver mais uma vez o seu querido amigo Almirante ... “havia determinado comigo mesma que havia de ver meu melhor amigo nesta terra após façanhas e triunfo. Mas já agora pus mãos à obra e não posso voltar atrás”.³⁰³ Finalmente a escritora havia conseguido alcançar o seu propósito, e agora ao pensar no futuro, não mais imaginou-se sozinha, desamparada e sem recursos na terra estrangeira. Daquele dia em diante, Maria Graham teria uma nova e interessante missão a cumprir e um sopro de esperança inundou novamente a sua vida. Todavia, em breve, o seu imprevisível e desafiador destino, estaria de volta ao Brasil. E, ele aguardaria por ela.

³⁰² LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 34.

³⁰³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 380.

CAPÍTULO 3

Entre diálogos diplomáticos e intrigas palacianas: tensões, desilusões e rupturas na escrita de Maria Graham.

3.1- Na pena de Maria Graham, a escrita sobre a Confederação do Equador.

O Brasil amanhecera no ano de 1824, sob o céu enegrecido e revoltoso das turbulências políticas, em consequência da dissolução da Assembleia Constituinte em 12 de novembro de 1823.³⁰⁴ Contudo um determinante fato político, desencadearia uma violenta oposição popular: a outorga de uma nova carta constitucional em 25 de março de 1824, por D. Pedro I. A carta acrescia aos poderes Legislativo, Executivo e Judicial, um quarto poder — o Poder Moderador — que garantia ao Imperador amplas atribuições decisórias.

Mais uma vez as províncias do Norte e Nordeste estariam conflagradas contra o governo central do Rio de Janeiro. A notícia da outorga da Carta, “*chave mestra da opressão*” e “*invenção maquiavélica*”, nas palavras de um dos mais expressivos porta-vozes dessa oposição, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca,³⁰⁵ havia incendiado os já aquecidos ânimos dos pernambucanos. Aderiram ao movimento, as elites regionais

³⁰⁵Sobre as reivindicações federalistas defendidas pela oposição nas províncias conflagradas da Confederação do Equador, que teve na pessoa de Frei caneca um de seus mais ativos militantes, Emília Viotti da Costa elucida: “Um dos mais expressivos porta-vozes dessa oposição foi frei Caneca, antigo revolucionário de 1817 envolvido novamente com a chamada Confederação do Equador. Argumentaria ele no *Typhis Pernambucano* que o Brasil tinha todas as condições para formar um estado federativo: a grandeza de seu território, a diversidade de suas riquezas e a variedade de seus habitantes. Além da federação, pregava em seus escritos a defesa da autonomia conquistada, a resistência às arbitrariedades do governo, reivindicando ainda a imprensa livre, condenando a vitaliciedade do Senado, a criação de uma nobreza “opressora dos povos”, a concessão do executivo do direito ao veto absoluto, bem como a iniciativa de leis. [...]nas críticas e propostas de Frei Caneca estavam contidos os principais temas liberais que agitaram o Primeiro Reinado e os primeiros anos da Regência”. COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: Editora brasiliense, 1987, p. 129.

compostas por fazendeiros e grupos de comerciantes, embora a numerosa adesão de homens comuns, indivíduos negros e livres e também os setores eclesiásticos, tenha conferido um perfil popular para a Confederação.³⁰⁶ Todos eram unânimes em declararem-se publicamente traídos pelo governo centralista do Rio de Janeiro, ao ideal constitucionalista, belicosamente acalentado desde 1821. Para estas facções locais, a nova Constituição marcaria um retrocesso ao absolutismo. Sobre esta ideia de volta ao despotismo intrínseca na nova Carta, Flávia Florentino Varella nos lembra que “tanto o conceito de opressão foi largamente utilizado na luta política da independência quanto o de despotismo esteve associado à eliminação de um governo baseado em um sistema colonial que destruíra a liberdade dos brasileiros”.³⁰⁷

Unidos agora pelos ideais republicanos e federalistas, os territórios da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, e Alagoas, formavam a Confederação do Equador. Sobre a adesão das províncias nortistas ao movimento, Maria Graham informou:

José Pereira Filgueiras, chefe cearense (que colaborou com Lorde Cochrane na expulsão dos europeus do Maranhão) está em marcha para auxiliar a revolução. Dizem que a Paraíba está intimada pela força republicana de Goiana e até o Piauí está disposto a aderir”.³⁰⁸

A este movimento de cunho separatista, que questionava o excessivo autoritarismo do Imperador, somaram-se os “descontentamentos diante da centralização imposta pelo governo que parecia beneficiar apenas as províncias do Rio de Janeiro e regiões vizinhas”.³⁰⁹ O manifesto de Manuel de Carvalho Pais de Andrade, Presidente da Província de Pernambuco e comandante em chefe dos confederados, publicado em 1º

³⁰⁶ Sobre a tipologia formadora da maioria das tropas confederadas, Evaldo Cabral de Mello *apud* Lima e Silva, esclarece: “Carvalho encetou a seu modo a organização de novos contingentes, sob a direção de oficiais de sua estrita confiança e que lhes estavam diretamente subordinados, o que acentuou o cariz popular do movimento. A plebe e a gente de cor [escreverá Lima e Silva] é quem dava a lei; e ultimamente Carvalho estava sustentado no seu lugar por Emiliano, preto Agostinho, o célebre João Soares, padre Caneca”, os quais “ com outros indivíduos desta íntima classe”, mobilizaram “ toda a gente de cor e a baixa ralé”. MELLO, Evaldo Cabral. *A outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 225. *Apud* Lima e Silva a Lord Cochrane, 4.x.1824, IHGB, 221,9; Arquivo Diplomático da Independência, v. pp. 17, 103, 118, 123.

³⁰⁷ VARELLA, Flávia Florentino. *Escrevendo a História do Brasil: John Armitage e a linguagem do Humanismo comercial*. In: Revista do IHGB, a.173(455):125-146, abr./jun.2012.

³⁰⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 410.

³⁰⁹ MELLO, Evaldo Cabral. *A outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824...* p. 225.

de maio de 1824, exortava os habitantes das províncias do Norte à independência e a liberdade dos povos, à luz de “um sistema republicano”.³¹⁰ Tal declaração, era uma resposta provocativa, às demais facções civis e militares favoráveis ao centralismo do governo monárquico. A clivagem entre as facções monarquistas e republicanas, havia se aprofundado desde o ano de 1822, com a vitória do movimento *vinhista* em Portugal e o projeto constitucionalista de D. Pedro I, segundo nos informa Evaldo Cabral de Mello.³¹¹

Em 18 de agosto de 1824, Maria Graham retornara ao Brasil. Chegou a Pernambuco, a bordo do brigue de guerra *Rinaldo*, pertencente a frota da Marinha Real Inglesa. A escritora documentou a partida de sua terra natal, nesta que seria a sua terceira e derradeira viagem para o Brasil.

A 16 de julho, de 1824 embarquei no Rinaldo brigue de guerra de 16 canhões comandado pelo tenente John Moore, da marinha Real Inglesa, em Falmouth para o Brasil.³¹²

Procedente da Inglaterra, a escritora ainda não sabia, mas seu aventureiro destino, já a esperava ansioso, com extraordinárias surpresas na cidade sitiada do Recife: “Parece

³¹⁰ O Manifesto de Manuel de Carvalho Pais de Andrade, comandante em chefe da Confederação do Equador, aponta como motivos da conflagração, a dissolução da Assembleia Constituinte; a outorga de uma Constituição com a inclusão do Poder Moderador como evidências das intenções despóticas de D. Pedro I. A seguir, exorta os habitantes das províncias do Norte, a defenderem a independência local, a proclamação da República e a insubordinação ao Rio de Janeiro e a Portugal: “Habitantes das províncias do Norte do Império do Brasil. Chegou a época desastrosa, marcada pelo despotismo, para arrastarem os infames ferros do mais vergonhoso cativo os valerosos povos que povoam o diamantino Brasil. Principiou no dia 12 de novembro passado o Século de Ferro[...] Sua Majestade Imperial, que acaba de receber da nossa generosidade o trono mais elevado do mundo[...] que com juramento nos havia prometido sustentar nossa Independência e liberdade, e estabelecer neste vasto território o Império da Filosofia, da virtude, da luz, o Império Constitucional, faltasse a tão solenes promessas e sem a menor sombra de justiça, arrogando-lhe uma atribuição que lhe não competia, derribasse por terra o augusto padrão da nossa soberania, o sustentáculo da nossa liberdade, o coração da nossa vitalidade, o respeitoso Senado dos nossos representantes, a soberana Assembleia Constituinte do Brasil. Dia nefasto nos anais do nosso Império foi o dia 12 de novembro de 1824. [...] A dissolução despótica da nossa Assembleia constituinte e a proibição das eleições de deputados para outra se dirige unicamente a não termos representação entre as nações do universo. [...] O seu monstruoso poder moderador é a chave-mestra deste ruidoso labirinto[...]. Que se segue daqui? Nenhuma outra coisa que a dissolução do pacto pelo qual ele será nosso Imperador de fato e de direito, e já sobre o Brasil não conserva aquela mesma autoridade provisória que lhe deu a aclamação em Imperador. [...] O título de Imperador que lhe damos não traz determinadamente esta ou aquela atribuição, por que se julgue com direito de dissolver a Assembleia Constituinte[...]. *Manifesto de Manuel de Carvalho Pais de Andrade às províncias do Norte do Império do Brasil, em 1º de maio de 1824.* BNRJ, II—32,1, 11. Apud MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra Independência – O federalismo pernambucano de 1817 a 1824.* São Paulo: Editora 34, 2004. pp. 241-242-249.

³¹¹ MELLO, Evaldo Cabral. *A outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824...* pp. 234-235.

³¹² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 404.

uma fatalidade encontrar eu aquela cidade sitiada, mas desta vez o chefe independente, teria que combater um inimigo muito mais poderoso do que aquele que cercava Luiz do Rego na minha primeira visita”.³¹³ Nessa passagem, a escritora fez menção ao estado de sítio em que a cidade de Recife se encontrava, quando ela lá chegou em setembro de 1821, e foi testemunha dos embates entre o governador português Luiz do Rego Barreto e as forças rebeldes na Insurreição Constitucionalista de Pernambuco.

Maria Graham regressara a Pernambuco, transcorridos onze meses da licença concedida a ela pelo Imperador D. Pedro I. Durante esse longo período, a escritora empenhou-se pessoalmente na elaboração do material didático que utilizaria nas aulas de sua futura pupila. A inglesa, finalmente, sentia-se pronta para assumir no Palácio Imperial, o seu posto de governanta da princesa D. Maria da Glória.

No momento em que a fragata *Rinaldo* aproximou-se da costa de Pernambuco, Maria Graham pode avistar na entrada da barra, um navio de guerra da Esquadra Imperial brasileira. Tratava-se da embarcação *Pedro Primeiro*, comandada pelo amigo Marquês do Maranhão. A escritora prontamente enviou-lhe uma carta comunicando a sua chegada, e a seguir, Lorde Cochrane em resposta, veio ao seu encontro. Conversaram longamente, e Mrs. Graham pode atualizar-se pessoalmente com o Almirante, *persona* — recorrendo ao conceito de Carl Jung —³¹⁴ de quem ela nutria as mais altas considerações, sobre as recentes disputas políticas que assolavam o Império, desde a sua última partida para Londres em 1823:

18 de agosto de 1824. — Ao aproximarmo-nos de terra perto de Pernambuco, vimos um navio de guerra que logo revelou-se ser o *Pedro Primeiro*. Um guarda-marinha, o jovem Da Costa [João Manoel da Costa] veio a bordo. Enviei uma carta a Lorde Cochrane. Logo depois o capitão Grenfell abordou-nos e fui então com ele para a *Pedro Primeiro*, e vi o almirante que deixava o navio com o intuito de me buscar. Voltei e jantei. Tive uma conversa agradável e proveitosa com

³¹³ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, pp. 82-83.

³¹⁴ A fim de fundamentar nossa interpretação sobre a controversa personalidade do Almirante Lorde Cochrane, recorremos à psicologia analítica de Carl Gustav Jung, para quem o conceito de *Persona* seria “uma espécie de máscara projetada, por um lado, para fazer uma impressão definitiva sobre os outros e por outro, dissimular a verdadeira natureza do indivíduo”. JUNG, Carl Gustav. *Two Essays on Analytical Psychology*...p. 190.

Lorde Cochrane. Vi os jornais. A Imperatriz teve outro filho; se é homem ou mulher, não sei. Descarregamos o correio.³¹⁵

Naqueles dias, a cidade de Recife estava mergulhada na mais assombrosa convulsão social. Maria Graham, que já conhecia a paixão revolucionária daquele povo, observou que “o sentimento republicano, que sempre distinguiu os pernambucanos, ganhava forças diariamente”.³¹⁶ Os motivos revolucionários, foram gestados em mágoas fermentadas desde os anos pré-Independência:³¹⁷ A escritora do *Diário*, documentou sua interpretação sobre as causas pretéritas que teriam originado as disputas em curso:

A província queixava-se por ter feito e sofrido muito pela causa da Independência; por ter sido a primeira a habilitar a Bahia a resistir e a expulsar os *pés de chumbo*, e, contudo, serem todas as suas rendas drenadas para a Capital, estarem suas obras públicas abandonadas, e seus funcionários, ou mantidos inativos na corte, ou demitidos bruscamente; enfim, por não serem cumpridas as promessas de reforma em todos os seus departamentos.³¹⁸

Sem saber ainda, que muito em breve estaria diretamente envolvida no papel de mediadora diplomática naquelas disputas políticas que estavam em marcha, Maria Graham procurou informar-se sobre as singularidades que levaram Manuel de Carvalho a proclamar a Confederação do Equador. Para ela, a conjuntura hostil na qual as províncias do Norte se encontravam, indicava que a origem da atual conflagração, estaria relacionada a antigas reivindicações constitucionalistas dos líderes da Insurreição Pernambucana de 1821.³¹⁹ As exigências que na ocasião foram negociadas, entre os

³¹⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, pp. 408-409.

³¹⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 410.

³¹⁷ Denis Bernardes confirma a opinião de Maria Graham, quanto às origens republicanas da Confederação do Equador. Para o autor, “Mais do que herdeira do Republicanismo, a Confederação do Equador, foi herdeira do *vinatismo*[...] Durante a vigência das Cortes, o poder local foi fruto de eleição e teve suficiente autonomia e legitimidade para — sem romper a unidade — discutir, criticar e mesmo recusar cumprir decisões das Cortes — que eram necessariamente assumidas pelo rei — e a do príncipe regente, no Rio de Janeiro”. BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. *O Patriotismo Constitucional: Pernambuco, 1820-1822 ...* p. 630.

³¹⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 410.

³¹⁹ Ao analisar as hipóteses sobre as causas da formação da Confederação do Equador, verificamos na bibliografia consultada que, o historiador Denis Bernardes concorda com a afirmação de Maria Graham, de que as origens do Bloco Confederativo estariam relacionadas às antigas mágoas alusivas às reivindicações da Junta Governativa, não atendidas por D. Pedro I e que a dissolução da Constituinte em 1823, e no ano seguinte, a outorga de uma Constituição, teria sido o golpe definitivo contra o pacto Constitucionalista, duramente alinhavado com o governo do Rio de Janeiro durante o ano de 1821. Nas

revolucionários constitucionalistas e o governo de D. Pedro I, para que se cumprisse o armistício entre as partes, não teriam sido atendidas pela Corte, gerando frustrações e ressentimentos nos rebeldes pernambucanos. A dissolução da Assembleia Constituinte em 1823, e a outorga da Carta Constitucional de 1824, funcionaram como a faísca que faltava para acender o estopim deflagrador de uma nova revolta popular em Pernambuco. Desta vez, contudo, o levante contaria com a adesão de outras províncias do Norte, que, confederadas, teriam a liderança de Manuel de Carvalho Pais de Andrade. Em suas elaborações, Maria Graham demonstrou clareza e discernimento quanto aos episódios pretéritos que culminaram na Confederação do Equador. Na opinião da autora:

Nestas circunstâncias Manuel de Carvalho Pais de Andrade tornou-se presidente do Conselho de Governo. Durante muito tempo suas proclamações e seus documentos públicos só pediam ao Imperador que demitisse todos os portugueses da Europa do seu conselho e valimento e modelasse uma constituição liberal com assistência de sua Assembleia Constituinte. Mas a dissolução dessa Assembleia, de um modo arbitrário, exacerbou os sentimentos do partido a um grau tal que os levou a quebrar a prudência e desprezar as conveniências em relação ao Imperador.³²⁰

Em agosto de 1824, a esquadra Imperial, chefiada pelo Almirante Cochrane, boqueava o porto de Recife, impedindo a circulação e o abastecimento de mercadorias e alimentos para a população pernambucana. Maria Graham assim descreveu a cena do bloqueio em sua narrativa: “Lord Cochrane e sua frota estavam bloqueando a praça, após haver subjogado a Bahia e aumentado a frota de Dom Pedro, tomando vários dos principais navios portugueses”.³²¹

palavras do autor: “a experiência política vivida em Pernambuco durante a vigência do *shintismo* — só nos parece possível entendê-la como sua expressão[...]de uma experiência de governo local, somente possível no quadro do primeiro constitucionalismo português[...]A Independência pôs fim a esta experiência, mas ao mesmo tempo foi crucial para os anos de 1822-1824, quando correntes políticas mais avançadas, frustradas com o crescente afastamento de Dom Pedro de todos os seus juramentos e compromissos liberais, promoveram a ruptura, não com a unidade da Nação, nem mesmo com o Império, mas com o que lhes parecia a evidente volta do despotismo. Pernambuco foi o epicentro da resistência contra a outorga da Constituição e contra a destruição gradativa de muitas das conquistas do *shintismo*, porque ali, havia sido vivida sua mais completa experiência”. BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. *O Patriotismo Constitucional: Pernambuco: 1820-1822*. São Paulo: HUCITEC, 2006, p. 629.

³²⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 410.

³²¹ GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 83.

Logo que soube da chegada de Mrs. Graham ao porto do Recife, Cochrane não tardou em procura-la. Desde o primeiro encontro que tiveram, em um almoço a bordo da *Rinaldo*, ele cuidou de convencê-la sobre a urgência de uma possível negociação em que ela atuaria como moderadora entre o comandante da esquadra e o chefe confederado. A ela, caberia interceder nas tratativas do acordo de armistício e rendição do comandante da Confederação do Equador, Manuel Pais de Andrade, e dos demais dirigentes sublevados. A amiga aceitou a incumbência a ela destinada, de mediar o acordo entre as partes. A escritora que tinha convicção na costumeira nobreza de espírito de seu prezado amigo escocês, notou, entretanto, da parte dele, uma amabilidade fora do comum para com ela; “Não se pode ser mais amável; mais do que costumava ser em Quintero”. Mas, como sentia-se envaidecida por ele ter-lhe confiado uma missão de tamanha relevância, prontamente atenderia ao amigo, e sem pensar duas vezes, desembarcaria o quanto antes, indo ao encontro do presidente republicano. Nas palavras da autora:

19 de agosto de 1824.

O almirante veio a bordo do paquete para almoçar comigo e ficou até onze horas e meia. Não se pode ser mais amável; mais do que costumava ser em Quintero. Desembarquei à tarde e jantei na casa de campo de Ad. Stewart, depois do que procurei o presidente republicano Manuel de Carvalho Pais de Andrade, que fala bem o inglês e parece ser um homem notável.³²²

Entretanto, havia algo de obscuro na pretensa boa intenção do almirante Cochrane no pedido de intermediação da escritora. Embora, talvez, Maria Graham nunca viesse a presumir, o suposto amigo em breve trairia a sua fiel amizade. Em futuros comentários registrados na correspondência mantida com o cônsul Britânico no Rio, Mr. Chamberlain, naquele mesmo ano de 1824, o comandante da esquadra imperial desdenharia da amiga,³²³ como veremos mais à frente deste estudo.

Atentamos aqui, para o episódio que provocou as tais notas contundentes do primeiro-almirante em relação a Maria Graham, na sobredita carta enviada ao cônsul Britânico: ocorreu que, no ultimato divulgado pelo comandante da esquadra Imperial

³²² GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p. 409.

³²³ MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824... pp. 230-231*.

para que se desse uma rendição negociada com os rebeldes confederados, Lorde Cochrane propôs o exílio seguro dos dirigentes da Confederação do Equador, com suas famílias e bens, a garantia contra possíveis retaliações aos soldados que lutaram pelo bloco confederado, e ainda a promessa quanto a revisão da Carta Constitucional, “com modificações que fossem julgadas necessárias pela Assembleia Geral, com sanção imperial”.³²⁴

Verificou-se, entretanto, que Lorde Cochrane blefava. Ele não dispunha da autorização do Imperador para negociar certas propostas que envolvessem questões constitucionais, nem tão pouco a rendição segura dos chefes confederados. Ao contrário, as instruções que recebera para reprimir a revolução, limitavam sua atuação ao desembarque das tropas do exército na vila de Jaraguá, no bloqueio do porto do Recife e no ataque por mar em caso de resistência dos rebeldes, missão esta, que deveria ser executada em coordenação com as tropas de terra do brigadeiro Lima e Silva.³²⁵ Por fim, atentemos ao seguinte termo da instrução; cabia ao comandante da esquadra, o dever de não permitir a fuga de Manoel de Carvalho e dos rebeldes.

No entanto, Lorde Cochrane propunha um acordo, em bases divergentes daquelas determinadas pelo ministério de D. Pedro I. Mas porque ele fazia isso? O Almirante tinha outras intenções! Ele pretendia que a rendição dos rebeldes, mesmo que selada por meio das promessas enganosas de suas proclamações, lhe rendesse acrescer mais um feito extraordinário ao seu já extenso e controverso histórico de serviços para a esquadra imperial. Por hora, ele almejava ser reconhecido como o “salvador da integridade do Império”.³²⁶ Isso posto, seria necessário, ludibriar o bloco confederado. O Almirante conjecturou então, que com o exílio negociado dos chefes da Confederação do Equador, “um acordo com o carvalhismo moderado o habilitaria a induzir D. Pedro a compromisso e a apresentar-se como salvador da integridade do Império face à inépcia ministerial no trato da questão pernambucana”.³²⁷

³²⁴MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004. p. 227.

³²⁵MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824...* p. 227.

³²⁶MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824...* p. 227.

³²⁷MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824...* p. 227.

Maria Graham, que nada disso poderia supor, fora iludida por Cochrane. Motivada pela admiração que nutria pelo primeiro – almirante, a escritora aceitou levar pessoalmente ao chefe Pais de Andrade, um documento duvidoso, onde constavam propostas que não poderiam ser cumpridas. Para o comandante da esquadra, contudo, a amiga seria uma conveniente mensageira. Cochrane considerou que, pelo fato da escritora ter conhecido e estabelecido boas relações diplomáticas com Manuel de Carvalho, desde a Insurreição Constitucionalista de 1821, sua presença como mediadora, seria uma garantia de sua boa-fé com os termos que impunha para a capitulação do comandante confederado. A escritora, tomou para si a incumbência de intermediar o acordo, e registrou no *Escorço Biográfico* e no *Diário*, as propostas que levou ao comandante da Confederação:³²⁸

Desembarquei à tarde e[...]procurei o presidente republicano Manuel de Carvalho Pais de Andrade, que fala bem o inglês e parece ser homem notável.³²⁹

Encontrei-o à mesa, almoçando ou jantando, não posso dizer exatamente, com todo o seu conselho, 12 ou 14 pessoas; toda a escadaria e o pátio estavam cheios do que chamaríamos de multidão, parte da qual espiava pelas várias portas, de tempos em tempos, pensando que, como o nosso pacote havia sido visto em entendimentos com a esquadra de bloqueio, poderíamos ter trazido algumas propostas do Almirante para a libertação da cidade.³³⁰

Entreguei-lhe um pacote de proclamações de Lorde Cochrane e procurei convencê-lo de que o número e o poder das forças imperiais eram tais que nada se poderia esperar da persistência em seus planos, senão a derrota, a miséria e o desperdício da vida humana que, eu estava certa, ele e todos os homens de bem, desejariam evitar.³³¹

³²⁸ A respeito das opiniões de Cochrane sobre a Confederação do Equador, com as quais Maria Graham concordava e sobre as quais argumentaria no encontro que teve com Manuel de Carvalho, Evaldo Cabral de Mello transcreveu: “Segundo Cochrane, a contestação pernambucana nascera de “impressões errôneas, causadas por um acontecimento súbito[a dissolução] que vós não haveis podido apreciar de maneira justa, devido à distância em que estais do lugar onde ele se passou”. Impressões manipuladas pelos que desejavam arrastar a província “a um sistema de que resulta a confusão e anarquia[...]a consequência inevitável para todos de serem envolvidos numa ruína comum[...]Se, porém, dessem “um passo atrás” congregando-se ao redor do trono e destarte capacitando o Imperador a desfazer-se de toda a influência estrangeira[...]Jeu vos asseguro com sinceridade que nada me será mais agradável do que assumir o papel de mediador para impedir as perseguições, a efusão de sangue e a destruição”. MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 228.

³²⁹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 409.

³³⁰ GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 83.

³³¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 409.

Sobre este episódio, o historiador Evaldo Cabral de Mello analisando as narrativas deixadas por Maria Graham, interpretou que; “O Almirante valeu-se da intermediação de sua compatriota Maria Graham para convencer Carvalho a partir[...]*prometendo-lhe* em nome de Cochrane, que, caso se rendesse, se lhe daria e a seus companheiros a oportunidade de se retirarem do Império com suas famílias e haveres.³³² Na escrita do *Diário*, Maria Graham continuou a documentar a conversa que teve no primeiro encontro com o Comandante da confederação do Equador:

Creio que Carvalho nos recebeu na sala, em conselho e cercado pelo povo, para não ser suspeito de comunicações secretas. Uma proclamação imperial de caráter severo havia sido espalhada pela cidade. Acreditava-se que havia sido redigida por Lorde Cochrane e causou grande alarma por causa da ameaça que continha, de afundar jangadas carregadas de pedras no único canal pelo qual se penetra no cais, e assim arruinar o comércio da praça.³³³

Disse-lhe que não obstante a sentença previamente pronunciada contra ele e seus partidários e as proclamações espalhadas pelo exército, estava certa de que, se ele confiasse no almirante e se rendesse logo a ele, poderia ter por garantias a salvação e fuga de todos. Despedi-me então dele e prometi procura-lo na manhã seguinte.³³⁴

Afinal, haviam passado apenas dois anos desde o último encontro da escritora, com o líder confederado, em Olinda. Nos idos de 1821, ela integrara uma representação diplomática inglesa, com a missão de negociar com o próprio Manuel de Carvalho, sobre as proibições impostas pela Junta Governativa de Goiana, relativas ao abastecimento de alimentos e lavagem de roupas do navio do qual era tripulante. Naquele ano, Manuel Pais de Andrade era o Comandante da Junta Governativa Provisória: Maria Graham conhecia de perto o potencial revolucionário do atual presidente da Confederação do Equador e sobre ele afirmou: “Ele e o poder imperial entraram a ser desafiados e as províncias vizinhas conclamadas a apoiar os pernambucanos na afirmação de seus direitos como homens e cidadãos”.³³⁵

³³²MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo, Editora 34, 2004, p. 228.

³³³ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 83.

³³⁴ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 409.

³³⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* p. 410.

Atentamos a seguir, para um episódio ocorrido na ocasião do segundo encontro entre Maria Graham e Manoel de Carvalho, que se deu a 20 de agosto de 1824: nesse dia, estavam presentes em assembleia, além do comandante da Confederação, todo o seu conselho. As tratativas da rendição foram negociadas com Maria Graham publicamente, e toda audiência popular participou, como registou a escritora no *Escorço Biográfico*: “Creio que Carvalho nos recebeu na sala, em conselho e cercado pelo povo, para não ser suspeito de comunicações secretas”.³³⁶ Com relação aos propósitos definidos para esse encontro, a própria Maria Graham revelou, que não esperava negociar nada além do que estava previamente posto por Lorde Cochrane, pois “não era de nossa conta saber a esse respeito mais do que aquilo em que pudéssemos ser úteis”. Contudo, ao final do encontro, Pais de Andrade aproximou-se confidencialmente de Maria Graham, suplicando-lhe que, no caso de sua capitulação, ela intercedesse junto ao primeiro - almirante, para que suas filhas e mãe, fossem confiadas aos cuidados “misericordiosos” do Marquês do Maranhão.

Sustentamos que esse pedido secreto, — que teve a conotação de um pacto extraoficial selado entre a escritora e o comandante da Confederação — foi o ato deflagrador para a rendição definitiva de Manuel de Carvalho Pais de Andrade.

Segundo Evaldo Cabral de Mello, em menção a uma carta que o comandante da Confederação enviara ao Lorde Cochrane, onde negociava sua rendição, há evidências de que um certo “*acordo*” que poria termo às negociações, estaria relacionado à promessa firmada por Maria Graham em atendimento a Pais de Andrade; “Mas a emissária deve ter *insinuado* algo mais[...]pois em carta a Cochrane ele escrevia que o chefe da esquadra, dispondo “como é natural e me afirmou Mrs. Graham”, de *instruções para entrar em acordo*, solicitava-lhe que confirmasse a informação , a fim de submeter ao Grande Conselho”.³³⁷

Já nos preparávamos para deixar a sala quando Carvalho se dirigiu a mim particularmente e disse que não estava certo de que talvez, para o futuro, seus concidadãos não achassem necessário aceitar as propostas do Imperador, sendo uma das primeiras a sua entrega. Quanto a ele, estava satisfeito de sofrer por uma boa causa. Mas que era filho de uma mãe idosa e pai de duas filhas órfãs de mãe, e que suplicava, no caso de

³³⁶ MELLO, Evaldo Cabral. *A outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo, Editora 34, 2004, p. 83.

³³⁷ MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824...* p. 228.

lhes faltar sua proteção, que empregasse qualquer influência que pudesse ter junto a Lord Cochrane, para recomendá-las à sua misericórdia. Prometi isto prontamente, certa, porém, de que tal recomendação era completamente desnecessária, pois que talvez nunca tivesse havido comandante tão terrível para o inimigo antes da vitória, como tão misericordioso depois dela.³³⁸

Na citação supracitada, verificamos que o presidente da Confederação do Equador quando procurou reservadamente Maria Graham, pretendia acenar diretamente ao primeiro-almirante, com a possibilidade da aceitação das propostas do Imperador, por parte de “seus concidadãos” e garantir que Cochrane se comprometesse a salvar sua família. Para tanto, Manuel de Carvalho suplicou a Maria Graham, que ela usasse de toda sua influência junto ao comandante da Esquadra Imperial, com esta finalidade. Segundo a autora relatou no *Escorço Biográfico*, o chefe confederado: “suplicava, no caso de lhes faltar sua proteção, que empregasse qualquer influência que pudesse ter junto a Lord Cochrane, para recomendá-las à sua misericórdia”. Nesse pedido, ficou evidente, que Pais de Andrade pretendia, discretamente, condicionar a sua rendição, à aprovação desta demanda. À Maria Graham, portanto, coube fazer valer a circunstância que se apresentou favorável ao amigo Cochrane, pois que “prometi isso prontamente”.³³⁹ Apontamos aqui, que tal questão insere novos elementos para uma ressignificação interpretativa sobre o significado do acordo, problematizado nesse estudo.

O comandante da Confederação que intencionava entregar-se em troca da anistia geral para suas tropas civis e militares, sabia, contudo, que ele próprio ao ser exilado, deixaria a sua família desprotegida. É evidente, portanto, que a promessa selada por Maria Graham, de persuadir Cochrane a proteger a família de Manuel de Carvalho, influenciara na rendição do comandante confederado, como cita Evaldo Cabral de Mello; “Nessas circunstâncias, Carvalho procurou resistir, explorando em proclamação aos soldados, a relativa generosidade da promessa de Cochrane, no tocante aos cabeças da insurreição, comparada ao tratamento que imaginava seria dispensado à tropa”. Ainda segundo o

³³⁸ GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 83.

³³⁹ GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina ...* p. 83.

autor, a tropa insurgente padeceria após a capitulação, por estar “desarmada, ser tratada como rebeldes e expulsa do serviço nacional como traidora”.³⁴⁰

Ainda escrevendo sobre as tratativas que teve com Manuel de Carvalho relacionadas ao *acordo*, Maria Graham relata que ele a recepcionou gentilmente, apresentou-lhe suas filhas, e o que é mais curioso, mostrou-lhe uma parte de suas tropas: “meninos de dez anos e negros de cabeça branca”. O comandante indicou o posicionamento dos exércitos confederados nos mapas e ainda lhe contou sobre seus planos de resistência. Por fim Manuel de Carvalho revelou-lhe que “se visse perdida a sua causa, se poria nas mãos de Lorde Cochrane e aí se julgaria seguro”. Entendemos que a menção que Pais de Andrade fez a sentir-se seguro “nas mãos de Lorde Cochrane”, era relativa à garantia da segurança de sua família. Na citação a seguir, a escritora ressaltou o propósito do Presidente da Confederação, em demonstrar – lhe a estima e confiança. Nas palavras da escritora:

Recebeu-me com a maior polidez, mandou chamar a filha para ver-me e fez servir frutas e vinho. Deu-me alguns mapas e planos, mostrou-me a posição das tropas, e disse-me que, dentro de um mês esperava ter tudo pronto. Olhei para algumas de suas tropas — meninos de dez anos e negros de cabeça branca. Declarou-me que ele e seu partido nunca cederiam senão nos seguintes termos: que a assembleia constituinte, com os *mesmos* membros que a compunham seria convocada de novo; que a reunião se daria em qualquer lugar menos no Rio de Janeiro, fora do alcance das tropas Imperiais. Que ele estava resolvido a tornar o Brasil livre, ou morrer no campo de batalha[...]se visse perdida a sua causa, se poria nas mãos de Lorde Cochrane e aí se julgaria seguro. Apresentou-me então às filhas. Considerei como delicadeza e sentimento a sua maneira de proceder.³⁴¹

Contudo, quando verificamos a interpretação que a historiografia brasileira usualmente tem conferido ao suposto acordo, nos estudos que problematizam o que teria motivado a rendição de Manuel Pais de Andrade na Confederação do Equador, constatamos que o compromisso extraoficial firmado por Maria Graham em nome do Almirante, não é considerado. Ao contrário, autores que se debruçam sobre o tema, à exemplo de Evaldo Cabral de Mello e Oliveira Lima, ambos citados nesta pesquisa,

³⁴⁰ MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: editora 34,2004, p. 229.

³⁴¹ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil...* pp. 412-413.

sustentam que este acordo estaria consignado apenas às tratativas oficiais impostas por Cochrane, como demonstra Evaldo Cabral de Mello, na afirmação de que “*as instruções para entrar em acordo* poderiam significar somente os entendimentos relativos à capitulação; e é assim que tem sido interpretada”.³⁴² Por sua vez, a interpretação de Oliveira Lima, tal qual a do seu conterrâneo pernambucano, afirma no seu artigo, *Mrs. Graham e a Confederação do Equador*, que “é mais provável que Mrs. Graham não fizesse aí mais do que repetir as palavras do Marquês do Maranhão”.³⁴³

Mas, afinal, o que ocorreu entre a escritora e o almirante após o encontro com o chefe republicano? Ao analisarmos as fontes, constatamos que Maria Graham esteve mais uma vez com o amigo comandante da Esquadra Imperial, a bordo do *Rinaldo*. Nesse momento, a escritora contou a Cochrane tudo que havia se passado. Tal referência enseja a pergunta: Havia Mrs. Graham informado, sobre a promessa que fizera ao chefe do bloco confederado, em seu nome? Ao examinarmos as fontes analisadas, verificamos haver indícios de que sim; pois durante o longo encontro a bordo, a autora noticiou ao almirante todo o teor da negociação que tivera com Manuel de Carvalho, e por desfrutar da agradável companhia do amigo, entregou-lhe pessoalmente, “proclamações de toda ordem”.³⁴⁴ Ao final da descrição do almoço, contudo, a escritora exaltaria ingenuamente as supostas *nobres* qualidades de seu amigo escocês:

Trouxe comigo jornais e proclamações de toda ordem. Voltando a bordo, vi que o lorde não havia chegado, mas não tardou em vir. Jantou e ficou comigo até quatro horas. Dei-lhe meus papéis e disse-lhe tudo que vira[...]ele é certamente o melhor dos homens!³⁴⁵

³⁴² MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo, Editora 34, 2004, p. 228.

³⁴³ A interpretação de Oliveira Lima, sobre a mediação de Maria Graham no acordo de rendição do comandante da Confederação do Equador, propõe que a participação da escritora tenha se limitado a transmitir a Manuel de Carvalho Pais e Andrade, as condições impostas pelo primeiro-almirante. LIMA, Oliveira. *Mrs. Graham, e a Confederação do Equador*. Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, Recife, Vol. XII, p.306, 1906.

³⁴⁴ Sobre a documentação que Maria Graham entregou ao Lorde Cochrane, Oliveira Lima esclarece: “Ao regressar para bordo procurou-a de novo Lorde Cochrane a saber do resultado das suas entrevistas. A distinta senhora comunicou-lhe o ocorrido, mostrou-lhe as gazetas e proclamações que trouxera e nas quais Frei Caneca deixara transbordar o seu lirismo republicano, e desenganou-o de chegar a uma solução pacífica do movimento”. LIMA, Oliveira. *Mrs. Graham, e a Confederação do Equador*. In: GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* p.398.

³⁴⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* p. 413.

Passados alguns dias desta derradeira reunião entre os dois estrangeiros, em Pernambuco, o comandante confederado Manuel de Carvalho procurou o primeiro – almirante, no intuito de propor-lhe finalmente a sua rendição, “pelo qual entregar-se-ia a província às autoridades imperiais em troca de anistia geral para todos, civis e militares, exceto para ele, Carvalho, que seria o único a partir”.³⁴⁶ Mas sua iniciativa fora frustrada. Na véspera, Cochrane havia partido inesperadamente para Salvador, a pretexto de reparos. Atentamos que este fato “não deixa de ser revelador quando sabemos que blefava, pois não dispunha de poderes para negociar”.³⁴⁷

Retomamos aqui, afinal, a supracitada carta que Cochrane escrevera ao cônsul inglês no Rio de Janeiro Mr. Chamberlain, onde afirmamos que o almirante traíra a amizade de Maria Graham. Para tanto, convém analisar que, tal como foi demonstrado ao longo desta exposição, a atitude do almirante ao partir precipitadamente para a Bahia, fora considerada “equivoca” pelo governo imperial. Da mesma forma, verificamos serem falsos os termos negociados para a rendição do comandante da Confederação, pois, como exposto, ele não possuía poderes para tal. Portanto, naquele momento, Cochrane temia que Maria Graham, que o havia representado na mediação com o chefe confederado, revelasse na Corte algumas das suas ardilosas condições no acordo, nas quais Manuel de Carvalho consignara a rendição. Em consequência disso, o primeiro-almirante cuidou de inocentar-se ao Consul britânico o quanto antes. Na correspondência enviada a Mr. Chamberlain, Cochrane falsamente negou ter laços de amizade com Maria Graham e demonstrou receio de que a indiscrição da escritora pudesse prejudica-lo:

Àquela altura, Cochrane temia as indiscrições da escritora, que assumira o posto de governanta da Princesa Imperial. A Chamberlain, cônsul britânico no Rio, ele escreveu para dissociar-se de Mrs. Graham, afirmando, o que era falso, que suas relações se haviam limitado a trazê-la do Chile para o Rio em 1823, e que ela só lhe dera aborrecimentos.³⁴⁸

No entanto, o suposto “melhor dos homens” não se limitaria a detratar Maria Graham ao cônsul inglês; em uma outra correspondência de Cochrane a um “certo médico

³⁴⁶ MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo, Editora 34, 2004, p. 232.

³⁴⁷ MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824...* p. 232.

³⁴⁸ MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824...* pp. 230-231.

da corte, pedia que intercedesse junto à compatriota, que embora bem-intencionada, poderia prejudicar sua posição”.³⁴⁹

Por sua vez, Maria Graham, que nem de longe poderia imaginar o que o almirante fizera, permaneceria em Pernambuco. Nesse meio tempo, a par da mediação que protagonizou a pedido do Almirante, a escritora inglesa precisava ter acesso a informações que lhe permitisse registrar seus testemunhos e suas opiniões sobre as rivalidades políticas que estavam em curso.

Com o propósito de alcançar tal objetivo, Maria Graham fazia uso da sua conveniente posição de proximidade ao oficialato inglês e estrangeiro, tanto quanto, contaria com o intercâmbio de sua rede de sociabilidades locais. Logo, Mrs. Graham traçou estratégias que lhe permitisse entender com maior densidade, as causas que originaram a Confederação do Equador, onde a insubmissão do Presidente da província de Pernambuco, ao governo do Rio de Janeiro, havia provocado sérios desdobramentos revolucionários.

A autora em suas anotações, transcreveu as informações que recolheu nos encontros que participou na casa do cônsul inglês Mr. Parkinson, ou ainda nos salões das residências dos comerciantes conterrâneos instalados em Recife. Na citação a seguir, Maria Graham revelou suas fontes enquanto esteve na província de Pernambuco em 1824: “eis uma súpula e a essência de toda conversa sobre política que tive com ingleses em casa do cônsul e alhures”.³⁵⁰

Na casa de Ad. Stewart no campo encontrei minha agradável amiga sua irmã, com aspecto muito melhor que antes e muito contente em seu pequeno sítio[...]. Parece que desde que aqui estive há três anos, houve raros dias de paz. Ao partir Luís do Rêgo, Gervásio Pires Ferreira, que tem uma bela casa perto da Soledade, foi eleito presidente. Mas logo depois a opinião pública forçou-o a fugir para o Rio de Janeiro e o partido elegeu Afonso de Albuquerque Maranhão e o Morgado do Cabo (donde o nome morgadistas dado aos seus partidários) foi feito membro do seu conselho. Albuquerque foi demitido e o Morgado tornou-se presidente interino. Os partidos, porém, tornaram-se muito fortes e violentos e o governador das armas, Pedro da Silva Pedroso, obrigou ambos a deixarem a cidade[...]. Nestas circunstâncias Manuel de

³⁴⁹ MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 231.

³⁵⁰ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* p. 411.

Carvalho Pais de Andrade tornou-se presidente do conselho de Governo.³⁵¹

Nas conversas que teve com os amigos e conhecidos habitantes de Recife, chamou a atenção da autora o antilusitanismo presente no cotidiano social a capital da província de Pernambuco. Ela o referenciou como um sentimento generalizado entre a população local, e motivado pelo espírito de insatisfação com a política do Imperador:

Considera-se o Imperador um joguete nas mãos de seu pai e, portanto, português. Por causa disso, diversos pacíficos comerciantes portugueses foram mortos e se qualquer deles, assustado, corre na rua é tido como suspeito e perseguido, com poucas possibilidades de escapar.³⁵²

É relevante observarmos a recorrência que historiadores da relevância de Evaldo Cabral de Mello, e Oliveira Lima, fizeram aos escritos de Maria Graham, sobre os episódios de 1824.³⁵³ A leitura da produção historiográfica desses autores, sobre as ocorrências desse sangrento capítulo da História do Brasil, revela que, os testemunhos documentados pela escritora, lançam luz sobre os estudos das graves crises políticas ocorridas no governo de D. Pedro I. Somam-se a essas narrativas documentais, outras informações recolhidas pela autora do *Escorço Biográfico*, por intermédio de sua rede de relações pessoais, e que mereceram dos historiadores supracitados, importantes interpretações.

Em 1824, quando houve por parte das forças Imperiais, uma violenta repressão às províncias confederadas, tanto por terra como pelo mar,³⁵⁴ os exércitos chefiados pelo

³⁵¹GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, pp. 409-410.

³⁵²GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* p. 411.

³⁵³ Oliveira Lima cita os escritos de Maria Graham no Livro *O Movimento da Independência (1821-1822)*, como fontes primárias sobre àquelas lutas pernambucanas de 1821. Ainda sobre o autor, ele publicou um texto referente à participação da escritora na Confederação do Equador, intitulado: *Mrs. Graham e a Confederação do Equador*, publicado pelo Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano. (VOL. XII— 1906, pg.306.)

³⁵⁴ Segundo Evaldo Cabral de Mello, os esforços para a repressão da Confederação do Equador, incluíram além da composição uma comissão militar comandada pelo Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, com a missão de avançar pelos flancos terrestres, sufocar os conflitos confederados e capturar seus líderes. “O desmembramento da comarca pernambucana do São Francisco, transferindo-a a Minas, de modo a poupá-la e à Bahia do contágio carvalhista”. MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824...* p. 85.

brigadeiro Francisco de Lima e Silva, avançaram na guerrilha pelo interior, enfrentando as tropas do bloco confederado. Sobre este avanço repressivo das forças imperiais, contra as tropas amotinadas, Maria Graham observou que o relevante episódio — a morte do major Pitanga, líder da resistência confederada pernambucana — significou o início da derrota da rebelião que teve como desfecho, a rendição dos Confederados. Na interpretação da autora, lemos: “entrementes feriram-se escaramuças entre as tropas que marcham para o sul e os imperiais, nas quais os pernambucanos se declaram sempre vitoriosos[...]mas choram a perda de Pitanga, o mais bravo e melhor comandante que tinham”.³⁵⁵ Indo de encontro ao que Maria Graham documentou sobre a morte do líder Pitanga, observamos que a historiadora Mariana Albuquerque Dantas, corrobora com a opinião da inglesa, quando confirma que os conflitos entre os rebeldes confederados e as tropas Imperiais na fronteira entre Pernambuco e Alagoas, duraram até a derrota dos rebeldes, que foi marcada pela morte do líder revolucionário o “*grande major Pitanga*”.³⁵⁶

Por fim, os sangrentos encontros que se seguiram entre as forças bélicas confederadas e as tropas Imperiais, resultaram em setembro de 1824 na rendição do comandante do bloco confederado, e na perda de centenas de vidas de cidadãos civis e militares, tanto quanto na punição com a pena máxima de enforcamento para dezessete condenados, incluindo um dos seus líderes, o Frei Caneca. As propostas sediciosas do

³⁵⁵GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 410.

³⁵⁶ Segundo os estudos de Mariana Albuquerque Dantas, sobre a participação dos índios dos aldeamentos de Barreiros, em Pernambuco, e de Cimbres, em Alagoas, nos conflitos armados da Confederação do Equador, que resultou na morte do major Pitanga, significando este fato, o início da derrota da rebelião e tendo como desfecho, a rendição dos Confederados, ela esclarece que: “Os indígenas de Jacuípe obtiveram sucesso em seus piquetes, pois foram responsáveis pela morte do líder da resistência confederada naquela região, o major Pitanga, e pelo dismantelamento de seu contingente militar em 17 de julho. Esta vitória além de ser um resultado militar positivo para a repressão, foi um sucesso sobre um conhecido personagem que fora um rebelde em 1817 e participara dos conflitos da Independência, o “*célebre Pitanga*”, como o caracterizou uma fonte da época. Durante 1824, o major envolveu-se na Confederação ao lado do partido do presidente Manuel de Carvalho Paes de Andrade e foi incumbido da defesa do porto de Tamandaré, próximo à Barra Grande. No seu posto de defesa, caiu mortalmente ferido após o ataque da tropa de índios de Jacuípe, ajudados pelas forças compostas pelos índios de Barreiros e outras da repressão. O êxito contra esse importante personagem das rebeliões com tendências liberais em Pernambuco foi o primeiro das tropas imperiais contra os confederados[...]A partir desta vitória, as investidas contra os confederados se intensificaram em direção aos engenhos da zona da mata rumo ao Recife, onde os rebeldes se renderam em novembro de 1824, após intensa resistência armada”. DANTAS, Mariana Albuquerque. *Os índios “fanáticos realistas absolutos” e a figura do monarca português: disputas políticas, recrutamento e defesa de terras na Confederação do Equador...* pp.49-73.

religioso, contemplaram os principais temas liberais, que “agitariam o Primeiro reinado e os principais anos da regência”.³⁵⁷

Contudo, Maria Graham não teria acompanhado o desfecho final da Confederação do Equador, pois que já havia partido rumo ao Rio de Janeiro no dia 25 de agosto passado. A bordo do brigue *Rinaldo*, ela contemplava por longas horas, a vastidão silenciosa do Atlântico, que se espraiava à sua frente. Ali, seus pensamentos voavam em liberdade e, turbilhonavam uma espiral, onde sentimentos controversos eram mesclados... em certos momentos, ela sentia-se tomada por grandes anseios; em outros, todavia, estava submersa em soturnas intuições. Hesitava ao pensar o que estaria por acontecer – sua expectativa em relação à chegada ao Palácio era imensa. Indagava-se, sobre o que esperar daquele futuro, para o qual havia se preparado ao longo de um ano e, a par disto, como ela seria recebida pela Corte. Tantas eram as suas inquietações, que pensou – deveria manter-se atenta e acima de tudo, prudente!

Mas, mesmo não conseguindo as respostas para tais questões, ela voltava seus pensamentos às princesas Imperiais, e a sós com o seu Diário, narraria sobre tudo o que se passava consigo. A escritora vislumbrava que, em breve, quando o brigue alcançasse as águas calmas da Baía da Guanabara, seus olhos reencontrariam naquela paisagem que tanto a inspirou em seus escritos e desenhos, um sentido para seu destino. Enfim, ela haveria de ocupar o lugar a ela destinado: o de ser a governanta das princesas Imperiais. E será deste significativo momento de sua vida, que Maria Graham deixará documentado as mais sensíveis e curiosas narrativas acerca da vida privada no Palácio Imperial, as intrigas que rondavam a corte, a sua verdadeira amizade com a Imperatriz Leopoldina, e sobre a vida cotidiana do Rio de Janeiro.

3.2- Desilusões e Intrigas Palacianas- *Destino e desventuras na corte de D. Pedro I.*

Ainda era madrugada no Atlântico Sul, quando as primeiras luzes da aurora despontaram no horizonte, anunciando a chegada do 4 de setembro de 1824. Naquele mesmo dia o sol já ia alto, quando Maria Graham a bordo do brigue *Rynald*, avistou

³⁵⁷ COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: Editora brasiliense, 1987. p. 129.

finalmente a capital da Província do Rio de Janeiro, sede da corte Imperial; a cidade remota onde o seu destino a aguardava. Mais uma vez, o vislumbre da encantadora paisagem, acalmou certas inquietudes interiores, e avivou o seu abalado ânimo fragilizado pela longa viagem. Afinal, a exaustiva travessia transatlântica, que se estendera ao longo de 71 dias e noites, havia chegado ao fim, e o *Rynald* já se preparava para fundear ao largo do Porto do Rio de Janeiro.

Entretanto, a um passo de se apresentar oficialmente aos Imperadores como a governanta das Princesas Imperiais no Palácio de São Cristóvão, Maria Graham percebia que, alguns dos seus pensamentos sombrios, mais uma vez voltavam-lhes teimosos. Agora, eram as vozes conselheiras de antigas amigas deixadas na sua velha Inglaterra, que lhe ecoavam na memória. Mas, por que estas lembranças cismavam em assombra-la? Indicariam elas maus presságios, ou seriam apenas demonstrações de zelosa amizade para com a sua pessoa? No entanto, em meio aos sussurros daquelas memórias, uma certa frase emergiu vigorosa, sobrepondo-se insistente, ao caótico emaranhado de palavras que habitava seus pensamentos. Confusa, ela ouvia a si mesma, nos ecos da suave voz da amiga que deixara na Irlanda. A enigmática sentença repetia-lhe com gravidade: “Não sei se estarei certa. Que vossa consciência diga se estou certa ou errada”.³⁵⁸

A razão de sua ansiedade, portanto, encontrava-se exatamente na dúvida quanto à resposta que ela teria que dar para si mesma. Naquele mesmo ano, meses antes de partir para a América do Sul, e quando ainda se encontrava em terras inglesas, Mrs. Graham havia visitado alguns parentes e amigos, afim de contar-lhes sobre o convite feito pelos Imperadores do longínquo Império do Brasil e da sua decisão em aceitá-lo. Dentre essas caras amigas, havia uma em especial — a da escritora anglo-irlandesa Maria Edgeworth — que tentou dissuadi-la enfaticamente de retornar *aos Brasis*.³⁵⁹ A urgência que inspirara a autora anglo-irlandesa a escrever uma carta para Mrs. Graham, aconselhando-a a considerar cuidadosamente os riscos “que o salto para trás, para os Brasis” representava, teria sido motivada pelo delicado estado de saúde em que se encontrava a futura governanta. A sua fragilidade física, decorrente de uma doença respiratória

³⁵⁸ EDGEWORTH, Maria. Carta de Maria Edgeworth sobre a ida de Lady Callcott ao Brasil. In: GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: Lacombe, Américo Jacobina. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Leopoldina e cartas anexas*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 150.

³⁵⁹ Grifo da autora.

crônica,³⁶⁰ era de conhecimento de seu restrito círculo de amizades, e motivo de constantes preocupações por parte de todos. A par disso, ainda na carta, Maria Edgeworth alertara a amiga a ficar atenta quanto às negociações do pagamento de seus serviços, de forma a ser “uma sólida e garantida remuneração”. Portanto, assim que soube da decisão tomada pela escritora-viajante, a anglo-irlandesa Maria Edgeworth escreveu à Mrs. Graham, lembrando-lhe “que a vida não deve ser comprada com montes de ouro; que a simples posse da saúde diária não deve ser tomada pela riqueza da cidade das minas do Peru”. Vejamos a seguir, algumas relevantes passagens da citada correspondência:

Irlanda— Cidade de Edgeworth, 27 de abril de 1824.

Nunca uma pessoa se sentou para escrever a uma amiga com uma intenção mais interessada do que faço agora, minha cara Senhora Graham.[...]Acabo de saber que não estais com *bom aspecto* — (que expressão desagradável) — Quer dizer, não gozais de boa saúde — Espero que tenhais razões para crer que o salto para trás, para os Brasis, vos seja favorável [...]que vos seja agradável recordar que a vida não deve ser comprada com montes de ouro; que a simples posse da saúde diária não deve ser tomada pela riqueza da cidade das minas do Peru. Que vos adiantará seguir o séquito da futura imperatriz dos Brasis, se vierdes a perder nesse negócio vossa própria saúde e com ela (sem esperança) vossa felicidade? Pensai uma, duas e três vezes antes de dar o passo e ponde diante de vós uma nova corte e um novo mundo! *Dama de honor* — soa bem! — *Governante das Princesas do Brasil*. Muito importante! Mas que fique claro antes de assumirdes o peso do trabalho e das responsabilidades que a este título se junte uma sólida e garantida remuneração. A gente de coração aberto não pensa nestas considerações senão quando é muito tarde para consertar. Podeis então em vão chorar com vossos olhos ou gritar as vossas queixas. Qualquer coisa que combinardes, por favor, seja por escrito, pois os acordos verbais[...]são afinal compromissos precários — e em breve não há construção sobre eles — nada senão castelos no ar[...]não sei se estarei certa. Que vossa consciência diga se estou certa ou errada.³⁶¹

Esta correspondência privada, nos lembra sobre alguns dos caminhos percorridos pelas as práticas do exercício da amizade, ao longo do século XIX, explicitados aqui, nos

³⁶⁰ Segundo o biógrafo Tomás Lago, a enfermidade de Maria Graham foi diagnosticada quando ela tinha 18 anos. Inicialmente, pensava-se tratar de “alguma afecção pulmonar, probablemente. Tenía febre y a veces flujos de sangre oral”. Mas tarde, entretanto, os médicos a diagnosticaram como portadora de tuberculose. Nas palavras do autor: “La vida entera de Maria estuvo limitada por la tuberculosis, cuyos primeros sintomas sufrió em Edimburgo”. LAGO, Tomás. *La Viajera Ilustrada- Vida de Maria Graham*. Santiago: Editorial Planeta, 2000.p. 67-68.

³⁶¹ Carta de Maria Edgeworth sobre a ida de Lady Callcott ao Brasil. In: GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: Lacombe, Américo Jacobina. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Leopoldina e cartas anexas...* p. 149.

conselhos dados por Maria Edgeworth à sua amiga Mrs. Graham. Ao alertá-la sobre as possíveis adversidades que poderiam lhe ocorrer nas terras distantes, reconhecemos na voz da autora anglo-irlandesa, a sua apreensão sincera para com o bem-estar, e a felicidade da amiga viajante.

A abordagem de assuntos íntimos e privados na atividade epistolar entre amigos, foi um fenômeno que motivou o constante movimento transformador nas relações afetivas no Oitocentos. A declaração do pacto de amizade, estabelecida *a priori* pelo consentimento mútuo entre os entes envolvidos, elegeu a sinceridade como a virtude primacial das relações amicais, tanto quanto, como fator determinante para a autenticidade dos laços de amizade. Isto posto, observamos na correspondência que ora analisamos, um esforço narrativo de Maria Edgeworth na “elaboração das subjetividades literárias[...]para dar conta do trabalho de invenção de um código íntimo”.³⁶² Nesse sentido, constatamos, que a autora anglo - irlandesa quando incitou a amiga viajante a refletir sobre os valores subjetivos da felicidade, estava supostamente apoiada na licença poética concedida pela sinceridade amigável, mutuamente celebrada entre as escritoras. Maria Edgeworth contrapôs à súplica de reflexão sobre a felicidade da amiga, os possíveis reveses que a frágil saúde da escritora-viajante poderia lhe causar: “Que vos adiantará seguir o séquito da futura imperatriz dos Brasis, se vierdes a perder neste negócio vossa própria saúde e com ela (sem esperança) vossa felicidade?”³⁶³

Sem dúvida, este era um apelo dramático, externado por alguém que verdadeiramente se importava com o destino incerto, da futura governanta das Princesinhas Imperiais. Edgeworth insistia, para que a amiga Maria Graham ponderasse gravemente, sobre a decisão de lançar-se sozinha na corte de em um Império remoto, quase desconhecido, cujas instabilidades política e econômica, tampouco inspiravam confiança. Maria Edgeworth advertira a amiga acertadamente; parecia antever as desventuras que espreitavam a vida de Maria Graham na Corte de D. Pedro I.

Embora tenha recebido da amiga anglo-irlandesa, verdadeiras provas de afeição, e preocupação com os possíveis infortúnios na distante América do Sul, Mrs. Graham, desconsiderou os conselhos da amiga, e seguiu determinada nos preparativos para o

³⁶² BUFFAULT, Anne Vicente. *Da amizade- Uma História do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1996, p. 53.

³⁶³ EDGEWORTH, Maria. Carta de Maria Edgeworth sobre a ida de Lady Callcott ao Brasil. In: GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: Lacombe, Américo Jacobina. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Leopoldina e cartas anexas*. Belo Horizonte... p. 149.

embarque. Desta forma, entendemos ser o propósito da escrita epistolar de Maria Edgeworth um testemunho do exercício das relações de amizade no Oitocentos, no qual “tornar-se amigo não é somente partilha dos lugares de ajuda mútua e de solidariedade[...]ele vem arrancar o pensamento do torpor por meios de diálogos e das correspondências heterodoxas[...]”.³⁶⁴

Enquanto esteve de licença na Inglaterra, Maria Graham preparou um vasto material didático que julgava ser imprescindível para a boa educação das princesas, incluindo livros em português, que a própria escritora havia providenciado as traduções. Ela achava fundamental que as pequenas princesas aprendessem suas lições na língua vernácula. Numa carta que a escritora enviou para a Imperatriz Leopoldina em 1823, Maria Graham explicava os motivos pelos quais ela havia se dedicado a traduzir alguns títulos didáticos, e a importância que ela atribuía às qualidades físicas dos livros. Com a chegada das prensas rotativas a vapor, o século XIX acelerou a produção e celebrou a materialidade do livro.³⁶⁵ As novas possibilidades em reproduções tipográficas, tanto quanto, o surgimento de papéis de melhor qualidade, permitiram oferecer aos autores e leitores, impressões tecnicamente aprimoradas. Afinal, o mercado editorial inglês estava em crescente demanda, e Maria Graham era parte integrante deste movimento:

Não consegui encontrar livros elementares de português, mas comecei a tradução de um, de lições bem fáceis para a minha ilustre aluna, que pretendo fazer imprimir em bons tipos, pois penso que é exigir demais da criança que lute com mau papel e má impressão, além das naturais dificuldades do ensino.³⁶⁶

A imprecisa inquietude de Maria Graham, intuía lhe sobre algo que parecia terrível. As duas primeiras notícias que chegaram sobre as mudanças ocorridas no cenário político brasileiro, desde que partiu para a Inglaterra no ano anterior, reforçaram a cisma.

³⁶⁴ BUFFAULT, Anne Vincent. *Da Amizade- Uma História do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 230.

³⁶⁵ Para Robert Darnton, “No século dezoito, os anunciantes presumiam que seus clientes se preocupavam com a qualidade física dos livros. Tanto compradores quanto vendedores compartilhavam do mesmo modo de um conhecimento tipográfico que atualmente está quase extinto”. DARNTON, Robert. *História da Leitura*. In: BURKE, Peter. (Org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas...* p. 220.

³⁶⁶ LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 34.

Os irmãos Andrada haviam ido expulsos do país, e seu amigo no Palácio de São Cristóvão, Dom João de Souza³⁶⁷ morreu:

O Capitão do Porto veio a bordo e soubemos que durante meus doze meses de ausência, dois acontecimentos, dos mais desastrosos para mim se haviam verificado: o primeiro — e maior — a expulsão dos Andradas, não somente do Ministério, mas do país; o segundo havia sido a morte de Dom João de Sousa, meu melhor amigo no palácio e a pessoa a quem a Imperatriz havia desejado que, na minha volta, eu me dirigisse.³⁶⁸

Pensando talvez na ameaçada que pairava sobre ela, pela proximidade da nomeação oficial ao cargo de governanta das princesas, Maria Graham revelou que “com todas essas animações a voltar e assumir a responsabilidade que havia aceito, estando a meu favor o Imperador, a Imperatriz e os ministros[...] não compreendi que seria tão[...] arriscado voltar ao Brasil”. A escritora continuou admitindo, com gravidade, a imprudência em ter se mantido desatualizada quanto às notícias brasileiras, durante a estada na Inglaterra, e por fim, revelou o inevitável arrependimento que sentiu, por não ouvir os conselhos da amiga Maria Edgeworth, e desavisadamente, ter “atravessado de novo o Atlântico”.

Embarquei para a Inglaterra, mas fui imprudente até o ponto de não deixar nenhum correspondente que me contasse as coisas que eu quisera saber. Mas talvez isso de nada valesse, pois, uma carta que a própria Imperatriz me escreveu, do próprio punho, dizendo que o Imperador me concederia outro ano de licença, nunca me chegou às mãos. Só muito depois da minha volta ao Brasil, a Imperatriz compreendendo que nunca a havia recebido, insistiu que ela fosse encontrada. Se esta carta me tivesse alcançado a tempo de evitar o meu embarque, eu teria sabido das mudanças dos negócios públicos, tanto com referência ao Império quanto ao Palácio, e, provavelmente, não teria nunca atravessado de novo o Atlântico.³⁶⁹

³⁶⁷ O *Diário do Governo*, de 31 de janeiro de 1824, estampou a seguinte necrologia de D. João de Sousa: “O Ilmo. Sr. D. João, de Sousa Coutinho, Viador de Sua Majestade Imperatriz, faleceu no dia 29 de janeiro. Huma violenta pneumonia foi a causa de sua morte na idade de 32 para 33 anos[...]”. Segundo Américo Jacobina Lacombe, D. João de Sousa era irmão do Conde de Linhares. In: GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 84.

³⁶⁸ GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 84.

³⁶⁹ GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 82.

Assim que chegou ao Rio de Janeiro, Maria Graham compreendeu com inquietação a gravidade da situação que se apresentava para ela. De novo, seus pensamentos recomendavam-lhe: prudência! Não poderia mais contar com o apoio do ex-ministro José Bonifácio, que agora se encontrava exilado no exterior. Lembrou-se dos primeiros contatos que teve com o Ministro no ano anterior, quando uma grave doença a deixou confinada em casa por muitas semanas. Foi nessa ocasião, que ela então recebeu “uma carta da Imperatriz, dizendo[...]que eu me considerasse sob sua proteção”. Nessas sensíveis circunstâncias, a escritora conheceu José Bonifácio, “por quem haviam sido enviados os recados e que ficaria muito satisfeita[...]de agradecer-lhe pessoalmente”.³⁷⁰

A existência de leal cumplicidade do Ministro José Bonifácio para com D. Leopoldina, “homem de quem ela havia se declarado “ama e amiga”, ficou evidente no apoio que este prestou, remetendo a citada carta. Este fato, entretanto, seria a chave para que Maria Graham compreendesse, como estavam postas as dinâmicas de legitimação da representatividade da Imperatriz, no teatro político do Palácio de São Cristóvão.

Naqueles dias pretéritos, D. Leopoldina enquanto contava com a fidelidade de seu Ministro dos Negócios do Reino e Estrangeiros, mantinha-se a salvo das garras de seus inimigos palacianos. Entretanto, os tempos eram outros. Eram os de Domitila de Castro, e a favorita do Imperador, conspirava contra a Imperatriz e o seu Ministro Bonifácio.³⁷¹Nos concorridos salões da residência da *Madame la Grande Maîtresse*,³⁷² circulavam assiduamente alguns dos mais acirrados opositores à José Bonifácio, como os nomes de Gonçalves Ledo, José Clemente Pereira e o cônego Januário da Cunha Barbosa. Tudo parecia começar a fazer sentido. Ali conspiraram-se intrigas e a queda de Bonifácio seria apenas uma questão de oportunidade. O Ministro era “atacado pelos liberais por assumir a perspectiva conservadora e pelos conservadores por seus projetos de

³⁷⁰ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 77.

³⁷¹ Mary Del Priore lembra que: “Inimigos de Bonifácio o intrigaram junto a D. Pedro e passaram a contar com uma aliada poderosa, a futura Marquesa de Santos, com quem o príncipe iniciaria uma ligação amorosa. Sobre ela, contou um memorialista, confidente dos Andradas, que Bonifácio teria dito a D. Pedro: “Ontem eu já esperei que V.M.me falasse nisso. Estou informado que é empenho da Domitila e que essa mulher recebe para isso uma soma de dinheiro”. Foi a gota d’água. Bonifácio considerou-se demitido naquela noite”. PRIORE, Mary Del. *As vidas de José Bonifácio...* p. 216.

³⁷² PRIORE, Mary Del. *A Carne e o Sangue...* p. 157.

transformação da ordem social[...]ficava à mercê das intrigas palacianas e[...]em 16 de julho de 1823 eram afastados os Andradas do Ministério”.³⁷³

Todos concordavam em odiar os ministros, que já haviam reduzido algumas das prerrogativas do palácio e ameaçado reformas mais adiantadas. Essas manobras e outras da mesma natureza, enfraqueceram a influência dos Andradas junto ao Imperador”.³⁷⁴

Nesse ambiente conspiratório, as cartas já estavam dadas. Os objetivos de seus participantes eram dois; a queda dos irmãos Andrada, satisfazendo assim, as demandas políticas de seus opositores, e o conseqüente enfraquecimento da imagem política da Imperatriz. Este obscuro plano resultou, num gradual isolamento de D. Leopoldina da vida palaciana, e inversamente, consolidou a influência de Domitila de Castro sobre D. Pedro. Esse era um jogo perigoso, e nele, não havia lugar para a governanta Maria Graham.

Finalmente, as peças do quebra cabeça palaciano começavam a se organizar. O extravio da carta, teria sido intencional? Tudo parece indicar que sim. O gradual isolamento de D. Leopoldina era proporcional à ascensão política da Mme.de Castro, e a chegada da governanta ao Palácio, serviria para evidenciar as disputas internas a favor de Domitila. Tão sórdida quanto explícita, a articulação cortesã alcançaria êxito, pois que “D. Domitila, no Paço, contava com o Barbeiro contra os Andradas, que eram amigos da Imperatriz”³⁷⁵ Segundo notas de Maria Graham, a intenção das intrigas era a de “diminuir a influência da Imperatriz”.

Essas pessoas também não estimavam a Imperatriz, porque era, como diziam, estrangeira — Aborreciam-se por que o Imperador não tinha casado com uma tia ou prima, portuguesa ou espanhola, e, ainda que não manifestassem abertamente os sentimentos, também de boa

³⁷³ COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: Editora brasiliense, 1987, p. 82.

³⁷⁴ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 81.

³⁷⁵ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 23.

vontade favoreciam as pessoas que eles esperavam poder diminuir a influência da Imperatriz.³⁷⁶

Na carta extraviada, estava mencionado além do prolongamento da licença por mais um ano, a intenção de pagamento pelos “objetos que são precisos para os estudos de minhas muito amadas filhas”:

Milady!

Com muito gosto recebi as suas duas cartas e ainda mais a certeza que está gozando de perfeita saúde e ocupada a escolher todos os objetos que são precisos para os estudos de minhas muito amadas filhas. As despesas que lhe são precisas a fazer com muita satisfação eu lhe pagarei à sua chegada no Rio; que se é preciso prolongar a sua ausência mais um ano, o Imperador o concedeu.

Eu comecei a ler a sua obra sobre a vasta e interessante Índia, que certamente é muito interessante e ocupa a intenção particular de todas as pessoas que amam as belas letras e história.

Esteja persuadida do meu particular estima e amizade, com as quais eu sou

Sua muito afeiçoada

Leopoldina.

Enquanto preparava-se para o desembarque do *Rynald*, Maria Graham lembrou com nostalgia de José Bonifácio, e quanto admirava as qualidades intelectuais desse personagem controverso que “de cima de um muro, administrava suas contradições...que como maçom, Bonifácio navegou em ideais libertinos; como estudante, leu os iluministas; como viajante, conheceu as mudanças que minaram os regimes absolutistas da Europa[...]”.³⁷⁷

Ao tempo da Assembleia Constituinte, em 1823, Maria Graham registrou diversos fatos sobre a crise política que havia se instalado entre as representações provinciais e partidárias dos Deputados Constituintes. Muitas eram as divergências de interesses entre as oligarquias do Norte e do Sul. No foco das disputas, estavam os irmãos Andrada, e

³⁷⁶GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 81.

³⁷⁷ PRIORE, Mary Del. *As vidas de José Bonifácio...* p. 157.

sobretudo o mais velho deles, José Bonifácio.³⁷⁸ Segundo a escritora, os irmãos eram acusados de “serem de fato seus autores” — da Constituinte — por exercerem grande influência sobre D. Pedro I. Ainda sobre a ação dos irmãos Andrada na política do Império, Maria Graham afirmou terem sido eles os verdadeiros dirigentes do Estado, com o apoio de grandes proprietários latifundiários das províncias do Sul:³⁷⁹

A Constituição devia ser, pois, representativa e modelada muito mais pela dos Estados Unidos do que pela da Inglaterra e o Poder Imperial, alguma cousa entre o Presidente americano e o Soberano limitado da Inglaterra. As principais pessoas que aconselhavam Dom Pedro por esse tempo e que eram de fato seus autores, eram os três irmãos de nome Andrada. O mais velho, José Bonifácio, era um homem de raro talento. A uma educação europeia ele havia acrescentado o que a experiência pode fornecer pelas viagens. Havia estudado todas as ciências que imaginou poderem ser vantajosas aos interesses locais e comerciais do Brasil. Lia a maior parte das modernas línguas da Europa e falava várias delas com correção. Quando o conheci, sua estatura naturalmente mediana ainda diminuía, em parte pela idade e em parte por uma curvatura habitual[...]esses irmãos eram, naturalmente, apoiados por muitos proprietários, mas eram os verdadeiros dirigentes do Estado. Dom Pedro, a conselho deles, havia visitado todas as capitâneas do Sul, onde se tornara extremamente popular[...].³⁸⁰

No decorrer da escrita, Maria Graham deixou transparecer que, existiam entre ela e o ex-ministro, certas afinidades intelectuais e teóricas, sobretudo, quanto às questões que estavam no centro das discussões da Constituinte que “pudesse regular tudo o que o país estava necessitando”. A escritora inclusive, revelou os anseios secretos que nutria relativos à Independência do Brasil, e que encontrava eco tanto nas ideias dos irmãos

³⁷⁸ Sobre as divergentes ideias políticas defendidas por José Bonifácio na Constituinte, Emília Viotti da Costa esclarece; “O antagonismo com os setores mais radicais manifestar-se-ia outras vezes na Assembleia em ocasiões em que José Bonifácio não hesitou em sacrificar a liberdade à ordem, como, por exemplo, quando se opôs à anistia dos presos políticos defendida por Araújo Lima e Carneiro da Cunha, por ocasião da discussão da questão referente à liberdade de imprensa, quando protestou contra “os escritos desorganizadores” e subversivos da ordem estabelecida, contrários “à grande causa que abraçamos e juramos” declarando-se inimigo dos que pretendiam “perturbar a ordem”.[...] No diálogo com os liberais, assumiria a perspectiva conservadora[...]Analisando-se o diálogo dos Constituintes pode-se perceber que o tom geral é substancialmente o mesmo no que diz respeito à ideia de uma possível revolução que alterasse profundamente a ordem social e econômica existente. Divergiam apenas a propósito da delimitação do poder executivo e da definição do alcance das medidas liberais, tais como a liberdade de imprensa, a anistia dos presos políticos, liberdade de culto. A Constituinte, na sua obra frustrada pela dissolução decretada pelo Imperador em novembro de 1823, sequer chegaria a tratar da questão dos escravos”. COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: Editora brasileira, 1987, pp. 71-72.

³⁷⁹ COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos...* p. 89.

³⁸⁰ GRAHAM, Maria. *Esboço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 73.

Andrada, quanto nas de D. Pedro I, Contudo, a par de suas aspirações liberais, Maria Graham lamentou pelo retrocesso político causado pela destituição da Assembleia Constituinte, e a conseqüente queda do Ministro José Bonifácio.

Contudo pensei ser possível que[...]uma tal Constituição pudesse ser mantida, já que não interferia demais com o que tinha até então sido olhado com veneração: criação de tribunais imparciais, impulsionamento da indústria e do comércio, abolição da escravidão e seus males conseqüentes, e acima de tudo, manutenção da paz. Se posso ser lamentada por ter afagado essas esperanças, posso desculpar-me dizendo que os Andradas afinal, pensavam comigo no assunto, que, até então, o próprio Imperador se havia manifestado, ainda que mais entusiasticamente do que eu jamais ousara fazer, a respeito das perspectivas do Brasil Independente.³⁸¹

E escritora e o ex-Ministro haviam bebido na fonte do iluminismo e, portanto, cultivavam os valores humanistas, “seus conhecimentos contribuiriam para a felicidade dos povos — tema caro a iluministas e ilustrados”.³⁸² Igualmente irmanados, defendiam o fim da escravidão, uma vez que, para eles, esta era a mais degradante e brutal condição imposta a um ser humano, ficando estas “desengraçadas criaturas[...]sujeitas a todas as misérias da vida”.³⁸³ Os dois partilhavam teorias semelhantes, relativas aos graves prejuízos que a manutenção da economia escravista trazia ao país. Maria Graham era radicalmente contra a escravidão. Na Assembleia Constituinte de 1823, José Bonifácio leu a sua *Representação sobre a escravatura*, onde demonstrava os danos que a economia escravista representava para o país. Citamos abaixo fragmentos do documento:

A introdução de novos africanos no Brasil não aumenta a nossa população, e só serve de obstar nossa indústria. Para provar a primeira tese bastará ver com atenção o censo de cinco ou seis anos passados, e ver-se-á que apesar de entrarem no Brasil, como já disse, perto de quarenta mil escravos anualmente, o aumento dessa classe é nulo, ou de mui pouca monta: quase tudo morre ou de miséria ou de desesperação, e, todavia, custaram imensos cabedais, que se perderam para sempre, e que nem sequer pagaram o juro do dinheiro empregado[...]Para provar a segunda tese, que a escravatura deve obstar a nossa indústria, basta

³⁸¹ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 79.

³⁸² PRIORE, Mary Del. *As vidas de José Bonifácio...* p. 175.

³⁸³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* p. 208.

lembrar que os senhores que possuem escravos vivem, em grandíssima parte, na inércia, pois que não se veem precisados pela fome ou pobreza a aperfeiçoar sua indústria ou melhorar sua lavoura[...]A lavoura no Brasil, feita por escravos boçais e preguiçosos, não dá lucros, com que homens ignorantes e fantásticos se iludem.³⁸⁴

Maria Graham e José Bonifácio acreditavam ser a escravidão a verdadeira causa de todos os males sociais e atrasos nas indústrias nacionais, contrariando os argumentos defendidos por grande parte das poderosas elites oligárquicas brasileiras, que sustentavam a permanência do comércio da mão de obra escrava. Durante sua estada no Rio de Janeiro, Maria Graham descreveu o que viu no mercado de escravos do Valongo e documentou do *Diário*:³⁸⁵

[...]a triste condição servil quando se passa pela rua do Valongo. Então todo o tráfico de escravos surge com todos os seus horrores perante nossos olhos. De ambos os lados estão os armazéns de escravos novos, chamados aqui peças, e aqui as desengraçadas criaturas ficam sujeitas a todas as misérias da vida de um negro novo, escassa dieta, exame brutal e açoite.³⁸⁶

As afinidades intelectuais entre Maria Graham e José Bonifácio não paravam por aí. Eles amavam o universo das ciências; ele interessava-se por mineralogia e química, e ela por botânica e herborizações. Os dois leram muito. Suas preferências literárias incluíam desde Aristóteles, Cícero ou Tito Lívio, até a literatura clássica, e poesia: “José Bonifácio deu-me hoje uma tradução de Meleagro que me parece muito bonita. Foi escrita em Lisboa em 1816 e dois ou três exemplares impressos por um de seus amigos. O último destes é meu agora”.³⁸⁷ A autora teve a oportunidade de conhecer a biblioteca de José Bonifácio, e bem impressionada, mencionou a existência de títulos em várias línguas estrangeiras e enfatizou sobretudo, as coleções de livros de química e mineralogia:

³⁸⁴ SILVA, José Bonifácio de Andrada e. Representação sobre a Escravatura. In: PRIORE, Mary Del. *As vidas de José Bonifácio*. Rio De Janeiro: GMT Editores, 2019, p. 212.

³⁸⁵ Sobre a visão crítica de Maria Graham relativa a escravidão, Lilia Moritz Schwarcz esclarece: “A visão protestante avessada de boa parte dos viajantes[...]reagia fortemente ao tratamento abusivo e aos castigos aplicados no meio da rua. Viajantes como Maria Graham, Kidder e até mesmo Darwin condenaram a que viram e ajudaram a conformar uma opinião geral contrária ao sistema”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Longa viagem da Biblioteca dos Reis...* p. 338.

³⁸⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* p. 208.

³⁸⁷ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* p. 362.

Sua biblioteca estava bem provida de livros em todas as línguas. A coleção de química e de mineração é particularmente extensa e rica de autores suecos e alemães. Estes são realmente assuntos de peculiar interesse para o Brasil e foram naturalmente de primeira plana para ele.³⁸⁸

Todavia, foi a atenção com a educação, palavra de ouro para os propagadores das Luzes, que apontou para as maiores afinidades teóricas entre os dois, ainda que nunca viessem a saber disso. Para José Bonifácio, “uma nova Constituição deveria dar toda a importância e garantir investimentos para a educação”.³⁸⁹ Nas palavras do Ministro:

Nunca falem, entre todas as classes mais abastadas, homens que não só sirvam aos empregos, mas igualmente, sejam capazes de espalhar pelo povo os conhecimentos, que são indispensáveis para o aumento, riqueza e prosperidade da nação.³⁹⁰

Nesse mesmo sentido, a educação para Maria Graham, que para além de ser escritora, era também professora, deveria contemplar desde a prática das liberdades individuais e dos valores igualitários, até o ensino das ciências humanas, naturais e exatas. Sob esta perspectiva, Maria Graham “analisa a falta de civilidade e define um Brasil contrário ao que seria aceitável como as normas de conduta[...]no contexto europeu iluminista, onde residia pensamentos liberais”.³⁹¹ Segundo Tania Quintaneiro,³⁹² as noções

³⁸⁸ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990, p. 361.

³⁸⁹ “Educação: a palavra era sagrada para os ilustrados e para os pedreiros-livres. Segundo Bonifácio, todas as cidades, vilas e freguesias brasileiras tinham que ter as suas escolas de primeiras letras. Cada província deveria ter seu ginásio ou colégio, onde seriam ensinadas medicina, veterinária, física, química, botânica, matemática, zoologia e mineralogia. Cada qual teria uma universidade composta por uma faculdade de medicina, uma de jurisprudência, uma de Economia, de Fazenda e, finalmente, uma de Filosofia, dividida em Ciências Naturais, Matemática Pura e Aplicada e Filosofia Especulativa”. PRIORE, Mary Del. *As vidas de José Bonifácio...* p. 164.

³⁹⁰Sobre a associação entre educação, e “prosperidade da nação” e o significado de “Nação” na visão de José Bonifácio como um homem de seu tempo, Mary Del Priore esclarece que: “Na guerra de papel, ficavam claros os projetos de Bonifácio para o Brasil: por um lado, a abolição e a emancipação dos índios, que seriam incluídos na sociedade graças à educação pública e a destruição de preconceitos e abusos “tão antigos como as nossas cidades e vilas”; por outro, uma soberania política determinada pela nação .E o que seria a nação? A parcela “esclarecida” limitada a um circuito restrito de proprietários. Ao contrário dos democratas como Soares Lisboa que afirmavam que o princípio da nação era determinado pelo “povo”, Bonifácio insistia em que nenhum Estado representativo dava participação de sua soberania às mulheres, aos meninos, aos imbecis”. PRIORE, Mary Del. *As vidas de José Bonifácio...* p. 164.

³⁹¹ SILVA, Maria Clara Torres da; SANTANA, Flávio Carreiro de. *Maria Graham: sensibilidade de uma estrangeira no Brasil Oitocentista...*p.7.

³⁹² QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de Mulher- O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX ...* p. 37.

de individualidade e civilização³⁹³ seriam complementares, mediando o “horizonte cultural de boa parte de nossos visitantes”. Desta forma, como visto, tanto Maria Graham como José Bonifácio acreditavam, que o desenvolvimento dos povos deveria ter como alicerce os modelos de autoridade, de virtude, e da ampla propagação do ensino das ciências.³⁹⁴ Num encontro que a escritora tivera com a Imperatriz Leopoldina, onde conversaram sobre literatura, ela destacou que a alegrou o fato de ter se comunicado na língua portuguesa, cujo aprendizado, “tenho poucas oportunidades de praticar com pessoas cultas”.³⁹⁵ Ainda em outra nota, acerca da cultura dos brasileiros em geral, Maria Graham observou:

Aqui o estado da educação é tão baixo que é preciso mais do que talento comum e o desejo de conhecimentos para alcançar um bom nível. Conseqüentemente os homens capazes são sagazes, e às vezes um pouco vaidosos, sentindo-se muito acima de seus concidadãos, e a quota de leitura de livros é escassa. Dos que leem assuntos políticos, a maior parte é discípula de Voltaire e excede-se nas doutrinas sobre política igualmente em desrespeito à religião; por isso, para a gente moderada, que tenha passado pelas revoluções europeias, suas dissertações são às vezes revoltantes.³⁹⁶

Um outro ponto em comum nas singulares personalidades da escritora-viajante e do Ministro, era que ambos cultivavam a vaidade douta, o que, muitas das vezes, era visto socialmente como “um sentimento de superioridade frente aos patricios”.³⁹⁷ Esta característica, muito criticada por seus desafetos, mostrou-se, no caso do ex-ministro, ter sido forjada ao longo das experiências em viagens internacionais, tanto quanto, por passagens nos centros europeus de mineralogia. Já para a escritora Maria Graham, os

³⁹³ Sobre os conceitos de civilização e cultura: “Até meados do século XVIII, as palavras civilização e cultura são inteiramente desconhecidas. Para marcar a oposição frente ao Selvagem ou ao Bárbaro, empregava-se, frequentemente o termo *civilidade*. Deve-se a Erasmo a recepção do termo, no final do Renascimento, por ocasião da publicação do *Tratado de Civilidade Pueril*, em 1530[...]O século XIX conheceu, desde suas primeiras décadas, uma explosão de significados dos termos cultura e civilização. Passou-se a falar da cultura de povos e países, mas também, da cultura de grupos ligados pelas raízes mais diversas, desde religião, passando pela nacionalidade, até a etnia[...]Em seu sentido mais clássico, a ideia de civilização englobava o progresso obtido no plano material pelas sociedades industriais e naturalmente, designava uma particularidade do mundo ocidental moderno”. MOURA, Caio. *O advento dos conceitos de cultura e civilização: sua importância para a consolidação da autoimagem do sujeito moderno*. Revista Unisinos.10(2): maio/ago.2009, pg.157-173. pg. 158.

³⁹⁴ PRIORE, Mary Del. *As vidas de José Bonifácio...* p. 175.

³⁹⁵ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* p. 379.

³⁹⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil...* p. 182.

³⁹⁷ PRIORE, Mary Del. *As vidas de José Bonifácio...* p. 141.

caminhos percorridos para a construção de sua vasta cultura e visão de mundo, perpassaram a África e a Índia, onde ali, tomou conhecimento das antigas culturas do continente Asiático, e ainda se dedicou a aprender as línguas árabe, e hindu. Antes de vir para a América do Sul, ela passou uma temporada na Itália, país este que “havia se tornado o sonho de todo humanista em busca dos sinais da civilização clássica e satisfazia a aspiração a uma cultura artística ideal”.³⁹⁸ Maria Graham que falava cinco idiomas, e frequentava os meios literários ingleses, era como anteriormente citado, escritora por profissão e professora por vocação.

Com todas essas características, eles não escondiam certas imodéstias, por ocuparem destacados lugares nos espaços letrados e intelectuais de sua época. Diversas vezes tidos como indesejáveis, exibicionistas ou arrogantes, eles cultivaram inimigos e foram alvos de intrigas.

De passagem pelo Brasil, o almirante inglês Graham Eden Hamond³⁹⁹ conheceu Maria Graham nos salões festivos do cônsul geral da Inglaterra no Rio de Janeiro, Mr. Henry Chamberlain. Deste encontro, Graham Eden deixou uma interessante nota, onde registrou o comportamento descontraído e eloquente de Maria Graham nas rodas sociais. Entretanto, o Almirante não poupou de suas críticas “a célebre Mrs. Graham”, descrevendo a desenvoltura intelectual da escritora com palavras repletas de sarcasmo e deboche:

Jantei com muitos convidados em homenagem a Sir Charles Stuart, na casa de Mr. Chamberlain. Ao anoitecer, várias senhoras uniram-se ao grupo e entre elas a célebre Mrs. Graham, a quem fui apresentado. Ela esforçou-se em monopolizar toda a conversação, e pareceu-me ou meio maluca ou meio confusa.⁴⁰⁰

³⁹⁸ Segundo Ana Maria Belluzzo, “Até mesmo o cientista alemão Alexandre von Humboldt, chegou à América com Bonplant, tendo em mente o modelo de viagem à Itália e procurando grandes civilizações pré-colombianas” BELLUZZO, Ana Maria. *O Viajante e a paisagem brasileira*. Revista Porto Alegre: Porto Alegre, v.15, nº25, novembro de 2008, pg.4.

³⁹⁹ Segundo Gilberto Ferrez “Sir Graham Eden Hamond veio para o Brasil comandando o navio Wellesley, que trouxe Sir Charles Stuart, embaixador plenipotenciário não só da Grã-Bretanha, como também de Portugal, e sua comitiva para tratar do reconhecimento de nossa independência por aqueles países. Sir Graham chegou em 17 de julho e partiu a 03 de setembro de 1825, levando o tratado para entregá-lo pessoalmente a D. João VI em Mafra”. FERREZ, Marc. Introdução. *In: Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond...* p. 03.

⁴⁰⁰ HAMOMD, Graham Eden. *Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond...* p. 13.

Com tudo isso posto, a chegada de Maria Graham ao Palácio seria cercada de incertezas. Logo que chegou a São Cristóvão, o seu primeiro e inesperado encontro foi com o próprio Imperador, “vagando sozinho, evidentemente de propósito para me ver primeiro, ainda que primeiro se tivesse voltado, timidamente, como se não tivesse intenção de me falar”.⁴⁰¹ A sós, D. Pedro a esperava, e parecia haver na aparente informalidade daquele encontro, um propósito oculto, como relatou a escritora. O que então, teria motivado o Imperador a espera-la no jardim do Palácio, mantendo-se fora do alcance dos criados? Talvez, esta sua atitude supostamente premeditada, tivesse a intenção de comunicar silenciosamente aos cortesãos — que muito provavelmente os espreitavam pelas sombras das janelas — que Maria Graham tinha o pleno consentimento do Imperador de permanecer no Palácio, e que, ele próprio a encaminharia diretamente ao encontro da Imperatriz, afim de apresenta-la. A escritora descreveu a “sua caminhada cerimoniosa pelo Palácio”, até encontrar finalmente a mãe das suas pupilas. Depois desse dia “não vi mais D. Pedro até que me tornei moradora do Paço”.⁴⁰²

Encontrei a Imperatriz sentada numa antecâmara, onde me disse que havia ficado alguns minutos esperando-me. Perguntou-me logo se não havia recebido em Londres sua carta. Vendo que não, explicou-me que a sua finalidade era adiar minha vinda[...]A Imperatriz contou-me que o meu apartamento não estava pronto, ainda que o Imperador houvesse dado ordens particulares sobre o assunto, logo que calculou que o pacote em que eu devia vir, estava para chegar. Despediu-se então de mim, ou antes, despediu-me e manifestou vontade de ver-me no dia seguinte.⁴⁰³

A escritora observava com um misto de inquietação e cautela seus primeiros momentos no Paço. Relatou no *Escorço Biográfico* a vida cotidiana no Palácio, e descreveu a impactante paisagem local, sob a perspectiva romântica Oitocentista, ou seja, “observou a natureza, retendo as linhas principais, que eram capazes de expressar a realidade vital”.⁴⁰⁴

⁴⁰¹ GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 85.

⁴⁰² GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 86.

⁴⁰³ GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 85.

⁴⁰⁴ BELUZZO, Ana Maria. *O viajante e a paisagem brasileira...* p. 14.

Encontrei meu apartamento bem no alto da ala ocupada pela Imperatriz e sua filha mais velha. Moravam elas no andar mais alto (antes do sótão). Ocupava eu o sótão que ficava sobre os quartos de Dona Maria. [...]nunca esquecerei o prazer de minha primeira manhã, quando abrindo minhas janelas em vez do barulho e do sujo da cidade deparei com os lindos jardins do palácio e as plantações de café que revestiam as Montanhas da Tijuca, e senti o aroma das flores de laranjeiras, trazidos por cada sopro da brisa matutina.⁴⁰⁵

Assim que se instalou em seus apartamentos, Maria Graham percebeu que estava em território estranho. Repentinamente, viu-se cercada por um grupo de criados liderados por Plácido Antônio Pereira de Abreu, o Barbeiro de D. Pedro, “*factótum* do Imperador, seu confidente, além de mordomo e tesoureiro da Casa Imperial, diretor de cozinha e almoxarife do Paço”⁴⁰⁶ e, também, amigo da favorita. Ele recebeu Maria Graham com estranhamentos e críticas aos seus costumes ingleses. Ela pressentiu imediatamente, por meio de suas atitudes e comentários, que aqueles criados lhe seriam perigosos. Enquanto Maria Graham desarrumava suas roupas e objetos pessoais, sob um intenso bombardeio de olhares recriminatórios e comentários sarcásticos, subitamente, ela entendeu o sentido de suas anteriores inquietações pessoais. Afinal, estava à frente daqueles, que se revelariam ser seus inimigos declarados:

Recebi do Barbeiro um recado para aguardar ordens no apartamento da Imperatriz, quando ela e o Imperador estivessem de volta do passeio da tarde. Entrementes as damas da guarda-roupa e o próprio Barbeiro, sob o pretexto de oferecer-me auxílio, permaneceram em grupo em volta de mim, olhando cada uma das coisas que a preta Ana e eu desarrumávamos. Muitas críticas eram feitas acerca de coisas de moda inglesa, de que as senhoras portuguesas e brasileiras não tinham noção e que, mesmo que o Barbeiro fosse um inglês, eu não teria ousado mostrar, nem a preta Ana, que conhecia os costumes ingleses.⁴⁰⁷

Aos poucos, cautelosa e alerta, ela foi percebendo, que os seus objetos pessoais lhes causavam espanto, da mesma forma, que suas roupas eram por eles censuradas. Mesmo assim, Maria Graham contou que “salvei minha honra, contudo, com a forma de

⁴⁰⁵ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 86.

⁴⁰⁶ GARCÍA, Rodolfo. Apresentação. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 16.

⁴⁰⁷ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 86.

um chapéu que foi copiado em cinquenta cores diferentes antes do fim de uma semana”:⁴⁰⁸

A pequenez e a modéstia do meu guarda-roupa foram outra coisa que os espantou, pois ainda que, de acordo com as suas noções, como viúva, eu só devesse andar de preto fora de casa, e de branco dentro de casa, esperavam enfim modas novas, laços de cetins em vez das minhas sedas lizas, musselinas e cambraias.⁴⁰⁹

Entretanto, em meio ao cenário de tantas bizarrices, o que a divertiu afinal, foi presenciar a dissimulada alegria do grupo sobre “algumas gravuras que eu havia tido tempo de enquadrar no Rio e que pendurei em vários quartos”, tanto quanto, o equívoco cometido pelo Barbeiro ao “confundir o Retrato de Rafael com o Arcanjo Rafael”:

Chegaram a gritar de alegria ao ver uma Assunção da Virgem, que declararam ser um presságio de boa sorte, pois que havia sido por causa dela que minha aluna mais velha, Dona Maria da Glória havia recebido este nome. Quanto ao erro de confundir o Retrato de Rafael com o Arcanjo Rafael, foi por demais interessante para que eu o corrigisse.⁴¹⁰

Como ela já havia presumido, a pequenez de visão de mundo de seus interlocutores era evidente, e intencionando impressioná-los ainda mais, Maria Graham narrou divertida que “O último caixote que pude abri diante deles[...]eu confesso que o escolhi maliciosamente”:

Foi um pacote contendo um par de globos Cary, de dois pés, lindamente montados, e num canto do caixote, alguns instrumentos para fazer observações sobre o tempo e o clima, com um hidrômetro de Leslie, cianômetro, etc. Os gritos de Maravilhoso! Maravilhoso! Só foram interrompidos pelo ruído das patas dos cavalos do Imperador e não fiquei pouco satisfeita pela abertura de meus livros ter sido reservada para as horas sossegadas da noite ou da manhã cedo, quando resolvera

⁴⁰⁸ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 87.

⁴⁰⁹ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 87.

⁴¹⁰ GRAHAM Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 87.

que a preta Ana e eu, arranjá-lo-íamos nas estantes antes que pudessem ser vistos por qualquer dos nossos companheiros da tarde.⁴¹¹

Contudo, a assistência dos cortesãos aos aposentos da recém-chegada governanta, tinha um objetivo concreto; eles a espionavam. Eram do partido da De Castro. Ao tomar conhecimento do que a governanta trazia em sua bagagem, o grupo afinal confirmou aquilo que eles pretendiam: verificar o quanto a presença da inglesa no Palácio seria um obstáculo aos planos deles e da favorita; de enfraquecer a influência da Imperatriz e o consequente isolamento a que ela, D. Leopoldina, estaria condenada. Em carta à Maria Graham, Dona Leopoldina confirmaria o futuro do seu melancólico destino: “Fui muito agradavelmente surpreendida quando o nosso excelente amigo o Barão de Mareschal⁴¹² me entregou duas amáveis cartas vossas. É o único consolo que me resta no isolamento”.⁴¹³ E, desta espécie de duplo exílio, cruelmente imposto a jovem Imperatriz e Arquiduquesa da Áustria, primeiro de sua terra natal, e depois, isolada em sua própria casa, Maria Graham documentou o quase total abandono, ao qual D. Leopoldina estava submetida:

O jantar da Imperatriz era-lhe servido, prato por prato, numa mesinha pequena, numa espécie de quarto de passagem, mobiliado todo em volta com malas fechadas que ela havia trazido de Viena. Essas malas continham vestidos que a sociedade do Brasil não exigia, livros, que ela não tinha nem oportunidade nem espaço para arrumar com vantagem e instrumentos para prosseguir no estudo de filosofia natural e experimental que ela muito apreciava, mas que ninguém naquela terra entendia senão ela.⁴¹⁴

Maria Graham que até então não sabia o quanto era indesejada no Palácio, escreveu anos depois, no *Escoço Biográfico de D. Pedro I*, sobre o estranhamento que

⁴¹¹ GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 87.

⁴¹² Rodolfo Garcia informa que “Mareschal, Felipe Leopoldo Wenzler, Barão von (1784-1851). [...] Nomeado Encarregado de negócios da Áustria no Brasil, chegou ao Rio de Janeiro em 23 de setembro daquele ano; foi elevado a Ministro plenipotenciário a 17 de fevereiro de 1827, e aqui permaneceu até junho de 1830”. GARCIA, Rodolfo. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 46.

⁴¹³ GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 143.

⁴¹⁴ GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 92.

sentiu ao perceber que D. Pedro I “falando em um tom um tanto alto, desejou que eu tivesse gostado de meus apartamentos e que o barbeiro tivesse dado todo o auxílio no desfazer das malas”.⁴¹⁵ A escritora relatou ainda, que o Imperador anunciou para todos os criados, que concedia a ela, autonomia para conduzir a educação das princesas e garantia-lhe uma “situação de conforto”. Contudo, continua a governanta “se essa importância e autoridade pudessem produzir bem-estar — ocuparia uma das mais confortáveis posições! Mas, ai de mim, o Barbeiro estava atrás do palco e em breve apareceria”. Sobre a proclamação Imperial, Maria Graham documentou:

Deu-me então uma carta, que, disse ele, tinha resolvido que eu recebesse somente de suas próprias mãos, anunciando ao mesmo tempo o seu conteúdo com altas vozes, para o conhecimento dos presentes e, certamente, se as palavras transmitissem poder, eu teria, desde deste momento, a absoluta direção de tudo que se referisse às princesas (para usar as palavras de Sua Majestade) moral, intelectual e fisicamente. Se minha situação e conforto dependessem de boas palavras, de expressões delicadas, de intenções de Sua Majestade ou de ordens dirigidas a todos do Paço, contidas no documento escrito que o Imperador pôs em minhas mãos, eu deveria ser de fato uma grande Dama”.⁴¹⁶

Contudo, logo que a governanta começou a se inteirar de sua nova realidade palaciana, e a participar da vida cotidiana das princesas, suas expectativas metodológicas logo foram frustradas. Era inequívoca a impossibilidade de sustentar os princípios didáticos que pretendia aplicar, sobretudo, com a primogênita D. Maria da Glória, pois os criados da corte, fizeram forte oposição aos seus métodos disciplinares. Sob forte vigilância dessas “pessoas que também não estimavam a Imperatriz, porque era, como diziam, estrangeira”, eles criticavam a governanta por ser uma segunda estrangeira no Paço. Aqui começamos a observar os fatos que impossibilitaram o êxito da jornada de Maria Graham como governanta da princesa no Palácio Imperial:

Mas logo na manhã seguinte, nossos aborrecimentos começaram. Em primeiro lugar, quando fui para os apartamentos da Princesa, encontrei as criadas lavando-a, não no banheiro, mas numa sala aberta, por onde

⁴¹⁵ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 87.

⁴¹⁶ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 87.

passavam os escravos, homens e mulheres, e onde a Guarda do Imperador sempre estacionava. Não pude achar direito que ela fosse assim exposta, completamente nua, aos olhos de todos os que aparecessem. As criadas recusaram a mudar esta prática impropria, até que eu obtivesse uma ordem escrita pelo Imperador.⁴¹⁷

Como narra Maria Graham, suas expectativas eram de que o direcionamento da educação das princesas fosse pautado sobretudo na confiança dos Imperadores no seu trabalho. A governanta desejava ter autonomia em seus métodos. Aos poucos, tentou introduzir na rotina da princesa novos hábitos de comportamento e estudos, de alimentação e de brincadeiras, considerados mais adequados aos padrões europeus, sobretudo, liberais,⁴¹⁸ de então. Mas todo o seu esforço foi em vão, pois os criados portugueses não atendiam às determinações impostas pela nova governanta.

Apesar de ficar estarecida com os péssimos hábitos alimentares das princesas, onde até o vinho e o café faziam parte do cardápio, ela nada podia fazer. Em sua escrita, deixou registrado o receio da perda prematura da saúde futura das suas pupilas, e anteviu a chegada dos novos paradigmas teóricos, preconizados pelos românticos. Tais paradigmas associavam a saúde da população à práticas e hábitos mais saudáveis na alimentação, e que “encontrou a sua origem nos significativos progressos da medicina e da higiene pessoal, aliados com a crescente melhoria dos alimentos disponíveis e para o consumo”.⁴¹⁹ É provável que Maria Graham tenha analisado o histórico médico dos Bragança para que concluísse que “Talvez se diga no futuro, e eu não me espantarei, que as infelizes doenças, tanto físicas quanto mentais, com que a miserável família Bragança foi perseguida, foram causadas pela alimentação”.⁴²⁰

⁴¹⁷ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 88.

⁴¹⁸ Na análise de René Rémond: “Do ensino, outro fundamento da sociedade liberal, pode-se dizer igualmente que é um fator de libertação, mas que sua privação lança parte das pessoas num estado de perpétua dependência. Na escala de valores liberais, a instrução e a inteligência ocupam um lugar de importância tão grande quanto o dinheiro”. RÉMOND, René. *O Século XIX: 1815-1914*. V.2... pp. 46-47.

⁴¹⁹ Paula Andreia Magalhães Grenha completa “Numa época de grandes transformações e inéditas conquistas na área de nutrição, a população europeia tomou a liderança na redefinição dos padrões de consumo, repercutidas de modos diferentes nos vários setores da sociedade, mas que a todos envolveu numa definitiva mudança de comportamentos e atitudes relacionadas com os actos de comer”. GRENHA, Paula Andreia Magalhães. *Transformações do consumo alimentar na época contemporânea*... pp. 11-12.

⁴²⁰ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*... p. 94.

A próxima coisa aborrecida foi o almoço. Serviram-lhe uma coxa de galinha cozida em óleo com alho. Ela tomou o alho no prato com os dedos e comeu-os. Um copo de vinho forte e água seguiu-se, e depois, com surpresa minha, café, torradas e doces. Nada disse no momento, mas resolvi falar particularmente e seriamente à Imperatriz, sobre as prováveis consequências de tal alimentação, para a sua filha.⁴²¹

Com toda a resistência que a governanta encontrara junto às Damas das princesas, restava a Maria Graham, contar apenas com o apoio e aprovação da Imperatriz, e esta, em contrapartida, por sentir-se a cada dia mais fragilizada pelo avanço do relacionamento amoroso de seu marido com a favorita D. Domitila de Castro, reconhecera na nova governanta, alguém em que podia confiar, e compartilhar as memórias da saudosa Europa e dos mesmos interesses intelectuais e científicos.

Pode-se compreender, e não é extraordinário, que Dona Maria Leopoldina, não tendo damas de sua nacionalidade em torno dela, nem mesmo a mulher de um Embaixador ou de um Encarregado de Negócios com quem falar ocasionalmente e sendo todas as suas servidoras portuguesas, que não falavam senão a própria língua, e cuja educação se resumia nas regras de etiqueta da corte, com a instrução suficiente para ler e escrever e para conduzir uma intriga doméstica ou política, se estivesse aproveitado avidamente da possibilidade de conversar em linguagem mais familiar com uma pessoa que podia ao menos tratar de assuntos de interesse europeu; que havia visto o seu pai e a maior parte de seus outros parentes depois que ela os havia deixado e que era familiar mesmo com os lugares que ela própria havia frequentado. Estas considerações, mesmo que houvessem ocorrido às nossas damas, não as teriam tornado um átomo mais caridosas.⁴²²

As damas portuguesas que cuidavam das princesas, não entendiam outra língua que não fosse o português. Tinham pouca instrução e educação e não gostavam da ameaça intrusa pois “Elas haviam sempre lamentado a política que havia casado o jovem chefe da casa de Bragança com uma estrangeira, em vez de uma tia ou prima, como havia sido o costume invariável nas casas reais de Espanha e Portugal”.⁴²³ Era ela, a estrangeira

⁴²¹ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 88.

⁴²² GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 93.

⁴²³ GRAHAM Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 93.

indesejável, que reproduzia as novas mentalidades do liberalismo⁴²⁴ e do Iluminismo, que repudiava a escravidão praticada no Brasil, acreditando que todas as pessoas deviam ser tratadas com igualdade, incluindo os negros e subalternos. Era a mesma que condenava as regras e métodos até então estabelecidos por elas, as damas fiéis aos Bragança. Sobre um episódio em que presenciou a princesa D. Maria da Glória batendo em filhos de escravos e criados, a governanta chamou-lhe a atenção e disse-lhe, referindo-se à Inglaterra, “Na nossa terra nenhuma pessoa grande tem permissão para bater em seus companheiros”:⁴²⁵

Ela tinha sido sempre acostumada não somente a ter pequenos escravos negros para brincar e bate-los e judiar com eles, mas a tratar do mesmo modo de uma pequena menina branca, filha de uma das damas. Observei que, nos seus muito folguedos, ela não somente dava pontapés e batia nos negrinhos, mas esbofeteava sua companheira branca (uma pequena e tímida menina), com energia e com ânimo de uma tiranazinha indiferente.⁴²⁶

Os dias da governanta no Palácio de São Cristóvão, tornavam-se cada vez mais difíceis. Cercada pelos ciúmes das damas, dada a amizade da “segunda estrangeira” com a Imperatriz “cujas narrativas da familiaridade com que ela me tratava, excitavam violentos ciúmes”, Maria Graham não imaginava o que estava por vir.

O grupo de cortesãos comandado pelo Barbeiro pessoal de D. Pedro, Plácido Pereira de Abreu, que já há muito gozava de certos privilégios, implantou uma rede de regras próprias e sem que os Imperadores soubessem, a noite quando a ala da Imperatriz era fechada e todos recolhiam-se aos quartos, ele e uns amigos subiam as escadas às

⁴²⁴ As análises de René Rémond acerca do Liberalismo, apontam que “O liberalismo é, primeiramente, uma filosofia global[...]é também uma filosofia política inteiramente orientada para a ideia de liberdade, de acordo com a qual a sociedade política deve basear-se na liberdade de encontrar sua justificativa na consagração da mesma[...]Decifrando a marca que o liberalismo deixa na sociedade, reconhecemos numerosos traços já evocados a propósito da obra da Revolução, pois que, nesse terreno, mais ainda do que no precedente, o liberalismo é o herdeiro de seu espírito. A sociedade repousa sobre a igualdade de direito: todos dispõem dos mesmos direitos civis[...]O reconhecimento da igualdade de todos diante da lei, diante da justiça, diante do imposto não exclui a diferença das condições sociais, a disparidade das fortunas, uma distribuição muito desigual da cultura. Acontece mesmo que a sociedade liberal consagra em seus códigos algumas desigualdades; como, por exemplo, entre o homem e a mulher, entre o empregador e o empregado. RÉMOND, René. *O Século XIX: 1815-1914*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974. pp. 26-27-44.

⁴²⁵ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 89.

⁴²⁶ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 89.

escondidas para jogar cartas na antecâmara do quarto da princesa pela noite adentro. Este episódio chocou-se com os princípios éticos e culturais de Maria Graham. Decidida a contar o fato para a Imperatriz, esta agradeceu e respondeu-lhe “que daí por diante deveria olhar toda a cambada como inveterada inimiga”:

Uma tarde fiquei muito surpreendida com um pedido de uma dama da princesa, uma das que dormiam no quarto, no sentido de permitir que o Barbeiro e um ou dois outros amigos subissem pelas escadas particulares à antecâmara da princesa para poderem jogar cartas confortavelmente, quando ela já estivesse na cama. Disse-lhe que não poderia dar tal permissão, havendo prometido tanto ao Imperador quanto à Imperatriz solenemente que nunca permitiria nada que se parecesse com jogo à vista da princesa.⁴²⁷

A partir desta proibição, Maria Graham havia estabelecido uma barreira intransponível para as práticas das atividades escusas do grupo. Agora o confronto entre eles seria explícito, e não tardou, para que a autoridade da governanta fosse novamente desafiada, iniciando “o que pretendiam ser uma severa punição à insolência de uma estrangeira”.⁴²⁸ O cerco estava se fechando para a governanta, e, inadvertidamente, ela viu-se enredada por um perverso plano, do qual, não escaparia.

Certa manhã, Maria Graham dirigiu-se ao apartamento de D. Maria da Glória, “como de costume na hora do jantar da princesa”, e encontrou a princesa com apenas algumas criadas que serviram a sua comida, “logo após a refeição todo o mundo desapareceu”, deixando a princesa a sós com a governanta. Procurando em vão pelas damas, para que auxiliassem nas demandas de D. Maria da Glória “não ousei deixa-la por um momento[...]não podia leva-la comigo para fora de seu apartamento”, até que a própria princesa desse as ordens para chama-las:

Quando esta chegou perguntei como se explicava aquela desobediência às ordens do Imperador[...]respondeu que as ordens imperiais exigiam apenas uma criada de cada vez[...]olhou-me de face, cuspiu no chão e disse-me que estava olhando para a mais “indigna de suas criadas”[...]

⁴²⁷ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 96.

⁴²⁸ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 98.

quando chegou o jantar da princesa não apareceu ninguém para pôr a mesa, levar-lhe as mãos ou trazer-lhe o bife, até que depois de repetidos recados, consegui uma preta para pôr a mesa; depois, não havia nem faca, nem garfo, nem colher. A criança tinha fome[...] e ela começou a chorar[...]depois de esperar meia hora, resolvi ir ver se encontraria, ao menos, alguns dos servidores[...]vi por uma porta aberta[...]as menininhas[...] e suas amas dando-lhe de comer, e a um canto, todas as criadas do serviço de Dona Maria, juntamente com as da Imperatriz, a velha ama do Imperador, e, ainda que de início não o tivesse visto, o Barbeiro[...]pulando para dentro da caixa do relógio[...]O Imperador e a Imperatriz haviam sido forçados pelo tempo a voltar para casa. Não preciso pelo dizer quão depressa foi servida a mesa da Princesa, nem quão rapidamente foi posta na cama para sua sesta.⁴²⁹

Para Plácido Pereira de Abreu e seus seguidores, portanto, a permanência da governanta no Palácio seria um grande problema. Entretanto, antes mesmo que Maria Graham pudesse reportar para a Imperatriz “as loucuras daquele dia”, o grupo de criados, antecipou-se, e informou ao Imperador a ousadia praticada pela estrangeira. Nas palavras deles, ela havia deixado de cumprir as funções para com a sua pupila. Maria Graham sabia “que o conciliábulo pilhado por mim no apartamento das princesinhas havia inventado alguma coisa destinada a irritar o Imperador”. Eles mentiam e triunfavam, enquanto, a governanta percebia “que me era impossível exercer a função que pretendia”. Por fim, vencida, o Imperador ordenara-lhe que “me confinasse ao meu próprio apartamento, a não ser quando fosse chamada a dar lição à princesa, ou a passear com as irmãs pelo jardim”. Isso era inconcebível para ela. Seria esta, uma condenação a uma espécie de cárcere privado, tal como veladamente, acontecera com a Imperatriz? Para Maria Graham era demais; “Meu ânimo esgotado pelas desagradáveis ocorrências do dia, foi completamente ultrapassado; sentei-me e chorei”.⁴³⁰

Após as determinações do Imperador, e por recear, a perversa e desmedida astúcia do Barbeiro e seu grupo, que agia sob as ordens de uma certa pessoa oculta, e poderosa, Dona Leopoldina alertou Maria Graham, de “que inimigos dela, tanto quanto os meus, estavam utilizando alguma influência secreta, mas muito poderosa e[...]que a melhor coisa a fazer fosse eu deixar o Palácio”. O que então, estaria subentendido, nesse apelo tão grave? Seria este, um aviso desesperado, de que a vida de Maria Graham corria

⁴²⁹ GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 99.

⁴³⁰ GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 99.

perigo? Era urgente que se evitasse o mesmo que acontecera com o antigo secretário alemão da Imperatriz que, “tendo morrido de repente o jovem que havia acompanhado a arquiduquesa como secretário[...]essa morte fosse atribuída a envenenamento e, desde aí, Maria Leopoldina não teve mais o conforto de uma companhia e de uma notícia de sua terra”.⁴³¹ O momento, portanto, era obscuro:

Nesta mesma noite ela me procurou e pediu-me que não comesse coisa alguma que me fosse mandada pelas vias do costume, para minha ceia, porque, ainda que não esperasse existir, havia muito, no Palácio pessoas tão malvadas, era certo que ela havia perdido o seu secretário alemão, no qual tinha muito grande confiança, por envenenamento.⁴³²

A perseguição à Maria Graham era implacável e o grupo cortesão não pararia por aí. Pelos corredores e porões do Palácio, dizia-se que só havia uma virtude e um crime na corte: agradar ou desagradar a favorita.⁴³³ Assim, ao cabo de pouco mais de um mês, um novo e ardiloso plano foi executado pelo grupo tirânico, com o intuito de criar uma grande intriga vitoriosa, que inviabilizasse definitivamente a permanência da governanta no Palácio.

O episódio determinante para a saída de Maria Graham deu-se durante um passeio de carruagem em que ela estava sentada com a princesa, que querendo trocar de lugar, sentou-se no lugar destinado a preceptora. Isso foi motivo suficiente para suscitar a ira das damas contra a inglesa, que segundo elas, Maria Graham estava em desacordo com o que era estabelecido como a etiqueta de uma “*criada de palácio*”. Foi então que as damas se dirigiram aos aposentos de D. Pedro sabendo que ele estava na sesta e que se fosse acordado ficaria furioso. A líder portuguesa do grupo “Dona Maria Cabral, era a mulher mais bem-nascida de todas as damas de Dona Maria da Glória e foi escolhida como instrumento para me atacar”.⁴³⁴ Ela então acordou o Imperador propositalmente e aproveitando seu momento de fúria, reclamou sobre como uma governanta inglesa

⁴³¹ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 67.

⁴³² GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 104.

⁴³³ PRIORE, Mary Del. *A Carne e o Sangue...* p.57.

⁴³⁴ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 102.

poderia exercer com “tirania” sua influência sobre a princesa, em detrimento deles criados portugueses, que haviam abandonado seu amado país, para servir aos Imperadores no Brasil. D. Pedro furiosamente levantou e exclamou: “que saia do Paço, imediatamente! ”.

O Imperador saltou do seu leito num paroxismo de aborrecimento e quis saber imediatamente por que motivo havia ela ousado perturbá-lo. A resposta foi que ela e todas as antigas damas, inclusive sua velha ama, haviam decidido deixar o Paço imediatamente e voltar a Lisboa, desde que percebiam que só os estrangeiros podiam ser tolerados no Paço da Boa Vista. Sua Majestade perguntou a razão desta estranha resolução. Respondeu que não podiam nem queriam admitir que qualquer pessoa pudesse insultar a Casa de Bragança! Que a governante inglesa havia tomado a si tyrannizar a herdeira dessa nobre Casa, pois havia até se sentado no lugar de honra numa das carruagens imperiais e os preceitos que ela inculcava à princesa eram destinados a fazê-la esquecer a diferença entre o seu sangue real e o mais desprezível de seus súditos. O Imperador não tendo tido tempo de cair em si, exclamou logo: “que saia do Paço, imediatamente! Não quero minha família abalada, nem meus velhos aderentes afrontados, nem os herdeiros de minha casa insultados! ”.⁴³⁵

Era o fim da governanta no Palácio de São Cristóvão. “O Imperador pediu então pena, tinta e papel e, enquanto escrevia o recado que acima mencionei, mandou chamar a Imperatriz, afim de que ela própria o entregasse à sua favorita”.⁴³⁶ E, num amálgama de desilusão, lágrimas e revolta, Maria Graham procurou consolo nas palavras da também desprestigiada amiga e Imperatriz, que antevendo a continuidade de seus problemas, ofereceu sua ajuda, e “ficou combinado que eu recorreria a ela, se quaisquer dificuldades ocorressem a mim depois que a deixasse”.

Na manhã seguinte, Maria Graham deixava silenciosamente o Paço. Quanto mais ela se afastava na melancólica paisagem, do entorno do Palácio, mais próxima ficava a lembrança das palavras ainda frescas de sua amiga Maria Edgeworth: “Qualquer coisa que combinardes, por favor seja por escrito, pois os acordos[...]nada serão senão castelos no ar”.⁴³⁷ Como uma premonição fatídica, Maria Graham nunca viera a receber o

⁴³⁵GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 103.

⁴³⁶GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 103.

⁴³⁷GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 149.

pagamento pelo trabalho de governanta, como também não fora ressarcida das despesas que tivera na Inglaterra, com a compra e preparação do material didático de suas pupilas:

A Imperatriz, sabendo que Plácido, ainda que recebesse de seu amo a quantia que me era devida pela minha estada no Paço, nunca me havia dado o montante, e que nem os livros que eu trouxera, nem qualquer outra despesa, me havia sido paga; ainda que fizesse muita falta, ofereceu-me dinheiro, que eu recusei aceitar.⁴³⁸

O protagonismo da influência cortesã sobre o Imperador, resultou no afastamento precoce e definitivo de Maria Graham do Paço. De longe, a ex governanta olhava pela última vez, e com tristeza o Palácio de São Cristóvão. Sozinha, em terra estranha e perseguida por seus inimigos, ela agora, estava também sem dinheiro. O que esperar então, de um destino que se apresentava promissor, e que se revelou ser cruelmente farsante? Era hora, portanto, de voltar para a sua antiga residência na rua dos Pescadores nº 79, recobrar o ânimo e esperar pelas licenças para voltar à sua velha Inglaterra.

3.3- A longa espera pelo retorno para casa. *A experiência da solidão como documento.*

Em outubro de 1824, as ruas do Rio de Janeiro estavam animadas pelas altas vozes da imensa população de escravos de ganho. Misturados à população livre e, a ex-escravos alforriados, eles apregoavam suas mercadorias, num esforço incessante de venda, de maneira que, pudessem ao fim do dia, efetuar os pagamentos obrigatórios aos seus proprietários, do produto obtido na jornada de trabalho. Em meio ao vai e vem alvoroçado de tabuleiros de quitutes e frutas, carregadores de água, cadeirinhas e seges, carruagens e carroças e, ainda, pesados carros de bois, via-se transitar mulheres com crianças presas ao corpo, homens com fardos à cabeça, velhos empurrando carroças, jovens carregando barris de água, vinho ou detritos e crianças vendendo doces. No cotidiano da vida carioca, o cenário da escravidão era urbano. Circulando entre vielas, becos e ruas lamacentas com calçamentos precários, iluminação escassa e, ecoando nas praças públicas, onde os

⁴³⁸ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 105.

chafarizes repletos de lavadeiras e bicas d'água fresca,⁴³⁹ abasteciam os tonéis dos cativos, os sons dos pregões populares eram anunciados em palavras-cantadas, atraindo os possíveis compradores.⁴⁴⁰ Todo esse elenco mundano juntava-se à vivazes tocadores de realejo, barbeiros ambulantes, cocheiros ocupados e toda a sorte de trabalhadores braçais. E para que a roda da economia escravista se mantivesse girando em ritmo acelerado, a capital do Império, tinha a esse tempo, um pequeno bairro destinado exclusivamente ao comércio de cativos, conhecida como a “Pequena África” e, contava com a “maior concentração de escravos, desde Roma”.⁴⁴¹ Nessa essa algazarra pública, onde o barulho era intenso, “uma chusma de pretos seminus[...]conduzidos à frente por um que dança e canta[...]na cadência de monótonas estrofes[...]entoando a cada passo melancólica cantilena”,⁴⁴² lembrava a Maria Graham, que ela havia chegado ao centro do Rio de Janeiro. Aos poucos, a recente lembrança dos silenciosos jardins do Palácio de São Cristóvão, dava lugar ao burburinho intermitente de sua nova realidade. Voltava para a casa barulhenta e quente da rua dos Pescadores, uma rua transversal e sem atrativos, “próxima aos limites da Cidade Velha, nada oferecendo que chame a atenção”.⁴⁴³ Maria Graham recordara que “tendo visto minha bagagem a salvamento longe da enseada da Boa Vista, pensava que chegaria em segurança aos meus velhos aposentos na Rua dos Pescadores”.⁴⁴⁴ Os “velhos aposentos” aos quais a escritora se referia, eram os abafados quartos do primeiro andar na “excelente casa pertencente ao meu amável amigo Dr. Dickson”. Para ela, aquele era um lugar seguro, longe o bastante de São Cristóvão para manter-se afastava das intrigas palacianas. Tinha a seu favor, a boa vontade e simpatia do seu senhorio, um gentil conterrâneo, médico conhecido, que assistia aos “cidadãos de

⁴³⁹ Sobre o abastecimento de água no Rio de Janeiro e a dinâmica social relacionada aos Chafarizes, e bicas Mary Del Priore esclarece que “Era grande a movimentação de pessoas ao redor do chafariz do Campo de Santana, também conhecido como Chafariz das Lavadeiras: em 1836 ele fornecia água para aproximadamente duas mil lavadeiras[...]A maior parte da água do Rio de Janeiro vinha do aqueduto “do Carioca”. Por meio de canais sustentados por grandes arcos, semelhante aos aquedutos romanos, atravessava montes e vales, conduzindo água das nascentes do Corcovado até as diversas fontes e tanques da cidade”. Entretanto, a distribuição de água não era suficiente para abastecer todas as bicas e chafarizes da cidade: “Por falta de água, em muitas regiões havia queixas constantes, protestos e brigas envolvendo escravos e aguadeiros. Não faltavam confusões por várias razões, e as bicas e chafarizes que ficavam depredados, prejudicavam o abastecimento. Para evitar problemas, patrulhas públicas vigiavam os tanques e chafarizes como o da Carioca. Mantinham a ordem e puniam os infratores. Carroceiros iam de casa em casa oferecendo as bilhas cheias: eram os aguadeiros. PRIORE, Mary Del. *Histórias da Gente Brasileira.V.2, Império*. São Paulo: Leya Editora, pp. 180-181-182.

⁴⁴⁰ SOARES, Carlos. *Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX...* p. 112, mar.88/ago.88.

⁴⁴¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Crise Colonial e Independência.1808-1830...* p. 230.

⁴⁴² EBEL, Ernest. *O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824...* p. 13.

⁴⁴³ EBEL, Ernest. *O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824...* p. 70.

⁴⁴⁴ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p.104.

bem” brasileiros e sobretudo à comunidade inglesa comerciante local. Ali, a escritora poderia reorganizar sua vida, voltar a escrever o seu *Diário de uma viagem ao Brasil* e cuidar de sua saúde. Para isso precisaria arrumar os seus móveis, livros e todos demais pertences. Queria retornar o quanto antes para a Inglaterra. Entretanto, nada seria como esperado e seus problemas estavam longe de acabar.

Figura13: *Vista da janela da casa da Rua dos Pescadores-1825.* Desenho de Maria Graham. Obs. Nessa imagem, observamos em primeiro plano, o telhado do casario vizinho e contíguo à sua casa. Fechando a imagem, avistamos no último plano em perspectiva, que a artista enfatiza a torre campanária da Igreja de Santa Rita, RJ.



Fonte: *Diário de uma viagem ao Brasil*,1990.

Logo após ter chegado à casa Dr. Dickson, Maria Graham assustou-se “quando um tal Antônio, da casa em que eu estava hospedada irrompeu pelo quarto para dizer-me que todos os meus bens e móveis, salvo a cama, haviam sido apreendidos na alfândega”.⁴⁴⁵ Era mais um golpe articulado pelo Barbeiro Plácido. O que fazer? O Mordomo do Imperador continuava a sua cruzada particular, para arruinar a vida de Maria Graham...Ele havia enviado “uma mensagem secreta a algum de seus subalternos para me pregar essa peça! Talvez esperando que eu não me queixasse e que eles pudessem repartir a pressa”.⁴⁴⁶ Lembrou-se de que a Imperatriz, prevendo possíveis futuros dessabores, havia dito que a ajudaria em alguma necessidade. Então, Maria Graham escreveu à Imperatriz, explicando-lhe o que ocorrera. A resposta de Leopoldina foi imediata:

Minha caríssima amiga.

Fiz saber ao juiz da alfândega que vos remetesse vossas malas e que ele havia obrado muito mal e contra todas as leis que garantem a propriedade particular de ser apreendida.

Assegurando-vos toda a minha amizade e estima,

Maria Leopoldina.

⁴⁴⁵ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 105.

⁴⁴⁶ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*...p. 105.

Em suas anotações, Maria Graham revelou que a Imperatriz “sabendo que Plácido, ainda que recebesse a quantia que me era devida pela minha estada no Paço, nunca havia dado o montante, e que nem os livros que eu trouxera, nem qualquer outra despesa, me havia sido paga e[...]ofereceu-me dinheiro, que recusei aceitar”.⁴⁴⁷ Ela encontrava-se, portanto, sem perspectivas. Sem dinheiro e sem amigos, Maria Graham não tinha a quem recorrer. Sentiu-se sozinha. Ainda que a cidade do Rio de Janeiro, adquirisse ares de metrópole Oitocentista, e contasse com um dinâmico intercâmbio comercial portuário, que possibilitava as transferências culturais, por meio do considerável fluxo migratório de estrangeiros, os costumes locais e as mentalidades “de ideias mais estreitas”, evoluíam a passos morosos, seguindo ainda os códigos sociais característicos uma pequena vila colonial do século XVIII. As bisbilhotices eram corriqueiras e estavam por todas as partes. Alastravam-se rapidamente no disse -que-disse e, os mexericos, davam o tom das relações coletivas. Nada e ninguém se salvava do maledicente arbítrio popular. Nem mesmo a ex governanta escapara. De volta ao centro da cidade, e sentindo-se abandonada pela comunidade de comerciantes ingleses, dada a forma indiferente e ríspida com que foi recebida, Maria Graham disse em seu *Diário*:

Não tenho dúvidas que teria obtido dinheiro dos comerciantes ingleses se tivesse querido, mas a atitude fria, posso mesmo dizer, indelicada para comigo, quando deixei a Boa Vista, aguardando como parariam as coisas antes de me reconhecerem, forçara-me a não me tornar obrigada a nenhum deles.⁴⁴⁸

As causas do repentino menosprezo de grande parte da comunidade de seus conterrâneos, estavam associadas às incertezas quanto aos motivos que levaram a ruptura do contrato da governanta no Palácio. Aqueles ingleses a julgaram ser, uma “uma intrigante política”, que havia disseminado a discórdia na corte palaciana, tendo culminado numa briga pessoal da governanta com o Imperador. Mas, como isso não correspondia com a verdade dos fatos, Maria Graham sabia que, daquele momento em

⁴⁴⁷ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 105.

⁴⁴⁸ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 124.

diante, teria que enfrentar o falatório desdenhoso de sua comunidade inglesa, como mais um, dos outros tantos contratempos danosos, originados nas intrigas do Barbeiro Plácido:

Creio que uma das causas da inveja sentida, e que atuou contra mim, foi a *honra* de me fantasiarem como uma intrigante política, e isso não só os portugueses, como meus próprios compatriotas. Mas, em primeiro lugar, não tenho talento para tal mister e, depois, abomino este papel tanto no homem como na mulher, mas principalmente nesta última.⁴⁴⁹

Maria Graham afinal, estava ressentida. Enquanto a ex governanta narrava no seu *Diário* os possíveis motivos que alimentaram o imaginário fantasioso de seus compatriotas, ela revelaria, entretanto, sobre como o desprezo intencional de seus pares para com ela, a incomodou. Dito isso, observamos que quanto mais a escritora justificava ser o Barbeiro Plácido o autor das intrigas palacianas, e dos boatos fomentados contra ela, mais nos esclareceria, sobre como nutriu seus ressentimentos e, o quanto estes sentimentos influenciaram a sua escrita:

Não muitos dias depois que deixei o Palácio, o Almirante francês Grivel fez-me uma visita[...]e propôs-me gentilmente fazermos um passeio, já que havia tanto tempo que eu não fazia nenhum exercício racional. Em consequência concordamos em que[...]fizéssemos uma excursão[...] sem desejar passar perto de nenhum passeio em que houvesse qualquer possibilidade de encontrar a comitiva imperial. Contudo[...]numa encruzilhada, toda a cavalgada imperial surgiu ao nosso encontro[...]O Imperador gritou para a Imperatriz, que ia um pouco adiante, que a mulher a cavalo era *madame* (como ele geralmente me chamava) e dirigindo-se a mim depressa, cortesmente desmontou-se, estendeu-me a mão e ficou, descoberto, conversando comigo durante vários minutos. Essa gentileza, estou certa, que me dispensou[...]teve o propósito de me dar importância e contraditar algumas das muitas e absurdas narrativas, relativas à causa de minha saída do Palácio. Teve efeito sobre o Almirante Grivel, que exclamou: “Digam o que quiserem, mas não houve nisso briga pessoal”.⁴⁵⁰

No universo das sensibilidades humanas, o ressentimento esteve sempre associado às causas das intrigas e maquinações que, em muitas das vezes, provocaram grandes

⁴⁴⁹ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 106.

⁴⁵⁰ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina ...* p. 107.

rupturas históricas. Podemos dizer que, desde a queda de antigos impérios, a deposições de monarcas modernos, ou ainda deflagrando guerras e, incendiando revoluções, a inveja, as mágoas, os ciúmes, as raivas e os desgostos, estiveram presentes no repertório das emoções cotidianas e ordinárias da humanidade. Segundo a análise de Marc Ferro: “fenômeno individual ou coletivo, afetando tantos grupos, quanto nações[...]o ressentimento é intangível[...]Na origem do ressentimento[...]encontramos sempre uma ferida, uma violência sofrida, uma afronta, um trauma”. E o historiador complementa a tese; “Aquele que se sente vítima não pode reagir, por impotência. Rumina sua vingança, que não pode executar e o atormenta sem trégua, até explodir”.⁴⁵¹ Para Maria Graham, não seria diferente. Havia no seu íntimo, um sentimento obscuro e latente. Nos dias futuros, o ressentimento a invadiria, sob as estranhas formas da tristeza, da dor e do isolamento.

Enfatizamos, pois, que a corte de D. Pedro I era um território privilegiado, onde as sociabilidades e os jogos de poder, tinham suas regras definidas. E, tal como, fios invisíveis que aprisionam suas vítimas numa teia fatal, o ressentimento naquele Palácio, grassava vigoroso, enredando a um só tempo, as desigualdades socioculturais de seus indivíduos entre si. Portanto, expondo as complexidades e fragilidades das relações, todos estariam envolvidos; desde criados domésticos portugueses, governantas, e favoritas, até ministros e Imperadores.

Num amalgama conspiratório, os interesses individuais se fundiam. Madame de Castro ressentia-se por não ocupar o lugar que pertencia a Imperatriz; cobiçava o lugar político de Leopoldina. O Barbeiro ressentia-se por ter sido desmascarado pela governanta; ansiava por destruí-la. As damas portuguesas ressentiam-se pela Imperatriz ser uma estrangeira, e de terem sido preteridas por uma certa “segunda estrangeira”, pois, segundo a pena de Maria Graham, “o Imperador falando de mim[...]havia dito às portuguesas que gostava do meu espírito e que teria mais respeito à “canalha” do Paço se acreditasse que qualquer delas seria capaz de escrever a carta que eu lhe havia escrito”; As damas aspiravam, portanto, pelo reconhecimento do Imperador. O Ministro deposto ressentiu-se por D. Pedro I, ter seguido os conselhos da favorita e, tê-lo destituído; Bonifácio ambicionava por continuar a dar as cartas políticas. Leopoldina ressentia-se por ter deixado sua querida Áustria, e por viver isolada à sombra da “monstruosa” De Castro;

⁴⁵¹ FERRO, Marc. *O Ressentimento na História*. Rio de Janeiro: Agir Editora Ltda, 2009, pp.13-14.

sonhava em voltar a ser feliz ao lado de seu “amado esposo”. O Imperador ressentiu-se pelo ministro desposto ter acusado a favorita de aproveitar-se de sua posição privilegiada e influente junto de si, para obter favores à terceiros, em troca de benefícios para ela própria; D. Pedro desejava possuir o coração da *Madame La Grande Maîtresse*. Por fim, Maria Graham ressentia-se por seus planos terem sido cruelmente frustrados por toda a “canalha” e ainda por ter seu dinheiro confiscado pelo Barbeiro; ela estava arruinada e mais do que nunca, pretendia voltar para a Inglaterra o quanto antes.

Nessa cadeia de interesses, as relações existentes entre as práticas de micro poderes⁴⁵² individuais e, dos mecanismos de coerção utilizados pelos atores palacianos, evidencia-nos o modelo de circularidade das intrigas, que atuou em rede, por meio de suas malhas de sociabilidades. Os indivíduos envolvidos, tanto exerceram, como sofreram sua ação. Foram, portanto, simultaneamente, titulares e propagadores de micro parcelas de poder.⁴⁵³

Portanto, a articulação do complô cortesão que, culminou com a saída da estrangeira Maria Graham do Palácio, denunciou a frágil instabilidade das relações sociais na corte de D. Pedro I. Em meio às manipulações, ressentimentos, dissimulações e hostilidades intencionais das antigas amas e criados portugueses, que atuaram sob o comando do Barbeiro Plácido e, sob a sombra toda poderosa de D. Domitila de Castro, ficaram evidentes as limitações culturais relativas as arraigadas mentalidades dos fiéis serviçais lusitanos, em oposição à visão de mundo liberal da governanta. A corte portuguesa sentindo-se protegida pelo Imperador, não permitiu que suas posições sociais, a tanto conquistadas, fossem ameaçadas por uma estrangeira. Assim sendo, eles agiram cotidianamente afirmando suas fidelidades pessoais, à manutenção das tradicionais práticas de servidão cortesã dos Bragança, reiterando, portanto, a profunda rejeição que tinham aos princípios liberais introduzidos no Palácio, pela governanta Maria Graham: “As antigas damas[...]não podiam e não queriam admitir que qualquer pessoa pudesse insultar a Casa de Bragança! [...]. Mesmo agora custo a conter o sorriso pela surpresa

⁴⁵² FOUCAUT, Michel. *A microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra. 2ª ed. 2015, p.25.

⁴⁵³ Sobre a definição etimológica e conceitual da palavra *Poder*, Filomeno Moraes esclarece: “ A palavra *poder* vem do latim *potere* e esta deriva do adjetivo *potis*. Que significa *poderoso, capaz de*. Portanto, pode ser definido como “a capacidade de gerar e de produzir efeitos, de comandar a natureza, o indivíduo ou grupos de indivíduos. O *poder* é sempre dado a alguém, por alguém[...]”. MORAES, Filomeno. *Poder*. In: BARRETO, Vicente de Paulo (coord.). *Apud: RIGOSANTIN, Janaina; MARCANTE, Sheron. Microfísica do Poder e poder local...* p. 163.

evidentemente despertada[...]por alguém ser tão fria como eu era, perante a honra de servir a um Bragança! ”. ⁴⁵⁴

Já era verão no Rio e Janeiro, e os dias se alongavam em mais claridade e calor. A abafada e barulhenta casa da rua dos Pescadores foi então substituída por uma pequena solitária casinha, no belo vale das Laranjeiras, nos arredores suburbanos da corte.

Figura15: *Laranjeiras-1824*. Desenho de Maria Graham.



Fonte: *Diário de uma viagem ao Brasil*, 1990.

Ela pertencia à propriedade da casa de campo “da minha amiga Sra. Lisboa”, esposa do Conselheiro José Antônio Lisboa, que lhe disponibilizaram a simplória cabana, pelo tempo que levasse, até que conseguisse as licenças necessárias para o embarque que a levaria de volta à Inglaterra. Maria Graham detalhou a sua nova residência, como tendo apenas “uma única janela de vidros”. Entretanto, críticas ao seu novo estilo de vida, não lhe faltaram, como a do Almirante Graham Eden Hamond, ao contar desdenhosamente em seu *Diário*, sobre a pequena casa da escritora. Durante um passeio até “uma fonte de água ferruginosa no vale das Laranjeiras”,⁴⁵⁵ ele conheceu a pequena “cabana, no exato sentido da palavra”:

⁴⁵⁴ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, pp. 103-120.

⁴⁵⁵ HAMOMD, Graham Eden. *Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond. 1825-1835/35...* p. 14.

Visitamos a Mrs. Graham quando retornávamos. Ela ocupa uma pequena cabana, no exato sentido da palavra, consistindo somente de dois quartos que estão cheios de toda sorte de coisas: sua cama, livros, peles de cobras e de répteis de diferentes espécies, um retrato de Lord Cochrane, um do seu finado marido, comandante Graham, um gato e muitos outros artigos. A luz transparece através das telhas e, de fato, é como se estivesse vivendo ao ar livre.⁴⁵⁶

Era preciso, portanto, voltar para casa na Inglaterra o quanto antes. Entretanto, Maria Graham em suas anotações, registrou que seu retorno foi adiado por mais um longo ano. Como ela já havia previsto, muitas foram as adversidades que enfrentou, tais como, a resistência de seus compatriotas em aceitarem a demissão da ex governanta, uma vez que para eles, o fato de terem seus nomes associados ao dela, poderia comprometer-lhes as suas imagens públicas, como agentes que eram do governo inglês na corte. Como exemplo das discriminações sofridas por ela, citamos a correspondência trocada entre a escritora e o Capitão Mends, comandante da fragata inglesa Blanche.

Em outubro de 1824, Maria Graham enviou uma carta ao Capitão Mends, solicitando autorização de embarque para Londres, com uma estada em Salvador. Contudo, em resposta, recebeu uma estranha mensagem, escrita por um certo John London, onde era comunicada a impossibilidade do seu embarque, e que o Capitão Mends sentia “grandes embaraços da parte do governo deste país, não somente aqui, mas no porto em que quiserdes desembarcar”:⁴⁵⁷

Prezada Senhora

Lamento ter de dizer-vos com referência aos vossos desejos quanto ao Capitão Mends, que ele considera o negócio envolvido em muitas dificuldades. Além da sua completa falta de acomodações apropriadas para uma senhora e de toda a conveniência para a bagagem, sente ele grande embaraço da parte do governo deste país, não somente aqui, mas no porto em que quiserdes desembarcar, à vista do que, após ter se dedicado à matéria madura consideração foi ele obrigado, mau grado sua boa vontade, a desejar que eu apresentasse suas desculpas.⁴⁵⁸

⁴⁵⁶ HAMOMD, Graham Eden. *Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond.1825-1835/35*. Rio de Janeiro: Ed.JB,1984, p. 14.

⁴⁵⁷ LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 36.

⁴⁵⁸ LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 36.

Para Maria Graham havia muito o que perder. Ela perdia amigos, perdia a credibilidade e perdia sua liberdade. Como então, voltar à Inglaterra? A escritora tardiamente percebeu, que seus esforços seriam em vão. Sentindo-se traída por seus próprios compatriotas, estava cada vez mais sozinha, impossibilitada de retornar à sua terra natal e, submetida aos rigores das extremas privações financeiras nas quais vivia. Restava-lhe defender-se para sobreviver. Maria Graham apelou então, para a sua cidadania inglesa. Evocando à memória de seu marido e pai, como militares da Marinha Britânica, ela reafirmou seus direitos à proteção de “de uma filha de oficial e viúva de um seu colega”. Isso posto, ela escreveu para John London, declarando, “minha resposta, demasiado áspera, foi a seguinte”:

Prezado senhor —

Nunca fiquei tão surpreendida como ao receber vossa nota[...]um oficial inglês temeroso, relativamente a *qualquer governo*, de proteger uma filha de oficial e viúva de um seu colega — Que vergonha! Se fosse possível imaginar isso em vida de *meu* marido ou de *meu* pai!

Não vos preciso lembrar que não sou uma fugitiva, correndo do país—mas uma súdita britânica, retirando-se de um serviço que não lhe convém.

Mas nada direi, para testemunhar à Providência, que até agora me protegeu, que enquanto merecer proteção, esta nunca me faltará.⁴⁵⁹

Enfim, esperava por uma nova oportunidade. Enquanto isso, no vale das Laranjeiras, Maria Graham “vivia com bastante economia”. Para sobreviver, a estes dias, vendera “tudo o que não me era absolutamente necessário como colheres, garfos, bules de chá, etc.” Há tempos que ela aguardava, uma carta de crédito vinda da Inglaterra, proveniente de sua pensão de viúva. Curiosamente, a sua vida de extrema simplicidade, causava estranheza aos conhecidos que eventualmente a visitavam. Em oposição às facilidades que ela vivera na corte, a ausência de vestígios que indicassem luxo e conforto em sua casa, dava o tom da precariedade da vida cotidiana da escritora: “Durante o meu tempo de poupança, uma pessoa bem conhecida da Imperatriz, procurou-me à hora do

⁴⁵⁹ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 37.

jantar, e ficou, creio eu, um pouco impressionada com a boa vontade com que eu comia em um prato usado geralmente por negros”.⁴⁶⁰

Em seus últimos meses de permanência no Brasil, “visitei eventualmente três ou quatro famílias inglesas e uma ou duas francesas[...]como para mostrar que não estava em desgraça na corte”.⁴⁶¹ Vivendo em uma quase total solidão, suas únicas e constantes companhias, por este tempo, foram “a preta Ana como criada, um mulato (livre) extremamente destro na agulha, que me trazia provisões, e, segundo eu estava convencida, guardava-me a casa”,⁴⁶² e o preto José. Para prover seu sustento, uma vez que as cartas de crédito de sua pensão demoravam a chegar, Maria Graham passou a coletar e herborizar espécimes botânicos para o Kew Garden de Londres. Encontrara ali, uma ocupação “para as muitas horas de solidão que previ me aguardarem”. Sim, ela estava certa e, seriam muitos os dias que passaria à sós consigo mesma.

Mas, ao contrário do que Maria Graham pressupôs, ela não estaria tão sozinha quanto pensara. Em suas notas, a escritora relatou que dessas excursões solitárias pelas matas “à procura de espécimes, arbustos floridos e árvores para meus empreendimentos botânicos[...]vim a saber que havia um núcleo de escravos fugidos não longe de minha habitação”.⁴⁶³ Desta passagem, Maria Graham deixou-nos uma grande contribuição para os estudos contemporâneos acerca da formação de quilombos e mocambos nos arredores urbanos do Rio de Janeiro. Ao longo de sua escrita, ela informou sobre as atividades comerciais exercidas por estes núcleos de resistência de escravos fugidos. A escritora relatou que: “descobri ainda que as cestas, ovos, aves e frutas que me eram vendidos, vinha dessa gente, porque, como diziam eles, por meio de Ana, sabiam que eu era amiga dos pretos e que nunca delataria a existência de um núcleo de negros fugidos”. De fato, ela nunca os delatou e “em consequência, eu me considerava bem garantida em relação aos meus desmoralizados vizinhos”.⁴⁶⁴

⁴⁶⁰GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 124. Nessa passagem, Maria Graham se refere provavelmente aos pratos de barro cozido, cuias ou cabaças usados geralmente por escravos e a população livre e pobre. Gilberto Freyre alude ao fato que estes objetos foram “usados em grande número nas casas dos brasileiros” FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil...* p. 234.

⁴⁶¹ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil...* p. 116.

⁴⁶² FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil...* p. 112.

⁴⁶³ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil...* p. 112.

⁴⁶⁴GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 112.

Ao relatar as atividades comerciais exercidas entre a comunidade quilombola e ela, Maria Graham reforçou a tese da atual historiografia da escravidão, acerca da pluralidade de relações encontradas entre diversos modelos de resistência escrava. Segundo estas novas perspectivas, estes redutos isolados de escravos fugidos, tinham características agrárias e, produziam tanto para o consumo próprio, quanto para o abastecimento das “fazendas, vilas e entrepostos de trocas”.⁴⁶⁵ Na maioria dos casos, a origem da formação dos quilombos estava na intransigência de seus proprietários, ao desconsiderar certas conquistas individuais obtidas pelos seus escravos, permitindo assim, a emergência de impasses insuperáveis, no cotidiano do trabalho e da Casa Grande.

Dito isto, os quilombolas ao estabelecerem suas redes de sociabilidades, nos âmbitos cultural e econômico, com os demais setores da sociedade, fizeram das trocas com taberneiros, outros escravos, barqueiros, lavradores locais e pequenos sitiantes, as bases de suas autonomias contra as expedições escravizadoras. Esta nova interpretação ressignifica, portanto, o antigo conceito de resistência dos quilombos, que anteriormente era associado apenas a ideia de “marginalização escrava”. Na atual perspectiva historiográfica, vemos que, “o tempo todo as comunidades estavam conectadas com agentes da sociedade no seu entorno. [...]Com as transações comerciais vieram também os intercâmbios religiosos e culturais e miscigenação étnica”.⁴⁶⁶

Segundo as análises tradicionais sobre o aparecimento de quilombos e mocambos — denominações específicas, que designam um mesmo fenômeno circunscrito, contudo, em épocas e lugares diferentes — estes grupos de escravos fugidos, viveriam a margem da própria lógica da escravidão vigente. Numa tentativa de reconstruírem as bases de resistências contra a opressão das senzalas e de reforçar as suas ancestralidades culturais, mantinham-se isolados em locais remotos, e desta forma tudo o que produziam era apenas para o consumo próprio. Entretanto, “nos estudos contemporâneos sobre o tema[...]a resistência escrava foi entendida como uma das faces das lutas complexas[...]que eram vivenciados pelos escravos no cotidiano[...]em busca de autonomia[...]com cultura, economia e lógica próprias”.⁴⁶⁷

⁴⁶⁵ GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos- Uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 238.

⁴⁶⁶ GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos- Uma história do campesinato negro no Brasil...* p. 242.

⁴⁶⁷ GOMES, Flávio dos Santos. *História de Quilombos: Mocambos e comunidade de senzalas do Rio de Janeiro- século XIX...* p. 39.

Por vivenciar *in loco*, a realidade plural acerca das representações e, resistências dos cativos africanos, no interior do próprio sistema escravagista que as fomentava, as páginas de Maria Graham, dedicadas a narrativa dos episódios envolvendo os quilombolas, enquanto esteve no vale das Laranjeiras, são documentos da maior relevância, trazendo à luz, as dinâmicas de sobrevivências e buscas de autonomias dessas populações de negros fugitivos.

Na cidade do Rio de Janeiro, os crimes, atentados pessoais e roubos domésticos, na maior parte das vezes, estavam associados aos escravos urbanos. Entretanto, notamos que nos arredores e subúrbios da corte, tais crimes estavam relacionados à presença de escravos fugidos e quilombolas escondidos nas matas das proximidades. Existia, portanto, um grande temor por parte da população de moradores e sitiante, de que fossem vítimas de ataques dos escravos fugidos. Maria Graham observou este fenômeno e documentou que “Note-se que, no Rio a ideia de roubo pelos negros fugidos, e a de atentados pessoais, estão muito ligadas”.⁴⁶⁸ A escritora transcreveu para as suas páginas, como a vida cotidiana dos moradores dos bairros mais afastados do centro da cidade, era pautada pelo medo constante de serem atacados pelos escravos quilombolas. Quanto a sua própria segurança e a dos vizinhos, Maria Graham, revelou que relativo a ela, “considerava bem garantida[...]mas não se dava o mesmo com a boa gente portuguesa e brasileira da vizinhança”.⁴⁶⁹ A escritora contou sobre um grande roubo que aconteceu na casa dos supracitados vizinhos portugueses:

Uma tarde, após uma festa que durara tanto tempo que os criados e as senhoras já se haviam retirado para descansar e os homens empenhados no jogo, continuavam sentados, de portas abertas, devido ao calor, uma malta entrou pela casa e roubou todos os objetos de prata. Inclusive os castiçais da antessala, junto ao *hall* onde se jogava! Não foi senão quando as visitas, ao voltar para casa, saíram para acordar seus criados, dormindo nas varandas, que o dono da casa descobriu ter sido roubado. [...]em consequência, ao raiar do dia, a casa do meu vizinho estava vazia de habitantes e o alarma se espalhou pelo vale.⁴⁷⁰

⁴⁶⁸ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 113.

⁴⁶⁹ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 113.

⁴⁷⁰ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 113.

Sobre a repercussão deste atentado, a escritora registrou que, “o roubo das Laranjeiras foi de importância suficiente para atrair a atenção o governo[...]duas ou três companhias de soldados foram designados para revistar as florestas, o próprio Imperador conduzindo-os pelos caminhos mais difíceis”.⁴⁷¹

Todos os moradores do vale estavam amedrontados. Maria Graham nos conta que após este incidente, ela continuou “a morar na casa de campo, sem nenhum medo de invasão, até a décima ou undécima noite após o grande roubo”. Entretanto, assustada, ela também vivenciaria, em companhia da criada Ana, a ameaça de ter sua própria casa invadida. Contudo, a vista de não possuir armas de fogo em sua casa e sequer contar com qualquer iluminação, Maria Graham elaborou um plano audacioso, com o intuito de assustar e afugentar o indesejável forasteiro. Sua estratégia deu certo e sobre a suposta identidade do intruso, ela comentaria que “Eu sempre pensei que não deveria ter sido mais que um pobre escravo fugido, que estava perseguido, e não sabendo que a minha casa estava habitada, havia tentado abrigar-se ali”.⁴⁷²

Ouvi à minha porta um sussurro como se alguém estivesse tentando entrar em minha casa. Prestei atenção e ouvi distintamente que estavam experimentando duas ou três janelas, uma atrás da outra. Depois o ferrolho de meu próprio quarto foi sacudido. Lembrei-me que não tinha armas de nenhuma espécie em casa e que além disso não tínhamos luz. Segredei a Ana que respondesse “sim”— a tudo que eu dissesse. Então chamei-a para que trouxesse as pistolas que ela acharia embaixo de minha cama e que trouxesse com cuidado porque estavam carregadas! Ela respondia — “sim senhora”— a cada ordem tão alto quanto podia gritar. Como a janela ficava a uma grande distância do terreno, o que era uma grande vantagem para nós, tomei minha machadinha e fiquei junto dela, decidida, se aparecesse um invasor solitário, a golpear-lhe a mão se abrisse a janela[...]. Gritei, então, tão alto quanto pude —“Quem está na janela? — Fale! Se for amigo diga o que quiser, se não, saia imediatamente, porque vou atirar!” A ideia deu certo, pois logo ouvimos alguém quebrando os galhos, e saltando na estrada muito embaixo.⁴⁷³

⁴⁷¹ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, p. 114.

⁴⁷² GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 115.

⁴⁷³ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* pp. 114-115.

Logo após este episódio, a escritora tomou providências quanto à sua segurança. Vendeu mais “algumas colheres de prata” e, contratou “um negro, rapaz realmente bravo”, sobre quem registrou interessante biografia. Maria Graham resgatou com este relato, algumas características das organicidades tribais, ordenadas pelas ancestralidades culturais dos povos africanos. Para o “meu novo José”, um negro livre, e que “era filho de um rei da África”, o fato de ter se tornado escravo no Brasil, foi “uma consequência de uma guerra malsucedida”. A autora narrou que, quando ainda em sua terra natal, durante uma disputa entre tribos inimigas, ele teria sido considerado morto e, por isso, abandonado no campo de batalha. Conseqüentemente, José foi aprisionado e, escravizado, “sobrevivera à travessia e, ainda que indignado por ser escravo, acostumara-se a considerar isso como uma consequência de uma guerra malsucedida e, não deixava que sua indignação estragasse o seu bom humor”.⁴⁷⁴

Enquanto seu alegre companheiro africano, transmitia oralmente suas memórias ancestrais, em longas conversas dificultadas por “seu conhecimento muito imperfeito do português e a minha ignorância total das línguas africanas”, Maria Graham traduzia em sua escrita, a originalidade daqueles relatos. A escritora, que provavelmente foi a única pessoa a registrar a história de vida daquele “inteligentíssimo rapaz”, revelou que isso, “me impressionou tanto que o fiz repetir várias vezes”:

O maior prazer de José, enquanto esteve comigo, era trazer um banco, sentar-se do lado de fora da janela de meu quarto, se me via somente desenhando ou trabalhando, e, pegando uma cobra para tirar a pele, suas roupas para remendar, ou os arreios do cavalo para limpar, entreter-me com histórias da grandeza de seu pai na África: como obrigava os homens de importância reverenciá-lo e como, quando ele queria mandar uma mensagem a um grande homem muito longe, enviava uma vara com um pedaço de algodão enrolado em torno, com marcas. Quando estas marcas correspondiam com outra vara, que o potentado possuía, ele sabia o que o Rei desejava que ele fizesse.⁴⁷⁵

A partir da chegada de José, os dias no vale das Laranjeiras, foram marcados por “excursões muito a dentro da floresta, acompanhada de meu empregado e de meu cão e

⁴⁷⁴ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 115.

⁴⁷⁵ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 115.

comecei a colecionar peles de cobra além de plantas”.⁴⁷⁶ É notável que, toda esta transformação no cotidiano de Maria Graham, a exemplo da contratação do novo criado, da compra de um cavalo branco e de um cão, foi pautada por um esforço de sobrevivência financeira, proporcionada em grande parte pela venda em leilões, de seus objetos pessoais, sobretudo, talheres e louças, que havia trazido da Inglaterra, como já citado anteriormente.

Naquelas primeiras décadas do Oitocentos, os ingleses eram o retrato bem-acabado da modernidade, que a Revolução Industrial havia anunciado ao mundo. Os leilões e leiloeiros ingleses multiplicavam-se nas cidades brasileiras, anunciando em lotes, a venda do espírito liberal que, se avolumava na grande onda do imperialismo britânico do século XIX. Os leilões “eram aulas práticas de europeização[...]em grande parte anglicização”.⁴⁷⁷ A população abastada queria cercar-se do civilizado *life style* dos britânicos, que agora era negociado em concorridos leilões, e onde os objetos de suas casas “se apresentavam com todos os seus característicos de vida, já experimentadas, já aprovadas”.⁴⁷⁸ Nesse rentável comércio, o leiloeiro representou um importante elo nos processos de circulação das novas mentalidades praticadas na Europa. Nos pregões das Casas de Leilão no Rio de Janeiro, eram negociados todos os tipos de artigos, desde móveis, carruagens, cavalos e toda a sorte de quinquilharias, até objetos de uso doméstico nas cozinhas, tais quais, louças, talheres e panelas de ferro. Em meio a esta variedade de mercadorias, os garfos e facas tinham grande destaque.⁴⁷⁹

A modernidade civilizada a ser copiada, comia com garfos e facas, em mesas postas com toalhas de algodão limpas, servia — se por aparelhos de porcelana refinada, tomava chá em louça inglesa, e refrescava-se com sucos de frutas servidos em copos, jarras e garrafas de vidro colorido. Na veloz ciranda civilizatória, o velho hábito

⁴⁷⁶ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, p. 115.

⁴⁷⁷ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil...* p.233.

⁴⁷⁸ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil...* p. 233.

⁴⁷⁹ Segundo Gilberto Freyre, “Outro aspecto a salientar-se das primeiras relações comerciais da Grã-Bretanha com o Brasil, depois de 1808, é que entre as importações mais consideráveis de procedência inglesa no Brasil — ao lado do ferro, do vidro, da louça doméstica — tomaram relevo os talheres, isto é, facas e garfos, as tesouras, as navalhas, os artigos de cutelaria que desde os primeiros anúncios minuciosos de leilões burgueses aparecem com relevo entre os objetos de uso doméstico[...]entre a própria burguesia brasileira menos polida do Rio de Janeiro, e não apenas entre a gente rústica do interior, do hábito oriental de comerem os senhores, e não somente os escravos, com os dedos e muitas vezes de tigela ou vasilha comum; até de simples cuia ou cabaça. Evidentemente, estava no interesse dos ingleses que o velho hábito oriental — outrora também na Europa — fosse substituído, no Brasil, pelo uso generalizado de faca e garfo individuais”. FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil...* p.234.

orientalizado de comer com as mãos, que chegou ao Brasil pelas rotas do comércio,⁴⁸⁰ não tinha mais lugar à mesa. Ordinariamente compartilhado desde os tempos coloniais, entre ricos e pobres, senhores e escravos, este antigo costume denunciava agora, a falta de polidez, e, sobretudo, civilidade.

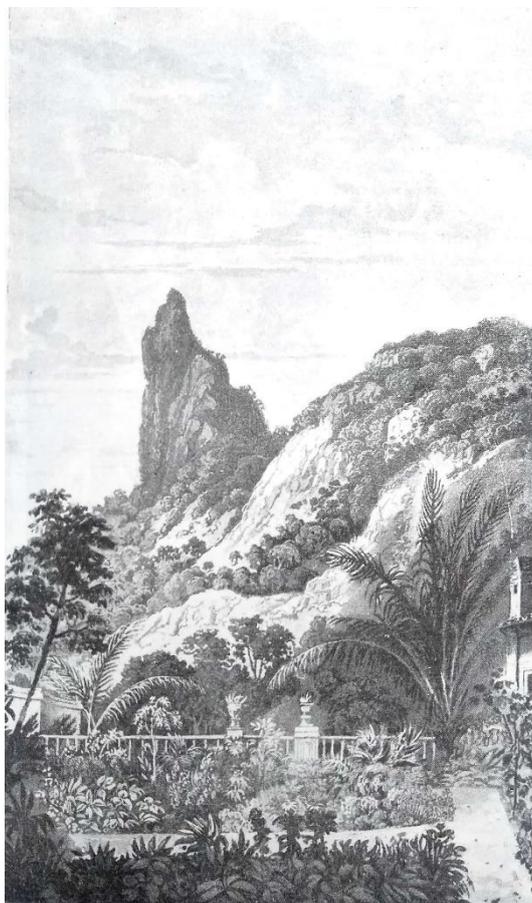
Dito isto, concluímos que, vivendo sob condições bastante modestas para com os seus paradigmas culturais, Maria Graham fez da posse de garfos e facas de prata, uma espécie de reserva de economias, para que pudesse dispor de tais objetos, em caso de necessidade premente. Notemos, pois, que a venda de apenas alguns desses itens, lhe garantiu a soma necessária, para contratar um criado, comprar um cavalo e um cachorro. Neste episódio, portanto, ela confirmou os altos valores, tanto simbólicos, quanto monetários, que estes verdadeiros objetos de desejo das elites, alcançavam no movimentado mercado carioca de leilões.

Entretanto, longe dos pregões na corte, no vale das Laranjeiras o tempo vagava lento e, alheio ao burburinho urbano, cadenciava suavemente a vida de Maria Graham. Assim, em meio às solitárias expedições de coletas de espécimes botânicas para arborizações, visitas esporádicas às casas de amigos brasileiros e estrangeiros e, cumpridas conversas, sobre a exótica africanidade de seu criado José, o ano de 1825 avançava silencioso.

⁴⁸⁰ Sobre a substituição no Brasil dos costumes orientais pelos dos ingleses, Gilberto Freyre analisa que: “No Brasil dos primeiros anos do século XIX[...]os cristais e os vidros ingleses de mesa, a porcelana inglesa e, às vezes, francesa, de chá e de jantar, os trens ingleses de cozinha, não conseguiram estancar de repente a importação, pelo Brasil, de porcelanas do Oriente nem o uso, pelo brasileiro, de vasos e potes de barro: uma reminiscência oriental. Aos poucos é que a porcelana do Oriente foi se tornando rara, e dominando quase sozinha, nos anúncios de negociantes e nos avisos de leilões, a porcelana inglesa. Até que, ao aproximar-se o Brasil do meado do século, foram de realizando leilões em que eram ingleses não só os vidros e o piano, as louças e a prata, como até os animais: buldogues, vacas, cavalos”. FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, p. 229.

Figura 16: *O Corcovado, visto do Botafogo, 1824.* Desenho de Maria Graham.

Fonte: *Diário de uma viagem ao Brasil, 1990.*



Contudo, na tarde do dia 17 de julho, “um domingo úmido com forte vento”,⁴⁸¹ a corte movimentou-se em torno de uma notícia, há muito aguardada! Chegava ao porto do Rio de Janeiro, *Sir Charles Stuart*,⁴⁸² o Embaixador da Inglaterra e Ministro Plenipotenciário de Portugal, para tratar do reconhecimento da Independência do Brasil por aqueles países.⁴⁸³ A escritora revelou o quanto a presença do diplomata, animou a

⁴⁸¹ HAMOMD, Graham Eden. *Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond. 1825-1834/38.* Rio de Janeiro: Ed.JB, 1984, p. 7.

⁴⁸² Segundo Rodolfo Garcia, “*Sir Charles Stuart (1779-1845)*, diplomata inglês. Encarregado de negócios em Madrid de 1808 a 1810. Enviado extraordinário em Portugal, onde teve por seus serviços os títulos de Conde de Machico e Marquês de Angra; Conselheiro privado em 1812, ministro na Haia em 1815-1816. Em 1825 foi Ministro mediador por S.M. Britânica e Plenipotenciário por D. João VI para o reconhecimento da Independência do Brasil. Foi feito Barão Stuart de Rothesay da Ilha de Bute. Faleceu em 06 de novembro de 1845. Foi um apaixonado bibliófilo. GARCIA, Rodolfo. In: GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 43.

⁴⁸³ Acerca do reconhecimento da Independência do Brasil por parte de Portugal, Lúcia Bastos Pereira das Neves esclarece que, “Somente em 1825, depois de demoradas negociações e mediante

imaginação da sociedade de corte do Império, que especulou vivamente sobre quais teriam sido os motivos da vinda do ilustre visitante, sem que nenhum deles, entretanto, tenha cogitado o verdadeiro pretexto; o reconhecimento da Independência do Brasil, por parte de Portugal:

Alguns pensavam que ele vinha como embaixador da Inglaterra, e muito poucos adivinharam que ele havia atravessado o Atlântico como Ministro de Dom João VI. Alguns afirmavam que ele havia vindo somente para firmar um tratado comercial e outros que a sua visita se relacionava somente com o tráfico de escravos, e quando o seu verdadeiro caráter se tornou conhecido, eu realmente acredito que o maior número dos ministros brasileiros ficou tão surpreso como qualquer estrangeiro no Rio.⁴⁸⁴

O embaixador viera no navio de guerra *Wellesley*, comandado pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Graham Eden Hamond, que deveria de levar de volta para Portugal, o tratado de reconhecimento da Independência do Brasil, e entrega-lo pessoalmente a D. João VI, em Mafra.⁴⁸⁵ A chegada da missão comandada por *Sir Charles Stuart*,⁴⁸⁶ personalidade representativa das mais altas esferas da diplomacia internacional, trouxe para Maria Graham novas perspectivas, para o antigo desejo de retornar ao seu país.

Nos dias que se seguiram à sua chegada, a comunidade de oficiais ingleses residentes no Rio de Janeiro, organizou diversos encontros festivos, a fim de homenagear o diplomata. Foi a partir de um convite feito à Maria Graham, para um almoço, seguido

indenizações, d. João VI reconheceu a independência do Brasil. O gesto, entretanto, veio sob a forma de uma concessão, que cedia e transferia a soberania sobre o território americano, que só ele detinha, para o reino do Brasil, sob a autoridade de seu filho. Além disso, reservava para si o título de imperador do novo país, que passou a constar dos documentos que assinou até a sua morte, em 1826”. NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. A vida Política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Crise Colonial e Independência. 1808-1830*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, p.101. Também a escritora Maria Graham documentou que, as primeiras saudações à Independência do Brasil feitas pela Inglaterra, foram por ocasião da volta de Lord Cochrane ao porto inglês de Portsmouth; “ de modo que as primeiras salvas disparadas em honra da bandeira imperial brasileira o foram pela sua chegada a Portsmouth, pelo fim de outubro de 1825”. GRAHAM, Maria. Esboço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 142.

⁴⁸⁴ GRAHAM, Maria. Esboço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 138.

⁴⁸⁶ Gilberto Ferrez esclarece que “*Sir Charles Stuart* trazia em sua comitiva seis secretários e conselheiros de legação e dez criados. Nesta missão vieram o botânico e pintor William John Burchell, junto com outro desenhista, Charles Landseer”. HAMOND, Graham Eden. *Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond. 1825-1834/ 38...*p. 3.

de uma corrida de cavalos,⁴⁸⁷ na casa do Almirante *Sir* George Eyre,⁴⁸⁸ que ela conheceu *Sir* Charles Stuart. Nesta ocasião, em que estavam presentes também o casal de Imperadores, Maria Graham foi, cortesmente cumprimentada, em público, por D. Pedro e conversou brevemente com a Imperatriz Leopoldina. Este fato, causou a admiração de todo o oficialato inglês, e provocou um comentário do Ministro Plenipotenciário de Portugal, que desagravou definitivamente os motivos da saída de Maria Graham do Paço, afirmando “que não era preciso que eu afirmasse não ter deixado o Paço por causa de nenhum desentendimento pessoal ou aborrecimento, pois que suas majestades haviam determinado declarar cabalmente isto a mim”:

Pouco depois da chegada de *Sir* Charles Stuart como embaixador de Portugal no Brasil, os ingleses residentes no Rio propuseram-se a organizar uma corrida de cavalos em Botafogo. O Almirante, *Sir* George Eyre, tendo uma bela casa no fim da praia, convidara *Sir* Charles Stuart e sua comitiva, a família do cônsul e eu para almoçar. O Imperador nunca falha nestas ocasiões e trouxera a Imperatriz para esta roda inglesa, de que ela se orgulhava não pouco[...]A princípio os soberanos estavam na outra extremidade da pista, mas como não havia lá sombra nem brisa, foram compelidos a se abrigar do nosso lado para a sua comodidade[...]Suas Majestades cumprimentaram o grupo do Almirante, e depois, Dom Pedro com sua voz poderosa ordenou-me que me aproximasse e falasse à Imperatriz[...]não era uma ordem que pudesse ser desobedecida. Fui, e, após seu habitual aperto de mão e o “*how d’ye*” (em inglês), fui forçada a acercar-me da Imperatriz, lado a lado no carro, onde tive com ela uma curta conversa[...]. Voltei ao meu grupo, onde encontrei o Almirante não pouco espantado, alguns de seus oficiais encantados, e *Sir* Charles Stuart divertido pela delicadeza demonstrada para com a ex-governanta. *Sir* Charles disse-me alguma coisa para me significar que não era preciso que eu afirmasse não ter deixado o Paço por causa de nenhum desentendimento pessoal ou aborrecimento, pois que Suas Majestades haviam determinado declarar cabalmente isto a mim.⁴⁸⁹

⁴⁸⁷ “A 12 de junho de junho de 1825 realizou-se, pela primeira vez, uma corrida de cavalos em Botafogo, com grande concorrência de curiosos, cavalheiros e senhoras. Concorreram animais dos ingleses James Mouley e Clots e do português Manuel Agrave e outros”. SANTOS, Noronha. *Meios de transporte do Rio de Janeiro*. V.1. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca. 2ª. Ed. 1996, p. 178.

⁴⁸⁸ “Comandante em chefe da estação naval britânica na América do Sul. No Rio de Janeiro residia na Praia de Botafogo”. GARCIA, Rodolfo. Editor. Nota, In: GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina* ... p. 121.

⁴⁸⁹ GRAHAM, Maria. *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*... p. 122.

Esta declaração do Ministro, soou como uma espécie de absolvição moral para Maria Graham. De fato, o impacto das palavras de *Sir Charles Stuart*, causou uma extraordinária mudança no julgamento crítico da comunidade de ingleses, quanto aos acontecimentos pretéritos relativos à ex governanta, durante a sua permanência na corte de D. Pedro I: “Se eu tivesse algo de que me queixar quanto à falta de civilidade de meus compatriotas, homens e mulheres, antes de sua chegada, estaria recompensada, porque eles ficaram dali por diante, prontos para me mostrar toda espécie de atenções”.⁴⁹⁰

Entretanto, após ela viver tanto tempo às margens do reconhecimento dos seus compatriotas, enfrentar os comentários odiosos e maledicentes dos criados no Palácio, ser traída e quase levada ao abandono pelo próprio destino, e ainda, suportar a escassez de recursos financeiros necessários para a sua sobrevivência, a sorte finalmente parecia ter acenado para a escritora. Apegando-se ao fio de esperança que a proximidade de *Sir Charles Stuart* lhe revelara, Maria Graham resumiu: “tinha que me rejubilar com a chegada de *Sir Charles Stuart*. Sua cortesia constante e atenciosa tornou minha situação muito mais agradável do que havia sido até aqui”.⁴⁹¹

Aos poucos, a escritora vislumbrou a possibilidade de retornar à Inglaterra: “O maior benefício que *Sir Charles* me fez, foi oferecer-me a possibilidade de voltar à Inglaterra”. Na escrita do *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*, entrevemos nas palavras da autora, o sentimento de angustia que a acompanhou, durante o longo ano de espera para retornar ao seu país. Como a própria autora atestou, foram muitas as sucessivas e questionáveis dificuldades que enfrentou para obter os passaportes de saída:

Meus contratemplos haviam sido tão frequentes e tão constantes, que se eu pudesse imaginar que havia algum motivo para me deterem no Brasil, acreditaria que eles não poderiam ser todos acidentais. Desta vez, porém, solicitei de *Sir Charles Stuart* que se interessasse junto ao Almirante Inglês por uma passagem em um navio inglês, e também junto aos ministros brasileiros para que me concedessem os necessários passaportes; de modo que se marcou finalmente minha volta para casa, no *Sibillia*, navio britânico de carga.⁴⁹²

⁴⁹⁰ GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 139.

⁴⁹¹ GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 139.

⁴⁹² GRAHAM, Maria. *Escoço Biográfico de Dom Pedro I*. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* pp. 139-140.

Por fim, o seu tempo nos *Brasis* havia terminado e Maria Graham aproveitaria as últimas horas antes da partida para “despedir-se de meus bons amigos[...]fiquei realmente triste de deixar meus gentis amigos brasileiros”. Em relação aos seus conterrâneos, a escritora revelou: “quanto aos ingleses, com uma ou duas exceções, não mereciam nem tiveram muito de minhas saudades”.⁴⁹³

Contudo, como retirar-se definitivamente do Império do Brasil, sem ao menos dar um adeus, pessoalmente, àquela que foi a sua grande amiga? No dia 8 de setembro, portanto, Maria Graham voltou pela última vez ao Palácio de São Cristóvão, onde encontrou Leopoldina “em sua biblioteca, inteiramente só, e pareceu-me fraca de saúde, e com maior depressão de ânimo do que de costume”.⁴⁹⁴

Foi um encontro marcado pela certeza da despedida definitiva. As amigas conversaram apenas brevemente, e, a profunda tristeza na qual a Imperatriz se encontrava, plasmou na memória da escritora, a derradeira imagem que ela levaria da Arquiduquesa; a de uma mulher triste e só. Vendo Leopoldina reduzida a um pálido, esfumado e, melancólico retrato da jovem alegre que fora no passado, e escritora revelou que, “saí com um sentimento de opressão, quase novo para mim, pois deixava-a como previ, para uma vida de vexações maiores que tudo que ela havia sofrido até então, e num estado de saúde pouco propício para suportar um peso adicional”.⁴⁹⁵ Deste dia em diante, jamais as duas amigas voltariam a se encontrar; “este dia 8 de setembro de 1825, foi o último dia em que vi Maria Leopoldina”.⁴⁹⁶

Na fonte *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas*, consta a mensagem de despedida à Maria Graham enviada por Leopoldina. Esta pequena missiva evidencia a solidão na qual Leopoldina mergulhara, após a partida da única amiga com quem compartilhava, desde das lembranças da sua vida na “adorada Europa”, até as paixões intelectuais e científicas que cultivavam reciprocamente. Na amiga inglesa, Leopoldina consignara inteiramente o seu afeto, sua

⁴⁹³ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 140.

⁴⁹⁴ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 140.

⁴⁹⁵ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 140.

⁴⁹⁶ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina...* p. 140.

confiança e a esperança derradeira, de que sua voz, ainda que fraca e distante, pudesse ser ouvida, por sua irmã. Maria Graham documentou que a Imperatriz, “Deu-me várias cartas para levar à Europa. Pediu-me especial carinho para uma que havia escrito à sua irmã, a Ex- Imperatriz Maria Luiza. Eu sabia que um maior grau de amizade subsistia entre as duas irmãs, mais do que quaisquer outros membros da família”.⁴⁹⁷

Minha Querida e delicada amiga!

Não posso furtar-me ao prazer de vos afirmar ainda, toda a minha amizade, rogando-vos acreditar que estimaria dar-vos sempre provas de quanto vos quero e estimo. Tende a bondade, chegando à nossa querida e adorada Europa, de fazer chegar a carta junto à minha adorada irmã. Quanto aos livros, fio-me em vossa escolha, sabendo vós, sábia que sois, apreciar-lhes melhor o mérito. Se virdes o digno *Cary*, rogo-vos encomendar, em meu nome, uma *balança mineralógica* para saber o peso das pedras preciosas.

Assegurando-vos minha inalterável amizade sou

Vossa afeiçoada

LEOPOLDINA

São Cristóvão, 08 de setembro de 1825

As negociações em torno do reconhecimento da Independência do Brasil por Portugal, haviam progredido e o *Sibillia*, “o pequeno barco que eu devia partir, tinha ordem de levantar âncora no momento em que chegassem a bordo os despachos anunciando a terminação favorável das disputas entre a metrópole e a colônia”. De posse de todos os documentos exigidos para o embarque, finalmente Maria Graham, viu seus direitos de viúva de um oficial inglês, tanto quanto os de “uma súdita britânica”, serem restituídos pelo Ministro Plenipotenciário. E, como num ato de reconhecimento da idoneidade de Mrs. Graham, *Sir Charles Stuart* incumbiu-a, por meio de uma carta, da simbólica missão de ser a portadora de presentes para a sua esposa Lady Elizabeth, que se encontrava na Inglaterra.

Faz-se necessário, entretanto, atentarmos nessa carta, para a citação do Ministro Charles Stuart, quando sugeriu que a artista completasse “vossa excelente coleção”, com

⁴⁹⁷ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 141.

um desenho da vista do Rio de Janeiro. Entendemos ser esta referência, uma confirmação de que, *Sir Charles Stuart* tinha conhecimento prévio da representatividade de Maria Graham como escritora e pintora na Inglaterra, e em função disso, expressou seu respeito e admiração:

8 de setembro de 1825.

Minha cara Sra. Graham

Remeto-lhe os dois papagaios e a Senhora Chamberlain lhe remeterá alguns presentes para Lady Elizabeth. Se desenhades pelo caminho juntai a vista do Rio à vossa excelente coleção, que ficará completa.

Espero que quando a virdes dir-lhe-eis que o clima do Rio não é o que parece.

Desejo-lhe boa viagem,

Muito grato.

C. STUART

No dia 10 de setembro de 1825, o *Sibillia* deixou lentamente o porto do Rio de Janeiro. Maria Graham pode ver então, com satisfação, a cidade barulhenta afastando-se para sempre, e a paisagem exuberante que tanto a maravilhou no passado, esmaecendo-se nas brumas do entardecer. Aos poucos, o som do vento largo insuflando as velas, envolvera em frenética atividade, toda a tripulação do navio que levava a escritora de volta para casa. Sentindo-se confiante quanto ao futuro, ela serenamente ria sozinha, e aliviada, aspirava o ar marinho do oceano Atlântico. Divagando, seus pensamentos que oscilavam entre as ondas, percorriam desde as lembranças do que deixou para trás, até as expectativas do que encontraria à frente...Mrs. Graham, considerou por um momento, que havia ficado no passado, nos *Brasis*, um tempo obscuro, de revoltas populares, escravidão, incertezas, ressentimentos e privações. Todavia, refletiu em seguida, que fora, sobretudo, o tempo das transformações sociais, rupturas políticas e da independência daquele grande país.

Assim sendo, ao se distanciar lentamente das lembranças do que havia vivido no seu recente e solitário cotidiano, Maria Graham pode vislumbrar com clareza, a força histórica de toda a movimentação política, que testemunhou, e documentou por meio da escrita. Tão singular, quanto pródiga, sua pena descreveu a melhor e derradeira síntese de sua passagem no Brasil desde 1821 até 1825:

É curioso que o primeiro dia em que voguei nas costas do Brasil, no ano de 1821, tenha sido aquele em que se deu o primeiro tiro da parte dos independentes contra as tropas reais em Pernambuco, e que, finalmente, deixasse o porto do Rio no mesmo dia em que a proclamação da dissolução completa da ligação entre Brasil e Portugal foi lida em todas as praças públicas e as salvas ainda se disparavam para celebrar a independência do país...setembro de 1825.⁴⁹⁸

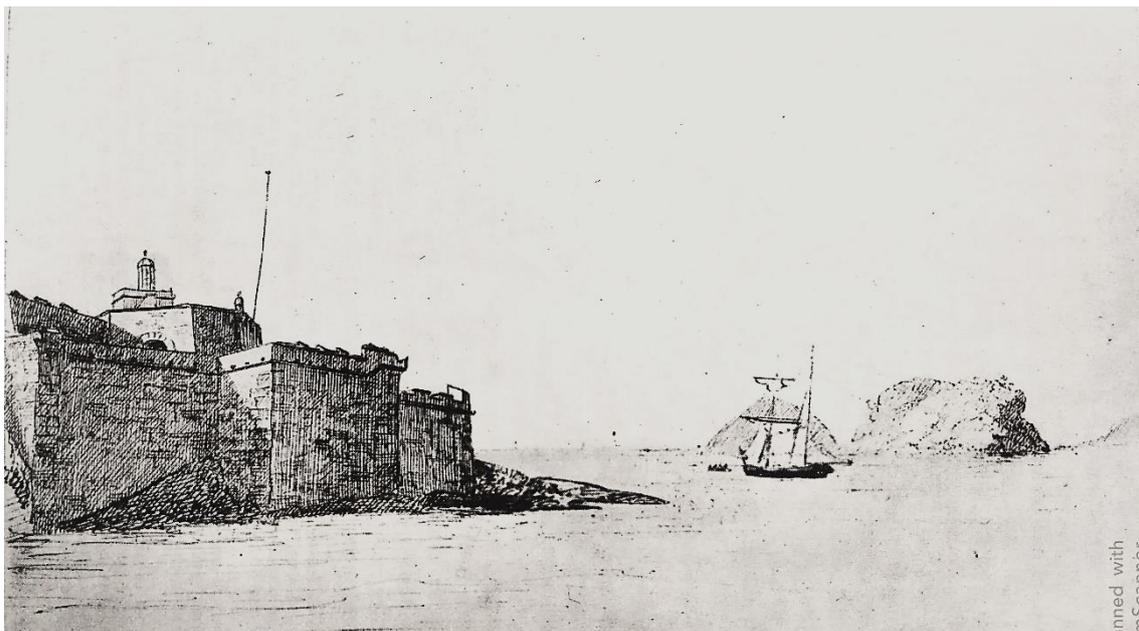
Nas *Notícias Marítimas do Diário Fluminense* do dia 13 de setembro de 1825, foi noticiado a seguinte partida do porto do Rio de Janeiro: “Saídas. Dia 10 da corrente: Portsmouth, F.Ingl. *Sibillia*, M. James Corbitte, passageira a Ingl. Maria Graham, com passaporte da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros”.⁴⁹⁹

Agora, o seu destino apontava o rumo certo. Em direção à Inglaterra e com os ventos a favor, a fragata britânica *Sibillia*, singrava a imensidão azul do vasto oceano. Na quietude de sua cabine, Maria Graham escrevia mais uma das relevantes páginas de suas próximas publicações no mercado editorial Londrino. Ela sabia que escrevia para os tempos futuros. E como legado para as próximas gerações, deixaria registrada a força de sua voz e seu olhar, na escrita histográfica e autoral daqueles inesquecíveis dias que viveu em terras brasileiras, sob os céus dos turbulentos anos da Independência.

⁴⁹⁸ GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, p. 141.

⁴⁹⁹ GARCIA, Rodolfo. Explicação. In: LACOMBE, Américo Jacobina (trad.). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte... p. 19.

Figura 17: *Saída da Barra do Rio de Janeiro, 1822.* Desenho de Maria Graham.



Fonte: *Diário de uma viagem ao Brasil*, 1990.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das reflexões expostas nos três capítulos desta Dissertação, evidenciamos a mentalidade curiosa e crítica da escritora Maria Graham, quanto à sua concepção polissêmica de escrita. Nesta perspectiva podemos constatar que os vieses políticos identificados na sua produção escritural, assim como a amplitude de seu olhar investigativo sobre a História do Brasil, traduziram-se em originais elaborações narrativas. Por sua vez, demonstramos que tais construções textuais nuançadas pela alteridade com a qual ela retratou as peculiaridades identitárias do povo, dos costumes e das paisagens provinciais que visitou, constituíram-se em fontes primárias para a compreensão das práticas sociais do Brasil de então. Ademais, ao examinarmos tais fontes, atestamos que a escritora anteviu com clareza, a dimensão plural que as turbulências políticas testemunhadas por ela naqueles dias, alcançariam no cenário futuro da história das lutas pela consolidação da Independência do Brasil.

Em vista disso, faz-se relevante destacarmos nesta pesquisa, a nova hipótese por nós construída, em torno da relevância de Maria Graham nas negociações para rendição do comandante da Confederação do Equador, Manuel de Carvalho Paes de Andrade. Como demonstrado no *Capítulo 3*, apontamos que tal problematização insere novos dados acerca de quais teriam sido os presumíveis termos do acordo, conforme expusemos neste estudo.

Após realizarmos intensa revisão bibliográfica e teórica, cotejando, sobretudo, os autores Evaldo Cabral de Mello e Oliveira Lima, que se debruçaram magistralmente sobre o tema, sustentamos, entretanto, serem contestáveis a suas versões sobre os termos que definiram a rendição. Na interpretação dos grandes autores mencionados, o compromisso extraoficial firmado por Maria Graham em nome do Almirante Cochrane, com o comandante da Confederação do Equador, e que selou definitivamente o acordo de rendição de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, não foi sequer considerado. Ao contrário, constatamos que as interpretações dos historiadores pernambucanos acima aludidos, são consenso historiográfico na atualidade. Observamos que ao referirem-se ao episódio da rendição, Oliveira Lima afirma que Maria Graham limitara-se a “repetir as

palavras do Marquês do Maranhão”,⁵⁰⁰ e reiterando a opinião de seu conterrâneo, Evaldo Cabral de Mello assevera — ainda que nos pareça transparecer ser reticente quanto à sua afirmativa — que “as instruções para entrar em acordo poderiam significar somente entendimentos relativos à capitulação; e é assim que tem sido interpretada”.⁵⁰¹ Como podemos atestar nas citações acima os dois eruditos estudiosos reafirmam em suas elaborações, a invisibilidade de Maria Graham e o silêncio de sua voz no episódio diplomático de tratado. Insistimos, entretanto, que Evaldo de Mello insinue não ter demonstrado absoluta convicção na sua interpretação.

Contudo, ao analisarmos a documentação sob uma nova perspectiva interpretativa, elaboramos uma hipótese inovadora que contraria estas antigas teses historiográficas, aceitas até os dias atuais. Por conseguinte, sustentamos que a promessa extraoficial feita por Maria Graham à Manuel de Carvalho Paes de Andrade, foi o ato deflagrador para que o acordo de rendição pudesse ser definitivamente realizado. Ainda que ela não tivesse a autorização do Almirante, a escritora garantiu ao presidente da Confederação do Equador, a salvaguarda de Cochrane à sua família, caso ele Manuel de Carvalho, aceitasse a rendição. Nesse sentido, esta nossa interpretação sobre a atuação de Maria Graham neste relevante episódio da historiografia da Independência, lança luz aos debates contemporâneos, acerca dos papéis que as mulheres desempenharam na História do Brasil e que são frequentemente desprezados. Isto posto, reiteramos a premência de uma revisão historiográfica em torno da atuação política de Maria Graham no tocante ao episódio da rendição do comandante da Confederação do Equador, dando-lhe o merecido reconhecimento.

Durante esta pesquisa, ainda atestamos, que no desfecho das citadas negociações, o Marquês do Maranhão traía a amizade de Maria Graham. Para atestar este fato, aludimos, como demonstrado neste estudo, a correspondência que foi enviada pelo Marquês ao Consul Britânico, Mr. Chamberlain. Nessa missiva o Almirante temeroso de que Maria Graham pudesse revelar publicamente os termos obscuros do acordo — que ela não adivinhara serem falsos — foi veemente em negar para o diplomata inglês os laços de amizade que mantinha com a escritora, havia longos anos.

⁵⁰⁰ LIMA, Oliveira. *Mrs. Graham, e a Confederação do Equador*. Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, Recife, Vol. XII, p.306,1906.

⁵⁰¹ MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra Independência - o federalismo pernambucano de 1817 a 1824...* p. 228.

Igualmente revelador nesse trabalho, demonstramos que a saída de Maria Graham do Palácio de São Cristóvão, denunciara a existência de uma sólida rede de intrigas cortesãs naquele palácio, e que acabaria por tornar visível a interdependência de seus atores, para a manutenção de seus espaços de poderes e privilégios, na vida cotidiana da corte de D. Pedro I. Por conseguinte, em meio a ressentimentos, manipulações e hostilidades intencionais, Maria Graham viu-se impedida em permanecer como preceptora da princesa D. Maria da Glória. Salientamos ainda que no Palácio de São Cristóvão imperava uma mentalidade conservadora, em oposição ao momento de grandes transformações econômicas, sociais e políticas, pelas quais o mundo estava passando.

Como visto, portanto, tão originais quanto plurais, as narrativas de Maria Graham, teceram tramas, onde a escrita de si, reveladora e individualizada, mesclou-se continuamente a olhar aguçado da escritora colocando em perspectiva histórica os cenários sócio-político-culturais do Brasil, nas primeiras décadas do século XIX. Destarte, ao mesclar a realidade cotidiana na qual se encontrava, ao vasto acervo de sua formação intelectual Maria Graham deixou transparecer a multiplicidade de intenções coexistentes em seus textos, salientando a originalidade de sua obra textual.

Nesse sentido Mrs. Graham simboliza um exemplo bem-sucedido de escritora Oitocentista. A autora num constante esforço em dar voz autoral às suas palavras, esteve na contramão do discurso em voga desde o século XVIII, que naturalizou a mulher colocando-a para aquém da cultura. Ao contrário, Maria Graham escreveu e editou a totalidade de suas obras afirmando sua identidade feminina enquanto escritora e viajante. Atestamos, portanto, que a escritora legou com pioneirismo, por tratar-se de uma mulher, páginas de grande relevância histórica para os estudos da História Social e Cultural do Brasil daqueles controversos anos.

Tais interpretações, traduzidas por sua voz feminina e estrangeira contrapõe-se às demais viajantes mulheres que escreveram sobre o Brasil ao longo do século XIX. As narrativas de Mrs. Graham, apresentam dissonâncias aos padrões considerados “comuns ao mundo feminino” de seu tempo, ou seja, àqueles pertinentes ao universo doméstico privado ou anedótico. Além das crônicas sobre o cotidiano urbano, social e político das províncias que visitou no Brasil, a autora legou igualmente, grande acervo iconográfico de relevante representatividade histórica. Tais obras aludem às viagens empreendidas pela escritora à Índia, Itália, Chile e Brasil.

Portanto em vista do todo exposto, urge dar continuidade a esta pesquisa. Em virtude das multifaces inerentes à talentosa personagem central desta Dissertação, já nos encontramos em processo para a elaboração de um novo estudo histórico. Agora acenamos para outros horizontes investigativos, igualmente fascinantes, desvelando o original universo de representações da extraordinária mulher que foi Maria Graham. A exemplo de um farol a iluminar os oceanos da escrita feminina do século XIX, Mrs. Graham com a sua obra, abriu novos portos, para que outras mulheres com vozes corajosas ancorassem no futuro, confiantes, no vasto território da historiografia brasileira.

FONTES:

EBEL, Ernest. *O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824*. Tradução e notas de Joaquim de Sousa Leão. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

EDGEWORTH, Maria. Carta de Maria Edgeworth sobre a ida de Lady Callcott ao Brasil. In: LACOMBE, Américo Jacobina. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997, pp.148-150.

GRAHAM, Maria. *Diário de mi residência en Chile-1822 e mi viaje ao Brasil-1823*. Madrid: Editorial América, 1964.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

GRAHAM, Maria. Escorço Biográfico de Dom Pedro I. In: LACOMBE, Américo Jacobina. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997, pp.27-150.

HAMOMD, Graham Eden. *Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond. 1825-1834/38*. Tradução de Paulo F. Geyer. Rio de Janeiro: Ed. JB, 1984.

LACOMBE, Américo Jacobina. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997.

SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*. Tradução de Emmy Dodt e Gustavo Barroso. Brasília: Senado Federal, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Edite Mendes da Gama e. *A mulher na Independência do Brasil: aspectos do 2 de julho*. Salvador: Secretaria de Educação e Cultura, 1973.

ABREU, Márcia. et al. *Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*. Disponível em:
<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ALEXANDRE, Valentin. O processo de independência do Brasil. In: BETHENCOURT, Francisco; CHADHURI, Kirt (Orgs.). *História da Expansão Portuguesa - vol.4: Do Brasil para a África. (1808-1830)*. Espanha: Círculo de Leitores, 1998, pp.10-45.

ALVES, Fernando. Biografia de Maria Quitéria de Jesus. *Apud* GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, p.349.

BARRETO, Vicente de Paulo (coord.). *Apud*: RIGOSANTIN, Janaina; MARCANTE, Sheron. Microfísica do Poder e poder local. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*. Vol.6 n°11, pp.161-184 julho de 2014.

BARROSO, Gustavo. Apresentação. *In*: SCHLICHTHORST.C. *O Rio de Janeiro como é (1824-1826)*. Tradução de Emmy Dodt e Gustavo Barroso. Brasília: Senado Federal, pp. 1-8.

BELLUZZO, Ana Maria. O Viajante e a paisagem brasileira. *Revista Porto Alegre*: Porto Alegre, v.15, n°25, nov. 2008, pp. 59-73.

_____. Ana Maria. A propósito D' O Brasil dos Viajantes. *Revista USP*, São Paulo n° (30):8-19, junho/agosto, 1996, pp. 8-19.

BERBEL, Márcia Regina. Autonomia e soberania às vésperas das independências Ibero-Americanas (1810-1824). *In*: PAMPLONA, Marco & STUVEN, Ana Maria. (Orgs.). *Estado e Nação no Brasil e no Chile do século XIX*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, pp.29-59.

_____. Márcia Regina. Os apelos nacionais nas cortes constituintes de Lisboa (1821/22). *In*: MALERBA, Jurandir. (Org.). *A Independência Brasileira-Novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp.181-208.

BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. *O Patriotismo Constitucional: Pernambuco, 1820-1822*. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BUFFAULT, Anne Vicente. *Da amizade - Uma História do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1996.

CALMOM, Pedro. *História da Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928.

CAMPOS, Raymundo. *Viagem ao Nascimento de uma Nação*. São Paulo: Atual Editora, 1996.

CANDIDO, Luciana de Fátima. *Carl Fr. Ph. Von Martius: Estudo e registro da Flora brasileira*. Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin. Disponível em: <http://www.bbm.usp.br/node/83>. Acesso em: 26 mar. 2019.

CARVALHO, Marina de Andrade Procópio de. A família Andrada. *Revista do Instituto Heráldico-Genealógico*, n°9,1942-43, p.581.

CAVALCANTE, Lígia Eugênia. Cultura Escrita: prática de leitura e do Impresso. *Revista Eletrônica Biblioteconomia e Ciência da Computação*, Florianópolis, 1.sem.pp.1-10, 2009. Disponível em: <http://periódicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/11468>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural - Entre Práticas e Representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Algés: DIFEL, 2ª. Ed.2002.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos Decisivos*. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

DANTAS, Mariana Albuquerque. Os índios “fanáticos realistas absolutos” e a figura do monarca português: disputas políticas, recrutamento e defesa de terras na Confederação do Equador. In: *Clio Revista de Pesquisa Histórica*, Recife: nº33.2 pp.49-73,2018.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. (Org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP,1992, pp.200-233.

DIAS, Maria Odila da Silva. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005.

_____. Maria Odila da Silva. *O Fardo do Homem Branco: Southey historiador do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2016.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. V.1 Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1990.

FERREZ, Gilberto. Introdução. In: HAMOND, Graham Eden. *Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond*. Rio de Janeiro: Ed. JB, 1984, pp.3-4.

FERRO, Marc. *O Ressentimento na História*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Agir Editora Ltda., 2009.

FILHO, Argemiro Ribeiro de Souza. Projetos políticos na revolução constitucionalista na Bahia (1821-1822). *Almanack brasiliense*, n.07, pp.102-118. Maio/2008.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2º Ed., 2015.

_____. Michel. A escrita de Si. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Ética, sexualidade, política / Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, pp. 145-162.

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 3º Ed., 2000.

GARCIA, Rodolfo. Explicação. In: LACOMBE, Américo Jacobina. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte. Editora Itatiaia, 1997, pp.11-26.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de Si, Escrita de História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Flávio dos Santos. *História de Quilombos: Mocambos e comunidade de senzalas do Rio de Janeiro - século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

_____. Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos- Uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GREMHA, Paula Andreia Magalhães. *Transformações do consumo alimentar na época contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Alimentação- Fontes, Cultura e Sociedade) - Universidade de Coimbra, Lisboa, 2011.

IDADE DOURO DO BRAZIL. Edição 00012, 11 fev.1823. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/idade-douro-do-brazil/>. Acesso em 26 fev. 2018.

JACINTO, Cristiane Pinheiro Santos. *Desvendando modos de organização familiar de sujeitos escravizados em São Luiz no século XIX*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Maranhão, São Luiz: 2005.

JUNG, Carl Gustav. *Two Essays on Analytical Psychology*. London: Psychology Press, 1992.

LAGO, Tomás. *La Viajera ilustrada -A vida de Maria Graham*. Santiago: Editorial Planeta, 2000.

LEITÃO, C. De Mello. *O Brasil visto pelos ingleses*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

_____. C. De Mello. *Visitantes do Primeiro Império*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

LEITE, Miriam Moreira. *A condição Feminina no Rio de Janeiro - Século XIX*. São Paulo: Hucitec-EDUSP, 1993.

_____. Miriam Moreira. *Livros de Viagem-1803-1900*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LIMA, Manuel de Oliveira. Mrs. Graham, e a Confederação do Equador. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, Recife, Vol. XII, p.306,1906. In: GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990, pp.394-398.

_____. Manoel de Oliveira. *O Movimento da Independência (1821-1822)*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015, pp.443-479.

Manifesto de Manuel de Carvalho Pais de Andrade às províncias do Norte do Império do Brasil, em 1º de maio de 1824. BNRJ, II—32,1, 11. In: MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra Independência – O federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34,2004, pp.239-252.

MARIA GRAHAM, *A INGLESA QUE RETRATOU PERNAMBUCO*. Disponível em: [Http://blogs.diariodepernambuco.com.br/históriape/index.php](http://blogs.diariodepernambuco.com.br/históriape/index.php) /2016/08/22/maria-graham-a-inglesa-que-retratou-pernambuco/Acesso em: 17 mai. 2017.

MARIA QUITÉRIA É CONSIDERADA A PRIMEIRA MULHER A INGRESSAR NO EXÉRCITO BRASILEIRO, 1822. Disponível em: http://www.eb.mil.br/patronos?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_returnToFullPageURL=%2Fpatronos&_101_assetEntryId=40695&_101_type=content&_101_groupId=11311&_101_urlTitle=maria-quitéria&_101_redirect=http%3A%2F%2Fwww.eb.mil.br%2Fpatronos%3Fp_p_id%3D3%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dmaximized%26p_p_mode%3Dview%26_3_redirect%3D%252Fpatronos%26_3_keywords%3Dmaria%2Bqui%26_3_groupId%3D0%26_3_struts_action%3D%252Fsearch%252Fsearch&inheritRedirect=true. Acesso em: 02 fev. 2019.

MARIZ, Vasco. A música no Rio de Janeiro. pp.251-263. In: IPANEMA, Rogéria Moreira de. (Org.). *D. João, e a cidade do Rio de Janeiro-1808-2008*. Rio de Janeiro: IHGB, 2008.

Mariz, Vasco. *Retratos do Império: os Orléans, os Saxe-Coburgo e outras personalidades da época*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes- O Olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. Evaldo Cabral de. *A outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. p.224. *Apud* Lima e Silva a Lord Cochrane, 4.x.1824, IHGB,221,9; Arquivo Diplomático da Independência, v, pp,17,103,118,123.

MENDONÇA, Luís Carlos Sampaio. A família do Patriarca. *Revista do Instituto Heráldico-Genealógico*, nº 9, pp.164-169,1942-43.

MORAES, Evaristo de. *A Escravidão Africana no Brasil*. Das origens a extinção. Bahia: Edição P55, 2005.

MORAES, Filomeno. Poder. In: BARRETO, Vicente de Paulo (coord.). *Apud*: RIGOSANTIN, Janaina; MARCANTE, Sheron. Microfísica do Poder e poder local. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*. Vol.6 nº11, pp.161-184, julho de 2014.

MOURA, Caio. *O advento dos conceitos de cultura e civilização: sua importância para a consolidação da autoimagem do sujeito moderno*. *Revista de Filosofia Unisinos*.10(2): maio/ago. 2009 pg.157-173. Disponível em: www.revistas.unisinos.br. Acesso: 08 fev. 2019.

NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. A Vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Dir.) *Crise Colonial e Independência 1808-1830*.v.1. Silva, Alberto da Costa. (Org.). Madrid: Fundación Mapfre e Editora Objetiva. 2011, pp.75-113.

PAIVA, Eduardo França. Pelo justo valor e pelo amor de Deus: as alforrias nas Minas. *In: Clotilde Andrade Paiva; Douglas Cole Libby. (Orgs.). 20 anos do Seminário sobre a Economia Mineira 1982-2002. Coletânea de trabalhos, 1982-2000. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2002, v. 2, pp. 313-341.*

PAIVA, Eduardo França. Pelo justo valor e pelo amor de Deus: as alforrias nas Minas. *In: Clotilde Andrade Paiva; Douglas Cole Libby. (Orgs.). 20 anos do Seminário sobre a Economia Mineira 1982-2002. Coletânea de trabalhos, 1982-2000. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2002, v. 2, pp. 313-341.*

PAMPLONA, Marco A. Nação. *In: JÚNIOR, João Feres. (Org.). Léxico da História dos conceitos políticos do Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.*

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.*

PRIORE, Mary Del. *A Carne e o Sangue. Rio de Janeiro: ROCCO, 2012.*

_____. Mary Del. *As vidas de José Bonifácio. Rio de Janeiro: GMT Editores, 2019.*

_____. Mary Del. Biografia, Biografado. *In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). O que pode a Biografia. São Paulo: Letra e Voz, 2018. pp.73-87.*

_____. Mary Del. “Biografia: quando o indivíduo encontra a história”. *TOPOI*, v.10, n.19, pp.7-16, jun.- dez. 2009.

_____. Mary Del. Cotidiano, Permanências e Rupturas à época da chegada da Família Real. *In: IPANEMA, Rogéria de. (Org.). D. João, e a cidade do Rio de Janeiro 1808-2008. Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, 2008, pp.67-79.*

_____. Mary Del. *Histórias da Gente Brasileira v.2 Império. São Paulo: LEYA EDITORA LTDA., 2016.*

QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de Mulher- O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajantes do século XIX. Petrópolis: Vozes, 1995.*

RÉMOND, René. *O Século XIX: 1815-1914. V.2. Tradução de Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.*

SAHD, Luís. A noção de Liberdade no Emílio de Rousseau. *Revista de Filosofia/UNESP*, v.28 n.1, pp.109-118, 2005.

SANTOS, Noronha. *Meios de transporte do Rio de Janeiro. V.1 Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca. 2ª. Ed. 1996.*

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Longa viagem da Biblioteca dos Reis. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª. Ed, 2002.*

_____. Lilia Moritz. *Crise Colonial e Independência. 1808-1830. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011.*

SILVA, Alberto da Costa E. População e Sociedade. *In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). Crise Colonial e Independência. 1808-1830.* Madrid: Mapfre e Editora Objetiva, 2011, pp.35-73.

SILVA, Camila Borges da. *O Símbolo Indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro 1808-1821.* Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Evaneide Araújo da. As faces do Realismo: Gil Blas e a tradição realista do século XVIII. *Revista Lettres Francaises*, São Paulo, n.9, pp.63-73,2008. Disponível em: <http://periódicos.fclar.unesp.br>. Acesso em 10 jan. 2019.

SILVA, Ignácio Accioli de Cerqueira e. Memórias Históricas e políticas da Província da Bahia. Anotado por Braz do Amaral. Bahia: Imprensa Oficial do Estado,1919-1931.3v.pp.272-273.*In: FILHO, Argemiro Ribeiro de Souza. Projetos políticos na Revolução Constitucionalista da Bahia (1821-1822).* *Almanack brasiliense*, n.7, p.103, maio. 2008.

SILVA, José Bonifácio de Andrada e. Representação sobre a Escravatura. *In: PRIORE, Mary Del. As vidas de José Bonifácio.* Rio de Janeiro: GMT Editores, 2019.pp.210-214.

SILVA, Maria Clara Torres da, SANTANA, Flávio Carreiro de. Maria Graham: sensibilidade de uma estrangeira no Brasil Oitocentista. *Revista Scire*, vol. 01, nº.01, pp.1-10, agosto de 2012. Disponível em: <http://www.revistascire.com.br/>. Acesso: 10 fev. 2019.

SOARES, Carlos. Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX. *Revista brasileira de História.* São Paulo, v.8, n.16, pp.107-142. Mar. 88/ago.88.

SORGINE, Juliana Ferreira. *A Formação da Junta Governativa de Goiana e a Crise do Antigo Regime Português em Pernambuco (1821).* Londrina: ANPUH-XXIII Simpósio Nacional de História, 2005.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. *In: PRIORE, Mary Del. (Org.). História das Mulheres no Brasil.* São Paulo: Editora Contexto, 2015.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural.* Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Editora Schwarcz, 1983.

VARELLA, Flavia Florentino. Repensando a História do Brasil: apontamentos sobre John Armitage e sua obra. *In: Almanack brasiliense*, n.08, pp.117-126. Novembro, 2008.

_____. Flávia Florentino. Escrevendo a História do Brasil: John Armitage e a linguagem do Humanismo comercial. *In. Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, a.173(455):125-146, abr./jun. 2012.

VASCONCELOS, Maria Cristina de. Casar ou não, eis a questão. Os casais e as Mães Solteiras Escravas no Litoral Sul-Fluminense,1830-1881. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, n.2, pp.301-316, 2002.

WACHTEL, Natan. *La foi du souvenir: Labyrinthes marranes*. Paris: Sevil, 2001. *Apud*:
PRIORE, Mary Del. "Biografia: quando o indivíduo encontra a História. *TOPOI*, v.10,
n.19, pp.7-16, jun. /dez. 2009.